

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
EM SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM
SAÚDE

Ciência na televisão durante a pandemia de covid-19: análise da cobertura sobre as vacinas
em Fantástico e Domingo Espetacular

Maíra Margarida Troina Menezes Gondim

2023

MAÍRA MARGARIDA TROINA MENEZES GONDIM

CIÊNCIA NA TELEVISÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: análise da
cobertura sobre as vacinas em Fantástico e Domingo Espetacular

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Informação e Comunicação em Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Janine Miranda Cardoso

Rio de Janeiro
2023

Gondim, Maíra Margarida Troina Menezes.

Ciência na televisão durante a pandemia de covid-19: análise da cobertura sobre as vacinas em Fantástico e Domingo Espetacular / Maíra Margarida Troina Menezes Gondim. - Rio de Janeiro, 2023.

197 f.

Dissertação (Mestrado) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde, 2023.

Orientadora: Janine Miranda Cardoso.

Bibliografia: f. 171-181

1. jornalismo. 2. televisão. 3. ciência. 4. vacina. 5. covid-19. I. Título.

MAÍRA MARGARIDA TROINA MENEZES GONDIM

**CIÊNCIA NA TELEVISÃO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
análise da cobertura sobre as vacinas em Fantástico e Domingo Espetacular**

Aprovado em 29 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Janine Miranda Cardoso (orientadora)

Profa. Dra. Kátia Lerner

Profa. Dra. Simone Petraglia Kropf

Para Léa, Fabinho e Bernado.
Em memória de José Luciano, nosso Didi.

AGRADECIMENTOS

Essa dissertação só foi possível com muito, muito, muito apoio.

Agradeço à minha orientadora, Janine Cardoso, pela orientação, inspiração, compreensão e carinho. Obrigada por aceitar me orientar e me guiar nessa jornada!

Agradeço aos professores do PPGICS pelos ensinamentos que ampliaram e transformaram minha visão da comunicação, informação e saúde.

Agradeço especialmente às professoras Katia Lerner e Simone Kropf pelas contribuições inestimáveis nas bancas de qualificação e defesa e pelo que me ensinaram em aulas e discussões.

Agradeço aos participantes do grupo de pesquisa ‘Covid-19 nas mídias: em quem confiar? Narrativas, atores e polêmicas sobre a pandemia’, professores e colegas com quem tive a oportunidade de aprender: Allan Gouvêa, Clara Faulhaber, Daniela Muzzi, Isabela Borges, Julia da Matta, Laís Giuponi, Luana Alencar, Marcia Lisboa, Marcio Calil, Tatiana Clébicar Leite e Vânia Borges.

Agradeço aos colegas da turma de 2021 do PPGICS, que tornaram o curso de mestrado menos árduo e ainda mais enriquecedor, especialmente aos amigos Bruna Martins, Fátima Ebole, José Gadelha, Laís Giuponi e Isabela Borges.

Agradeço à coordenação do PPGICS pelo apoio com aquisição de equipamentos e software para gravação de programas televisivos e por proporcionar as melhores condições para o curso, mesmo nas condições adversas da pandemia e de um governo que, tantas vezes, menosprezou a ciência.

Duas pessoas, gentilmente, contribuíram para essa pesquisa. Agradeço a Karolaine Silva, produtora do Domingo Espetacular, pelo apoio na busca das reportagens sobre vacinas da covid-19 exibidas no programa e a Jorlan Fernandes, autor do livro ‘Vacinas’, por me ajudar a compreender diferentes questões sobre os imunizantes.

Agradeço aos meus amigos do Departamento de Jornalismo (Dejor) do IOC, por terem me abraçado nesse período: Gutemberg Brito, Jefferson Mendes, Josué Damacena, Kadu Cayres, Katia Lima, Marina Saraiva, Max Gomes e Vinicius Ferreira.

Agradeço especialmente a Raquel Aguiar, chefe do Dejor, pelo apoio ao longo de todo o percurso, por ter sido quem primeiro me inspirou a ingressar no PPGICS e pelos ensinamentos diários sobre comunicação e saúde.

Agradeço à minha família incrível, sem a qual nada seria possível.

Ao meu filho, Bernardo, por encher de sorrisos e brincadeiras mesmo os dias mais difíceis e por seguir sorrindo e brincando quando não pude me afastar do computador por causa do mestrado.

Ao meu marido, Fabio, por ser meu companheiro, por dividir comigo a difícil tarefa de sermos pais, profissionais e pós-graduandos e tornar mais leve a minha jornada, no mestrado e na vida. Te amo.

À minha mãe, Léa, por cuidar de Bernardo, brincar e rir com ele, por me ajudar de todas as formas (até na diagramação desta dissertação) e, principalmente, por seu meu exemplo de mulher, mãe e profissional.

Ao meu irmão, Marat, primeiro doutor da família, por abrir caminhos, pelas conversas, pelas injeções de ânimo e pela ajuda na organização da bibliografia.

Ao meu irmão, André, por trazer alegria a Bernardo e me dar valiosos dias tranquilos para trabalhar na pesquisa.

Aos meus sogros, Sonia e Mario, pelo apoio constante, por cuidarem de Bernardo e fazerem dele um menino ainda mais feliz.

Ao meu pai, José Luciano, pelos ensinamentos e lembranças que vivem em mim. Saudades, Didi.

Gratidão.

RESUMO

Esta dissertação busca analisar como os programas Fantástico (TV Globo) e Domingo Espetacular (Record TV) construíram a ciência na cobertura sobre as vacinas da covid-19, considerando a acirrada disputa por sentidos num ambiente comunicacional marcado pelo intenso fluxo de informações, pluralidade enunciativa e polarização política. Uma das mais importantes estratégias para o enfrentamento da doença, as vacinas se tornaram também um dos alvos mais frequentes de informações enganosas que proliferaram na pandemia. Nesse contexto, estabelecemos como objetivos específicos mapear como a ciência, suas instituições e atores foram construídos no Fantástico e no Domingo Espetacular; analisar as relações tecidas entre o discurso científico e outros discursos; e caracterizar como os programas se posicionaram em relação à ciência e aos seus espectadores na cobertura sobre as vacinas da covid-19. Em nossa grade de análise, estabelecemos uma aproximação entre os modos de endereçamento no telejornalismo, propostos por Itania Gomes (2011), e a análise do dispositivo de enunciação, na perspectiva da Semiologia dos Discursos Sociais, principalmente as contribuições de Eliseo Verón (2004) e Milton Pinto (2002). Entre os principais resultados da análise das matérias veiculadas entre março de 2020 a agosto de 2021, destacamos as diferenças entre os dois programas, embora ambos tenham sido favoráveis às vacinas e à ciência. No Domingo Espetacular predominou a ênfase na associação da ciência com a esperança, a mobilização dos cientistas e a velocidade acelerada das pesquisas de vacinas, caracterizando uma ciência quase sem atritos internos ou externos, silenciando inclusive a intensa disputa política envolvendo o governo de São de Paulo e o então presidente Jair Bolsonaro. O Fantástico também associou a ciência com a esperança, mas enfatizou a necessidade de cautela. Na tensão entre a urgência da pandemia e a necessidade de garantir a segurança e a eficácia das vacinas, mereceram destaque a metodologia científica e o conflito entre o campo científico e interesses políticos e empresariais, em explícita oposição às medidas do governo Bolsonaro.

Palavras-chave: Telejornalismo; Ciência; Vacina; Covid-19.

ABSTRACT

This dissertation seeks to analyze how the newsmagazine shows *Fantástico* (TV Globo) and *Domingo Espetacular* (Record TV) constructed science in the coverage of covid-19 vaccines, considering the fierce dispute for meanings in a communication environment marked by the intense flow of information, enunciative plurality and political polarization. One of the most important strategies for fighting covid-19, vaccines have also become one of the most frequent targets of misleading information that has proliferated during the pandemic. In this context, our specific objectives were to map how science, its institutions, and actors were constructed in *Fantástico* and *Domingo Espetacular*; analyze the relationships established between scientific discourse and other discourses; and characterize how the programs positioned themselves in relation to science and their viewers in their coverage of covid-19 vaccines. In our analytical framework, we considered the modes of address in television journalism proposed by Itania Gomes (2011) and the perspective of the Semiology of Social Discourse, especially drawing on the contributions of Eliseo Verón (2004) and Milton Pinto (2002). Among the main results of the analysis of the news reports aired between March 2020 and August 2021, we highlight the differences between the two programs, although both were supportive of vaccines and science. In *Domingo Espetacular*, the emphasis was on associating science with hope, the mobilization of scientists, and the accelerated pace of vaccine research, characterizing a science with little internal or external friction, even silencing the intense political dispute involving the government of São Paulo and then-President Jair Bolsonaro. *Fantástico* also associated science with hope but emphasized the need for caution. The tension between the urgency of the pandemic and the need to ensure the safety and efficacy of vaccines was highlighted, along with the scientific methodology and the conflict between the scientific field and political and business interests, in explicit opposition to the measures of the Bolsonaro's government.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cenário do Fantástico em 1988.....	76
Figura 2 – Cenário principal do Fantástico em 2022	77
Figura 3 – Cenário principal do Domingo Espetacular em 2022	80
Figura 4 – Apresentação do Fantástico na plataforma Globoplay (edição 26/06/2022)	88
Figura 5 – Apresentação do Domingo Espetacular no Playplus: íntegra e trechos.....	89
Figura 6 – Página inicial do canal do Domingo Espetacular no Youtube.....	89
Figura 7 – Vinheta sobre as vacinas exibida no Fantástico.....	107
Figura 8 – Drauzio Varella na cobertura sobre vacinas no Fantástico, em 17/01/2021	118
Figura 9 – Repórteres do Fantástico dentro de fábricas de vacinas	119
Figura 10 – Selos do Domingo Espetacular na cobertura sobre as vacinas da covid-19	125
Figura 11 – Imagens da ciência e da pandemia no Domingo Espetacular em 03/05/2020	126
Figura 12 – Infográficos sobre tecnologias das vacinas no Domingo Espetacular	128
Figura 13 – Imagem de protesto contra Bolsonaro exibida no Fantástico em 17/01/2021	161
Gráfico 1 – Tempo total de cobertura sobre as vacinas da covid-19.....	104
Gráfico 2 – Distribuição da cobertura no Fantástico.....	105
Gráfico 3 – Distribuição da cobertura no Domingo Espetacular	106
Gráfico 4 – Classificação das fontes entrevistadas no Fantástico	116
Gráfico 5 – Classificação das fontes entrevistadas no Domingo Espetacular.....	135
Quadro 1 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 01/03/2020: sequenciamento genético	108
Quadro 2 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 03/05/2020: infográfico sobre metodologia de ensaios clínicos.....	109
Quadro 3 – Especialistas entrevistados no Fantástico.....	111
Quadro 4 – Transcrição de trecho de reportagem do Fantástico exibida em 13/12/2020: passagem..	117
Quadro 5 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 17/01/2021: perguntas da população	121
Quadro 6 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 21/02/2021: pastor defende vacinação.....	123
Quadro 7 – Transcrição de trecho da reportagem exibida no Domingo Espetacular em 05/04/2020: comparação entre epidemias	127
Quadro 8 – Transcrição da cabeça de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 17/01/2020: começo da vacinação no Brasil	132
Quadro 10 – Especialistas entrevistados no Domingo Espetacular.....	136
Quadro 9 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 05/04/2020: explicação sobre vacina.....	138
Quadro 11 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 17/01/2021: visita à fábrica do Instituto Butantan.....	139
Quadro 12 – Transcrição de trecho de reportagem no Domingo Espetacular em 17/01/2021: perguntas da população.....	140
Quadro 13 – Transcrição da cabeça de reportagem exibida no Fantástico em 16/08/2020	144

Quadro 14 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 16/08/2020: esperança e preocupação.....	144
Quadro 15 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 16/08/2020: pressão política e empresarial	146
Quadro 16 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 16/08/2020: eficácia...	146
Quadro 17 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 27/09/2020: eficácia...	147
Quadro 18 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 10/01/2021: entrevista com diretor do Instituto Butantan	150
Quadro 19 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 03/05/2020: urgência	154
Quadro 20 –Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 05/04/2020: boas notícias	154
Quadro 21 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 13/12/2020: segurança.....	156
Quadro 22 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 17/01/2021: medo.....	157
Quadro 23 – Transcrição de trecho de reportagem do Fantástico exibida em 13/12/2020: críticas ao governo federal.....	159
Quadro 24 – Transcrição de trecho da reportagem exibida no Fantástico em 30/05/2021: sentimento após vacinação	162
Quadro 25 – Transcrição de trecho da reportagem exibida pelo Domingo Espetacular em 17/01/2021: voto da relatora da Anvisa.....	163
Quadro 26 – Transcrição de trecho de reportagem exibida pelo Domingo Espetacular em 30/05/2021: sentimento após vacinação	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Matérias exibidas na ‘Fase 1: Vacinas para prevenir, remédios para curar’	93
Tabela 2 – Matérias exibidas na ‘Fase 2: Corrida pelas vacinas: quem sai na frente’	95
Tabela 3 – Matérias exibidas na ‘Fase 3: Em direção à linha de chegada: segurança e eficácia’	96
Tabela 4 – Matérias exibidas na ‘Fase 4: A vacina chegou no exterior’	98
Tabela 5 – Matérias exibidas na ‘Fase 5: Brasil aprova vacina e inicia a vacinação’	99
Tabela 6 – Vacinação e mortes por covid-19 no Brasil em 2021	100
Tabela 7 – Matérias exibidas na ‘Fase 6: Vacinação em andamento: os estudos de efetividade’	101

LISTA DE SIGLAS

Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária

C&S - Comunicação e Saúde

CPI da Pandemia - Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia

ESCT - Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia

FDA - Food and Drug Administration

ICICT - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde

IFA - Insumo Farmacêutico Ativo

IOC - Instituto Oswaldo Cruz

IURD - Igreja Universal do Reino de Deus

Fiocruz - Fundação Oswaldo Cruz

OMS - Organização Mundial da Saúde

PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PNI - Programa Nacional de Imunização

PPGICS - Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde

PT - Partido dos Trabalhadores

SBT - Sistema Brasileiro de Televisão

SDS - Semiologia dos Discurso Sociais

SUS - Sistema Único de Saúde

TVS - TV Studios

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 A DIMENSÃO COMUNICACIONAL DA PANDEMIA	16
1.2 AS VACINAS DA COVID-19	17
1.3 A VACINAÇÃO NO BRASIL: ONTEM E HOJE.....	19
1.4 VACINAS E CIÊNCIA NA PANDEMIA: AS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO	22
1.5 QUESTÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA.....	27
2 MIRANTE TEÓRICO	30
2.1 COMUNICAÇÃO E SAÚDE.....	30
2.1.1 Produção social dos sentidos	32
2.2 EPIDEMIAS E (TELE)JORNALISMO	40
2.2.1 As epidemias na imprensa	42
2.2.2 A produção das notícias	51
2.2.3 As notícias na televisão	59
2.3 CIÊNCIA, PÚBLICOS E CREDIBILIDADE	65
3 AS REVISTAS ELETRÔNICAS	75
3.1 FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA.....	75
3.2 DOMINGO ESPETACULAR	79
3.3 A PANDEMIA NAS REVISTAS ELETRÔNICAS.....	81
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	87
4.1 CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i>	87
4.2 ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO	92
4.3 GRADE DE ANÁLISE.....	101
5 CARACTERIZAÇÃO DA COBERTURA	104
5.1 A CIÊNCIA E OS CIENTISTAS	106
5.1.1 Fantástico	106
5.1.2 Domingo Espetacular	125
5.2 ENTRE URGÊNCIA, SEGURANÇA E EFICÁCIA	142
5.2.1 Fantástico	142
5.2.2 Domingo Espetacular	152
5.3 VACINAS, CIÊNCIA E POLÍTICA	158
5.3.1 Fantástico	158
5.3.2 Domingo Espetacular	163
CONCLUSÃO	166

REFERÊNCIAS	171
APÊNDICE A	182
APÊNDICE B	188
APÊNDICE C	190
APÊNDICE D	194

1 INTRODUÇÃO

Enquanto finalizávamos essa dissertação, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o fim da emergência de saúde pública de interesse internacional da covid-19. O vírus SARS-CoV-2 não foi embora e ainda causa mortes. Porém, seu impacto foi reduzido, especialmente por causa das vacinas. A covid-19 se tornou mais um problema de saúde, entre tantos outros que precisam ser gerenciados cotidianamente, enquanto indivíduos e coletividades lidam com os impactos da doença que matou sete milhões de pessoas e virou o mundo de cabeça para baixo, como afirmou o diretor da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2023).

A situação era muito distinta quando elaborei meu projeto de pesquisa para ingresso no mestrado do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS) do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Em 2020, o coronavírus era um vírus letal e pouco conhecido, a recomendação era a de ficar em casa. Como jornalista e servidora da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), atuando no Departamento de Jornalismo do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), me chamou atenção o quanto a pandemia pressionava jornalistas e cientistas à comunicação de uma ciência em desenvolvimento e cercada de incertezas. Essa inquietação foi a base da proposta de pesquisa que submeti ao PPGICS em outubro daquele ano, com foco na cobertura jornalística de incertezas científicas na televisão.

Ingressei no mestrado em março de 2021, enquanto a vacinação avançava lentamente e a covid-19 caminhava para o período de maior letalidade no país. O percurso acadêmico iluminou questões sobre a comunicação no campo da saúde, o jornalismo e a ciência na atualidade, redirecionando o foco da pesquisa. No processo de orientação, em parceria com minha orientadora, Janine Miranda Cardoso, a cobertura sobre as vacinas da covid-19 se consolidou como o tema de interesse da pesquisa. Como a televisão apresentou essa ciência em desenvolvimento, atravessada por questões políticas, econômicas e ideológicas? Em meio a uma pandemia da maior gravidade e altamente politizada, com ataques à autoridade da ciência e do jornalismo, que discursos tiveram espaço nessa cobertura? Como diferentes telejornais se posicionaram diante de suas audiências? Foram essas questões que guiaram nossa pesquisa.

1.1 A DIMENSÃO COMUNICACIONAL DA PANDEMIA

Notificada pela primeira vez na China, em dezembro de 2019, a covid-19 provocou uma crise sanitária sem precedentes, com quase sete milhões de mortes até maio de 2023. O Brasil foi um dos países mais afetados, com a perda de mais de 700 mil vidas – o segundo maior número absoluto no mundo (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022c). A gravidade da infecção causada pelo vírus SARS-CoV-2 e as medidas necessárias para tentar conter a sua disseminação, incluindo o distanciamento social, que fechou escolas e negócios, afetaram todas as esferas da vida humana, produzindo impactos sociais, culturais, econômicos e políticos. É possível afirmar que a pandemia se enquadra no conceito de “fato social total”, definido por Mauss (1988, apud SANTOS; PONTES; COIMBRA, 2020, p. 1) como aqueles que “põem em movimento, em certos casos, a totalidade da sociedade e das suas instituições”.

A dimensão comunicacional teve um papel importante na configuração da pandemia da covid-19. A Organização Mundial da Saúde (OMS) destacou o lugar da comunicação no enfrentamento da emergência sanitária, avaliando que a pandemia foi acompanhada de uma infodemia massiva. A entidade caracterizou o fenômeno como uma situação de superabundância de informações, incluindo a proliferação de conteúdos falsos e enganosos que dificultam a identificação de informações e orientações confiáveis para a população, representando um risco para a saúde individual e coletiva (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022d).

A pandemia emergiu em um ambiente comunicacional digital, midiático e politicamente polarizado. Lerner, Cardoso e Clébicar (2021a) ressaltam que o atual ecossistema da comunicação é marcado pelo intenso fluxo comunicacional e pela pluralidade enunciativa das redes, pela influência dos algoritmos na comunicação digital e pela midiática – processo em que a mídia passa a estar conectada de forma crucial no funcionamento de outras instituições, que incorporam a lógica midiática (HJARVARD, 2012) ou, em outra perspectiva, processo em que a comunicação midiática se expande e “forças de moldagem” das mídias atuam nas comunicações tanto institucionais quanto interpessoais (HEPP, 2014). As autoras salientam ainda o contexto de polarização política nacional e internacional, associado à ascensão da extrema direita. Nesse ambiente, governos, instituições sanitárias e científicas, imprensa, políticos, empresas e indivíduos produziram e fizeram circular informações, disputando sentidos sobre a pandemia e interferindo no curso do evento sanitário.

Waisbord (2022) considera que o ecossistema de informação digital é um fator importante nos conflitos observados durante a pandemia, na medida em que se configura um ambiente comunicacional fragmentado, sem regras de participação e sem princípios epistemológicos compartilhados o que dificulta a formação de consensos. Como exemplos, o autor cita:

A luta entre verdades baseadas no paradigma científico e argumentos caprichosos motivados por razões ideológicas ou religiosas; a tensão entre a lógica da saúde pública e a lógica do poder político; a oposição entre a razão sanitária que favorece as ações coletivas e a razão individualista que coloca o discurso dos direitos pessoais e das liberdades cívicas à frente; o difícil equilíbrio entre considerações puramente de saúde e emergências socioeconômicas, especialmente em países com enormes desigualdades e altos níveis de exclusão social (WAISBORD, 2022, p. 34).

Neste cenário, observamos que as vacinas foram um dos temas que mobilizaram fortemente tanto as ações de enfrentamento da covid-19 quanto os discursos circulantes. No dia 30 de janeiro de 2020, ao declarar o surto do novo coronavírus como emergência de saúde pública de importância internacional, a OMS apresentou sete recomendações do seu comitê de especialistas, incluindo, em terceiro lugar, “acelerar o desenvolvimento de vacinas, terapêuticas e diagnósticos”. Vale notar que, em quarto, estava “combater a disseminação de rumores e desinformação”, indicando também o lugar central atribuído à comunicação no desenrolar do evento sanitário (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020a).

1.2 AS VACINAS DA COVID-19

As vacinas da covid-19 foram desenvolvidas em diferentes países, passando por etapas de testes em laboratório, com animais e com seres humanos, em tempo recorde. No dia 31 de dezembro de 2020, exatamente um ano após a notificação inicial sobre casos de uma pneumonia de origem desconhecida na China, a OMS concedeu a primeira validação de emergência para uso de uma vacina da covid-19 (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020b). Nessa data, 90 países já tinham iniciado a imunização com base na liberação de vacinas por reguladores locais (UNICEF, s.d.). No Brasil, a vacinação começou no dia 17 de janeiro de 2021, após a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorizar o uso emergencial de dois imunizantes (MÁXIMO, 2021).

Dados da OMS mostram que, até 30 de abril de 2023, mais de 30 bilhões de doses de vacinas da covid-19 tinham sido aplicadas e 65% da população do planeta tinha concluído o esquema primário de imunização. Porém, o acesso aos imunizantes foi marcado pela

desigualdade, com dificuldade de acesso às vacinas em países de menor renda. Nos países de renda alta e média-alta, cerca de 75% completaram o esquema vacinal primário. Nos países de renda média-baixa, o índice ficou em 61% e naqueles de baixa renda cai para 27%¹. No mapa global, a África apresentou o menor índice de vacinação, com apenas 30% da população vacinados com o esquema primário (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022c).

Vale observar ainda que alguns países de maior renda permaneceram com índices de vacinação inferiores à média, como Estados Unidos e Holanda, ambos com 68% de vacinados com o esquema primário (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022c). Nos Estados Unidos, a cobertura vacinal teve variações expressivas entre estados, variando entre 52% no Wyoming e 86% em Rhode Island. Indicando a influência de fatores ideológicos na vacinação, os maiores índices de recusa à imunização no país foram observados entre a população branca, rural, evangélica e republicana (DANIELLE IVORY et al., 2022).

No Brasil, 82% da população total foi vacinada com o esquema primário da imunização, acima da média observada em países de alta renda (FIOCRUZ, 2020). Acordos de transferência de tecnologia garantiram a fabricação de duas vacinas da covid-19 no Brasil: a CoronaVac, desenvolvida pela farmacêutica chinesa Sinovac e produzida pelo Instituto Butantan, ligado ao governo de São Paulo; e a vacina Covid-19 (recombinante) desenvolvida pela Universidade de Oxford, no Reino Unido, e pela farmacêutica anglo-sueca AstraZeneca, produzida pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ligada ao Ministério da Saúde. Atualmente, cinco vacinas aprovadas pela Anvisa são aplicadas no país, sendo três (Fiocruz/AstraZeneca, Janssen e Pfizer) com registro definitivo e duas (Butantan/Sinovac e Pfizer bivalente) com autorização para uso emergencial (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA, 2023).

O processo de desenvolvimento e implementação das vacinas da covid-19 foi atravessado por questões científicas, de saúde pública, direitos humanos, comerciais, geopolíticas, políticas e ideológicas. Por exemplo, pela primeira vez, duas novas tecnologias – as vacinas de RNA e de vetores virais – foram amplamente utilizadas (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022b). Agências reguladoras, incluindo a Anvisa, adotaram procedimentos especiais para autorizar o uso emergencial de vacinas ainda não licenciadas (AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA, 2020). Potências globais competiram pela primazia na produção, aplicação e exportação dos imunizantes

¹ A OMS adota a classificação do Banco Mundial, que distribui as economias do mundo em quatro grupos de renda, considerando a renda nacional bruta per capita em dólares no ano. Para 2020-2021, os valores considerados foram: até US\$ 1 mil para renda baixa; entre US\$ 1 mil e 4 mil para renda média baixa; de US\$ 4 mil a 12 mil para renda média alta; e mais de 12 mil para renda alta.

(UNICEF, s.d.). Protestos contra exigências de imunização reuniram integrantes de movimentos antivacinas e militantes da extrema direita em diferentes países (JOVEM PAN, 2021).

No Brasil, a postura negacionista do presidente Jair Bolsonaro – que defendeu posições contrárias às recomendações baseadas em evidências científicas em diversos temas durante a pandemia – também se manifestou em relação às vacinas (BEZERRA; MAGNO; MAIA, 2021). Além de não se vacinar, o presidente questionou por diversas vezes a eficácia e a segurança dos imunizantes, chegando a associar as vacinas da covid-19 a mortes e à Aids, além de pedir divulgação dos nomes dos servidores da Anvisa que autorizaram a imunização infantil. No seu relatório final, apresentado em outubro de 2021, a Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia (CPI da Pandemia), estabelecida pelo Senado Federal, acusou o governo federal de atraso deliberado na compra de vacinas (BRASIL, 2021).

No contexto da infodemia, as vacinas se tornaram um dos principais alvos de boatos e desinformação. Um levantamento da ‘Coronavirus Facts Alliance’ – consórcio ibero-americano de agências de checagem – indicou a vacinação como o tema mais frequente das publicações enganosas sobre a Covid-19 na América Latina e no Brasil, respondendo por cerca de 30% das mais de 3 mil postagens identificadas pelo grupo entre janeiro de 2020 e fevereiro de 2022. A maior parte das publicações apontava efeitos colaterais dos imunizantes. Também foram frequentes publicações que inseriam as vacinas em teorias da conspiração (como a fabricação a partir de células de bebês abortados ou planos para reduzir a população mundial) e abordavam questões de aquisição, desenvolvimento e distribuição; eficácia; e obrigatoriedade da imunização (RIBEIRO et al., 2022).

1.3 A VACINAÇÃO NO BRASIL: ONTEM E HOJE

A vacinação ocupa um lugar importante nas políticas públicas de saúde do Brasil. O Programa Nacional de Imunização (PNI) foi criado através de uma portaria em 1973 e regulamentado através de lei em 1975. Internacionalmente reconhecido, o PNI tem uma das maiores ofertas de vacinas gratuitas à população no mundo. Em 1977, o programa ofertava quatro vacinas para menores de um ano, inseridas no calendário básico de vacinação. Em 2020, o total de imunobiológicos oferecidos chegou a 44, incluindo soros, imunoglobulinas e vacinas (FERNANDES et al., 2021). No calendário nacional de vacinação brasileiro, constam 17 vacinas infantis, sete para adolescentes e cinco para adultos e idosos. Existe ainda oferta de imunizantes especiais para indivíduos com diferentes condições clínicas (BRASIL, 2023).

Para Hochman (2011), a criação do PNI consolidou institucionalmente a “cultura da imunização” no Brasil, que se expressa na adesão da sociedade, que aceita e demanda vacinas do poder público. O programa foi estabelecido na esteira da campanha para a erradicação da varíola, realizada de 1966 a 1973. Segundo o autor, o projeto congregou diferentes interesses presentes na sociedade, respondendo à pressão internacional para erradicação da doença, ao desejo do governo militar de projetar uma imagem positiva no período de intensificação da repressão política, e aos interesses de profissionais da saúde pela ampliação da agenda do campo no país, independentemente do alinhamento político com o regime militar. A campanha para erradicação da varíola alavancou a produção local de imunizantes, aproximou a população dos serviços de saúde e estimulou “a compreensão da vacina como bem público oferecido pelo Estado” (HOCHMAN, 2011, p. 383). A estratégia de vacinação em locais públicos, de grande visibilidade, com mobilização de líderes locais e cobertura da mídia, aplicada na campanha para erradicação da varíola, foi replicada depois nos dias nacionais de vacinação contra a poliomielite, que levaram à eliminação da doença no país nos anos 1980. A convivência da sociedade com as vacinas e o sucesso no controle de doenças aumentaram sua credibilidade social, consolidando a vacinação como rotina no Brasil.

Apesar do histórico de sucesso da vacinação no Brasil, o país vive um período de queda das coberturas vacinais. A redução em índices de imunização infantil é observada desde 2012. O problema se acentuou a partir de 2016, agravando-se ainda mais durante a pandemia de covid-19. Neste contexto, o país voltou a sofrer, por exemplo, com surtos de sarampo, perdendo, em 2019, o certificado de ‘livre da doença’, que tinha sido concedido pela OMS, em 2016. Entre 2019 e 2021, nenhuma das vacinas indicadas para crianças de até um ano alcançou a meta estabelecida pelo Ministério da Saúde (HOMMA et al., 2023).

O aumento da hesitação vacinal é considerado um problema global, apontado pela OMS como uma das dez maiores ameaças à saúde pública. A entidade define a hesitação vacinal como atraso ou recusa da vacinação, apesar da sua disponibilidade, e considera que o fenômeno é influenciado principalmente por três fatores: conveniência, complacência e confiança. Ainda segundo a OMS, embora se trate de um desafio global, existem questões específicas que contribuem para esse cenário em diferentes contextos (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2014).

No Brasil, problemas estruturais de desigualdade e exclusão social afetam a vacinação. Menor renda e escolaridade são fatores associados com menores taxas de vacinação. Entre as questões ligadas aos serviços de saúde, observam-se limitação dos horários de atendimento nas unidades básicas de saúde, distanciamento cultural entre os cuidadores e os profissionais de

saúde, precarização, baixo investimento em educação e alta rotatividade nas equipes, como fatores que dificultam o acesso à vacinação, reduzem a vinculação da população com os serviços e prejudicam a orientação adequada da imunização. A menor percepção de risco sobre as doenças imunopreveníveis após o sucesso da vacinação também é apontada como um fator que aumenta a complacência da população (FERNANDES et al., 2021).

Apesar do “civismo imunológico”, o país não está imune à desconfiança em relação às vacinas. Como exemplo, Hochman (2011) cita a pandemia da gripe A H1N1, em 2009, quando a campanha de imunização foi alvo de desconfiança e a taxa de vacinação ficou abaixo da meta estabelecida pelo Ministério da Saúde. Larson (2020) lembra a introdução da vacina do HPV no Brasil em 2014, quando adolescentes apresentaram sintomas como dor de cabeça, tontura, desmaio e fraqueza após a vacinação. Embora o quadro tenha sido caracterizado como uma reação de estresse, que também foi observada em outros países, a adesão à imunização caiu de mais de 85% na primeira dose para cerca de 45% na segunda dose.

A desconfiança e a oposição às vacinas não são fenômenos novos, mas alguns fatores contribuem para sua amplificação no contexto atual. Entre as questões discutidas estão o avanço do movimento antivacinas e a circulação de desinformação sobre imunizantes, associados principalmente com a expansão das mídias digitais. Fernandes et al. (2021) apontam que os movimentos antivacinas são historicamente mais ativos no exterior, principalmente em países da Europa e nos Estados Unidos, porém diversos estudos já vinham discutindo a atividade desses grupos nas mídias digitais brasileiras antes da pandemia de covid-19, que exacerbou o foco sobre o tema. Levantamento realizado pela Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIm) e a organização Avaaz, em 2019, indicou que 67% dos brasileiros já tinham acreditado em “*fake news*” sobre vacinas publicadas em redes sociais (AVAAZ; SBIM, 2019).

No amplo estudo que investigou rumores sobre vacinas que persistem ao longo do tempo e se espalham por diversos países, Larson (2020) destaca que a vacinação estabelece tensão entre a escolha individual e a saúde coletiva. Os boatos frequentemente expressam sentimentos de desconfiança e desrespeito por parte de pessoas que sentem não ter suas opiniões consideradas. Também revelam percepções de risco sobre os imunizantes que se relacionam, por um lado com a possibilidade real de efeitos colaterais e, por outro, com a confiança ou desconfiança no sistema por trás das vacinas. Entre outros fatores, a autora chama atenção para a relação entre a vacinação e princípios da democracia, tais como confiança, diálogo informado e senso de realidade compartilhada, que são abalados no contexto atual de expansão das mídias sociais, polarização política e populismo. Desta forma, segundo Larson (2020, p. 53, tradução nossa), “as opiniões sobre vacinas tornaram-se voláteis, são exacerbadas por um ambiente mais

amplo de populismo e polarização e são ainda mais alimentadas por câmaras de eco segmentadoras de sentimento das mídias sociais”. A autora considera que, neste ambiente, os debates sobre vacinas se misturam a questões geopolíticas, políticas, de identidade e de crenças, ampliando o desafio para a cooperação, que é essencial para a eficácia da imunização.

1.4 VACINAS E CIÊNCIA NA PANDEMIA: AS PESQUISAS EM COMUNICAÇÃO

Realizamos um levantamento bibliográfico em dez periódicos selecionados da área da comunicação², na base de dados Web of Science³, nos anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom⁴ e do Encontro Anual da Compós⁵. Através de estratégias de busca específicas, identificamos cerca de 200 artigos sobre comunicação e informação publicados durante a pandemia de covid-19 no Brasil. Deste grupo de artigos, consideramos relevante discutir aqueles que contemplam as vacinas da covid-19 e a cobertura jornalística sobre ciência na pandemia.

Diversas pesquisas abordam a circulação de desinformação sobre as vacinas da covid-19 no Brasil. A grande presença de desinformação em vídeos sobre os imunizantes no Youtube é apontada por Massarani, Costa e Brotas (2021). Analisando os 50 vídeos sobre o tema com maior engajamento na plataforma, os autores identificam que aproximadamente um terço continha desinformação, principalmente com enquadramento de riscos e incertezas científicas ou de questões políticas.

A politização do tema, com associação ao bolsonarismo, é apontada e discutida em diversas pesquisas. No período de desenvolvimento das vacinas, estudos indicam que as

² O levantamento em periódicos selecionados foi realizado em 02 de novembro de 2022. Foram considerados os seguintes periódicos: Contracampo, ECOPOS, E-Compós, Fronteiras – Estudos Midiáticos, Galaxia, Lumina, Matrizes, Mídia e Cotidiano, RECIIS e Revista Intercom. Foram utilizadas as palavras-chaves: covid-19 OR pandemia OR coronavírus OR vacina OR vacinação OR imunização OR imunizante.

³ Na base de dados Web of Science, a pesquisa foi realizada em 28 de outubro de 2022. Foram utilizadas as seguintes palavras-chaves, no campo ‘Topic’: covid-19 OR coronavírus OR pandemic AND vaccine OR vaccination OR immunization OR science OR scientific AND journalism OR reporting OR coverage OR press OR newspaper OR media AND Brazil. No resultado da busca, foi selecionado o filtro: categorias da Web of Science: Communication.

⁴ Foram pesquisados os anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom de 2020, 2021 e 2022. Foram considerados os trabalhos apresentados em dois grupos de pesquisa: ‘Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Meio Ambiente’ e ‘Telejornalismo’. Foi realizada a leitura do título e do resumo dos trabalhos para identificação dos artigos relacionados à pandemia.

⁵ A pesquisa contemplou os anais do Encontro Anual da Compós de 2020, 2021 e 2022. Na aba trabalhos, foram realizadas buscas sequenciais com as seguintes palavras-chaves, no campo ‘Título e Autor’: covid-19, coronavírus, pandemia, vacina, vacinação e imunização. O resultado dos levantamentos foi compilado e realizada a leitura do título e/ou resumo dos artigos para excluir aqueles que não tinham relação com a pandemia de Covid-19, as entrevistas e os editoriais. Também desconsideramos os trabalhos publicados nos anais da Intercom e da Compós que foram posteriormente publicados como artigos em periódicos localizados em nossas buscas.

publicações enganosas desqualificaram principalmente a CoronaVac, inserindo a vacina em teorias da conspiração, com elementos de xenofobia contra a China e enfatizando a associação do imunizante com o governador de São Paulo, João Dória, apontado como rival de Bolsonaro (KLEINA; SAMPAIO, 2021; MONARI; SACRAMENTO, 2021; NASCIMENTO et al., 2021). Já após a aprovação dos imunizantes, Amaral et al. (2022) identificaram que, no Twitter, os principais porta-vozes contra a vacinação no Brasil foram parlamentares e médicos com vinculação, formal ou informal, com o governo Bolsonaro. O estudo comparou as narrativas contra as vacinas que circularam no Twitter no Brasil e na Alemanha. Algumas narrativas detectadas apenas no Brasil foram associadas ao bolsonarismo, tais como a proteção dos direitos individuais, a politização das vacinas e a defesa de tratamentos alternativos da covid-19.

Além da politização, as pesquisas destacam a desconfiança em relação aos imunizantes, à ciência, ao Estado e à indústria nas narrativas antivacinas (MASSUCHIN et al., 2021; AMARAL et al., 2022; COSTA; SILVA, 2022). Segundo os estudos, a desconfiança sobre as vacinas nas mensagens foi construída com questionamentos sobre sua segurança e eficácia, incluindo menções a riscos de efeitos colaterais e à curta duração dos testes. Críticas aos interesses por trás das vacinas, especialmente o lucro da indústria farmacêutica, também foram frequentes e a própria necessidade de uma vacina para a covid-19 foi contestada.

Os autores apresentam diferentes perspectivas sobre a relação entre desinformação e abalo da legitimidade da ciência. Monari e Sacramento (2021, p. 140) consideram que a desinformação se dissemina num “contexto populista e de crise epistêmica, que é reflexo da passagem de um regime de verdade baseado na confiança nas instituições para outro regulado pela crença individual e pela experiência pessoal, o que garante voz a movimentos conspiratórios”. Já Nascimento et al. (2021, p. 191) avaliam que “ao contrário de negar a credibilidade e legitimidade da ciência, o bolsonarismo opera demarcações de fronteiras de ignorância por dentro da própria ciência”. Segundo os autores, essa demarcação de fronteiras estabelece o que deve ser considerado como conhecimento científico válido ou inválido conforme o alinhamento ao discurso bolsonarista.

A complexidade do ecossistema comunicacional da pandemia aparece na análise Peña-Fernández, Larrondo-Ureta e Morales-i-Gras (2022) sobre as publicações no Twitter relacionadas às vacinas da covid-19 em cinco países (Argentina, Brasil, Chile, Espanha e México). Os autores analisaram as publicações de governos (contas oficiais da presidência e dos presidentes), de autoridades sanitárias (contas oficiais dos ministérios da Saúde e dos ministros) e da mídia (contas de veículos de comunicação de maior audiência segundo o ‘Reuters Institute Digital News Report’ de 2020). Em todos os países, os pesquisadores

observaram que o maior volume de publicações foi realizado pela mídia, evidenciando um papel informativo central na pandemia. Já a atuação da autoridade sanitária (incluindo os perfis de ministérios e ministros da Saúde) foi bastante reduzida no Brasil, na Espanha e na Argentina, alcançando maior volume apenas no México e, em menor medida, no Chile. Em todos os países, o menor volume de publicações foi observado nas contas dos governos (incluindo os perfis institucionais das administrações e os pessoais dos presidentes). No entanto, as publicações nas contas pessoais de presidentes e ministros tiveram engajamento muito maior do que aquelas realizadas nas contas institucionais e de veículos de comunicação, sendo o maior engajamento verificado nas publicações do presidente brasileiro, Jair Bolsonaro.

A cobertura jornalística sobre as vacinas da covid-19 é discutida em alguns artigos identificados na pesquisa bibliográfica. Assim como os estudos sobre as publicações em redes sociais, a análise do noticiário na imprensa também indicou a politização da pandemia no Brasil. Massarani e Neves (2021) observaram essa característica na comparação entre jornais impressos do Brasil, do Reino Unido e dos Estados Unidos. Em comum, os veículos recorreram à metáfora da corrida para falar sobre o desenvolvimento das vacinas e fizeram referências frequentes à Rússia e à China. Os pesquisadores também avaliaram que, em relação a coberturas anteriores sobre imunizantes, as matérias sobre as vacinas da covid-19 abordaram de forma mais ampla os aspectos técnicos, como fases de testes e tecnologias envolvidas, e os aspectos geopolíticos, incluindo questões políticas, econômicas e ideológicas, que fazem parte da ciência. No entanto, algumas questões parecem ter ficado em segundo plano nas coberturas, que deram pouco espaço para a OMS e para a discussão sobre equidade no acesso às vacinas.

Os mesmos autores comparam a cobertura sobre vacinas jornais impressos brasileiros antes e durante a pandemia da covid-19 (NEVES; MASSARANI, 2022). Além do volume de matérias quase dez vezes maior durante a emergência sanitária, a pesquisa confirmou a mudança no foco da cobertura. Em 2019, a prestação de serviço era o tipo de abordagem mais frequente, com destaque para campanhas e público-alvo das imunizações. Já em 2020, os aspectos técnicos e científicos, incluindo pesquisa, desenvolvimento, aprovação e registro, foram predominantes, seguidos por questões ligadas à produção e comercialização das vacinas.

Os atores nas reportagens também mudaram, com leve queda na presença de órgãos governamentais e organismos internacionais e aumento significativo nas menções a empresas farmacêuticas e institutos de pesquisa. Entre as entidades governamentais, os autores observaram ainda que a Anvisa foi a mais citada, ultrapassando o Ministério da Saúde, e cresceram de forma expressiva às menções ao Legislativo e ao Judiciário, revelando a ampliação dos atores envolvidos na rede das vacinas. Os pesquisadores destacaram ainda as

citações frequentes dos nomes do presidente Jair Bolsonaro; do governador de São Paulo, João Dória; e do ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, em 2020, evidenciando a politização da cobertura.

Segundo os pesquisadores, os dados reforçam que, antes da pandemia, as vacinas eram inseridas na cobertura jornalística como uma questão do cotidiano, incorporada à vida das pessoas, cabendo ao jornalismo o papel da prestação de serviço sobre campanhas e ações governamentais. Durante a pandemia, o tema passou para o campo do jornalismo científico, acentuando-se os aspectos econômicos e a cobertura se tornou mais personalizada e politizada. O noticiário colocou sob os holofotes o caráter de “tecnologia científica” das vacinas.

A inserção de outras dimensões e atores no noticiário relacionado à vacina também fez ela deixar de ser vista como um produto acabado, prontamente disponível nas unidades de saúde, para ser uma tecnologia científica em constante desenvolvimento, na qual são empregados esforços de pesquisadores de todo o mundo e que, até sua disponibilização para a sociedade, passa por um longo processo que envolve ainda aspectos políticos, econômicos e ideológicos. (NEVES; MASSARANI, 2022, p. 210)

O enfrentamento da desinformação sobre as vacinas na imprensa marcou ainda um reforço do valor do jornalismo profissional durante a pandemia. Analisando textos publicados no jornal Folha de S. Paulo, em 2020, que abordavam boatos sobre as vacinas, Massarani et al. (2021) observaram que o veículo buscou delimitar a verdade, diferenciando verdadeiro e falso, certo e errado, científico e não científico, além de evidenciar as disputas políticas e ideológicas sobre os imunizantes. Observando a associação entre o jornal e agências de checagem contra a desinformação, os autores consideram que, para a imprensa, essa aliança operou a valorização do jornalismo profissional, a partir do discurso democrático, da responsabilidade pública, da precisão de informações e da justiça.

Em nosso levantamento, identificamos apenas um artigo que aborda a cobertura das vacinas da covid-19 no telejornalismo, com foco no período da vacinação. Sabatke e Fernandes (2021) analisaram a apresentação de fotos compartilhadas por telespectadores sobre o momento da vacinação em telejornais locais de Santa Catarina, apontando, de um lado, para a valorização da vacinação e, de outro, para dinâmicas atuais de engajamento do público no telejornalismo.

Tendo em vista os objetivos da nossa pesquisa, consideramos importante observar também algumas questões discutidas em estudos que abordam a cobertura jornalística da ciência durante a pandemia. A partir de entrevistas com jornalistas científicos que atuaram na cobertura da pandemia da covid-19, Massarani, Neves e da Silva (2022) apontam que os jornalistas precisaram lidar com excesso de trabalho e um grande volume de informações científicas, produzidas em alta velocidade, incluindo as publicações em repositórios de pré-

print, que não contam com revisão por pares. Além do aumento do espaço e do interesse para a cobertura científica nos veículos de comunicação, os jornalistas destacaram a maior disponibilidade das fontes durante a pandemia, indicando maior abertura da comunidade acadêmica para a divulgação científica no período. As fontes mais citadas pelos profissionais foram cientistas brasileiros, artigos científicos revisados por pares e médicos, com um número menor de menções a artigos não revisados e cientistas de outros países. Ao selecionar os artigos abordados, os profissionais afirmaram majoritariamente considerar os critérios de noticiabilidade (por exemplo, privilegiando pesquisas sobre vacinas e medicamentos) e a opinião de outros cientistas sobre os estudos.

Também discutindo a dinâmica do jornalismo científico no período, Madacki (2021) aborda o desafio colocado aos profissionais da imprensa e divulgadores científicos para lidar com a infodemia e com uma ciência em construção. A autora analisa um *podcast* veiculado pela revista Piauí em 2020 e aponta que o programa foi criado com o objetivo de apresentar resultados de pesquisas sobre a covid-19. No entanto, as edições terminaram por debater a ciência, incluindo questões éticas, de temporalidade, geopolíticas e econômicas. Além de abordar situações em que as recomendações científicas mudaram ao longo da pandemia, os exemplos destacados no estudo mostram como o programa jornalístico, especialmente por meio de um comentarista cientista residente, apresentou divergências internas da ciência e críticas a procedimentos de divulgação de pesquisas em *press releases* e pré-prints.

Alguns trabalhos discutem ainda produções jornalísticas como vetores de desinformação. Malinverni e Brigagão (2020) analisam a cobertura em jornais impressos e portais de notícias sobre a proposta de isolamento vertical, defendida por Jair Bolsonaro. As pesquisadoras destacam que os jornalistas brasileiros enfrentaram um desafio a mais na pandemia: além de traduzir o conhecimento técnico-científico e selecionar as informações mais relevantes para publicação, os profissionais precisaram lidar com a divergência entre os posicionamentos do presidente e de seus apoiadores e aqueles dos cientistas da área da saúde, técnicos do Ministério da Saúde e governadores. Neste contexto, embora a proposta do isolamento vertical não tenha respaldo científico, a mídia deu espaço à polarização na cobertura, apresentando como equivalentes o discurso negacionista e o discurso da comunidade científica nacional e internacional a favor do distanciamento social. Para as autoras, a tendência da mídia de ouvir os dois lados de uma questão (chamada de ‘dois-ladismo’) indica um enquadramento narrativo típico da cobertura política, que é inadequado no jornalismo científico, onde é necessário reconhecer a força das evidências científicas. As pesquisadoras observam ainda que a mídia brasileira incorporou a expressão ‘isolamento vertical’ ao noticiário, naturalizando uma

hipótese sem comprovação científica. Ao mesmo tempo, o ‘distanciamento social’ foi equivocadamente chamado de ‘isolamento social’, o que pode ter contribuído para aumentar a resistência da população à medida. Entre os fatores que podem ter contribuído para uma cobertura que favoreceu a disseminação de uma ideia negacionista e eugênica, as pesquisadoras citam o caráter generalista e a precarização do jornalismo no Brasil, a baixa presença de epidemiologistas como fontes nas matérias e o didatismo no enquadramento dos textos.

Dois artigos discutem a disseminação de desinformação em programas telejornalísticos. Malerba e Fernandes (2021) abordam a complementaridade entre os discursos de Sikêra Júnior, apresentador do telejornal “policialesco” Alerta Nacional, da Rede TV!, e do presidente Jair Bolsonaro, mostrando que o apresentador divulgou teorias conspiratórias e negacionistas tanto em vídeos publicados nas redes sociais como na televisão aberta. Costa e Maia (2021) abordam o quadro ‘O grande debate’, da CNN Brasil, problematizando a forma como os participantes acionaram tanto fontes oficiais e documentais, como fontes falsas ou “pseudofontes” nos debates sobre o novo coronavírus, equiparando opinião, fatos e inverdades, sem questionamentos por parte dos jornalistas que apresentam o programa.

1.5 QUESTÃO E OBJETIVOS DA PESQUISA

Nossa pesquisa busca responder à pergunta: como os programas Fantástico, da TV Globo, e Domingo Espetacular, da Record TV, construíram a ciência na cobertura sobre as vacinas da covid-19? Do ponto de vista teórico, nosso problema de pesquisa foi construído considerando, principalmente, o campo da Comunicação e Saúde (C&S), a produção social dos sentidos, o jornalismo e o telejornalismo, como instituição social e prática discursiva, e os Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT).

A partir do campo da Comunicação e Saúde, compreende-se a comunicação como um processo social de produção de sentidos, e não como um simples meio para transmissão de informações que emanam das instituições e atores da saúde (ARAÚJO; CARDOSO, 2007). Uma vez que os sentidos não estão dados nos objetos e nas palavras, sua construção se dá através da comunicação, nas relações entre sujeitos, mediadas por instituições e circunscritas por condições históricas, culturais e políticas. Ao atribuir sentidos, os sujeitos constroem simbolicamente a realidade e agem sobre o mundo (ARAÚJO, 2000).

Dessa forma, a comunicação está intrinsecamente ligada ao poder. Os sentidos são alvo de disputas, nas quais os atores sociais buscam fazer prevalecer suas categorias de percepção e representações do mundo social. Na disputa pelos sentidos, indivíduos e instituições dependem

do seu capital simbólico, que, segundo Bourdieu (1989), advém de outros tipos de capital (como cultural, econômico e político), quando estes são reconhecidos como legítimos. Ao mesmo tempo, nas relações de comunicação, os sujeitos podem conquistar legitimidade, aumentando o seu capital simbólico – logo, seu poder simbólico. Este poder permite estabelecer os sentidos mais de acordo com os próprios interesses, mantendo ou subvertendo as representações sociais e, assim, transformando o capital simbólico em outros tipos de capital (BOURDIEU, 1989; ARAÚJO, 2000).

Sobre o jornalismo, teorias construcionistas revelam que as notícias não são espelhos da realidade, mas sim são construções e narrativas, influenciadas pela cultura da “tribo jornalística”, assim como por rotinas produtivas, constrangimentos organizacionais, forças econômicas e políticas (TRAQUINA, 2005). O jornalismo se configura simultaneamente como um espaço de disputa por sentidos e como um produtor ativo dos sentidos sociais. No discurso jornalístico, múltiplas vozes lutam para construir a representação social do mundo. Ao mesmo tempo, essas vozes são selecionadas e articuladas a partir de lógicas e interesses do campo jornalístico (ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

Em relação à ciência, abordagens dos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia convergem para a visão da atividade como prática social, historicamente construída e localizada. Neste sentido, fatores empíricos e sociais, incluindo a circulação dos enunciados produzidos pelos cientistas entre diferentes públicos, participam da “estabilização” dos fatos científicos consensualmente aceitos (LATOUR; WOOLGAR, 1997; FLECK, 2010). Da mesma forma, a credibilidade das alegações científicas depende tanto de procedimentos metodológicos e epistemológicos quanto de práticas sociais e culturais (SHAPIN, 1995; ORESKES, 2019).

Deste mirante teórico, consideramos o contexto comunicacional da pandemia, os embates discursivos sobre as vacinas da covid-19 e as questões colocadas sobre a autoridade epistêmica do jornalismo e da ciência. Propomos, como objetivo geral de pesquisa, analisar a produção de sentidos sobre a ciência na cobertura telejornalística sobre as vacinas da covid-19. Como objetos empíricos, escolhemos os programas Fantástico, da TV Globo, e Domingo Espetacular, da Record TV. Em linha com a nossa perspectiva teórica, baseamos nossos encaminhamentos metodológicos na Semiologia dos Discurso Sociais (SDS), de Pinto (2002); na análise do dispositivo de enunciação, chamado de “contrato de leitura”, por Verón (2004), em referência à imprensa escrita; e nos operadores de análise dos modos de endereçamento do telejornalismo, propostos por Gomes (2011).

Ao eleger nossos objetos empíricos, consideramos a relevância da análise comparativa, destacada por Pinto (2002) e Verón (2004). Os programas Fantástico e Domingo Espetacular

integram um universo de concorrência: pertencem ao mesmo gênero midiático (as revistas eletrônicas), são exibidos em faixa de horário semelhante (nas noites de domingo), nas duas emissoras de maior audiência da televisão aberta brasileira (Globo e Record). Tendo em vista o potencial de um discurso atuar, pela diferença, como “revelador” do outro (Verón, 2004, p. 69), destacamos ainda os perfis distintos das emissoras, que podem ser considerados como representativos da diversidade socioeconômica, política e religiosa da sociedade brasileira (CARVALHO, 2018). Além disso, observamos que os programas mencionam explicitamente a ciência como tema de interesse de suas programações (GLOBO, 2022a; RECORD, 2022).

Pesquisas anteriores à pandemia apontam que o Fantástico desempenha um papel importante na divulgação científica no Brasil, concedendo espaço significativo para temas de ciência e saúde. Os trabalhos indicam que o programa costuma apresentar o conhecimento científico como unívoco e incontestável, dando pouca ênfase ao processo científico (RONDELLI, 2004; FREIRES, 2006; FONSECA, 2015). Já durante a emergência sanitária, estudos indicam que o Fantástico reforçou seu alinhamento com a ciência, num discurso de combate às *fake news* que se opõe ao posicionamento do presidente Jair Bolsonaro (BECKER, 2021; CALEFFI; PEREIRA, 2021).

O Domingo Espetacular é alvo de poucas pesquisas, tendo sido mencionado em estudos durante a pandemia por causa de uma entrevista exclusiva realizada com Jair Bolsonaro e de uma reportagem que criticava a decisão de prefeituras de manter o fechamento de templos religiosos como medida de distanciamento social (KIBUUKA, 2020; HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2021; SCOPINHO et al., 2021; COUTO; CORREIA; CARRIERI, 2022).

Dois estudos compararam características da cobertura realizada por estes programas durante a pandemia, observando que Fantástico deu mais espaço à cobertura da covid-19 e destacou o caráter trágico do evento sanitário, enquanto Domingo Espetacular fez uma cobertura reduzida e mais leve em relação à gravidade da doença (LAIA; NETO, 2022; REVADAM; FFRANCISCO; FIGUEIREDO, 2022).

Este panorama de pesquisas reforça a importância da nossa proposta. Observamos que as pesquisas ainda não investigaram a produção de sentidos sobre a ciência nestes programas durante a pandemia. Também não abordaram o tema das vacinas. Neste cenário, estabelecemos como objetivos específicos de nossa pesquisa: mapear como a ciência, suas instituições e atores foram construídos no Fantástico e no Domingo Espetacular; analisar as relações tecidas entre o discurso científico e outros discursos; e caracterizar como os programas se posicionaram em relação à ciência e aos seus espectadores na cobertura sobre as vacinas da covid-19.

2 MIRANTE TEÓRICO

2.1 COMUNICAÇÃO E SAÚDE

Nossa pesquisa se situa no campo da Comunicação e Saúde, compreendendo a comunicação e a informação como direitos indissociáveis do direito à saúde. Este é um campo emergente, surgido no contexto da saúde coletiva, ao reconhecer que os fenômenos da saúde e da doença não se restringem a processos físicos e biológicos, incluindo também aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, entre outros. No Brasil, o campo da C&S se estrutura a partir do movimento da reforma sanitária, tendo como marcos a VIII Conferência Nacional de Saúde, em 1986, e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), estabelecido na Constituição Federal de 1988. Assim, a comunicação e a informação são consideradas direitos da cidadania, pré-requisitos para a participação dos cidadãos nas políticas públicas e para o exercício pleno do direito à saúde (ARAÚJO; CARDOSO, 2007; ARAÚJO; CUBERLI, 2015).

A abordagem da C&S se afasta de perspectivas instrumentais da comunicação, que buscam, neste campo, ferramentas para atingir os fins da saúde. A visão instrumental, que está historicamente presente nas políticas públicas de saúde, pode ser associada a um modelo teórico da comunicação que se tornou hegemônico: o modelo informacional da comunicação, de Claude Shannon e Warren Weaver. Considerando esse modelo, a boa comunicação consiste na transmissão da mensagem do emissor ao receptor com o mínimo de perdas, o que depende de ajustar o código e evitar os ruídos. As práticas comunicativas associadas a essa perspectiva são transferenciais e concentradoras, entendendo o campo da saúde ou os meios de comunicação como polo emissor de informações e a população como polo receptor.

A partir da teoria social dos discursos, a abordagem da C&S compreende a comunicação como um processo social de produção de sentidos, considerando a linguagem como uma arena de disputas, na qual diferentes atores lutam para construir simbolicamente a realidade. Busca-se, então, utilizar o aparato teórico-metodológico da comunicação para “compreender e agir sobre os processos sociais de produção dos sentidos, que afetam diretamente o campo da saúde” (ARAÚJO; CARDOSO, 2007, p. 21).

Considera-se o papel da comunicação no aperfeiçoamento do sistema público de saúde. Entendendo a comunicação e a informação como direitos, os cidadãos devem ter acesso a informações e voz nas instituições de saúde e nos debates sobre as políticas públicas. Segundo Araújo e Cardoso (2007, p. 61), “o objetivo [da comunicação no campo da saúde] deve ser,

minimamente, estabelecer um debate público sobre temas de interesse e garantir às pessoas informações suficientes para ampliação de sua participação cidadã nas políticas de saúde”. A C&S carrega, assim, uma proposta de mudança na comunicação no campo da saúde. Considerando o SUS, alguns autores do campo notam que as práticas comunicacionais verticais e normativas, que enfatizam sobretudo a doença e seus aspectos biológicos, estão em desacordo com os princípios do Sistema Único de Saúde e defendem outras abordagens que concebam a comunicação a partir dos princípios da universalidade, equidade, integralidade, descentralização e participação (ARAÚJO; CARDOSO, 2007; CARDOSO; ROCHA, 2018).

A C&S nos leva também a olhar para as relações de sentidos e de poder que se expressam nas práticas comunicativas, sejam elas interpessoais, institucionais ou midiáticas. Também no discurso midiático, observa-se a presença de múltiplas vozes, que lutam para impor suas categorias de percepção de mundo. Ao mesmo tempo, a mídia decide quais vozes terão espaço nas suas produções e articula essas vozes a partir de lógicas e interesses próprios. Assim, a mídia se constitui como um espaço privilegiado de embate pelo poder simbólico e, ao mesmo tempo, como um ator que participa ativamente da produção dos sentidos sociais (ARAÚJO; CARDOSO, 2007).

Devemos ter em conta ainda os múltiplos aspectos da relação entre os campos da saúde e da mídia. Araújo, Cardoso (2007) apontam que a mídia tende a disseminar discursos que se opõem às proposições do campo da saúde. Ao mesmo tempo, oferece a possibilidade de comunicação ampla e rápida para as mensagens que emanam desse campo. Araújo (2015, p. 8) chama atenção também para a “promiscuidade discursiva”: a mistura entre os discursos da saúde e da mídia, que se acentua com a midiaticização. Segundo a autora, “a Saúde pauta a mídia em termos de agenda e a mídia pauta a Saúde em termos de reação ao que a mídia denuncia, critica etc.”.

Ao inserir em seus produtos as vozes autorizadas da saúde, a mídia atrai para si a credibilidade e a legitimidade que essas vozes carregam. Na imprensa, o enxugamento das redações, que contam com número cada vez menor de profissionais, faz com que seja comum a reprodução de *press releases* produzidos por instituições da saúde.

A prática de divulgação de *press releases* é também um exemplo de inserção da lógica midiática na saúde, neste caso, associada às mídias jornalísticas. A midiaticização é descrita por Hjavard (2012) como um processo de “dupla face”, em que a mídia alcançou autonomia institucional e, ao mesmo tempo, tornou-se parte integrante das rotinas de outras instituições, que precisam se adaptar à sua lógica. Em outra perspectiva, que se opõe à ideia de uma única “lógica da mídia”, Hepp (2014) aponta que a midiaticização se refere à forma como as mudanças

da mídia e da comunicação se relacionam com as mudanças da cultura e da sociedade. Nesse processo, observam-se a expansão da comunicação midiática e a ação das “forças de moldagem” das mídias.

Em que pesem as diferenças de conceituação, cabe considerar como a midiatização influencia a comunicação no campo da saúde. Assim, observamos a crescente atuação de profissionais da comunicação nas instituições sanitárias, muitas vezes, com a terceirização de atividades comunicacionais para agências de comunicação, reforçando lógicas midiatizadas e privadas de comunicação.

Independentemente do canal ou do instrumento utilizado – seja o *press release*, a página no Facebook, o boletim epidemiológico ou o vídeo para web – ganha destaque, no contexto de midiatização das instituições sanitárias, a atuação do profissional de comunicação como mediador entre Saúde, mídias e sociedade, propondo ou ao menos formatando os sentidos sobre saúde que se tornarão públicos, isto é, postos em circulação e negociação. (LEVY, 2018, p. 5)

Ao lado da presença dos profissionais da área, notamos o uso de múltiplas mídias na comunicação das instituições sanitárias e a centralidade do lugar da imprensa nos seus processos comunicacionais (ARAÚJO; CUBERLI, 2015; LEVY, 2018). Neste sentido, observamos que, na resposta à pandemia de covid-19, a OMS promoveu, pela primeira vez, entrevistas coletivas de imprensa diárias, com participação do diretor-geral da entidade ou do diretor do Programa de Emergências em Saúde. Com frequência progressivamente reduzida, as coletivas de imprensa ainda são promovidas regularmente pela OMS mais de dois anos após a declaração da emergência sanitária⁶.

2.1.1 Produção social dos sentidos

Compreendendo a comunicação como um processo de produção social dos sentidos, observamos que as palavras e os objetos não apresentam significações naturais ou imutáveis. A opção pelo termo sentido, em lugar de significado, visa marcar esse posicionamento, deixando de lado noções de que a significação pode ser uma propriedade imanente às palavras e aos objetos. O sentido é produzido no ato comunicativo, portanto, nas relações sociais, em processos de interação entre sujeitos, circunscrito por condições históricas, culturais e políticas e mediado por instituições (ARAÚJO, 2000). Segundo Cardoso (CARDOSO, 2001, p. 11):

⁶ Desde 5 fevereiro de 2020, a OMS promove entrevistas coletivas de imprensa sobre a emergência sanitária. As entrevistas são transmitidas, ao vivo, de forma aberta, pelo perfil da entidade no Twitter, mas apenas os jornalistas podem fazer perguntas, presencialmente ou na sala Zoom. As coletivas eram inicialmente diárias e progressivamente tiveram a periodicidade reduzida. Em julho de 2022, ocorrem de forma semanal (WORLD HEALTH ORGANIZATION, s.d.).

O ponto básico da SDS [Semiologia dos Discursos Sociais] é que não existe uma significação imanente das coisas e das palavras, um vínculo imutável e já dado entre o signo e seu referente, da mesma forma que não existe objeto assignificante. Todo e qualquer objeto adquire significação em processos sociais de construção de sentido(s).

Produto do trabalho social, o sentido é, por um lado, mutável e negociável. Por outro, sujeito a coerções, ligadas às suas condições de produção, em determinada situação histórica, cultural e política. Embora existam infinitas possibilidades de acionamento, as cadeias sociais que associam os significantes entre si são aprendidas pelos indivíduos no processo de socialização, o que implica reconhecer que o processo de significação encontra limites na sociedade e no tempo histórico em que se desenvolve (ARAÚJO, 2000; CARDOSO, 2001).

A relações de comunicação são relações de poder porque é através dos discursos que os agentes disputam a hegemonia para estabelecer categorias de percepção e representação do mundo social. Segundo Bourdieu (1989, p. 11):

(...) as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre relações de poder que dependem na forma e no conteúdo do poder material e simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que, como o dom ou o *potlatch*, podem permitir acumular poder simbólico.

O poder simbólico está vinculado às estruturas materiais e institucionais da sociedade, mas é uma forma transfigurada de outras formas poder, que pode ser mais eficaz pela aparência de naturalidade das relações de sentido, que mascara o seu caráter de atos de força. Novamente, citando Bourdieu (1989, p. 14, grifo do autor):

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário.

Entendidas como relações de poder, as relações de comunicação dependem do capital simbólico dos agentes e instituições, o que se relaciona com a percepção de legitimidade de seu capital econômico, cultural e social. A crença na legitimidade das palavras e daqueles que as pronunciam instaura as relações de poder nos discursos (ARAÚJO, 2000).

Ao discutir a relação entre comunicação e poder, temos em vista ainda a ideia de poder como “rede produtiva” (FOUCAULT, 2021). Nesta perspectiva, o poder não se mantém apenas pela sua capacidade repressiva, associada a uma concepção jurídica, que o localiza sobretudo no Estado. Permeando o corpo social, o poder se sustenta e é aceito por sua capacidade de produzir coisas, saber, prazer e discurso. Para o autor, em um discurso, não cabe distinguir o verdadeiro ou científico do ideológico, mas sim compreender como os efeitos de verdade são

produzidos. Considerando que a verdade é produzida em meio ao poder e produz efeitos de poder, é preciso observar que cada sociedade possui seu “regime de verdade”, construído nos e pelos discursos.

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2021, p. 12)

Falamos de discursos na perspectiva discursiva, o que implica em um olhar particular sobre textos. Embora seja possível utilizar as palavras ‘texto’ e ‘discurso’ como sinônimos, alguns autores fazem uma distinção. Os textos podem ser qualquer tipo de matéria significativa, uma forma empírica do uso da linguagem ou de outros sistemas semióticos (incluindo a linguagem oral e escrita, as imagens, os gestos, enfim, tudo aquilo que é investido de sentido). No discurso, o texto está ligado ao contexto, ou seja, às suas condições de produção, como parte de uma prática discursiva contextualizada histórica e socialmente (PINTO, 2002; VERÓN, 2004). Na definição de Foucault (1986, apud ARAÚJO, 2000, p. 122), a prática discursiva é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. Assim, quando analisamos discursos, consideramos textos como parte de práticas sociais inseridas em contextos e buscamos compreender os processos de produção de sentidos (PINTO, 2002).

Os discursos formam os objetos de que falam. Construindo sentidos, constroem a própria realidade (ARAÚJO, 2000). Segundo Pinto (2002, p. 47–48), “a produção, a circulação e o consumo dos textos são controlados pelas forças socioculturais, mas os textos também constituem a sociedade e a cultura, de um modo que pode ser tanto transformativo como reprodutivo, e a análise não pode separá-los”.

Os processos sociais de produção de sentidos deixam marcas no texto. Verón (2004) aponta que as marcas textuais são traços de operações discursivas, que devem ser reconstruídas pelo analista para chegar às condições de produção do discurso. De acordo com Pinto (2002), o analista, como um detetive sociocultural, busca encontrar e interpretar vestígios no texto que permitem chegar ao contexto situacional imediato, institucional e sociocultural do ato comunicativo.

Pinto (1994) sistematiza a proposta da Semiologia dos Discursos Sociais em três postulados: a heterogeneidade enunciativa, a semiose infinita e a economia política do

significante. A heterogeneidade enunciativa opõe-se à percepção de unicidade do sujeito, que implicaria em considerar o autor do texto como único responsável pelas representações que aparecem no seu discurso. Segundo o autor (2002, p. 31), “para a análise de discursos, todo texto é híbrido ou heterogêneo quanto à sua enunciação, no sentido de que ele é sempre um tecido de ‘vozes’ ou citações, cuja autoria fica marcada ou não, vindas de outros textos preexistentes, contemporâneos ou do passado”.

A heterogeneidade enunciativa está ligada ao conceito de polifonia, de Mikhail Bakhtin. A polifonia chama atenção para a presença de múltiplas vozes em cada enunciado, revelando que o autor empírico não é o único que fala, nem o único responsável pela composição do enunciado. Essas múltiplas vozes correspondem a interesses e posições diversas na estrutura social. Em alguns casos, são convocadas de forma consciente pelo locutor, o que é chamado de heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1990). No entanto, outras vezes, a convocação de vozes exteriores se dá de forma inconsciente. Por exemplo, é comum que vozes da história e do ambiente cultural do autor, que constituem seu contexto ideológico, se manifestem em seu texto. Nesses casos, aponta-se a presença de heterogeneidade constitutiva (AUTHIER-REVUZ, 1990). Podemos dizer que todo discurso é polifônico, e a explicitação das heterogeneidades aponta para as condições sociais de produção do discurso.

Cabe ao semiólogo analista de discursos formular hipóteses que expliquem por que, dentro do universo de todos os textos passíveis de citação, de maneira consciente ou inconsciente, pelos produtores de textos, em um determinado contexto social e histórico, imediato ou amplo, só alguns dentre eles, bem determinados, são citados, recorrentemente no texto produzido. (PINTO, 2002, p. 31)

Complementar ao conceito de polifonia, Bakhtin define o dialogismo, que aponta para o diálogo estabelecido com outros textos no discurso. O dialogismo se refere à forma como as diferentes vozes são articuladas no enunciado, colocando em evidência a interpretação do locutor. Compreende ainda que cada enunciado constitui um elo numa cadeia de comunicação social, sendo, ao mesmo tempo, uma resposta aos enunciados anteriores e às reações futuras, que são previstas pelo locutor.

Esse é o princípio da semiose infinita, também chamada de intertextualidade ou interdiscursividade. A partir deste postulado da SDS, observamos que o processo de produção dos sentidos – seja das palavras, seja dos textos ou enunciados de qualquer tamanho – se dá em uma rede de remissivas, na qual cada significante remete a outro significante. O sentido é sempre provisório e diferencial. Tanto na produção como na recepção, se estabelece na relação do texto com outros textos. Por isso, na perspectiva da análise de discursos, o sentido de um texto não pode ser identificado em uma análise que o considere de forma isolada (ARAÚJO,

2000; CARDOSO, 2001; PINTO, 2002). Como afirma Araújo (2000, p. 133), “um texto e seus efeitos de sentido só podem ser compreendidos através de mecanismos que desvendem em que malha, em que rede de outros textos ele se encontra e como se manifestam naquela materialidade discursiva”.

Terceiro postulado da SDS, a economia política do significante tem em vista que o processo social de produção de sentidos não se restringe à dimensão da produção, mas engloba também sua circulação e consumo. Assim, a comunicação funciona como um mercado, no qual as mercadorias negociadas são os sentidos sociais, que se manifestam através de discursos. Os indivíduos e comunidades discursivas que participam do mercado simbólico disputam o poder simbólico. Cabe observar que o mercado simbólico não opera nos princípios do ‘livre mercado’, que independe do jogo social e no qual os negociantes atuam unicamente para maximizar o lucro. Sua fundamentação encontra-se mais próxima do conceito de ‘construção social dos mercados’, que destaca a importância de fatores sociais, culturais e institucionais nas trocas. Além disso, considera a desigualdade entre os participantes, que faz com que as negociações tenham o caráter de luta por posições de poder discursivo (ARAÚJO, 2000; PINTO, 2002; ARAUJO, 2004).

De acordo com Araújo (2000), para compreender o funcionamento do mercado simbólico, é preciso considerar quem são aqueles que falam e têm suas falas legitimadas, as vozes que se manifestam em seus discursos e os limites de suas formações discursivas, que a autora define como “as condições de exercício da função enunciativa”, que estabelecem aquilo que pode e que não pode ser dito. A análise de discursos permite, então, “pela análise das condições sociais de produção de um discurso, evidenciar seu papel nas relações de poder; pela análise intrínseca do discurso, entender o processo de configuração do espaço social” (ARAÚJO, 2000, p. 152).

Na perspectiva da semiose social, é preciso ter em vista duas dimensões constitutivas do processo de produção, circulação e consumo de sentidos, que ligam o texto ao contexto: o ideológico e o poder. Para Verón (2004), o ideológico situa-se na relação entre o discurso e os mecanismos de base do funcionamento social, que configuram suas condições sociais de produção. Nas sociedades capitalista-industriais, esses mecanismos são principalmente o modo de produção, a estruturação social e a ordem política. O ideológico opera como uma gramática, estabelecendo regras para a geração de sentidos.

O ideológico se manifesta em traços no texto, que são investigados pelo analista de discursos. Pinto (2002) destaca que o ideológico pode transparecer, por exemplo, na forma de preconstruídos. Segundo o autor, os preconstruídos são inferências e pressuposições necessárias

para a compreensão do texto, que são compartilhadas socialmente e contribuem para sustentar relações de poder desiguais. Embora sejam geralmente atribuídas ao “bom senso”, essas pressuposições também podem ser alvo de embates discursivos pelo consenso.

A abordagem do ideológico em Pinto (2002) e Verón (2004) se afasta de perspectivas que opõem infraestrutura e superestrutura; ideologia e ciência. Na perspectiva da análise de discursos, o ideológico não deve ser considerado como uma deformação do real, porque não existe um discurso absoluto, que possa retratar o real de forma alheia a condições de produção. Todo discurso apresenta uma dimensão ideológica, inclusive o da ciência. Apresentar-se como absoluto, apagando seu caráter ideológico, é um efeito de sentido dos discursos hegemônicos, que constitui um efeito de poder. Além disso, o ideológico pode se manifestar em qualquer tipo de comunicação e em qualquer matéria significativa, mas nem tudo é ideológico. “Numa sociedade, no que diz respeito ao sentido, produzem-se muitas outras coisas além do ideológico” (VERÓN, 2004, p. 56).

Tendo abordado anteriormente a relação intrínseca entre comunicação e poder, consideramos agora o poder como uma dimensão constitutiva da semiose social. Para Verón (2004), o poder está ligado aos efeitos de sentido dos discursos, relacionando-se com as suas condições sociais de reconhecimento. O poder de um discurso se manifesta quando o efeito de sentidos que desenha é incorporado em outros discursos e precisamos observar que um mesmo discurso, em contextos diferentes, poderá não ter o mesmo poder. Da mesma forma que como ideológico, o poder é uma dimensão analítica, presente em todos os discursos.

Tendo em vista a perspectiva teórico-metodológica desta pesquisa, consideramos necessário discutir ainda os modos de dizer, o dispositivo de enunciação e a importância da comparação na análise de discursos. Nas palavras de Pinto (2002, p. 27), a “análise de discursos não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdos, mas sim em como e por que o diz e mostra”. Esta afirmação não quer dizer que o conteúdo seja irrelevante para análise de discursos. Sem dúvida, o que é dito importa. Porém, o mesmo conteúdo pode ser dito de diferentes modos e esses modos configuram o campo de efeitos de sentido que o discurso desenha.

A enunciação é o ato de produção do texto, que constitui o enunciado. Um enunciado apresenta diversas posições ideológicas ou posições enunciativas, que alguns autores chamam de diferentes tipos de discurso, enquanto pontos de vista sobre práticas sociais. Podemos dizer que, no enunciado, o emissor põe em cena diversos enunciadores, que constituem posições discursivas responsáveis pelas diferentes representações apresentadas (PINTO, 2002).

Pode-se considerar que o enunciado diz respeito ao conteúdo do que é dito, enquanto a enunciação se relaciona com os modos de dizer. Através dos modos de dizer, o emissor se identifica com alguns enunciadores, constrói sua própria imagem, como sujeito da enunciação, também chamado apenas de enunciador. Nessa imagem está incluída não apenas a representação que o enunciador faz de si mesmo, mas sua representação do mundo e do objeto da fala. Também pelos modos de dizer, o emissor constrói uma imagem daquele a quem o texto é endereçado, seu coenunciador ou destinatário, também chamado de sujeito falado. A este sujeito “de papel” são atribuídas determinadas posições enunciativas, com as quais o destinatário “de carne e osso” pode ou não se identificar. Também o emissor real não é o mesmo que o enunciador, pois o mesmo emissor pode construir diferentes enunciadores em diferentes situações. O dispositivo da enunciação é composto por estas imagens do enunciador e do coenunciador, que são construídas no discurso, e, também pela relação entre eles, que é proposta pelo discurso. Chamada de relação pragmática, a construção discursiva da relação entre o enunciador e o coenunciador é um espaço onde se manifestam relações de saber e poder (PINTO, 2002; VERÓN, 2004).

Na análise linguística, a enunciação costuma ser associada a elementos que ganham sentido na situação da fala, como eu, você, aqui e agora. Porém, na semiótica social, não é apenas a fala que carrega a enunciação. Pinto (2002) ressalta que nas imagens, assim como nos textos verbais, há enunciadores, dialogismo e intertextualidade. Citando a mídia impressa, especialmente as capas de jornais e revistas, o autor afirma que o tratamento das imagens e a diagramação são utilizados para estabelecer posições enunciativas. As capas de revista também são o ponto de partida de Verón (2004) para ressaltar a necessidade de considerar não apenas a linguagem verbal, mas todos os elementos semióticos na análise do dispositivo de enunciação ou contrato de leitura – forma de nomeação escolhida por este autor para a análise da imprensa escrita. Segundo Verón (2004), o conteúdo é uma parte importante do dispositivo de enunciação. Porém, os modos de dizer estão no centro do contrato de leitura, que estabelece o vínculo entre a revista e o leitor. Assim, a apresentação das fotos, a tipologia, as cores e a diagramação participam juntamente com a linguagem verbal da construção da imagem do enunciador, do destinatário e da relação proposta.

De acordo com Pinto (2002), os modos de dizer podem ser analiticamente divididos em modos de mostrar, de interagir e de seduzir, correspondendo às três funções básicas de uso da linguagem verbal e outros sistemas semióticos. A função mostração tem como objetivo construir o universo de discurso em jogo. Os modos de mostrar são marcados por operações de enunciação, que incluem as escolhas lexicais, o emprego de operadores referenciais (como

pronomes definidos ou indefinidos e numerais) e de operadores de tempo e espaço (incluindo conjugações verbais, verbos auxiliares e advérbios), assim como as operações de antonomásia nas imagens (relação metonímica que implica em mostrar um exemplar para representar uma categoria). Desta forma, o enunciador demarca os conhecimentos que atribui a si mesmo e ao coenunciador sobre a cena discursiva, o que é uma das formas de construir a imagem destes sujeitos no discurso.

A função de interação se dá na interpelação do receptor e pode ser uma forma reproduzir ou de subverter hierarquias sociais. Essa função é realizada por operadores de modalização, incluindo escolhas de estruturas gramaticais (uma frase interrogativa ou imperativa, por exemplo); de substantivos, verbos, adjetivos e advérbios com valor modal (tais como pode ou deve; evidentemente, provavelmente ou possivelmente etc.); de verbos com valor performativo (por exemplo, batizar, declarar, prometer, jurar e outros); assim como outras expressões. Nas imagens, a interpelação do coenunciador pode se dar diferentes formas, como pelo olhar do modelo ou do jornalista ou pela posição dominante de um personagem ou objeto.

Já a função de sedução diz respeito aos afetos, aos valores positivos e negativos atribuídos a pessoas, coisas ou acontecimentos, que também podem buscar reforçar ou modificar a hegemonia. As operações utilizadas para a sedução são chamadas de operações de modalização expressiva, recaindo em escolhas lexicais, incluindo substantivos, verbos, adjetivos e advérbios, com função avaliativa ou afetiva ou que adquirem sentido valorativo no enunciado. De acordo com Pinto (2002), tanto as operações de modalização, quanto as de modalização expressiva são também tipos de operações de enunciação.

A comparação tem um lugar central na análise de discursos. Pinto (2002) aponta que os textos de um universo discursivo integram séries organizadas por oposição ou sequencialidade, que constituem o material privilegiado da análise de discursos. É através da comparação entre textos que o analista consegue identificar e interpretar as marcas deixadas pelas condições de produção. Segundo Verón (2004), o *corpus* da análise dos discursos deve ser composto por um grupo de textos equivalentes em determinada dimensão de análise, apresentando uma “homogeneidade postulada”. Dessa forma, o analista poderá observar os desvios interdiscursivos, que permitem identificar os traços das condições sociais de sua produção. “Por isso, cada vez que um discurso nos interessa, precisamos encontrar um *outro* que será, por diferença, o ‘revelador’ das propriedades pertinentes do primeiro” (VERÓN, 2004, p. 68, grifos do autor).

A análise de textos de um universo de concorrência da produção midiática – como as capas de revistas femininas de diferentes editoras, analisadas por Verón (2004); os editoriais

em diferentes jornais impressos, analisados por Pinto (2002); ou as revistas eletrônicas semanais de diferentes emissoras de televisão, foco da nossa pesquisa – se enquadra nessa perspectiva. Em textos de um mesmo gênero, abordando o mesmo assunto ou assuntos semelhantes, pertencentes a diferentes ordens discursivas, é possível observar as diferenças, muitas vezes, significativas nos modos de dizer, que podem ser interpretadas como traços das suas condições de produção.

2.2 EPIDEMIAS E (TELE)JORNALISMO

As doenças não se restringem ao seu aspecto biomédico. Estudos históricos, antropológicos e sociológicos analisam como fatores sociais, culturais, políticos, econômicos e tecnológicos influenciam a forma como elas são reconhecidas, nomeadas, sentidas e enfrentadas, no nível individual e coletivo, em diferentes épocas e locais. De acordo com Rosenberg (1997, p. XII, tradução nossa):

a doença é ao mesmo tempo um acontecimento biológico, um repertório de construções verbais que refletem a história intelectual e institucional da medicina numa dada geração, um aspecto da política e uma legitimação desta política, uma entidade que potencialmente define um papel social, um componente das normas culturais e um elemento que estrutura as relações médico/doente. De certo modo, a doença não existe até que decidamos que sim, ao percebê-la, nomeá-la e responder a ela.

Ainda segundo Rosenberg (1997), as doenças são estruturadas nas relações sociais e, ao mesmo tempo, estruturante destas relações. De um lado, sua definição como uma entidade específica e sua explicação refletem negociações sociais. De outro, essa definição e explicação desencadeiam reações individuais e coletivas. Os debates públicos sobre enfermidades projetam valores e atitudes e colocam em questão a interrelação entre políticas públicas, responsabilidade médica e culpa individual. Nos debates sobre a sociedade e as políticas públicas, níveis de doença são citados frequentemente como indicadores das condições sociais

Assim como as doenças, as epidemias são fenômenos biológicos e sociais, que “articulam inexoravelmente patógenos, seres humanos e meio ambiente no tempo e no espaço” (HOCHMAN; BIRN, 2021, p. 581). Rosenberg (2016) destaca que as epidemias são eventos altamente visíveis, marcados pelo medo e por mortes, que desencadeiam uma resposta ampla da sociedade. Por seu caráter trágico e desorganizador, são eventos reveladores para a pesquisa social. A forma como cada sociedade constrói sua resposta à epidemia ilumina valores sociais e práticas institucionais de uma configuração social particular.

A relação da sociedade com o conhecimento científico, especialmente biomédico, é explicitada e reconfigurada pelas epidemias. Se negociações sociais estão sempre presentes na explicação e na resposta às doenças, durante as epidemias, a disputa de médicos e cientistas com outros atores sociais é acirrada por um contexto de urgência, que revela as incertezas do conhecimento científico. Para Hochman (2021), as epidemias podem estremecer eventualmente a relação entre ciência/medicina e poder, mas terminam por reafirmá-la e por produzir novas hierarquias e subordinações.

Para Rosenberg (2016), as epidemias, como fenômenos sociais, têm uma forma dramática, desenrolando-se em quatro atos previsíveis, como uma peça de teatro clássica. O primeiro ato é chamado pelo autor de “revelação progressiva”. As comunidades, na maioria das vezes, demoram a aceitar a epidemia. O temor do impacto do surto epidêmico provoca resistências diversas, fazendo com que o fenômeno seja progressivamente revelado até que se torne inegável. O segundo ato é o “gerenciamento da arbitrariedade”. Reconhecida a epidemia, é preciso chegar a uma explicação coletiva para a ocorrência desse mal arbitrário. As explicações podem ser desde a fúria divina até o espalhamento de um germe. O autor destaca que mesmo as explicações baseadas no conhecimento biomédico expressam convicções morais, podendo servir como crítica social ou como justificativa para o controle social. Além disso, buscam oferecer a possibilidade de controle sobre a doença, reduzindo a percepção de vulnerabilidade individual. O terceiro ato é a “negociação da resposta coletiva”. Rosenberg (2016) ressalta que a pressão por uma reação imediata da comunidade é um traço marcante das epidemias. Em sua dimensão dramática, as repostas à epidemia constituem rituais, que expressam a solidariedade social e reafirmam crenças. As medidas adotadas refletem valores sociais, estruturas de autoridade e crenças da comunidade. O fim da epidemia constitui o quarto ato da trama dramática. Em geral, ocorre de forma discreta, com a incidência da doença caindo progressivamente. Também apresenta um tipo de epílogo, no qual é realizado um “juízo moral retrospectivo” sobre as ações da comunidade.

É interessante notar que, se existem reações recorrentes às epidemias, também é possível observar, nestes eventos, características particulares de uma configuração social específica no tempo e no espaço.

Mas se quisermos entender nossa reação contemporânea a um estímulo tradicional, devemos distinguir entre o único e o aparentemente universal, entre esta epidemia neste momento e neste lugar, e a maneira como as comunidades responderam a surtos episódicos de doenças infecciosas fulminantes no passado. (ROSENBERG, 2016, p. 2)

A pandemia da covid-19 constitui um ‘fato social total’, que afeta toda a sociedade. Considerando as proposições de Rosenberg (2016), buscamos observar elementos distintivos no drama epidêmico da covid-19. Entre estes, destacamos a configuração do ecossistema comunicacional e a velocidade e intensidade da produção científica na pandemia.

O contexto comunicacional da pandemia, marcado pelo intenso fluxo de informações, pluralidade enunciativa das redes e polarização política, moldou o drama epidêmico da covid-19. Waisbord (2020) destaca a mudança do regime da informação na saúde, com a passagem de um modelo no qual instituições da saúde e a imprensa estabeleciam o que era considerado como informação legítima e visões alternativas permaneciam restritas, para um modelo com grande quantidade de produtores de informação que competem com as instituições da modernidade. Nesse ambiente, temas variados como a origem do vírus, medidas de prevenção, tratamentos e vacinas da covid-19 foram alvo de boatos e mensagens deliberadas de desinformação, inclusive propagadas por lideranças políticas, que dificultaram a formação de consensos, desde a etapa de “revelação progressiva” da doença até a “negociação da resposta coletiva”.

A velocidade e intensidade da produção científica também marcaram a pandemia. Por exemplo, podemos considerar que a identificação do agente causador da doença poucos dias após os primeiros registros de casos encurtou a etapa de “revelação progressiva” da covid-19. Um dos marcos da aceleração da ciência foi a explosão das publicações em plataformas de pré-print, que não são submetidas ao processo de revisão por pares. Esse formato permitiu o rápido compartilhamento de informações e transformou dinâmicas estabelecidas. Em grau inédito, os pré-prints influenciaram políticas públicas e se tornaram alvo da cobertura da imprensa. Também alimentaram a desinformação, contribuindo para a divulgação de informações sobre potenciais tratamentos, depois comprovados como ineficazes (WATSON, 2022).

2.2.1 As epidemias na imprensa

Pesquisas sobre a cobertura midiática de epidemias recentes no Brasil têm trazido contribuições para o debate sobre comunicação e saúde no país. Tendo em vista nosso enfoque sobre a relação entre mídia e ciência no campo da saúde, destacamos alguns estudos sobre dengue, H1N1, Zika e febre amarela (WAISBORD, 2010; MALINVERNI; CUENCA; BRIGAGÃO, 2012; CARDOSO; VAZ, 2014; VAZ; CARDOSO, 2014; ARAUJO; AGUIAR, 2017; MALINVERNI, 2017; MALINVERNI; CUENCA, 2017).

Abordando a cobertura das epidemias de dengue e de gripe AH1N1, que ocorreram no final dos anos 2000, na América Latina, Waisbord (2010) mostra a influência de valores

profissionais e rotinas jornalísticas na construção desse tipo de noticiário. O autor caracteriza a existência de ciclos epidêmicos-midiáticos, ancorados em uma narrativa de risco, e chama atenção para a divergência entre critérios jornalísticos de noticiabilidade e critérios epidemiológicos na atribuição de relevância às questões da saúde.

Segundo Waisbord (2010), embora seja um assunto frequente na mídia, a saúde dificilmente ocupa lugar de destaque no noticiário, porque a informação que emana desse campo é considerada “fria” no jargão jornalístico, isto é, dotada de uma temporalidade menos precível, que não está atrelada à transformação acelerada dos acontecimentos usualmente classificados pelos jornalistas como “quentes”. No entanto, os ciclos epidêmicos-midiáticos constituem uma situação excepcional, na qual a saúde adquire prioridade na cobertura noticiosa. Esses ciclos são caracterizados por três fases: uma situação inicial de ausência ou baixa cobertura, uma etapa de alta prioridade na pauta jornalística e, posteriormente, a volta ao nível mínimo de cobertura.

Na análise do autor sobre as epidemias de dengue e gripe AH1N1 na América Latina, dois fatores sustentam o amplo espaço concedido por longo tempo aos temas na pauta jornalística. O primeiro fator é a narrativa de risco, que se ancora na escalada de casos e nas declarações de autoridades e especialistas. Neste sentido, Waisbord (2010) defende que a opção da mídia por um marco interpretativo que acentua os perigos dos eventos epidêmicos tem como base os posicionamentos desses outros atores. Essa narrativa de risco é acirrada pela tendência dos jornalistas de priorizar falas sucintas e contundentes, não dando espaço às incertezas científicas.

Em relação aos critérios de noticiabilidade, o autor destaca que o avanço rápido dos casos contempla o quesito da atualidade, o que não se observa, por exemplo, nas doenças crônicas, como hipertensão e diabetes. Além disso, a dengue e a gripe AH1N1 são doenças que transcendem divisões geográficas e sociais, adequando-se ao critério de noticiabilidade que valoriza a proximidade com as audiências prioritárias dos grandes meios de comunicação, ao contrário de agravos infecciosos que atingem populações vulneráveis, como tuberculose e malária. A cobertura também é facilitada pela proximidade geográfica dos eventos, exigindo menor investimento de recursos por parte das empresas jornalísticas.

O segundo fator que, na avaliação de Waisbord (2010), sustenta o destaque destas epidemias no noticiário é o seu transbordamento do campo da saúde para outros campos, em especial, o da política e a sua inscrição como “drama humano”. Segundo o autor, no auge dos ciclos epidêmicos-midiáticos, o peso do noticiário se divide entre o conflito político derivado do problema de saúde e as decisões do dia a dia das pessoas, sobre temas como viagens e

alimentação. Esse deslocamento da cobertura coloca em cena outros atores – como os políticos e os cidadãos comuns que vivem a experiência da epidemia – deixando em segundo plano os especialistas e as questões médicas e epidemiológicas, que antes estavam no centro da cena.

O fim do ciclo epidêmico-midiático se dá quando os fatores que mobilizam a cobertura deixam de existir, com a queda no número de casos e o fim do conflito político, o que faz com que as doenças deixem de ser notícia.

A divergência entre os critérios jornalísticos de importância das notícias e os parâmetros epidemiológicos é motivo de tensão entre o jornalismo e a ciência/saúde. De acordo com Waisbord (2010, p. 101, tradução nossa), “são duas formas de produzir e difundir conhecimento com padrões e práticas diferentes, guiados por diferentes fatores na decisão de dar valor à informação”. Esse cenário constitui também um desafio para a comunicação e saúde, uma vez que os critérios da imprensa contribuem para o apagamento de questões de saúde relevantes na agenda pública⁷.

Analisando a cobertura do Jornal Nacional, da TV Globo, nas epidemias de dengue que atingiram o Rio de Janeiro em 1986, 1998 e 2008, Cardoso, Vaz (2014) também discutem o papel da lógica do risco na cobertura jornalística das epidemias e a relação entre o jornalismo e os especialistas. Em diálogo com Rosenberg (1992), os autores consideram o drama epidêmico construído midiaticamente, através da narrativa jornalística, e investigam a etapa de “gerenciamento da arbitrariedade”, na qual são construídas as explicações para a crise. A análise aponta um ponto de inflexão na intensa cobertura de 2008, que, pela primeira vez, é baseada na lógica do risco e evidencia uma mudança no posicionamento discursivo do Jornal Nacional, atribuindo maior protagonismo ao próprio jornalismo diante do problema de saúde pública.

Em 1986, a chegada da dengue ao Brasil ocupou espaço pequeno no telejornal e foi guiada por uma “enunciação pedagógica, em aliança com médicos, autoridades sanitárias e poderes públicos” (CARDOSO; VAZ, 2014, p. 5). Entre outros fatores, a doença foi associada à pobreza, apontando-se as condições de vida da população, com destaque para a falta de saneamento básico. Em 1998, observa-se que a epidemia foi, mais uma vez, noticiada como um fenômeno em relação ao qual não cabia a busca de culpados. As explicações ficaram

⁷ Sem negar a alta noticiabilidade das epidemias, consideramos importante observar o espaço ocupado pelas doenças crônicas no noticiário contemporâneo. Analisando edições da revista ‘Veja’ de 1968 a 2014, Ferraz (2019) mostra que o tema saúde se tornou mais frequente nas capas da publicação ao longo do tempo, com predomínio das doenças crônicas. Simultaneamente, determinantes sociais dos agravos perderam espaço na cobertura, que passou a enfatizar aspectos individuais de risco e prevenção. Para o autor (2019), a vinculação à lógica do risco foi um fator importante para o aumento da noticiabilidade da saúde, abordada principalmente a partir das doenças e, mais especificamente, das doenças crônicas.

concentradas no esclarecimento da ocorrência de casos graves, que estão associados às reinfecções, e houve ênfase nas medidas adotadas para combater a disseminação da doença.

Já em 2008, a tônica da cobertura foi centrada na omissão dos agentes públicos, que não evitaram a ocorrência da epidemia. Pela primeira vez, a epidemia foi enquadrada como um evento previsível e evitável, sobressaindo a lógica do risco, que emerge na modernidade tardia, ancorada no conhecimento técnico-científico, na reflexividade e no aumento da liberdade de escolha e da responsabilidade individuais (GIDDENS, 1991; CARDOSO; VAZ, 2014). Deixando de fora as determinações sociais da doença, os governantes e parte da população foram culpados por não adotarem as medidas de prevenção adequadas.

Os autores apontam ainda uma mudança na forma como o telejornal mostra o sofrimento, com a nomeação das vítimas e sua apresentação como pessoas felizes que tiveram a vida interrompida pela doença. Além de favorecer a identificação da audiência com as vítimas, reforçando sua percepção de vulnerabilidade, essa abordagem indica uma concepção de justiça social que enfatiza o direito dos indivíduos a uma vida segura e prazerosa, que deve ser garantida pelo Estado. Em contrapartida, nas epidemias anteriores, as imagens e falas das vítimas, que apareciam, na maioria das vezes, sem a identificação pessoal, indicavam o pertencimento ao grupo social atingido pela doença, apontando para uma concepção de justiça social ligada às condições de vida, com ênfase na igualdade e liberdade. Embora em todos os casos a maior parte das vítimas fosse pobre, a pobreza deixa de ser percebida como uma das causas da doença, não é mostrada como um obstáculo à felicidade e não constitui motivo de indignação, que é dirigida aos governantes e indivíduos que não seguem as orientações sanitárias.

A cobertura da epidemia de 2008 marcou também uma mudança no posicionamento do Jornal Nacional em relação ao lugar da mídia diante da epidemia. O programa não precisou dos especialistas para afirmar que a epidemia era previsível e evitável. Falas das vítimas da doença e daqueles que buscaram defendê-las, como o Ministério Público e a própria imprensa, atestavam o reconhecimento da situação. Segundo os autores, as operações enunciativas do Jornal Nacional “afirmam não apenas o exercício da função informativa, mas reivindicam a legitimidade do telejornal e da própria mídia como lugar de pensar o justo” (VAZ; CARDOSO, 2014, p. 177).

Os autores destacam que o programa não se afastou dos especialistas. Pelo contrário, as reportagens apresentaram muitas informações passadas por cientistas e médicos, acompanhadas por animações e infográficos, que são um indício de valorização. No entanto, o tempo concedido às falas dos especialistas nas reportagens é curto e a maior parte do conteúdo está

incorporado na narração dos repórteres, que, dessa forma, incorporam também a credibilidade do campo da saúde. Além disso, a seleção e edição das entrevistas privilegia os enquadramentos do Jornal Nacional, concentrando-se nos temas da crítica aos governantes, da letalidade da doença em crianças e adolescentes e dos cuidados individuais. Em comparação com o debate que se expressa em publicações científicas, são excluídos aspectos que apontam causalidades estruturais da dengue, indicam a impossibilidade de erradicar o vetor da doença e de evitar completamente as mortes.

Para os autores, as mudanças identificadas na cobertura de 2008 se dão num contexto de esvaziamento da ação política, com frequente desqualificação do discurso político pelo Jornal Nacional. Na cobertura, observam-se a idealização do poder do Estado, que seria capaz de evitar todo o sofrimento, e a individualização dos sofrimentos das vítimas e das responsabilidades dos agentes estatais. Observa-se ainda a hipertrofia do julgamento midiático, uma vez que a mídia assume para si a responsabilidade de apontar os problemas e os culpados na epidemia.

Analisando o impacto desse cenário para a comunicação e saúde, os autores ponderam que a possibilidade de condenação retrospectiva pode ter um impacto importante na decisão dos gestores da saúde. Além disso, apontam as limitações do debate público pelo enquadramento priorizado pelo telejornal. “A supremacia do julgamento midiático sobre a epidemia de dengue de 2008, fazendo só parecer existirem cidadãos vulneráveis e o descaso do estado, reduziu assim o espaço para a discussão democrática sobre as alternativas de políticas públicas” (VAZ; CARDOSO, 2014, p. 179).

A partir do estudo sobre a cobertura realizada pelo jornal Folha de São Paulo durante o surto de febre amarela silvestre registrado entre dezembro de 2007 e fevereiro de 2008, três artigos de Malinverni e colaboradores discutem como a mídia produz sentidos sobre os problemas de saúde que divergem da visão dos especialistas (MALINVERNI; CUENCA; BRIGAGÃO, 2012; MALINVERNI, 2017; MALINVERNI; CUENCA, 2017). A investigação aponta que, com uma narrativa ancorada na lógica do risco, o jornal relativizou o discurso de autoridades de saúde e especialistas sobre o evento, produzindo uma “epidemia midiática” de febre amarela. As estratégias discursivas do jornal também deram à vacina o *status* de “poção mágica”, com graves consequências para o sistema de saúde e a população.

Enquanto autoridades e especialistas consideravam o surto dentro da normalidade dos ciclos da febre amarela silvestre, o jornal enquadró o evento como uma epidemia, utilizando principalmente três “estratégias discursivas epidêmicas”. Primeiro, o destaque para os números e o aumento progressivo dos casos, apontando para a “doença fora do controle”. Segundo, a

ênfase na letalidade e nos sintomas da infecção, caracterizando o “inimigo letal”. Terceiro, a ideia de “transmissão generalizada”, criada pela ausência de nomeação do ciclo silvestre, que restringia o âmbito de ocorrência do evento (MALINVERNI; CUENCA, 2017).

As estratégias discursivas do jornal conduziram à relativização da posição majoritária dos especialistas sobre a caracterização do surto e estimularam a desconfiança em relação à conduta das autoridades. Por exemplo, quando o ministro da Saúde, maior autoridade sanitária do país, negou a epidemia, o jornal apresentou esta fala justaposta ao número crescente de casos suspeitos da doença, que parecia confirmar o caráter epidêmico do agravo, produzindo, como efeito de sentido, a ideia de que o governo federal “recusava-se a aceitar um acontecimento que, discursivamente, parecia consumado” (MALINVERNI; CUENCA; BRIGAGÃO, 2012, p. 863). Em outra edição, o gênero entrevista, que confere maior destaque, foi utilizado para apresentar a opinião de um especialista que afirmava haver risco de uma epidemia iminente, enquanto as falas dos especialistas com visão oposta foram apresentadas dentro de um texto do gênero reportagem.

A análise indicou ainda a politização e o alto grau de subjetivação da cobertura. A maior parte dos textos publicados foi de natureza interpretativa. O número de editoriais, colunas, artigos de opinião e cartas superou o de reportagens e o de notícias. Entre os textos de opinião, a maior parte tinha viés político e apenas um era de autoria de um especialista em saúde. A cobertura também se deu majoritariamente nas editoriais ‘Brasil’ e ‘Opinião’, que costumam contemplar questões consideradas de interesse nacional, especialmente políticas e econômicas (MALINVERNI; CUENCA; BRIGAGÃO, 2012).

A investigação (MALINVERNI; CUENCA, 2017) aponta três dimensões que influenciaram no enquadramento da cobertura. Primeiro, o modo de produção da notícia, incluindo forças sócio-organizacionais – especialmente a precarização do trabalho nas redações e a falta de especialização dos jornalistas em saúde – e ideológicas – destacando-se a objetividade e o profissionalismo. Neste sentido, o noticiário seria resultado da atuação de profissionais pouco experientes e sobrecarregados, que julgavam retratar uma realidade potencialmente epidêmica e agiam considerando o “interesse público” e, ao mesmo tempo, buscando obter sucesso em suas carreiras. A segunda dimensão diz respeito ao modelo de negócios do sistema brasileiro de comunicação, majoritariamente privado e oligopolista, no qual os interesses dos grupos proprietários das mídias compõem a ideologia das organizações e influenciam as opções dos jornalistas. Nesta perspectiva, observa-se que a Folha de S. Paulo fazia oposição ao governo federal da época, comandando pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT). Por fim, a terceira dimensão diz respeito ao modelo

de comunicação do SUS, que carece de uma política articulada aos seus próprios princípios e, no contexto da epidemia midiática, reagiu de forma lenta, não sendo capaz de estabelecer um contrafluxo discursivo.

A cobertura enfatizou a vacina como solução para o combate à febre amarela, com alguns textos defendendo imunização ampla da população, contrariando orientação das autoridades sanitárias, que prescreviam a vacinação apenas em determinadas áreas, classificadas como endêmicas ou de transição. O resultado foi a sobrecarga do sistema de saúde, o prejuízo dos estoques globais do imunizante e casos graves de reação adversa, incluindo mortes. Segundo Malinverni, Cuenca (2017, p. 109), “a partir da cobertura jornalística, ela [a epidemia de febre amarela] se instalou no cotidiano como um fato social, impactando todo o sistema nacional de imunização e, sobretudo, expondo a riscos a população: quatro pessoas morreram por febre amarela vacinal”.

O cenário observado na cobertura de 2008 não se repetiu em 2017, quando um surto de febre amarela silvestre de proporções inéditas atingiu o Brasil, provocando um número de casos 17 vezes maior e alcançando áreas onde a doença não era registrada há décadas. Malinverni (2017) aponta que, na Folha de S. Paulo, o número de matérias publicadas foi 40% menor, os textos constantemente caracterizaram a doença como silvestre, a palavra ‘surto’ foi empregada em lugar de ‘epidemia’ e a vacina foi enquadrada de forma “cautelosa”, com informações sobre as populações-alvo e os riscos de efeitos adversos. O tema também não foi alvo da politização observada em 2008 e o discurso da autoridade sanitária foi valorizado como fonte de informação.

Comparando as duas coberturas, a autora considera que é possível que o enquadramento da febre amarela em 2017 tenha sido influenciado pelo aprendizado após as consequências negativas da epidemia midiática de 2008. Porém, é necessário observar também a diferença no contexto político dos dois eventos. Em 2017, o país era governado por Michel Temer, do então Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), que assumiu a presidência após o impeachment de Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT). A Folha de S. Paulo apoiara a destituição da petista e não fazia oposição a Temer. Por isso, Malinverni (2017, p. 8) questiona: “não sendo esse o quadro geral, restará sempre uma dúvida: se fosse a petista Dilma Rousseff e não o peemedebista Michel Temer a presidir o país, teríamos em 2017 uma febre amarela midiática?”.

A dinâmica entre a cobertura midiática e os pronunciamentos oficiais do Ministério da Saúde foi um dos focos do estudo de Aguiar e Araújo (2016) sobre a epidemia de Zika. Diferente da febre amarela e da dengue, a Zika era uma doença pouco conhecida antes do surto

registrado no Brasil em 2015, no qual a associação entre a infecção e a microcefalia foi identificada pela primeira vez. O estudo contemplou a análise dos anúncios oficiais do Ministério da Saúde e das capas de nove jornais impressos do país, nos meses de novembro e dezembro, quando o aumento dos casos de microcefalia passou a ser noticiado pela imprensa e a associação entre a malformação e a Zika foi reconhecida pelo Ministério da Saúde.

A pesquisa confirmou o destaque do tema no noticiário, especialmente nos jornais do Nordeste, região mais atingida pela epidemia, e nos veículos de maior circulação no país. Foi observado forte efeito de agendamento dos anúncios oficiais, com o noticiário frequentemente acompanhando publicações e pronunciamentos do Ministério da Saúde. Por exemplo, os picos da cobertura ocorreram nos dias em que a pasta anunciou a primeira evidência científica de associação entre o vírus Zika e a microcefalia e decretou emergência de saúde pública.

As autoras chamam atenção para a alta carga de incerteza sobre a doença, que altera rotinas e coloca desafios para cientistas e jornalistas. Enquanto a cobertura científica usualmente costuma se pautar em fontes únicas, acentuando a percepção dos resultados em lugar dos processos científicos e o imaginário da ciência como produtora de certezas, a epidemia de Zika amplia a presença do contraditório científico na mídia, com o acionamento de especialistas com diferentes pontos de vista nas reportagens.

Essa mudança pode ser relacionada ao que as autoras chamam de desestabilização das fronteiras entre campos, que é provocada pela epidemia de Zika (ARAÚJO; AGUIAR, 2017) – que, de certa forma, antecipa situações vistas com ainda mais intensidade na explosão de publicações em plataformas de pré-print durante a pandemia da covid-19. Com a divulgação imediata de resultados de pesquisas através de *press releases* e o aceleração do processo de publicação em revistas científicas (que passaram a publicar resultados apenas preliminarmente revisados), a produção científica do campo da saúde circulou para outros campos precocemente, sem passar pelo processo de revisão por pares, considerado um dos pilares do regime de verdade da saúde na sua interface com a ciência. Por isso, o contraditório científico, que geralmente ocorre no interior do campo da ciência, desenvolveu-se publicamente.

Embora se acentue na epidemia, as autoras ponderam que o fenômeno tem relação com outros processos em curso na sociedade, em especial, a midiaticização e a mudança no ecossistema da comunicação. De um lado, a adoção de um gênero midiático como o *press release* para a divulgação de resultados científicos evidencia e reforça a midiaticização das instituições da saúde. De outro, as mídias digitais possibilitam a circulação de sentidos de múltiplos interlocutores, o que reforça a cobrança da sociedade por transparência.

Aguiar e Araújo (2016) também observam que, enquanto as vozes das autoridades e dos especialistas se destacam nas reportagens, a presença das vozes das pessoas afetadas pela doença na cobertura é reduzida. No período analisado, mesmo a prática comum da imprensa de convocar “personagens” para exemplificar suas afirmações é pouco frequente nos jornais. Para as autoras, esta situação pode ser motivada pela alta incerteza sobre a doença ou pela desqualificação das vozes populares, uma vez que a microcefalia causada pela Zika atingiu, sobretudo, mulheres pobres do Nordeste.

Analisando a cobertura da epidemia de Zika no programa Fantástico, da TV Globo, Ferreira (2019) também observa o apagamento das vítimas da doença. No programa, a ciência e as suas descobertas foram o tema central de quase metade das reportagens analisadas. As mulheres grávidas apareceram como personagens nas reportagens, mas frequentemente com pouco tempo de fala. Além disso, apesar de a epidemia ter começado no Nordeste e afetado principalmente mulheres pobres da região, a cobertura do programa foi quase inteiramente protagonizada por mulheres da classe média, brancas e moradoras do Sudeste do país.

Ampliando a análise para o período de novembro de 2015 a agosto de 2016, Araújo e Aguiar (2017) mostram a dissociação entre a curva epidemiológica da epidemia de Zika e microcefalia e a evolução do noticiário. Os números de casos são crescentes no período, mas a cobertura não acompanha esse movimento. Dois picos, com maior volume de notícias nas capas dos jornais, são observados no período de novembro a fevereiro. A partir de março, a epidemia perde destaque na imprensa.

As autoras apontam fatores que atuam como amplificadores ou limitadores da circulação noticiosa sobre a Zika. De um lado, como amplificadores, são citados: a produção simbólica intensa e rápida do campo da saúde, que escoou de forma veloz para a mídia através dos *press releases* e regularmente por meio dos boletins epidemiológicos; as incertezas científicas, que motivaram debates e disputas dentro e fora do campo científico; o sofrimento das vítimas, que despertou empatia e medo; a semelhança com a dengue, que ativou redes de memórias coletivas; gafes e polêmicas, especialmente envolvendo autoridades e questões sexuais e reprodutivas; e os boatos, que motivaram respostas e polêmicas. As autoras ressaltam ainda o deslocamento do tema do campo da saúde para outros campos, como a política e a religião, como um fator importante para a longevidade e a intensidade do noticiário sobre a Zika.

Entre os limitadores da cobertura, Araújo e Aguiar (2017) apontam a desigualdade, que se exprime na condição socioeconômica das vítimas da doença. Já a territorialidade pode ser fator de contenção ou de ampliação do noticiário, contribuindo para menor circulação de

informações quando o evento está centrado no Nordeste e para maior circulação quando adquire caráter internacional. Outros limitadores têm relação com dinâmicas do jornalismo. Por exemplo, no período de fim de ano, o noticiário foi reduzido, o que pode refletir regimes de férias na imprensa e na comunicação governamental, com menor número de anúncios oficiais. Já a partir de março, a queda na cobertura coincide com o crescimento da pauta política na imprensa, puxada pelo tema do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff.

A dissociação entre o cenário epidemiológico e a cobertura jornalística também foi observada durante a pandemia da covid-19 – nos jornais ‘Folha de São Paulo’, por Ferraz (2020), e ‘O Globo’, por Lerner et al. (2021b). Considerando os primeiros meses de 2020, os estudos mostram que, nos dois veículos, a cobertura se intensificou no começo de março, quando a OMS declarou a pandemia, menos de duas semanas após os primeiros registros da doença no Brasil. No entanto, em maio, enquanto os casos ainda escalavam no país, o noticiário arrefeceu. Lerner et al. (2021b, p. 229) destacam “a normalização de mortes e a saturação do estatuto extraordinário do início: jornalisticamente, 10 mil mortes, noticiadas numa capa toda dedicada a nomear as vítimas (10.05), tiveram mais valor do que 50 mil (21.06)”. Ferraz (2020) também aponta para a saturação informativa e acrescenta o crescimento do noticiário sobre a crise política no período, que toma espaço da cobertura da covid-19.

2.2.2 A produção das notícias

A configuração das notícias, da seleção dos acontecimentos que serão noticiados à sua construção narrativa, se relaciona com a configuração do próprio jornalismo. Gomes (2011) aponta que, nas sociedades ocidentais contemporâneas, o jornalismo é reconhecido por seu papel na esfera pública, que está ligado a concepções sobre democracia liberal, liberdade de expressão e compromisso com o interesse público. Essas concepções colocam no horizonte das notícias os ideais de objetividade e imparcialidade, que fazem parte da forma como o jornalismo é socialmente aceito.

Traquina (2005) ressalta que as notícias são uma construção, um relato altamente selecionado da realidade e uma narrativa, ou seja, uma forma específica de contar uma história. Adotado por diferentes autores, esse ponto de vista construcionista não nega o vínculo da notícia com a realidade, mas chama atenção para o fato de que esta não é um espelho do real. “Dizer que uma notícia é uma ‘estória’ não é de modo algum rebaixar a notícia, nem acusá-la de ser fictícia. Melhor, alerta-nos para o fato de a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída, possuidora de validade interna.” (TUCHMAN apud TRAQUINA, 2005, p. 19).

Além de uma seleção de acontecimentos, as notícias trazem um enquadramento. Na definição de Goffman (1975, apud TRAQUINA, 2002, p. 47), o enquadramento é dado pelos “princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjectivo neles”. Ao seleccionar as notícias, o jornalismo pode dar projecção a determinados tópicos e, pelo seu enquadramento, pode influenciar também o debate público sobre esses tópicos, conforme aponta a teoria do agendamento (TRAQUINA, 2002, 2005).

Como género discursivo, as notícias são um tipo de enunciado relativamente estável. Para Traquina (2005), diversos fatores influenciam as notícias, incluindo forças do mercado e constrangimentos organizacionais, mas os jornalistas possuem relativa autonomia na sua produção e não é possível compreender as notícias sem compreender a cultura jornalística. O autor adota o conceito de campo, de Pierre Bourdieu, como um espaço estruturado de relações sociais, relativamente autónomo. Nesta perspectiva, os jornalistas são os agentes especializados do campo jornalístico, que reivindicam o monopólio do saber sobre o que são as notícias e como produzi-las.

A formação do campo jornalístico é identificada no século XIX. Segundo Traquina (2002, 2005), o processo está associado ao desenvolvimento do capitalismo, industrialização, urbanização, massificação da educação e progresso tecnológico. Com a expansão da imprensa, emergindo como primeiro meio de comunicação de massa, “as notícias tornaram-se simultaneamente uma mercadoria e um serviço; o jornalismo tornou-se um negócio e um elo vital na teoria democrática; e os jornalistas ficaram empenhados num processo de profissionalização que procurava maior autonomia e estatuto social” (TRAQUINA, 2002, p. 49).

Embora não tenham alcançado o mesmo *status* de profissões liberais, como médicos e advogados, os jornalistas forjaram uma identidade profissional, identificada com seu papel social e ancorada em crenças, mitos, valores, símbolos e representações. Como Zelizer (1993), Traquina (2005) considera que os jornalistas formam uma comunidade interpretativa, ou seja, um grupo unido por interpretações partilhadas da realidade, que o autor chama também de “tribo jornalística”.

Os jornalistas lutaram para ganhar um estatuto social comparado ao das profissões liberais e, nos mais de 150 anos de luta (ainda em continuação) constituíram-se uma ‘comunidade interpretativa’ em que os novos ‘agentes especializados’ encontram uma legitimidade social num processo circular entre os jornalistas e a sociedade, na aura da teoria democrática. (TRAQUINA, 2005, p. 36–37)

Os membros da “tribo jornalística” partilham formas específicas de ser/estar, agir, falar e ver o mundo – assim como uma percepção sobre sua responsabilidade social, ligada ao papel

do jornalismo na teoria democrática – que ajudam a explicar a configuração das notícias. Na mitologia jornalística, os jornalistas se veem como servidores do público; “cães de guarda” que protegem os cidadãos dos abusos do poder e integrantes do “quarto poder”, ao qual cabe vigiar os demais poderes do Estado. Como heróis do sistema democrático, têm a missão de informar, com valores de verdade e independência. A dinâmica da concorrência também ocupa um espaço importante na cultura profissional do jornalismo, com o valor atribuído aquele que divulga a informação primeiro. A legitimidade social do jornalismo está ligada aos valores que se expressam na mitologia jornalística.

A cultura jornalística se traduz em valores-notícia, critérios que são rotineiramente considerados pelos jornalistas na avaliação da noticiabilidade dos acontecimentos. Na classificação de Traquina (2005), os valores-notícia de seleção podem ser substantivos, ligados à natureza do acontecimento, e contextuais, ligados à produção da notícia. Entre os valores substantivos, estão morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, conflito ou controvérsia, infração e escândalo. Na lista de valores contextuais, são citados disponibilidade, equilíbrio, visualidade, concorrência e dia noticioso. Também há valores notícia de construção, que orientam a forma narrativa do acontecimento, por exemplo, o que será destacado ou suprimido. Neste grupo, estão contempladas simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização, consonância.

Sem ter como objetivo nos debruçar sobre os valores listados, consideramos relevante observar que, embora não sejam explicitamente estabelecidos, os valores-notícia ou critérios de noticiabilidade apresentam semelhanças em diferentes períodos históricos e em diferentes países. Isso faz com que, muitas vezes, os noticiários de diversos veículos apresentem alto grau de semelhança. Por outro lado, é necessário considerar que os valores-notícia não são imutáveis, nem igualmente aplicados. As variações que se observam ao longo do tempo e em distintas localidades, assim como entre os veículos, se relacionam com as características de cada sociedade e com as políticas editoriais das empresas jornalísticas (TRAQUINA, 2005).

A necessidade de observar as particularidades do jornalismo brasileiro é destacada por Gomes (2011) e por Albuquerque (2008, 2009). Considerando que o modelo norte-americano de jornalismo, supostamente adotado no Brasil, está na origem de muitas concepções sobre a instituição social do jornalismo, Gomes (2011, p. 22) pondera que é necessário questionar de que forma a conjunção entre jornalismo, sociedade e cultura “interage com e reconfigura certos valores jornalísticos tomados como universais: interesse público, objetividade, atualidade, credibilidade, independência, legitimidade”.

Albuquerque (2008, 2009) defende que o modelo norte-americano de jornalismo “independente” não foi adotado, mas reapropriado no Brasil. O autor discute especialmente o papel político da imprensa e sua atuação como “quarto poder”. Em linhas gerais, ele afirma que o conceito de “quarto poder” é reinterpretado no Brasil como um “poder moderador”. Segundo ele, nos Estados Unidos, a atuação da imprensa como “quarto poder” se assenta numa cultura individualista, que sustenta as instituições políticas do país. Num ambiente de valores consensualmente aceitos pela sociedade e de um sistema democrático percebido como sólido, o papel da imprensa como “quarto poder” consiste na divulgação das questões políticas para a sociedade, a partir do compromisso com a objetividade e com a defesa do cidadão contra instituições poderosas, em especial o Estado. Essa definição de “quarto poder” é associada à tradição liberal britânica, na qual a imprensa se tornou conhecida como “*fourth state*”. Ainda no modelo americano, a imprensa tem o compromisso com o funcionamento do sistema de divisão de poderes. Atuando como “*fourth branch*”, a imprensa desempenha um papel de mediação principalmente entre Executivo e Legislativo, que são interdependentes dentro do sistema de “*checks and balances*”.

Em contrapartida, os princípios e instituições individualistas não ocupam o mesmo lugar na cultura brasileira, onde coexistem com outros princípios, chamados “holísticos” e “hierárquicos”. Um exemplo é a associação entre o princípio da “democracia” e o valor da “ordem pública”, que permite o sacrifício de direitos individuais em nome da preservação do sistema político, de interesse coletivo. Segundo Albuquerque (2008, p. 42), considerando as divergências sobre valores na sociedade e a instabilidade do sistema democrático, a imprensa brasileira estabelece seu compromisso político mais no sentido de “construir um consenso em torno de verdades” do que na defesa da objetividade e considerando a responsabilidade de “preservar as condições que permitem às regras do jogo vigorar, mesmo que ao preço do descumprimento de algumas (ou de várias) regras fundamentais” do jornalismo “independente”. Como exemplo, o autor cita que o princípio de exposição dos “dois lados da questão” em temas polêmicos é central para o jornalismo americano, mas frequentemente ignorado no Brasil. Desta forma, o papel político ativo da imprensa brasileira pode ser mais bem explicado pelo modelo do “poder moderador”, na medida em que esta reivindica “o papel de árbitro transcendente dos conflitos políticos e intérprete por excelência dos interesses nacionais” (ALBUQUERQUE, 2009, p. 11).

Para discutir o jornalismo, consideramos relevante ainda a perspectiva do jornalismo como sistema perito, apresentada por Miguel (1999). O autor parte do conceito de “modernização reflexiva” de Giddens (1991), que chama atenção para a reflexividade da vida

social moderna, na qual as práticas são constantemente examinadas e reformadas à luz do conhecimento. O desencaixe das relações sociais é uma das marcas desse período, pois, em grande medida, as relações sociais deixam de ocorrer em contextos locais, face a face, e são reestruturadas de diferentes formas no tempo e no espaço. Os sistemas peritos são um dos principais mecanismos de desencaixe das relações sociais na “modernização reflexiva”. De acordo com Giddens (1991 apud MIGUEL 1999, p. 198), os sistemas peritos são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos”. Sua operação é marcada por elevada autonomia e pela crença na sua competência especializada, uma vez que o usuário tem poucas condições de influenciar o sistema perito e não dispõe de conhecimento suficiente para o julgamento técnico sobre a sua adequação.

Para Miguel (1999), o jornalismo pode ser visto como sistema perito, como um meta-sistema perito e como um operador da reflexividade. As sociedades modernas dependem do jornalismo como sistema especializado para levar aos indivíduos informações que não estão acessíveis em sua vida cotidiana e podem ser necessárias para a vida social. Como sistema perito, o jornalismo é dotado de práticas e de produtos finais para produção e veiculação de notícias. Os recursos disponíveis para avaliar as informações jornalísticas são escassos. Os usuários devem confiar na veracidade e nos critérios de seleção e hierarquização das notícias.

A confiança nos sistemas peritos é, em grande medida, baseada na experiência dos indivíduos e das sociedades sobre o seu funcionamento. Para além disso, a existência de instâncias reguladoras, chamadas de meta-sistemas perito, sustenta a crença na sua operação. Como espaço de legitimação ou deslegitimação de outros sistemas peritos, o jornalismo se constitui como um meta-sistema perito.

Em relação ao jornalismo, não há uma instância externa de regulação. Segundo o autor, a concorrência entre os veículos de imprensa costuma ser apontada como o meta-sistema perito do jornalismo, uma vez que os veículos concorrentes seriam capazes de apontar as falhas uns dos outros. No entanto, Miguel (1999, p. 203) ressalta que a concorrência é um meta-sistema perito imperfeito:

Ela o faz em alguma medida, como mostram a busca pelo furo de reportagem, a denúncia das ‘barrigas’ alheias ou mesmo o intento de oferecer a cobertura mais completa. Mas, se no varejo a concorrência pode promover pequenas diferenciações, no atacado permanece a pressão uniformizante provocada pela maneira de ver o mundo compartilhada pelos jornalistas, pelo interesse de classe dos proprietários e pela influência dos anunciantes.

Nesse cenário, o baixo pluralismo pode ser considerado um dos principais problemas da mídia empresarial. Como voz autorizada a dizer o mundo nas sociedades capitalistas

contemporâneas, o jornalismo dissemina discursos que transitam socialmente como universais. O silenciamento de vozes, principalmente dos grupos sociais subalternos, tem consequências importantes no debate político (MIGUEL, 2022).

O jornalismo exerce ainda um papel estratégico nas sociedades contemporâneas como operador da reflexividade. Os meios de comunicação massificam o conhecimento científico, facilitando sua incidência sobre a realidade e como instrumento de reflexão sobre as práticas sociais, participando assim diretamente do processo da “modernização reflexiva”.

Nos últimos anos, as mudanças no ecossistema da comunicação e um contexto de crise que alcança a democracia, as instituições epistêmicas e a verdade têm colocado questões importantes em relação ao jornalismo. Nesse cenário, nos debruçamos sobre as reflexões de Waisbord (2018), que tomam como ponto de partida o fenômeno das *fake news*. Literalmente traduzido como notícias falsas, o termo *fake news* se popularizou principalmente a partir de 2016, após a eleição de Donald Trump, nos Estados Unidos. Diferentes autores apontam falta de clareza na definição de *fake news* (GELFERT, 2018; WAISBORD, 2018; D’ANDRÉA; HENN, 2021). Entre outros usos correntes, a expressão refere-se a conteúdos que imitam o formato de notícias com o intuito deliberado de desinformar, assim como para fins humorísticos. Ao mesmo tempo, é aplicada por políticos, principalmente da extrema direita, para desacreditar conteúdos críticos produzidos pela imprensa. A expressão é com frequência acompanhada por outra: “pós-verdade”, verbete escolhido como palavra do ano pelo dicionário Oxford em 2016, indicando “circunstâncias em que os fatos objetivos têm menos influência sobre a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais” (OXFORD LANGUAGES, 2016). Também em relação à pós-verdade, não há consenso estabelecido. Alguns autores consideram correta a asserção de que vivemos uma era de mudança do regime de verdade, que pode ser caracterizada como pós-verdade (WAISBORD, 2018, 2022), enquanto outros avaliam que essa definição amplia o alcance das discordâncias presentes na sociedade (SHAPIN, 2020).

Waisbord (2018) defende que as *fake news* colocam em evidência o caráter disputado das notícias e o processo de formação de crenças nas sociedades contemporâneas. Segundo o autor, mentiras e distorções sempre existiram, tanto na comunicação interpessoal como na comunicação pública, mas o cenário atual se diferencia pela velocidade e pelo volume de circulação de informações falsas nas grandes plataformas de redes sociais. Neste sentido, as *fake news* expressam mudanças radicais no ambiente comunicacional, que fazem com que a dinâmica da notícia e da informação não seja mais controlada pelo jornalismo.

Embora a verdade do jornalismo sempre tenha sido alvo de questionamentos éticos e filosóficos, Waisbord (2018) considera que a pós-verdade representa uma ruptura ao colocar em questão o projeto moderno que promovia o conhecimento científico como único legítimo. Também neste sentido, as mudanças na estrutura da comunicação são um fator importante, por facilitar o surgimento de uma “democracia epistêmica” e tornar visíveis velhas e novas posições contraepistêmicas, que desafiam o paradigma científico.

O autor reconhece que a livre circulação de informações não é o único fator responsável pela disseminação de argumentos anticientíficos, apontando a atuação dos chamados “mercadores da dúvida”⁸: agentes econômicos e políticos poderosos que têm interesse em negar consensos da ciência. Ainda assim, avalia que a ausência de uma epistemologia comum faz com que existam formas de dizer a verdade ancoradas em diferentes premissas. Esse cenário evidencia limitações do modelo adotado pelo jornalismo profissional, que ambiciona o papel de árbitro da verdade, reivindicando “o manto do realismo científico para fundamentar sua forma de dizer a verdade – enfocando fatos, utilizando métodos quase científicos e colocando entre parênteses a ideologia e a subjetividade” (WAISBORD, 2018, p. 1870, tradução nossa).

Apesar da crise epistemológica, Waisbord (2018) aponta que os princípios ontológicos do jornalismo não mudaram. Com a emergência das *fake news*, a imprensa tem enfatizado sua defesa do relato “verdadeiro” da realidade feito pelo jornalismo profissional. No entanto, para o autor, o fenômeno revela que notícias e verdade não podem ser simplesmente determinadas pelos jornalistas ou por especialistas, pois dependem de processos sociais de verificação e validação. Ele ressalta que esta alegação não implica dizer que indivíduos ou comunidades não acreditam na existência da verdade ou nas notícias. Porém, aponta para a desestabilização das formas de dizer a verdade, o que pode tornar os argumentos jornalísticos em defesa da verdade baseada nos fatos e na razão questionáveis ou irrelevantes.

As notícias falsas são um poderoso lembrete de que o que conta como notícia e conhecimento é constantemente contestado. Pode-se legitimamente argumentar que sempre foi assim – que os públicos nem sempre marcharam em sincronia com as avaliações da verdade do jornalismo. Mas agora essa lacuna é claramente evidente – tudo o que o jornalismo defende e afirma relatar está em disputa. (WAISBORD, 2018, p. 1873, tradução nossa)

Miguel (2022) observa que o termo “pós-verdade” permanece sob disputa, com divergências sobre o alcance da ruptura epistemológica e a constatação de que fenômenos atribuídos à mudança no regime de verdade já existiam no passado, como o uso da mentira para

⁸ A expressão se popularizou a partir do trabalho de (ORESQUES; CONWAY, 2010), que mostrou como a indústria do petróleo atuou para alimentar as dúvidas sobre o aquecimento global, seguindo um modelo desenvolvido pela indústria do tabaco para desacreditar a associação entre o fumo e o câncer.

fins políticos (atualmente associado às *fake news*). No entanto, também avalia que não é possível negar o mal-estar informacional, que se mostra, por exemplo, no aumento da desconfiança em relação a fontes de informação anteriormente consideradas legítimas (como o jornalismo e a ciência).

Para o autor, a reconfiguração do ambiente comunicacional produzida pelo avanço da internet ameaça a atuação do jornalismo como sistema perito autorizado a expor o mundo, capaz de organizar percepções e orientando ações dos agentes. Com a emergência das novas mídias digitais, os veículos de comunicação de massa não se tornam irrelevantes, mas perdem a centralidade na produção de informações e no agendamento do debate público. Em uma relação dinâmica, a imprensa pauta as redes e se alimenta delas. Os atores nas redes comunicam-se diretamente com o público, mas, muitas vezes, buscam também atingir a grande mídia para ampliar o alcance de seus discursos.

Dois aspectos do impacto das novas tecnologias da comunicação sobre o jornalismo são destacados. De um lado, o aumento da concorrência pela atenção do público e pelo financiamento, que atinge o modelo de negócio da imprensa tradicional. De outro, a erosão de critérios de verdade, que mina a legitimidade social do jornalismo.

Numa situação em que todos os relatos são igualados como “narrativas” incapazes de embasamento seguro num mundo real, objetivo e compartilhado, a informação produzida por uma redação de repórteres experientes guarda, por definição, tanto valor de verdade quanto aquela disseminada por outro sujeito qualquer. O mesmo vale, aliás, para as vozes das autoridades, tanto funcionários públicos quanto sábios, nas quais o jornalismo com frequência sustentava seus relatos, servindo de intermediário entre elas e os cidadãos comuns”. (MIGUEL, 2022, p. 205)

Para o autor, no cenário que tem sido caracterizado como “pós-verdade”, nega-se o reconhecimento do capital cultural, com a recusa a reivindicações de autoridade baseadas em competências diferenciais dos agentes, o que atinge não apenas o jornalismo, mas também a ciência. Mobilizada principalmente pela extrema direita, essa recusa é sustentada a partir da defesa de um relativismo radicalizado, da valorização da experiência pessoal e do democratismo (perspectiva que iguala opiniões de leigos e especialistas). O jornalismo é atacado ainda pelo “complotismo”, com a acusação de manipulação das informações como parte de um complô na defesa de interesses ocultos.

Na comparação com sistemas peritos “típicos”, o jornalismo tem particularidades que acentuam a crise de legitimidade. Em especial, Miguel (2022, p. 208) destaca que o funcionamento do jornalismo como sistema perito “repousa necessariamente na confiança depositada pelos usuários”. Enquanto a experiência permite frequentemente aos usuários

ratificar sua confiança em outros sistemas, apenas raramente a audiência têm a possibilidade de comprovar diretamente os fatos divulgados pela imprensa. Dessa forma, é difícil responder ao ceticismo. A confiança é o fator fundamental para que o jornalismo seja capaz de promover efeitos de agendamento e enquadramento do debate público.

Assim como Waisbord (2018), Miguel (2022) observa que a imprensa tem enfrentado esse cenário reforçando o discurso sobre os valores do jornalismo profissional. Enquanto ressaltam a importância de os cidadãos buscarem informações fidedignas para orientar suas ações, os veículos investem em agências de checagem de fatos como uma resposta à disseminação de conteúdos classificados como *fake news*. No entanto, segundo o autor, estas estratégias dificilmente serão suficientes para reverter a crise de legitimidade, pois os princípios do jornalismo, que já eram alvo de críticas pela pretensão de objetividade e universalidade, encontram-se sob ataque das novas epistemologias e a contestação aos veículos de imprensa pode facilmente ser estendida às agências de checagem.

Na avaliação de Miguel (2022, p. 210), as questões vinculadas “à erosão dos critérios compartilhados de validação de discursos e à dificuldade de estabelecer um chão comum para o debate público” se somam aos problemas tradicionalmente identificados no jornalismo, como a baixa pluralidade e a vulnerabilidade ao poder econômico, tornando ainda mais difícil o exercício de suas funções na democracia. Para superar esse quadro, o autor defende que é necessário desenvolver novas estratégias que ampliem a pluralidade e a participação na produção das notícias.

2.2.3 As notícias na televisão

Os programas telejornalísticos podem ser considerados um gênero midiático, fruto da prática discursiva do telejornalismo. Entendemos o telejornalismo como uma construção social, que se constitui a partir de condições econômicas, culturais, sociais e tecnológicas. No cruzamento de duas instituições – o jornalismo e a televisão – o telejornalismo pode ser considerado como uma instituição social, desempenhando um papel na organização da sociedade, e como uma forma cultural, que caracteriza uma maneira específica de lidar com as notícias na televisão (GOMES, 2011a; CARDOSO, 2012).

Os discursos da televisão participam da configuração da notícia no telejornalismo. De acordo com Williams (2016), a televisão é uma tecnologia e uma forma cultural. Nos programas televisivos, formas culturais preexistentes são adaptadas e novas formas culturais são criadas. As notícias são uma forma cultural preexistente, que sofre transformações importantes na televisão.

Williams (2016) chama atenção para quatro aspectos das notícias televisivas: sequência, prioridades, apresentação e visualização. Em oposição ao mosaico do jornal impresso, as notícias televisivas são apresentadas em uma sequência linear. Essa característica reforça a ordem de prioridades estabelecida, pois o espectador não dispõe da liberdade do leitor para se mover entre as notícias no momento de sua exibição⁹. A presença visual de um apresentador familiar, assim como dos repórteres, é outra marca da televisão. As marcas pessoais da apresentação podem ser enfatizadas ou limitadas, mas sempre afetam a situação de comunicação. Pela visualização, o telejornalismo dá a sensação de que o espectador vê os acontecimentos por si mesmo, porém a câmera posiciona o espectador e compõe a notícia.

Weaver (1993, apud Gomes, 2011, p. 25) aponta que as notícias televisivas se diferenciam daquelas dos veículos impressos pela “estrutura, voz e conteúdo”. Em relação à estrutura, a televisão é organizada no tempo enquanto os veículos impressos são organizados no espaço. Em relação à voz, a televisão é caracterizada pela presença de um narrador pessoal contra um narrador impessoal no impresso. Em relação ao conteúdo, a combinação de imagem e som leva à valorização do espetáculo na televisão.

Jensen (1986, apud Gomes 2011, p. 27) destaca ainda a presença de duas narrativas na notícia televisiva: uma visual e outra verbal, o que amplia o leque de interpretações possíveis. O autor é mais um que chama atenção para o fato de que as imagens reforçam a percepção de objetividade e imparcialidade, contribuindo para a credibilidade do telejornalismo, assim como atuam para atrair e prender o espectador. Sobre este tema, Becker (BECKER, 2020, p. 24) afirma: “as narrativas audiovisuais jornalísticas podem promover ilusórias sensações ao espectador de ser testemunha da história, pois as representações estruturam o olhar e naturalizam modos de ver, sentir e agir na vida social”.

No Brasil, a televisão e o telejornalismo têm mais de 70 anos de história. Segundo Barbosa (2010), a formação do imaginário sobre este meio de comunicação começou antes mesmo da sua chegada ao país, a partir da publicidade sobre o dispositivo veiculada na época.

Tecnologia que insere, definitivamente, o país na modernidade; possibilidade decorrente da capacidade inventiva do homem; ampliação da reprodução sobre a forma de verdade das imagens do mundo; meio mais completo do que a radiotelegrafia, que permitiu a eclosão das ondas sonoras nos espaços domésticos: essas são algumas das formas com que se caracteriza o novo meio. (BARBOSA, 2010, p. 16)

⁹ Cabe observar que atualmente os telejornais são apresentados não apenas na televisão, mas também em plataformas digitais, nas quais o espectador tem maior autonomia para navegar entre as notícias. Recursos anteriores também expandiram a autonomia do espectador, como o controle remoto, que facilitou a alternância entre canais, e o vídeo cassete, que trouxe a possibilidade de gravar programas televisivos para assistir posteriormente, selecionando os trechos desejados.

A primeira emissora do Brasil foi inaugurada em 1950, por Assis Chateaubriand. Dois dias após a inauguração, a TV Tupi apresentou um programa jornalístico, chamado ‘Imagens do Dia’. Durante os anos 1950, o alcance social da televisão foi limitado, entre outros fatores, pelo alto custo dos aparelhos. A programação do período se desenvolveu pela adaptação dos programas de rádio e peças de teatro para o novo veículo (RIBEIRO; SACRAMENTO; ROXO, 2010). Em 1953, na TV Tupi, estreou o “Repórter Esso”, programa jornalístico que levou o prestígio conquistado no rádio para a televisão. O programa chegou a ter edições em nove emissoras do país, ligadas à Rede Tupi, destacando-se pela pontualidade e por incorporar inovações, como a presença de repórteres no vídeo e o uso do videotape (TEMER, 2020).

Expandido seu alcance durante os anos 1960 e 1970, a televisão se consolidou como o principal meio de comunicação de massa do Brasil. Na vigência da Ditadura Militar, a programação televisiva era alvo da censura, e a formação de redes de transmissão inseriu-se no projeto de integração nacional do regime autoritário, sendo possibilitada pela infraestrutura instalada pela Embratel. Inaugurada em 1965, por Roberto Marinho, a TV Globo se tornou rapidamente a emissora hegemônica no país. O Jornal Nacional, exibido pela emissora, foi o primeiro programa televisivo transmitido em rede no Brasil (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010). Segundo Goulart e Sacramento (2010, p. 115), o programa tinha algumas características que o diferenciavam dos telejornais anteriores:

O telejornal adotava um conceito de jornalismo diferente. Era produzido para a família brasileira, reunida no ambiente doméstico, e usava uma linguagem mais direta e coloquial, bastante distante do modelo radiofônico dos primeiros programas, caracterizada por uma locução grave e em tom sério.

Nos anos 1980, com o afrouxamento da censura e, posteriormente, com a redemocratização do país, programas populares voltaram com mais força às grades de programação, incluindo atrações como ‘Aqui e Agora’, da TV Tupi (1979-1980), e ‘O povo na TV’, do SBT (1981-1984). Mistura de programa de auditório e o jornalismo, as duas atrações valorizavam o formato ao vivo, destacavam a exposição de dramas individuais, problemas com serviços públicos e histórias policiais (MIRA, 2010). Já nos anos 1990, o telejornalismo popular chamado de “policialesco” e “sensacionalista” ganhou destaque com a estreia do ‘Aqui e Agora’, no SBT. Desta vez, a atração foi apresentada como um programa puramente jornalístico, mantendo o destaque para o conteúdo ao vivo e o foco na cobertura policial. Exibido de 1991 a 1997, o noticiário serviu de inspiração para programas que continuam no ar – tais como ‘Cidade Alerta’, da Record TV (no ar desde 1995) e ‘Brasil Urgente’, da TV Bandeirantes (no ar desde 2001) (ROXO, 2010; SOUZA, 2020).

Os anos 1990 foram marcados pela chegada da TV a cabo no país, assim como pela popularização do vídeo cassete e do vídeo game. Sem perder a liderança entre as emissoras abertas, a Rede Globo registrou queda nos índices de audiência neste novo cenário midiático, principalmente entre as parcelas da população com maior renda, que tinham acesso à televisão por assinatura (BRITTOS; SIMÕES, 2010). A TV a cabo introduziu a experiência dos canais de notícias 24 horas no país. No ambiente de concorrência, os telejornais se consagraram como produtos estratégicos para as emissoras e os âncoras passaram a ser cada vez mais valorizados. “Os âncoras foram hipervalorizados porque sua figura se confunde com o próprio perfil do telejornal, e todas as emissoras passaram a reconhecer sua importância, disputando os melhores profissionais do mercado” (BECKER, 2010, p. 254). Ainda em relação à concorrência, a TV Record, fundada em 1953, se estruturou como rede nacional, em 1990, com a passagem do controle da emissora da família Machado de Carvalho para o bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus. Assim, a emissora passou a disputar, com o SBT, o segundo lugar na audiência.

A partir dos anos 2000, a televisão sofreu transformações importantes à medida que a mídia de massa globalizada se fundiu com a comunicação mediada por computadores. O processo de digitalização, iniciado ainda na década de 1990, se consolidou com a estreia da TV digital no Brasil, em 2007. Além de permitir transmissões em alta definição (HDTV), a digitalização foi a base da convergência de diferentes mídias e dispositivos. Com o avanço da internet, serviço que passou a ser oferecido comercialmente no Brasil em 1995, a televisão se expandiu para as telas de computadores e celulares. Além do conteúdo “televisivo”, as emissoras passaram a produzir materiais exclusivos para sites e redes sociais, que se constituíram como canais de interação com o público. A programação televisiva também passou a se alimentar de conteúdos originados na internet. Enquanto isso, os aparelhos de televisão se tornaram um meio de acesso à rede, com os aparelhos conectados, chamados de *smart TVs* (FECHINE; FIGUEIRÔA, 2010; BECKER, 2020). De acordo com Becker (BECKER, 2020, p. 23), “observa-se a coexistência do modelo analógico de *broadcast* com a televisão não linear inserida na cultura digital”.

A transformação de algumas características centrais da televisão ao longo do tempo vem sendo destacada. Na década de 1970, Umberto Eco identificou a passagem da paleotelevisão à neotelevisão, com o meio deixando de ser um “veículo de fatos” e se tornando um “aparato para a produção dos fatos” (ECO, 1984, apud FRANÇA, 2012a, p. 332). Na relação com o espectador, o contrato pelo qual a televisão buscava ser uma janela da província para o mundo, estabelecendo um vínculo hierárquico e pedagógico com a audiência, se transforma em uma

relação de contato, na qual a televisão enfatiza sua proximidade com o espectador e fala de si mesma. Já nos anos 2000, Jean-Louis Missika propôs a emergência da pós-televisão, aprofundando a tendência de proximidade, colocando em destaque as experiências individuais das pessoas comuns em lugar das opiniões dos especialistas e de abordagens mais amplas. Assim, “não é mais a televisão que fala ao telespectador, mas, por um jogo de espelhos, o telespectador que se fala a si mesmo e de si mesmo” (MISSIKA, 2006, apud FRANÇA, 2012a, p. 333).

Considerando a autorreferencialidade da televisão, França (FRANÇA, 2009, 2012a) critica análises que apontam para um discurso vazio, enfatizando que o veículo faz parte e participa da dinâmica da vida social. Adotando a perspectiva do acontecimento, de Louis Quéré, enquanto ocorrência que rompe a normalidade do cotidiano e afeta a experiência de indivíduos e grupos, a autora argumenta que um acontecimento midiático, que surge na televisão em um discurso autorreferencial, não deve ser considerado vazio, porque incide na vida social, produzindo efeitos e sentidos na realidade.

A mídia tanto pode ser um dos lugares em que surgem e se produzem acontecimentos (na sua dimensão existencial), como o espaço em que acontecimentos são repercutidos (e adquirem sua segunda vida). (...) E às vezes essa segunda vida é tão transformadora, e causa tanto impacto, que ela atua igualmente (e novamente) como acontecimento existencial – este, por sua vez, será comentado, e se transformará, de novo, numa segunda vida, numa espiral crescente. (FRANÇA, 2012b, p. 16)

Em lugar de demarcar períodos, França (2009) prefere observar características que estão presentes na televisão e na vida da sociedade brasileira contemporânea. A autora aponta dez traços e tendências: entretenimento informativo; dimensão estetizante; cotidiano e proximidade; personalismo e intimidade; olímpicos e celebridades; indivíduos populares; a polêmica e o picante; crítica social e novos paradigmas; diversidade; e diálogos intermídias.

Inicialmente saudado pelo potencial educativo, de divulgação cultural e criação artística, o meio se consolidou pelo papel na evasão e no lazer. França (2009) considera que a busca pelo entretenimento é um traço da sociedade contemporânea. A televisão pode fomentar o divertimento fácil, mas não cria essa situação sozinha. O papel informativo permanece, com se observa no destaque dado aos telejornais na programação. No entanto, há tendência de misturar informação e entretenimento, levando ao chamado *infotainment*.

O que significa dizer que o traço da diversão, do lúdico, do descontraído é tão forte e marcante na televisão que ultrapassa os gêneros marcadamente inscritos no entretenimento (telenovelas, programas humorísticos, de auditório, infantis etc.) e penetra no antes ‘sésudo’ campo da informação. (FRANÇA, 2009, p. 34)

A dimensão estetizante é outro aspecto da televisão destacado. França (2009) caracteriza a televisão como reino do estético e do sensorial, com ênfase na busca de representações fortes. Assistida em meio a outras atividades, a televisão busca trabalhar no campo dos afetos, despertando emoções, sem impor dificuldade ou causar incômodo. A dimensão estetizante da televisão se manifesta tanto na forma quanto no apelo emocional das imagens, seja através da preocupação com a qualidade, do culto à beleza ou da exposição do grotesco.

Embora acompanhe a realidade global, a televisão destaca a perspectiva local. Essa tendência se articula com o contexto social mais amplo de crise dos grandes paradigmas explicativos, incluindo a própria ciência e sua pretensão de conhecimento absoluto. Nos telejornais, observa-se o crescimento do enfoque sobre a realidade cotidiana, os problemas locais e também as histórias edificantes. Para França (2009), mesmo quando fala do mundo, a televisão mantém a perspectiva do local. Recebida no ambiente doméstico, ela estrutura a domesticidade do que apresenta, organizando o mundo e sua complexidade.

A dimensão do personalismo e da intimidade se exprime, por exemplo, no foco sobre os direitos, necessidades e desejos dos indivíduos e na exposição de famosos e pessoas comuns na televisão, com diluição das barreiras entre público e privado. Esse movimento é associado a uma tendência da sociedade de substituição das utopias coletivas pelo desejo da vida feliz individual. Valorizando o personalismo e a intimidade, a televisão é um espaço de consagração das celebridades. França (2009) considera que o veículo cria celebridades, atribuindo reconhecimento a algumas pessoas. Porém, a autora enfatiza que o respeito e a legitimidade dados aos “celetóides”, que obtêm fama de curta duração, diferem daqueles atribuídos às celebridades “conferidas”, que detêm reconhecimento por título ou cargo, e “adquiridas”, que alcançam a fama por mérito.

O aumento da presença das classes populares na televisão é uma tendência observada, tanto no jornalismo como no entretenimento, ainda que raramente em posição de protagonismo. França (2009) considera que esse movimento acompanha a mobilização dessa parcela da população por direitos, acesso a bens de consumo e substituição de um lugar de escuta, por um lugar de fala. Além disso, a televisão se mostra permeável às lutas de movimentos sociais por mudanças de representação, embora se alinhe usualmente aos setores dominantes na sociedade. Em especial, a autora indica que a televisão tem respondido ao movimento negro e LGBTQIA+ e assumido ainda outras bandeiras, como do meio ambiente e da infância.

Alvo frequente das críticas que apontam o baixo nível da programação televisiva, o destaque para a polêmica e o picante se manifesta, por exemplo, na abordagem do sexo e da violência. Para França (2009), neste caso, a televisão exprime traços da cultura que costumam

ser negados. Enquanto predominam críticas à homogeneidade da produção televisiva, França (2009) pontua que o veículo também tem diversidade de gêneros e variações dentro dos gêneros, com programas voltados para diferentes audiências. Além disso, com o avanço da internet, a televisão se reorientou. Os programas televisivos remetem para continuidades na rede e se estabelece um diálogo intermídias.

Em conclusão, França (2009, p. 51) destaca a relação de afetação mútua entre a televisão e a sociedade:

Em oposição à ideia de um bloco monolítico e homogêneo, a televisão se caracteriza por *poros* que captam os humores da sociedade, se encharcam de seus desejos, temores, tendências. Poros que também emitem secreções – em permanente interação com o mundo, em toda a contingência que isso implica.

Por fim, cabe observar que a pandemia da covid-19 afetou tanto o conteúdo como as condições de produção do telejornalismo. O isolamento social reduziu as reportagens nas ruas, a maior parte das entrevistas passou a ser gravada através da internet e houve aumento na inserção de conteúdos participativos, gravados pelos telespectadores, intensificando mudanças nos critérios de qualidade das imagens. No entanto, Temer (2020) avalia que a estratégia do telejornalismo para construção da credibilidade foi mantida, apoiando-se em entrevistas com especialistas, imagens e números. Em um ambiente de incerteza gerada pela pandemia, aumento da audiência e ataques à imprensa por parte do governo federal, principalmente do presidente Jair Bolsonaro, o telejornalismo reforçou o discurso de compromisso com a verdade “vinda do pensamento científico que muitas vezes se funde com o pensamento factual/racional do jornalismo” e promoveu “a mitificação dos jornalistas, apontados como aqueles que desafiam as condições adversas para manter a população informada, reforçando a percepção do jornalismo como um serviço público” (TEMER, 2020, p. 74).

2.3 CIÊNCIA, PÚBLICOS E CREDIBILIDADE

Nos alicerces de nossa proposta está uma visão sobre ciência que se ancora nos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia (ESCT). Observamos que as perspectivas constitutivas desse campo convergem para uma visão da ciência como prática social localizada, produto histórico do trabalho, dos investimentos, das escolhas e dos projetos humanos. Considera-se ainda a coprodução das ordens epistêmica, tecnológica e social, pois a ciência e a tecnologia moldam a vida social e o mundo em que vivemos e estes moldam os desenvolvimentos científicos e tecnológicos.

Em consequência disso, temos que o conhecimento científico é sempre situado, no tempo e no espaço, refletindo seu momento histórico, seu contexto cultural e as redes pelas quais ele é produzido (FELT et al., 2017). A estabilização dos fatos científicos depende de fatores empíricos e sociais e a credibilidade das alegações científicas não está referida a procedimentos metodológicos e epistemológicos “puros”, mas também a práticas sociais e culturais contingentes (SHAPIN, 2013; ORESKES, 2019).

Fleck (2010) destaca que o processo de produção do conhecimento é sempre social, porque está vinculado ao estado do saber, que é coletivo. Ao discutir o tema, o autor estabelece os conceitos de “coletivo de pensamento” e “estilo de pensamento”.

Se definirmos o ‘*coletivo de pensamento*’ como a comunidade das pessoas que trocam pensamentos ou se encontram numa situação de influência recíproca de pensamentos, temos, em cada uma dessas pessoas, um portador do desenvolvimento histórico de uma área de pensamento, de um determinado estado do saber e da cultura, ou seja, de um *estilo* específico de pensamento. (FLECK, 2010, p. 82, grifo nosso)

O autor considera que existem coletivos de pensamento momentâneos e estáveis, sendo estes últimos formados por grupos socialmente organizados, que podem ter constituição formal ou não. Um indivíduo faz parte de diversos coletivos, mas os coletivos não são apenas somas de indivíduos. Os coletivos são portadores de estilos de pensamento, que estabelecem condições de percepção e ação, constringendo os indivíduos. Considerando os cientistas como um coletivo de pensamento, Fleck observa que o estilo de pensamento condiciona desde os problemas admitidos até as formas de comprovação de veracidade.

O autor aponta ainda que, dentro do coletivo de pensamento, uma formação de pensamento (por exemplo, uma ideia científica) dá origem a um círculo esotérico – pequeno, constituído por aqueles que mantêm relação direta com esta formação de pensamento – e a círculos exotéricos – maiores, formados por indivíduos que não têm relação direta com aquela formação de pensamento.

A circulação das alegações científicas entre diferentes públicos participa da constituição dos fatos científicos consensualmente aceitos. Segundo Fleck (2010), a partir de observações e experimentos (que se constituem em relação com o estado do saber, ou seja, condicionados pelo estilo de pensamento), os cientistas apresentam inicialmente enunciados provisórios e pessoais, que se consolidam como fatos científicos através do tráfego de pensamento dentro do círculo esotérico, formado pelos especialistas da formação de pensamento. Esse saber especializado, consolidado no círculo esotérico, informa o saber popular, do círculo exotérico, formado pelos leigos. Ao mesmo tempo, o saber popular forma a opinião pública (da qual os especialistas

dependem) e a visão de mundo (compartilhada no coletivo de pensamento), estabelecendo, portanto, influência sobre o círculo esotérico.

Assim, o autor classifica o conhecimento em três tipos: a ciência dos periódicos, que apresenta os resultados de observações e experimentos; a ciência dos manuais, fruto do consenso entre especialistas; e a ciência popular, que se cristaliza na sociedade.

Se entendemos por fato apenas algo firme e comprovado, ele existe somente na ciência dos manuais: antes, no estágio do sinal solto de resistência da ciência dos periódicos, ele é, na verdade, apenas predisposição do fato. Depois, no estágio do saber cotidiano e popular, ele se torna carne: uma coisa imediatamente perceptível, isto é, realidade. (FLECK, 2010, p. 179)

Para o autor, a comunicação implica sempre na transformação e na popularização do conhecimento. “Seja qual for a maneira de descrever um determinado caso, a descrição sempre acaba sendo uma simplificação, permeada por elementos apodícticos e ilustrativos: *através de cada comunicação, até mesmo de cada denominação, um saber se torna mais exotérico e popular*” (FLECK, 2010, p. 168, grifo do autor).

A relação entre saber especializado e saber popular é de mão-dupla. O repertório científico leigo é uma fonte que abastece todas as pessoas. Quando os especialistas recorrem a conceitos de campos fora da sua especialidade, apoiam-se no saber popular. Dotado de certeza, simplicidade e plasticidade, o saber popular forma a visão de mundo que compõe o pano de fundo do trabalho dos especialistas. Frequentemente, também influencia os especialistas através das imagens, que são produzidas para explicar o saber especializado ao público leigo, mas adquirem significado como conhecimento e retornam ao círculo esotérico, o que ocorreu, por exemplo, com a alegoria da chave e da fechadura, frequentemente utilizadas para descrever a ação dos anticorpos (FLECK, 2010).

Fleck (2010) discute ainda a interdependência entre especialistas e leigos, ressaltando a importância da confiança e da “opinião pública” na ciência. Uma vez que os leigos não têm relação direta com a formação de pensamento, o saber popular é fundamentado pela confiança nos especialistas do círculo esotérico. De outro lado, a legitimidade dos especialistas depende da “opinião pública”, que se constitui no círculo exotérico.

Ludwik Fleck foi um dos primeiros autores a destacar a relevância do caráter coletivo da ciência na produção do conhecimento científico. Desenvolvido nos anos 1920 e 1930, seu trabalho ganhou popularidade a partir dos anos 1960, com o reconhecimento atribuído ao autor por Thomas Kuhn, em 1962, na obra ‘Estrutura das Revoluções Científicas’, considerada um marco dos ESCT. As proposições de Fleck (2010) sobre a dinâmica entre ciência e públicos

vão ao encontro de questões que têm sido discutidas por diversos autores no século XXI, a partir do fenômeno do negacionismo científico e da ideia de uma suposta pós-verdade.

Nesse sentido, Roque (2020) aponta que a disseminação do negacionismo científico atualmente é favorecida por um clima de ceticismo generalizado e descrença nas instituições, sendo a desconfiança da ciência associada à crise da democracia. Além dos cientistas, jornalistas, intelectuais, professores e outros profissionais que costumavam ter suas falas legitimadas pela autoridade reconhecida em seus respectivos campos de atuação passaram a ser questionados. Enquanto isso, grupos que atuam fora desses espaços profissionais autorizados se dirigem diretamente ao público e reivindicam a autoridade de enunciar verdades, independentemente de credenciais técnicas ou acadêmicas.

Shapin (2020) apresenta outros elementos para refletir sobre a queda da confiança no conhecimento científico, ponderando que a realidade e a extensão dessa queda ainda não são claras. O autor afirma que o declínio da autoridade atinge diversas instituições especializadas. Porém, isso não significa um colapso, e a autoridade da ciência permanece considerável. Ele considera inadequado abordar o problema como “crise da verdade”, acrescentando que essa nomeação desloca a questão para o campo moral, uma vez que o oposto da verdade é a mentira.

Lembrando que grande parte do público continua aceitando uma imensa quantidade de afirmações científicas sem questionamento, Shapin (2020) diz que os exemplos mais citados de contestação da ciência estão ligados a questões que expressam interesses e impactos concretos na vida das pessoas, especialmente às mudanças climáticas, às vacinas e à evolução. Embora sejam temas relevantes, o autor destaca que a lista é curta e não indica necessariamente rejeição aos princípios da ciência. Ele também aponta que os chamados negacionistas não se apresentam como anticência e frequentemente utilizam argumentos embasados em posturas e métodos científicos.

Para o autor, os chamados negacionistas expressam uma oposição às elites do conhecimento científico, contestando o controle da ciência estabelecida sobre o acesso, as condutas adequadas e o direito de falar e julgar a ciência. Shapin (2020) avalia que a ignorância científica não é a raiz do negacionismo. O problema está associado à crise do “conhecimento social”, ou seja, à capacidade de reconhecer a ciência como atividade social demarcada e legitimada a partir de critérios historicamente constituídos, que permitem delimitar e valorizar a ciência como prática e autoridade específica.

Para conhecer a Verdade, para ter a crença certa, as pessoas precisam, essencialmente, ser muito mais parecidas com a gente – a questão não é saber fatos e teorias como patrimônio pessoal (a maioria de nós também não sabe),

mas confiar nas pessoas e instituições em que *nós* confiamos. A Crise da Verdade é mais bem descrita como uma Crise do *Conhecimento Social* e, mais especificamente, como uma Crise das *Instituições* – da autoridade e legitimidade institucionais. (SHAPIN, 2020, p. 314, grifos do autor)

O abalo na credibilidade atinge um pilar importante da atividade científica. Latour e Woolgar (1997) colocam a credibilidade como um fator fundamental para a prática da ciência. Construindo um modelo econômico da atividade científica, no qual comparam a credibilidade a uma moeda e os cientistas a investidores capitalistas, os autores apontam a existência de um “ciclo da credibilidade”, em que todas as atividades desempenhadas pelos pesquisadores – como receber financiamento, comprar equipamentos, produzir dados, publicar artigos, ler artigos e obter reconhecimento – são formas de investir, multiplicar e acumular credibilidade.

Shapin (2013) também se vale de uma alegoria econômica, na qual a credibilidade adquire papel central para a ciência. Para o autor, a credibilidade é o que diferencia uma convicção individual de um conhecimento coletivo. De forma semelhante às finanças, a ciência constitui uma economia de crédito. Sem credibilidade, o produto científico não tem valor, ou seja, deixa de existir.

Segundo Shapin (2013), ainda hoje muitos estudiosos e leigos acreditam que a credibilidade das afirmações científicas se deve exclusivamente à sua comprovação por evidências obtidas através do método científico. No entanto, os ESCT indicam que essas afirmações, assim como aquelas feitas em outros domínios, precisam angariar credibilidade também através de um processo social e cultural contingente. Além disso, o próprio processo de validação do conhecimento científico é um processo social, uma vez que pressupõe procedimentos, protocolos, espaços, valores compartilhados por grupos e coletividades concretas, situadas socialmente.

O autor ressalta que a credibilidade é específica: trata-se sempre de credibilidade de algo para alguém. Assim, fatores diferentes podem contribuir para o ganho ou a perda da credibilidade em cada situação. A credibilidade também faz parte de uma relação metonímica, pois implica em reconhecer generalizações a partir de observações particulares. Segundo Shapin (2013), além das evidências empíricas, os pesquisadores costumam considerar as condições de credibilidade ao enunciar afirmações científicas. Por exemplo, em ambientes considerados hostis, os enunciados tendem a ser menos abrangentes, mantendo-se mais próximos do contexto específico da observação, de forma a reduzir o risco de credibilidade.

A existência de diferentes vetores e economias de credibilidade também é discutida por Shapin (2013). Internamente, em um grupo de especialistas, a credibilidade tende a fluir por canais de familiaridade, o que faz com que as afirmações sejam aceitas com base na confiança

e situações de ceticismo precisem ser justificadas. Neste aspecto, é possível fazer um paralelo com a visão de Latour e Woolgar (1997, p. 225-226), quando estes afirmam que, no laboratório, “as avaliações feitas pelos pesquisadores não fazem qualquer distinção entre os pesquisadores como pessoas e suas afirmações científicas”.

Por outro lado, nas relações entre especialistas e leigos, os recursos da familiaridade são raros ou nulos e exigem-se garantias formais de credibilidade, como reputação, afiliação institucional, respeito a procedimentos metodológicos e demonstração de consenso entre especialistas. Nesse contexto, Shapin (2013) lembra ainda a existência de moduladores de credibilidade apontados por Barnes e Edge. São eles: a relação entre relatos científicos e convicções sociais e culturais dominantes; a relação entre tecnologias e valores sociais dominantes; a acessibilidade da ciência para o público e a extensão do consenso científico.

Seja internamente na prática científica ou externamente na relação entre a ciência e o público, a credibilidade concedida a uma afirmação é um gesto de confiança fundamental para o compartilhamento de conhecimentos.

Onde quer que se tenha compartilhado conhecimento se tem, exatamente aí, eu sugeriria, uma ‘comunidade’ em que a desconfiança – um princípio ilimitado – atingiu de fato um limite convencional. Por que aceitar a linguagem da quantificação como satisfatória para problemas de desconfiança, já que em princípio mais desconfiança é sempre possível? (SHAPIN, 2013, p. 31)

Para Shapin (2020), a queda da confiança na ciência reflete o declínio na percepção da ciência como atividade “desinteressada”. O autor argumenta que o imbricamento da ciência na vida social, econômica e política cotidiana evidencia o sucesso do empreendimento científico e, ao mesmo tempo, contribui para as atuais dificuldades de legitimidade. Dessa forma, o suposto “fracasso cultural” da ciência decorre de seu “sucesso institucional”. De um lado, a normalização do emprego científico acadêmico leva à percepção de interesses profissionais dos cientistas. De outro, a normalização da atividade científica em instituições consideradas externas à ciência, como órgãos governamentais e indústrias, e a aprovação pública da ciência vinculada a fatores externos, como poder e lucro, podem produzir desconfiança entre aqueles que veem a ciência como um empreendimento “puro” ou “desinteressado”.

Os negócios não lidam com os negócios da Verdade; negócios são negócios. Assim, por que deveríamos esperar que a ciência mergulhada nos negócios tenha direitos naturais sobre a noção de Verdade? A mesma questão se aplica à ciência mergulhada no exercício de poder estatal. (SHAPIN, 2020, p. 316)

Analisando as bases da credibilidade científica ao longo do tempo e o contexto do final do século XX, Shapin (1995) afirma que a confiança na honestidade dos cientistas continua

sendo um fator importante para a credibilidade pública da ciência. Segundo ele, o julgamento da credibilidade de uma alegação costuma levar em conta o que se considera como a plausibilidade da alegação, a capacidade intelectual da fonte e a honestidade da fonte. Em relação às alegações científicas, é comum que elas sejam pouco plausíveis, por contrariar concepções pré-estabelecidas, e que a capacidade intelectual da fonte para realizar a alegação só possa ser avaliada por especialistas. Logo, o julgamento da credibilidade depende da confiança na honestidade dos especialistas e/ou daqueles que atestam sua honestidade. “Isso quer dizer, contra grande parte da sensibilidade moderna, que a autoridade dos cientistas para dizer o que é verdade implica alguma concepção de comportamento virtuoso” (SHAPIN, 1995, p. 392, tradução nossa).

Também partindo de uma análise histórica sobre a credibilidade científica, Oreskes (2019) chega a conclusões diferentes. Ela aponta que, durante o século XVIII, a autoridade científica residia na autoridade dos “homens de ciência”, reunidos nas sociedades científicas. Já em meados do século XIX, os estudiosos sobre a epistemologia da ciência apontavam para o método científico como fator de validação do conhecimento. No entanto, nos anos 1960, os ESCT passaram a enfatizar o aspecto coletivo e a construção social do conhecimento científico, salientando, por exemplo, a participação de fatores empíricos e sociais na estabilização dos fatos científicos, a diversidade de métodos aplicados pela ciência e o caráter provisório dos consensos científicos.

Neste contexto, o trabalho de filósofas feministas, especialmente Sandra Harding e Helen Longino, trouxe uma nova perspectiva para o entendimento da objetividade científica. Essas autoras chamaram atenção para a importância da pluralidade da ciência. Reconhecendo que não é possível eliminar a subjetividade na atividade científica, elas propuseram que o conhecimento científico pode se tornar mais objetivo pela presença de vias reconhecidas e robustas de crítica, desde que a comunidade científica possua diversidade e abertura para permitir a manifestação de múltiplos pontos de vista, de forma a identificar e corrigir preconceitos, vieses e outros fatores subjetivos presentes na investigação científica.

Para Oreskes (2019), o conceito da objetividade entendida como uma conquista social, conforme a proposta da epistemologia feminista, permite refutar percepções de que o conhecimento científico é meramente subjetivo, justificando a confiança na ciência com base no seu caráter consensual. Segundo a autora, embora seja justificada, a confiança na ciência não deve ser incondicional nem exclusiva. É preciso checar os antecedentes dos especialistas e avaliar fatores que podem influenciar suas conclusões, incluindo interesses econômicos. O público leigo também pode julgar as afirmações científicas considerando a diversidade e a

abertura da comunidade científica envolvida. Além disso, em diversos temas, outras expertises, como saberes tradicionais ou a experiência direta de pessoas afetadas, devem ser levadas em conta juntamente com o conhecimento científico. Oreskes (2019) aponta ainda que é importante distinguir entre questões científicas e questões normativas em discussão na sociedade. Por exemplo, a existência do aquecimento global antrópico ou a segurança e eficácia das vacinas são questões científicas, enquanto as políticas públicas que devem ser adotadas sobre estes temas estão na esfera normativa, na qual indivíduos e coletividades podem considerar outros fatores, além da ciência.

Considerando o contexto atual, a autora compartilha da avaliação de que não há rejeição do conhecimento científico em geral, mas sim oposição a proposições científicas que contrariam determinados interesses econômicos ou crenças. Apontando que há consenso científico em relação aos temas mais contestados nos Estados Unidos, como a evolução, a segurança das vacinas e as mudanças climáticas, Oreskes (2019) afirma que é desonesto qualificar as discussões sobre esses temas como controvérsias científicas. Para ela, as ações negacionistas que usam esse tipo de estratégia minam o processo de interrogação crítica e a confiança pública na ciência. Nestas situações, a autora defende que é necessário expor as motivações ideológicas e econômicas por trás da negação da ciência e explicar como o processo científico funciona, de forma a justificar a confiança no consenso científico.

Tendo em vista que, muitas vezes, as pessoas rejeitam afirmações científicas por considerar que estas contradizem seus valores ou ameaçam seu estilo de vida, a autora sustenta também que os cientistas devem declarar abertamente os seus valores pessoais. Assim, os cientistas podem reforçar a percepção de honestidade junto ao público e estabelecer uma ponte para o diálogo. “Se quisermos ter essas conversas honestamente, devemos falar sobre nossos valores. Pessoas diferentes podem ver o mesmo risco de maneira diferente, mas isso não significa que sejam estúpidas ou venais” (ORESQUES, 2019, p. 135).

Para debater a relação entre ciência e públicos na atualidade, consideramos ainda relevante abordar a perspectiva de Eyal (2019) sobre a “crise da expertise”. Assim como Shapin e Oreskes, Eyal considera que questionamentos e ataques à ciência e à *expertise* que ganharam destaque nos últimos anos – incluindo o negacionismo climático e o movimento antivacinas – não significam o fim da legitimidade da ciência na sociedade. Neste sentido, o autor aponta que existe “uma dependência sem precedentes em relação à ciência e à *expertise* juntamente com o aumento da suspeita, ceticismo e rejeição de descobertas científicas, opinião de especialistas ou mesmo de ramos inteiros de pesquisa” (EYAL, 2019, p. 10, 11, tradução nossa).

Para Eyal (2019) é preciso considerar que a ciência que está sob ataque é principalmente a “ciência regulatória” ou “ciência política” (no inglês, *regulatory science* ou *policy science*), que, segundo o autor, tem como objetivo estabelecer recomendações para o estabelecimento de políticas. Eyal faz uma analogia com uma estrada de três pistas. À direita, na pista lenta, ele situa a pesquisa científica, que opera no longo prazo, produzindo fatos científicos, que são, por natureza, abertos, uma vez que sempre podem ser revisados. À esquerda, na pista rápida, as leis e as políticas, que operam no curto prazo, produzindo fatos fechados, uma vez que as normas devem ser estáveis para balizar decisões na sociedade. No centro, na pista do meio, o autor situa a “ciência regulatória” ou “ciência política”, que utiliza os métodos científicos, mas precisa trabalhar num tempo limitado e produzir fatos fechados para subsidiar políticas.

Para unir fatos científicos abertos com fatos legais e políticos fechados e acionáveis, os fatos regulatórios assumem a forma de cortes, limites, diretrizes, pontos finais, níveis de risco aceitáveis, documentos de consenso, avaliações de especialistas, simulações, testes de estresse. (EYAL, 2019, p. 14, tradução nossa)

Para o autor, os processos sociais da ciência ficam expostos na ciência regulatória ou política, na medida em que esta não dispõe do longo tempo da ciência para que os processos coletivos de revisão possam eliminar os vieses e as arbitrariedades. Neste contexto, o debate sobre a expertise ganha força, colocando em questão os atores que devem ter voz no debate público envolvendo questões científicas. Assim, o autor considera que a expertise “é uma forma de falar, enfim, da interseção, articulação e fricção entre ciência e tecnologia de um lado e direito e política democrática de outro” (EYAL, 2019, p. 29, tradução nossa).

Enquanto Oreskes defende a necessidade de separar as questões científicas e as questões normativas no debate público, Eyal considera que os fatos em disputa na atualidade são “transcientíficos”, na medida em que não é possível demarcar o limite em que a ciência termina e começa a política. Para o autor, esse é espaço primordial da expertise, no qual o “juízo especializado” deve ser aplicado para responder perguntas que concernem a ciência, com base em métodos desenhados para superar dados incompletos e que envolvem escolhas sobre valores que são embutidos nas pressuposições, suposições e convenções adotadas para permitir uma conclusão do debate.

O fato inconveniente é que nunca haverá um lugar onde os cientistas, empunhando esses métodos e princípios ou outros, possam parar, seguros na convicção de que não cruzaram a linha da política, e passar o bastão da tomada de decisão coletiva para outros (tomadores de decisão, juízes, políticos, ‘o público’). O próprio ponto de partida já transgrediu a linha e eles entram na polêmica já enredados. A transciência, a ciência regulatória, o julgamento

especializado e todos os seus métodos auxiliares tratam, antes de mais nada, da produção de legitimidade. (EYAL, 2019, p. 186, tradução nossa)

Considerando o contexto da transciência, Eyal avalia que os cientistas devem enfrentar os “mercadores da dúvida” e se posicionar, mesmo que não apresentem respostas conclusivas. Reconhecendo as incertezas, eles devem defender seus métodos e seu julgamento especializado e apresentar ao público e aos tomadores de decisão o aconselhamento científico. Num ambiente de debate classificado pelo autor como, muitas vezes, caótico, os cientistas também devem buscar contribuir para o aprimoramento das instituições que conduzem os debates transcienceiros.

3 AS REVISTAS ELETRÔNICAS

A escolha do objeto empírico desta pesquisa considera a relevância da comparação entre textos na análise de discursos (PINTO, 2002; VERÓN, 2004). Os programas Fantástico e Domingo Espetacular integram um universo de concorrência. Ambos são exibidos nas noites de domingo e pertencem ao gênero midiático das revistas eletrônicas de variedades, que conjugam jornalismo e entretenimento. Ao lado dessa equivalência, algumas distinções são importantes, tendo em vista o potencial de um discurso atuar, pela diferença, como “revelador” do outro. Em relação ao perfil socioeconômico, a audiência da TV Globo tem participação um pouco maior das classes sociais mais altas em comparação com a Record TV (STYCER, 2019). No espectro religioso, a Record TV está associada aos evangélicos neopentecostais (DANTAS, 2011). Já a TV Globo, historicamente, prioriza os católicos na sua programação, embora recentemente venha ampliando espaço para as denominações evangélicas (PADIGLIONE, 2022). Na política, a TV Globo manteve uma postura crítica ao governo Bolsonaro e foi frequentemente criticada pelo então presidente da República, enquanto a Record TV apresentou maior proximidade com o governo Bolsonaro, com declarações favoráveis de Edir Macedo ao então presidente (MALAVASI, 2021; LIEDTKE, 2022). Considerando nosso foco sobre a ciência na cobertura das vacinas da covid-19, notamos ainda que as duas revistas eletrônicas destacam a ciência como tema de interesse do seu cardápio informativo e apresentam como proposta a exibição de reportagens aprofundadas e entrevistas, abrindo maior espaço para o desdobramento dos assuntos em comparação com os telejornais diários.

3.1 FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA

O Fantástico vai ao ar semanalmente, aos domingos, das 20h30 às 23h, na TV Globo. Fundada por Roberto Marinho, em 1965, a emissora pertence, até hoje, à família Marinho e integra o Grupo Globo, maior conglomerado de mídia do Brasil, que inclui canais de televisão aberta e por assinatura, produtos e serviços digitais, rádios, jornais e revistas, entre outros. Nos primeiros anos de operação, a TV Globo foi alvo de críticas, especialmente envolvendo o acordo com o grupo multinacional Time-Life, firmado em 1962 para um financiamento de cerca de US\$ 6 milhões, que custeou a construção do prédio da emissora e aquisição de equipamentos de última geração. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI Time-Life/Globo) foi aberta na Câmara dos Deputados e concluiu que o acordo feria a Constituição, que proibia participação estrangeira em empresas de comunicação. Porém, a investigação não teve consequências legais (ALDÉ, s.d.).

No ar há quase 50 anos, o Fantástico estreou em 1973, no período em que a Globo se consolidou como a líder de audiência no país. O formato de revista eletrônica de variedades, combinando jornalismo e entretenimento, contando com reportagens, entrevistas, shows, dramaturgia e humor, representou uma inovação na televisão brasileira. O Fantástico também se enquadrava numa estratégia que buscava “elevar a qualidade” da programação da Globo, sendo exibido na faixa horária que tinha sido ocupada, de 1967 a 1972, pelo programa do Chacrinha, um programa de auditório popular. Rapidamente, o programa se firmou como líder de audiência nas noites de domingo (MEMÓRIA GLOBO - FANTÁSTICO, s.d.).

Figura 1 – Cenário do Fantástico em 1988



Apresentadores: Valéria Monteiro, Sérgio Chapelin e William Bonner na bancada do programa. Fonte: reprodução Memória Globo

O Fantástico sempre contou com apresentadores, que costuravam a diversidade de conteúdos exibidos (Figura 1). Nos primeiros anos, tinha maior espaço para a dramaturgia, mas o jornalismo se fazia presente, com destaque para as reportagens sobre saúde e ciência. Nos anos 1980, se tornou um espaço importante para os lançamentos musicais, exibindo shows de artistas nacionais e internacionais e videoclipes. Como em outros telejornais da TV Globo, a cobertura internacional também se tornou marca relevante, revelando o poderio econômico da emissora, que contava e ainda conta com equipes em diferentes países. Nesse período, o programa passou a investir mais no jornalismo factual, apresentando reportagens investigativas. No começo dos anos 1990, em meio à queda na audiência, o Fantástico procurou dar mais leveza às reportagens, investindo na computação gráfica e em formas de interatividade. Já nos

anos 2000, os quadros do tipo ‘reality show’ – como *Menina Fantástica*, que acompanhou candidatas a modelo, e *Medida Certa*, de reeducação alimentar – passaram a integrar a atração (MEMÓRIA GLOBO - FANTÁSTICO, s.d.).

No período considerado na pesquisa, o programa foi apresentado pelos jornalistas Poliana Abritta e Tadeu Schmidt (Figura 2). Ambos construíram a maior parte de suas carreiras na Globo. Poliana foi repórter da emissora em Brasília, de 1997 a 2014, quando assumiu a apresentação do *Fantástico*, após a saída da jornalista Renata Vasconcellos, que deixou o dominical para se tornar apresentadora do *Jornal Nacional*. Tadeu Schmidt também construiu sua trajetória na Globo. Após uma passagem pelo jornalismo local da emissora em Brasília, se tornou repórter esportivo no ano 2000. Em 2005, começou a apresentar o bloco de esportes do telejornal *Bom Dia Brasil*. Em 2007, ingressou no *Fantástico*, apresentando o quadro ‘Gols do Fantástico’, no qual substituiu o veterano Léo Batista. Na atração, se tornou conhecido por imprimir um estilo descontraído ao bloco esportivo, criando, por exemplo, os ‘cavalinhos do Fantástico’. Em 2011, se tornou apresentador do programa, após a saída de Zeca Camargo. Deixou a atração em novembro de 2021 para apresentar o reality show ‘*Big Brother Brasil*’, na própria Globo.

Figura 2 – Cenário principal do Fantástico em 2022



Apresentadoras Tadeu Schmidt e Poliana Abritta, em 18 de outubro de 2020.
Fonte: reprodução Globoplay

Na plataforma Globoplay, a descrição do *Fantástico* afirma: “programa em forma de revista eletrônica, o *Show da Vida* mistura jornalismo, denúncia, esporte, humor, dramaturgia, documentário, música e ciência” (GLOBOPLAY - FANTÁSTICO, s.d.). Rondelli (2004) e Gomes (2011b) apontam que a atração apresenta um formato maleável, com a presença de apresentadores e a combinação de reportagens, entrevistas e apresentações artísticas. Os

quadros do programa variam, sendo que alguns são criados com duração pré-determinada e outros ficam submetidos a um rodízio irregular, ou seja, estreiam e depois aparecem esporadicamente nas edições. O Fantástico funciona ainda como um “laboratório de formatos”, com programas-piloto exibidos como quadros e depois transformados em outros programas na emissora. A preocupação com a qualidade final do produto e com a inovação tecnológica, que são marcas da Globo, são características do Fantástico. O programa busca a marca do pioneirismo tecnológico, chamando atenção para as tecnologias de captação de imagem, a computação gráfica e outros investimentos, como a primeira transmissão ao vivo da televisão aberta brasileira pela internet, em 1998. O próprio nome ‘Fantástico – O Show da Vida’ aponta ainda para outra característica permanente da atração: o estilo inusitado e espetacular de lidar com os assuntos, seja naquilo que é fora de série ou nos temas do cotidiano da vida.

O Fantástico tem sido alvo da pesquisa acadêmica em comunicação. A partir de um levantamento no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, realizado em 14 de novembro de 2022, utilizando a palavra-chave ‘Fantástico’, identificamos 28 teses e dissertações que abordaram o programa, defendidas na área da comunicação, desde o ano 2000. Entre estas, uma teve como foco a divulgação científica e duas analisaram quadros sobre saúde. Rondelli (2004) analisou reportagens sobre ciência exibidas em 2002 e identificou a tendência de alinhamento do programa com o discurso científico, apresentando a informação científica como unívoca e incontestável. Outras características apontadas foram a apresentação de forma atrativa e bem elaborada das informações científicas, a preocupação com os termos técnicos e a busca pela aproximação com o público, pela “humanização” dos assuntos. A autora apontou ainda a participação frequente de especialistas no programa, indicando reconhecimento da academia sobre o papel do Fantástico na divulgação científica no Brasil.

Freires (2006) discutiu a abordagem da obesidade na série ‘Questão de peso’, apresentada pelo médico Drauzio Varella, entre 2004 e 2005. A autora chamou atenção para o destaque dado ao tema, com uma série de reportagens de 17 episódios, com cerca de 12 minutos cada um. Também apontou o enquadramento do tema na perspectiva médica, em lugar de abordagens da nutrição, educação física ou saúde coletiva. Já Fonseca (2015) analisou a representação dos transtornos mentais na série ‘Males da Alma’, também apresentada pelo médico Drauzio Varella, com seis reportagens, de 12 a 14 minutos cada uma, exibidas em 2013. A autora identificou a construção de narrativas de sofrimento e superação e o reforço do discurso de autoridade médica, assim como do conflito maniqueísta entre saúde, como o bem, e doença, como mal.

3.2 DOMINGO ESPETACULAR

O Domingo Espetacular é exibido na Record TV, aos domingos, das 19h45 às 23h. Fundada em 1953, pelo empresário Paulo Machado de Carvalho, a emissora é a mais antiga em atividade no Brasil. Com uma programação que destacava atrações musicais, a Record foi líder de audiência no final dos anos 1950 e começo dos anos 1960, chegando a alcançar 95% do público na transmissão da final do festival de música de 1967. Com o fim dos festivais devido a dificuldades impostas pela censura promovida pela Ditadura Militar, intensificada com a publicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5), em 1968, e prejuízos causados por incêndios em suas instalações, a emissora enfrentou dificuldades financeiras no começo dos anos 1970, período marcado pelo crescimento da TV Globo, que passou a concentrar anunciantes. Nessa fase, a emissora teve parte das ações vendidas ao empresário Silvio Santos, dono da TV Studios (TVS), atual Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que passou a dividir o controle da empresa com a família Machado de Carvalho. No final dos anos 1970 e durante os anos 1980, conseguiu emplacar alguns programas de destaque, mas continuou em dificuldades financeiras (AZEVEDO; LUSTOSA, s.d.).

Entre 1989 e 1990, a Record foi comprada pelo bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). A compra foi envolta em polêmicas e, nesse período, Macedo foi processado por charlatanismo e estelionato. Ao longo dos anos, a emissora passou a exibir cada vez menos conteúdo da IURD, adotando um perfil de programação mais próximo de emissoras comerciais. No entanto, questionamentos sobre a influência da Igreja no jornalismo do canal permaneceram. Em 1995, esses questionamentos foram reforçados quando o jornalista Chico Pinheiro, então apresentador e editor do Jornal da Record, foi demitido após veicular uma notícia, no telejornal, sobre o episódio em que um pastor da Igreja Universal chutou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida (AZEVEDO; LUSTOSA, s.d.).

Dantas (2011, p. 4–5) apontaram que, nos anos 2000, a programação da Record contava com “novelas, reality shows, programas de auditório com músicas de teor profano, filmes com cenas de violência e sexo, publicidade de bebidas alcoólicas e grande promoção do consumismo”. Atualmente, a emissora exibe conteúdo produzido pela IURD nas madrugadas, no horário entre 00h45 e 5h, nos dias úteis, com extensão um pouco maior nos fins de semana.

O Domingo Espetacular foi lançado em 2004. No site Record 60 anos (RECORDTV, 2012), a atração é descrita como uma revista eletrônica de informação e entretenimento, que apresenta “reportagens de denúncia, comportamento, ciência, turismo, medicina e aventura,

além de um panorama geral dos fatos que marcaram a semana”. O texto destaca ainda a presença de reportagens gravadas em todo o país e no exterior e a oferta de conteúdo esportivo. O programa apresenta alguns quadros regulares, como ‘50x1’, de viagens; ‘Mitos e Verdades’, de gastronomia; e ‘Por onde anda’, de celebridades. Também apresenta quadros que são exibidos esporadicamente, como ‘A grande reportagem’, de coberturas especiais, ‘Reportagem da semana’, com aprofundamento de temas do noticiário da semana, e ‘Achamos no Brasil’, que apresenta personagens curiosos do país.

A estreia do Domingo Espetacular ocorreu num período de alto investimento em que a Record tornou sua programação mais parecida com a da TV Globo. No setor de jornalismo, os investimentos incluíram a contratação de profissionais reconhecidos, muitos deles com passagem pela TV Globo. Após lançar o Domingo Espetacular, em 2004, a emissora reformulou o Jornal da Record, em 2006, adotando um cenário e logomarca semelhantes ao Jornal Nacional, da Globo. Em 2009, estreou o Esporte Fantástico, atração semelhante ao Esporte Espetacular, da líder de audiência (o programa foi descontinuado em 2020) (PONTTEZ, 2015).

Marquioni (2015) aponta que a semelhança com o Fantástico chamou atenção na estreia do Domingo Espetacular, pela composição do cenário, caracterização dos apresentadores e utilização das cores azul e amarelo na vinheta da atração. Em julho de 2020, o Domingo Espetacular estreou uma nova vinheta (em tons de verde e cinza) e um novo cenário (Figura 3).

Figura 3 – Cenário principal do Domingo Espetacular em 2022



Apresentadores Carolina Ferraz e Eduardo Ribeiro, em 06 de fevereiro de 2022.

Fonte: reprodução Youtube

No período analisado, o Domingo Espetacular foi apresentado inicialmente por Eduardo Ribeiro, Patrícia Costa e Thalita Oliveira. A partir de julho de 2020, passou a ser apresentado por Eduardo Ribeiro e Carolina Ferraz (Figura 3). Com passagem pela rádio CBN e TV

Bandeirantes, Eduardo Ribeiro está há mais de 15 anos na Record. Participou do início da operação do canal *all news* do grupo, como apresentador do jornal Record News Brasil, foi repórter especial do Jornal da Record, principal noticiário da Record TV. Em 2019, assumiu a apresentação do Domingo Espetacular no lugar de Paulo Henrique Amorim, que estava à frente do programa desde 2006. Carolina Ferraz iniciou a carreira como modelo, foi apresentadora na TV Manchete e chegou à TV Globo, em 1992, para apresentar o Fantástico. Durante cerca de 20 anos, foi atriz de novelas da emissora. Antes de chegar à Record, apresentou um programa de culinária no GNT, canal de TV por assinatura do Grupo Globo, e estreou um canal no Youtube. Assumiu a apresentação do Domingo Espetacular em julho de 2020. Antes da contratação de Carolina Ferraz, Eduardo Ribeiro dividia a apresentação do dominical com duas jornalistas que construíram suas carreiras principalmente na Record: Thalita Oliveira – que foi apresentadora de programas esportivos e jornalísticos da Record News e da Record TV – e Patrícia Costa – que foi apresentadora da previsão do tempo e repórter em jornais de rede da emissora.

O Domingo Espetacular tem sido alvo da pesquisa acadêmica com muito menos frequência do que o Fantástico. No levantamento realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, em 15 de setembro de 2021, utilizando a palavra-chave ‘Espetacular’, não encontramos nenhum trabalho produzido na área da comunicação sobre o programa. Expandindo a busca para a área interdisciplinar, localizamos uma dissertação contemplando o programa. No entanto, a pesquisa desenvolvida por Barbosa (2013) não apresenta uma análise específica sobre o Domingo Espetacular. Considerando o programa em conjunto com o Jornal da Record e com os programas Fantástico e Jornal Nacional, da TV Globo, o estudo aponta para o sensacionalismo, na exploração de imagens de violência e sofrimento na cobertura do episódio conhecido como “massacre de Realengo”, em que 12 crianças foram mortas por um atirador dentro de uma escola no Rio de Janeiro, em 2011.

3.3 A PANDEMIA NAS REVISTAS ELETRÔNICAS

Além da revisão bibliográfica em periódicos selecionados, realizamos um levantamento de artigos publicados sobre a cobertura da pandemia nos programas Fantástico e Domingo

Espetacular, utilizando a ferramenta de buscas Google Acadêmico¹⁰. Identificamos duas pesquisas que traçam comparações sobre a cobertura da pandemia de covid-19 nos programas Fantástico e Domingo Espetacular, além de artigos que contribuem para apontar características de posicionamento dos programas diante do evento sanitário.

Laia e Neto (2022) partem do conceito de “jornalismo em equívoco”, baseado na teoria do perspectivismo ameríndio, de Eduardo Viveiros de Castro. Segundo os autores, para esta abordagem, considera-se que não existe um único mundo, percebido por diferentes perspectivas, mas múltiplos mundos, que se constituem a partir de perspectivas diferentes. Considerando que em mundos diferentes, uma mesma palavra pode ter significados diversos, os autores observam que a palavra “pandemia” revelou mundos diversos no Fantástico e no Domingo Espetacular.

Analisando as edições de março, maio e julho de 2020, os pesquisadores identificam perspectivas divergentes entre os dois programas e a emergência de uma terceira perspectiva: a do então presidente, Jair Bolsonaro. Em março, logo após a declaração da pandemia, a covid-19 dominou o noticiário do Fantástico, enquanto o Domingo Espetacular manteve a cobertura circunscrita a matérias específicas. Com o avanço da pandemia, os dois programas passaram a exibir boletins semanais sobre os números da covid-19. No Fantástico, os boletins contemplaram os casos e as mortes causadas pela doença. O programa criou um quadro para exibir depoimentos de familiares sobre vítimas e, no retorno de atividades econômicas, abordou o descumprimento de protocolos sanitários, como uso de máscaras e distanciamento social. Já o Domingo Espetacular incluiu os dados sobre casos, mortes e pacientes curados nos seus boletins. Na retomada de atividades econômicas, destacou os protocolos e as adaptações das empresas para garantir a segurança do funcionamento.

Os autores avaliam que a pandemia constituiu um evento distinto em cada programa.

O Fantástico assumiu um tom pessimista, como se noticiasse uma das maiores tragédias da história do Brasil e do mundo. Já o Domingo Espetacular fez uma cobertura bem mais leve, como se a pandemia fosse uma doença pouco grave, como se ela já estivesse indo embora, como demonstrava, supostamente, o alto índice de curados. (LAIA; NETO, 2022, p. 25)

Os pesquisadores apontam maior proximidade entre a perspectiva do programa da Record e a do governo federal, uma vez que o número de curados foi destacado nos boletins do

¹⁰ As buscas no Google Acadêmico foram realizadas no dia 02 de novembro de 2022. Foram realizadas duas buscas: uma com os termos (“covid-19” OR “coronavírus”) AND “domingo espetacular” e outra com os termos (“covid-19” OR “coronavírus”) AND “fantástico”. Em cada busca, foram consideradas as cinco primeiras páginas de resultados, contemplando 50 links. Através da leitura dos títulos e resumos, foram selecionados os artigos publicados em periódicos sobre a cobertura da pandemia de Covid-19 nos programas Fantástico e Domingo Espetacular.

Ministério da Saúde e a reabertura das atividades econômicas foi defendida pelo presidente. No entanto, os autores consideram que a perspectiva de Jair Bolsonaro se distancia dos dois programas. O Fantástico e, em menor escala, o Domingo Espetacular situaram a pandemia no campo da saúde, colocando-se ao lado da ciência. Enquanto isso, nas falas do presidente, a emergência sanitária foi constituída primordialmente como um evento político e econômico: a gravidade do vírus foi negada e o risco causado pelo fechamento de atividades econômicas foi colocado acima do provocado pela doença.

Discutindo a compreensão da pandemia como um evento que não se restringe a uma única dimensão, os autores pontuam ainda que o Fantástico, apesar de insistir na redução dos fatos à ciência, abriu mais brechas para a perspectiva política, o que ocorreu com menor frequência no Domingo Espetacular.

As divergências entre as coberturas do Fantástico e do Domingo Espetacular sobre a covid-19 também são discutidas por Revadam, Francisco e Figueiredo (2022). Através da análise de conteúdo, os pesquisadores analisam as coberturas dos programas nos meses de julho e agosto de 2020, identificando 66 matérias sobre a pandemia no dominical da Globo e 18 no da Record.

Considerando os boletins semanais sobre os dados da covid-19, exibidos nos dois programas, os autores observam a presença do número de curados e a curta duração do quadro no Domingo Espetacular, com média de 40 segundos, restringindo-se a citar os números (de casos, mortes e pacientes curados) fornecidos pelo Ministério da Saúde, sem apontar trajetórias de alta ou queda, nem qualquer contextualização. Já no Fantástico, são apresentados números de casos e mortes apurados pelo consórcio de veículos de imprensa¹¹. Os boletins duram de 2 a 5 minutos, incluindo gráficos que trazem a comparação com semanas anteriores e a aplicação da metodologia de “média móvel de 7 dias” para observar tendências de aumento ou redução.

Em que pese a grande diferença no volume de matérias, os dois programas abordaram temáticas semelhantes. Em ambos, os pesquisadores identificaram matérias nas editoriais classificadas como histórias de vida, reportagens policiais/criminais, ciência, empreendedorismo e religião. Apenas o Fantástico apresentou matérias classificadas nas

¹¹ Depois que o general Eduardo Pazuello assumiu o Ministério da Saúde, em maio de 2020, a pasta mudou a forma de divulgação de dados sobre a covid-19, dificultando o acesso às informações e a divulgação pela imprensa. Em 5 de junho de 2020, o boletim para a imprensa passou a ser divulgado às 22h, impedindo a divulgação dos dados nos principais telejornais noturnos e nos jornais impressos. Três dias depois, seis veículos de imprensa (O Estado de S. Paulo, Extra, Folha de S. Paulo, O Globo, G1 e UOL) formaram um consórcio que passou a coletar os dados com as secretarias estaduais de saúde e fazer a divulgação (REVADAM; FFRANCISCO; FIGUEIREDO, 2022).

editorias de saúde, cultura, meio ambiente, institucional, educação e política. O Domingo Espetacular foi o único a exibir uma reportagem sobre animais.

O estudo analisa ainda as entidades que mais apareceram nas matérias, considerando os créditos das pessoas entrevistadas nas reportagens. No Fantástico, os pesquisadores observam que, embora a ciência seja o foco de apenas três reportagens, os entrevistados estavam vinculados principalmente a instituições científicas. Já no Domingo Espetacular, houve maior frequência de entrevistados vinculados a instituições religiosas.

Na conclusão do artigo, os pesquisadores consideram que a cobertura da TV Globo se preocupou com o embasamento em metodologias acadêmicas, especialmente na construção do boletim sobre dados da covid-19, e com o posicionamento científico. Já o Domingo Espetacular apresentou uma cobertura reduzida da doença no período. Lembrando que a Record TV recebeu grande volume de verbas do governo federal durante a gestão Jair Bolsonaro, os autores consideram que a cobertura refletiu o alinhamento da emissora ao presidente, que negou a gravidade da pandemia. Os pesquisadores recordam ainda a vinculação da Record TV com a Igreja Universal do Reino de Deus e observam que a maior parte dos religiosos apareceu em uma grande reportagem do Domingo Espetacular que defendeu a reabertura de templos na pandemia.

Os programas Fantástico e Domingo Espetacular são citados ainda em um artigo que analisa notícias sobre a enfermagem brasileira publicadas durante a pandemia (FREIRE et al., 2021). No período de março a maio de 2020, o Domingo Espetacular exibiu duas reportagens que abordaram as condições de trabalho destes profissionais. Já Fantástico, além de duas reportagens sobre o mesmo tema, apresentou cinco matérias que abordaram questões ligadas à vulnerabilidade, adoecimento e morte de enfermeiros.

Além destes trabalhos, identificamos nove artigos científicos publicados sobre a cobertura da pandemia no Fantástico. Deste grupo, discutiremos os artigos que se relacionam com o tema da nossa pesquisa, seja ao discutir diretamente a relação do Fantástico com a ciência ou, de forma mais ampla, as características da cobertura sobre a pandemia de covid-19 no programa.

Becker (2021) analisa edições do Fantástico de março a abril de 2020, período em que o programa foi quase totalmente dedicado à cobertura da pandemia. O estudo contempla ainda entrevistas com um editor e dois jornalistas do dominical. A autora chama atenção para a presença de três eixos temáticos principais: o alinhamento à ciência em oposição ao posicionamento do presidente Jair Bolsonaro; pautas sociais, ligadas a temáticas como racismo, gênero, violência contra indígenas e ataques ao meio ambiente; e a solidariedade. A

pesquisadora destaca a presença de testemunhos de atores sociais diversos, marcados pela emoção. Também enfatiza a forma como o programa reforça a própria legitimidade.

A cobertura do Fantástico sobre a pandemia da covid-19, ancorada no discurso pró-ciência e no combate ao negacionismo e às informações falsas, tece um posicionamento político da emissora distinto das últimas décadas. No entanto, convergindo objetividade e subjetividade em suas narrativas, tais enunciações legitimam o próprio poder do jornalismo televisivo como ator relevante em disputas políticas polarizadas do Brasil contemporâneo. (BECKER, 2021, p. 15)

Negrini e Redü (2020) analisam uma edição do Fantástico, veiculada no dia 22 de março de 2020, que teve duração ampliada e foi totalmente dedicada à cobertura da pandemia. Investigando os modos de endereçamento do programa, as autoras avaliam que a edição deixou de lado o perfil tradicional do entretenimento, estabelecendo um pacto com os espectadores voltado para a informação, que se materializa tanto no conteúdo das reportagens, como nas falas dos apresentadores e na forma mais sóbria da apresentação.

Caleffi e Pereira (2021) discutem a evolução no tratamento dos dados sobre a covid-19 no Fantástico ao longo de 17 meses, entre março de 2020 e agosto de 2021. As autoras lembram que os dados conferem credibilidade ao jornalismo e destacam que a imprensa, através de um consórcio, assumiu a função de consolidar os dados nacionais sobre a pandemia, a partir do momento em que o Ministério da Saúde dificultou o acesso aos números. O trabalho aponta que os dados sobre casos e mortes causados pela covid-19 passaram a ter exibição regular no Fantástico em 05 de abril de 2020, inicialmente, apenas com o registro das cifras na tela. A partir de junho, quando os dados passam a ser consolidados pelo consórcio de imprensa, o Fantástico adota a estratégia de apresentar infográficos, como uma editoria do programa, com cerca de três minutos em cada edição. Em janeiro de 2021, com o início da vacinação, os números sobre aplicação de vacinas passam a integrar essa editoria.

Em nosso levantamento bibliográfico, identificamos ainda cinco artigos com menção à cobertura da pandemia no Domingo Espetacular. Entre estes, quatro têm como foco a análise do discurso do presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia e citam o Domingo Espetacular por causa de uma entrevista exclusiva concedida pelo presidente ao programa no dia 22 de março de 2020 (KIBUUKA, 2020; HUR; SABUCEDO; ALZATE, 2021; SCOPINHO et al., 2021; COUTO; CORREIA; CARRIERI, 2022). O quinto artigo discute as reportagens apresentadas na Record TV em favor da abertura de templos religiosos entre julho e agosto de 2020, quando um decreto federal classificou as igrejas como serviço essencial, mas algumas cidades ainda mantiveram os espaços fechados como medida de distanciamento social (GABATZ; ZEFERINO; VERAS, 2021).

As pesquisas que analisam o posicionamento de Jair Bolsonaro sobre a pandemia abordam a relações entre negacionismo, neoliberalismo, militarismo, alinhamento com líderes evangélicos ou ainda estratégias argumentativas no discurso presidente. A entrevista concedida ao Domingo Espetacular está listada no *corpus* de análise dos trabalhos, mas apenas dois fazem referências específicas ao teor dessa entrevista no texto dos artigos. Hur, Sabucedo, Alzate (2021) inserem a entrevista no contexto de falas do presidente que minimizaram a pandemia e se mostraram incorretas, com a afirmação de que a covid-19 causaria menos mortes do que a gripe H1N1. Scopinho et al. (2021) discutem a estratégia argumentativa do “expurgo do outro”, que consiste em eleger inimigos aos quais se atribui a culpa por transtornos ou ameaças à ordem. Os autores citam uma frase da entrevista ao Domingo Espetacular em que Bolsonaro aponta para os governadores e a mídia como agentes que estariam enganando a população sobre a pandemia.

Gabatz, Zeferino e Veras (2021) apontam que a Record TV dedicou quase duas horas de programação a reportagens e entrevistas que defenderam a reabertura dos templos religiosos na semana de 27 de julho a 02 de agosto de 2020. Foram cinco reportagens no Jornal da Record e uma no Domingo Espetacular, além de uma edição da Live JR, exibida ao vivo na Record News e nas redes sociais da emissora. A análise aborda o conteúdo apresentado no Jornal da Record, mostrando que as reportagens destacaram o posicionamento de lideranças religiosas, parlamentares evangélicos e do governo federal em favor da abertura dos templos, assim como críticas aos prefeitos que mantiveram os espaços fechados. Entre outros argumentos pela reabertura, as matérias enfatizaram a associação entre a fé e a saúde, citando pesquisas e especialistas. Embora o Domingo Espetacular não seja incluído no *corpus* de análise do trabalho, o título da reportagem do programa é citado nas referências do artigo: “Fechamento de espaços religiosos limita a prática da fé na pandemia”, indicando alinhamento com o conteúdo exibido no Jornal da Record.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como Braga (2011, p. 7), consideramos a metodologia como “uma lógica das tomadas de decisão na preparação e desenvolvimento da pesquisa”. Nessa perspectiva, as decisões metodológicas contemplam desde a escolha de paradigmas, a fundamentação teórico-metodológica, a construção do problema de pesquisa, a escolha dos observáveis e das técnicas de observação e, finalmente, as decisões interpretativas e o retorno à reflexão teórica a partir dos resultados da pesquisa empírica.

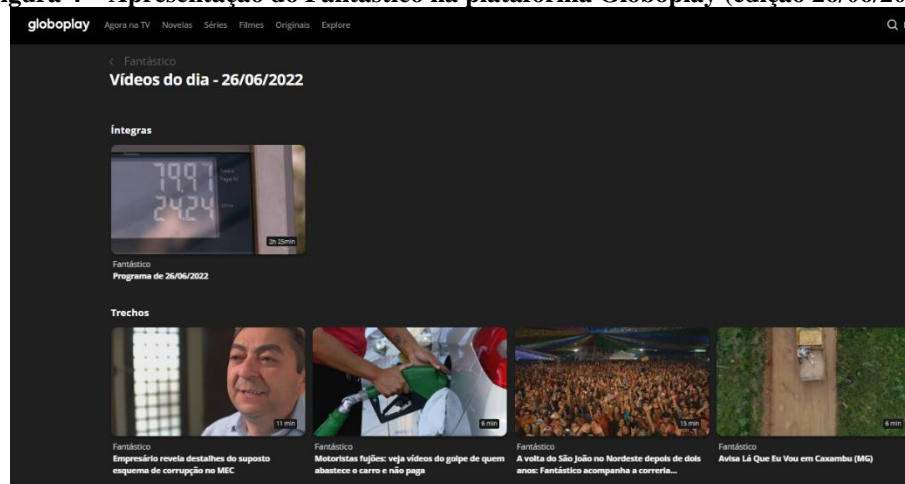
4.1 CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*

Considerando a longa duração da pandemia, iniciamos os procedimentos para delimitação do *corpus* de análise com um levantamento que visava o mapeamento das matérias sobre vacinas contra a covid-19 – reportagens, entrevistas ou outros formatos – exibidas nos programas Fantástico e Domingo Espetacular.

Para o Fantástico, recorremos ao Globoplay, plataforma de *streaming* da TV Globo, que apresenta as edições do programa, na íntegra e divididas em trechos. Os trechos contemplam todas as reportagens, entrevistas, quadros e notas de cada edição, sendo descritos por títulos e subtítulos (Figura 4). Após acessar a página do Fantástico no Globoplay, foi utilizada a pesquisa por data para acessar as edições semanais do programa. Todas as edições no período de janeiro de 2020 a fevereiro de 2022 foram acessadas. Em cada edição, foram observados os títulos dos trechos. Os trechos relacionados à covid-19 foram acessados para a leitura dos subtítulos. Os trechos cujos títulos ou subtítulos traziam referências às vacinas da covid-19 foram incluídos numa linha do tempo (Apêndice A). Também foram incluídos os trechos em que a imagem de capa apresentava a vacinação. Não foram consideradas as notas de apresentação dos números da covid-19 (casos, mortes e doses de vacina aplicadas). Assim, foram identificadas 98 matérias, incluindo diferentes formatos, como reportagens, entrevistas, comentários, quadros para tirar dúvidas da população e notas. Essas matérias foram exibidas em 50 edições do Fantástico¹².

¹² Inicialmente, identificamos 99 matérias. Porém, optamos por excluir do levantamento um boletim de plantão disponibilizado na página do Fantástico no Globoplay por considerar que este não integrou o conteúdo exibido durante o programa no dia 17 de janeiro de 2021, tendo sido veiculado durante a tarde, interrompendo a programação da emissora, para informar sobre a aprovação do uso emergencial das primeiras vacinas da covid-19 no Brasil.

Figura 4 – Apresentação do Fantástico na plataforma Globoplay (edição 26/06/2022)

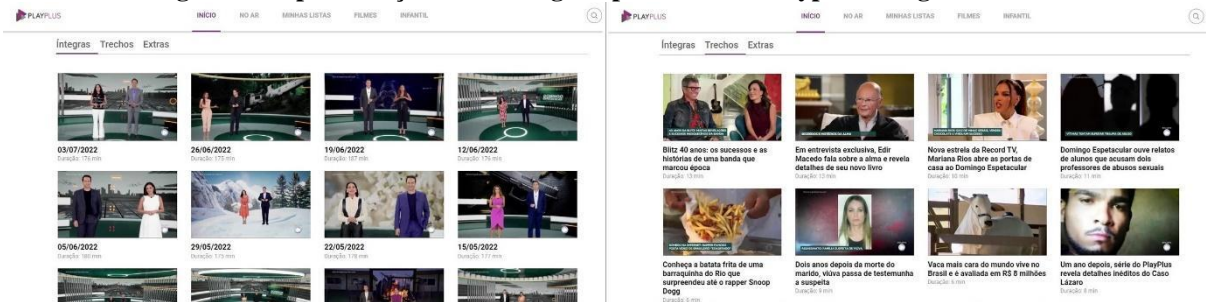


Fonte: reprodução Globoplay

Para o Domingo Espetacular recorreremos inicialmente à Playplus, plataforma de *streaming* da Record TV. Playplus apresenta as edições do Domingo Espetacular na íntegra, identificadas por data. Também apresenta trechos dos programas, porém estes não são agrupados por data, sendo apresentados todos em uma mesma página, na ordem cronológica de exibição, sem anotação da data. (Figura 5). O programa conta ainda com um canal no Youtube, no qual são disponibilizadas matérias exibidas na televisão, além de conteúdo produzido para a plataforma. Os vídeos são apresentados em *playlists* identificadas com a data da exibição do programa e descritos por títulos e subtítulos (Figura 6).

Para estabelecer a melhor metodologia de mapeamento da cobertura sobre as vacinas da covid-19 no Domingo Espetacular, realizamos um levantamento exploratório tendo como base o mês de janeiro de 2022. As cinco edições deste mês foram assistidas na íntegra e comparadas com os trechos apresentados no Playplus e no Youtube. O levantamento demonstrou que os trechos disponíveis nas plataformas não contemplam necessariamente todo o conteúdo do programa. Para algumas edições, todas as matérias são apresentadas em uma ou nas duas plataformas. Para outras, os trechos correspondem a pouco mais da metade do conteúdo exibido. Também há variação entre as plataformas. Ou seja, alguns vídeos são encontrados só no Playplus e outros só no Youtube.

Figura 5 – Apresentação do Domingo Espetacular no Playplus: íntegra e trechos



Fonte: reprodução Playplus

Figura 6 – Página inicial do canal do Domingo Espetacular no Youtube



Fonte: reprodução Youtube

Tendo em vista o prazo disponível para a pesquisa no mestrado, consideramos que não seria possível assistir todas as edições do Domingo Espetacular referentes ao período de analisado na íntegra para o mapeamento da cobertura sobre as vacinas da covid-19. Realizamos, então, buscas no canal do Domingo Espetacular no Youtube utilizando os termos ‘vacina’, ‘vacinação’, ‘imunizante’ e ‘imunização’. Acessamos também a página do Domingo Espetacular no portal R7. Dentro da página há uma seção ‘coronavírus’, na qual são apresentados vídeos do programa sobre a pandemia. A partir da leitura dos títulos destes vídeos, identificamos aqueles que abordavam as vacinas.

Essas estratégias nos permitiram encontrar 33 matérias sobre as vacinas da covid-19 exibidas em 29 edições do Domingo Espetacular, que foram incluídas numa linha do tempo¹³ (Apêndice B). Para ampliar a cobertura deste levantamento, entramos em contato com a produção do programa Domingo Espetacular no Rio de Janeiro. Enviamos a listagem de

¹³ Inicialmente, identificamos 35 matérias no levantamento da cobertura sobre as vacinas da covid-19 no Domingo Espetacular. Porém, optamos por excluir do levantamento duas matérias identificadas através da busca no Youtube que consistiam em conteúdo produzido exclusivamente para a internet, sem veiculação na televisão.

reportagens identificadas no canal do Domingo Espetacular no Youtube e na página do programa no portal R7. Foi informado que não havia outras reportagens sobre vacinas da covid-19 nos espelhos dos programas. Solicitamos acesso a estes espelhos, mas recebemos a informação de que não seria possível uma vez que estes são arquivados num sistema da emissora.

Nossa aproximação ao objeto empírico da pesquisa incluiu ainda mapeamentos da cobertura jornalística das vacinas da covid-19 e das publicações da Anvisa e do Ministério da Saúde sobre o tema. O mapeamento da cobertura jornalística foi realizado com o motor de buscas Google, utilizando o termo ‘vacina’ e a opção de intervalo personalizado do período de busca, para um levantamento mês a mês, desde janeiro de 2020 até fevereiro de 2022, observando os resultados na seção de notícias. Esse mapeamento nos permitiu identificar eventos e questões que tiveram destaque na imprensa para a produção de uma linha do tempo do noticiário sobre as vacinas da covid-19. O mapeamento das publicações da Anvisa foi realizado a partir das notícias publicadas no site da entidade. O mesmo procedimento foi adotado em relação ao Ministério da Saúde. Esses dois mapeamentos também foram utilizados para a produção de linhas do tempo sobre ações e decisões das autoridades sanitárias brasileiras sobre o tema (Apêndices C e D).

Com apoio do Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde, nossa pesquisa contou com a aquisição de dois conversores de TV digital com função de gravação, duas antenas internas de TV digital e uma licença do software de edição Movavi Video Editor. Os equipamentos foram utilizados para gravar os programas Fantástico e Domingo Espetacular de dezembro de 2021 até maio de 2022. Acreditamos que a gravação é um recurso importante para a pesquisa em telejornalismo na medida em que, nas plataformas de streaming das emissoras, mesmo os vídeos apresentados como “íntegra” dos programas são editados, com a exclusão dos comerciais e, frequentemente, das vinhetas. Principalmente na plataforma Playplus, observamos que, em algumas edições, apenas uma parte do Domingo Espetacular é apresentada no vídeo que deveria conter a “íntegra” do programa. Tendo estabelecido o recorte do *corpus* de análise desta pesquisa, recorreremos aos vídeos gravados para identificar a dinâmica completa dos programas.

Considerando nosso objetivo de pesquisa, os levantamentos realizados e o tempo disponível para a execução do trabalho, estabelecemos um recorte do *corpus* de análise com foco na cobertura sobre o desenvolvimento das primeiras vacinas da covid-19, desde a etapa mais inicial, quando os projetos de vacinas apareceram no horizonte de soluções para a pandemia, até a sua concretização, marcada pela aprovação regulatória e início da vacinação,

que, no Brasil, ocorreram, de forma sequencial, no dia 17 de janeiro de 2021. Seguindo o desenvolvimento destas vacinas, estendemos ainda nosso *corpus* de análise para a cobertura sobre os estudos de efetividade, realizados após o licenciamento dos imunizantes.

Do ponto de vista científico, os estudos de efetividade têm o objetivo de investigar a segurança e a eficácia das vacinas na vida real, em meio a adversidades que não estão presentes nas condições controladas dos ensaios clínicos randomizados a partir dos quais são obtidos os dados para o licenciamento das vacinas. Também visam avaliar o chamado efeito geral ou global das vacinas, que inclui tanto o efeito direto nos vacinados quanto o efeito indireto nos não vacinados, causado pela redução da transmissão da doença a partir da imunidade coletiva. Dessa forma, essas pesquisas avaliam o impacto populacional da vacinação, sendo importantes para validar a continuidade do uso dos imunizantes (PESCARINI et al., 2021). Na pandemia da covid-19, os estudos de efetividade ganharam relevância num contexto de emergência de variantes do SARS-CoV-2, de dúvidas sobre a duração da imunidade gerada pelas vacinas e de aplicação de vacinas tecnologicamente diferentes, com efeitos diversos sobre o sistema imunológico e sem marcadores claros de proteção (PESCARINI et al., 2021).

Ao incluir a cobertura sobre os estudos de efetividade em nosso *corpus* de análise, consideramos que eles integram o processo de desenvolvimento das vacinas e permitem observar características da cobertura do Fantástico e do Domingo Espetacular sobre este tema após o início da vacinação, ampliando a possibilidade de identificar marcas do endereçamento e dos modos de dizer dos programas em diferentes contextos.

Após assistir às reportagens, optamos ainda por excluir uma matéria de Fantástico do *corpus* de análise da pesquisa. A reportagem exibida em 29 de novembro de 2020 havia sido incluída no levantamento realizado porque o subtítulo da matéria na plataforma Globoplay citava o fato de ainda não existirem vacinas disponíveis contra covid-19 disponíveis. Porém, esta informação apareceu apenas na cabeça da reportagem, que abordou a alta de casos da doença no Brasil sem qualquer referência às vacinas. Desta forma, o *corpus* de análise da pesquisa contemplou 31 matérias da Fantástico, exibidas em 20 edições, e 14 matérias do Domingo Espetacular, exibidas em 11 edições.

Pelo recorte estabelecido, não abordaremos a cobertura sobre o processo de vacinação e etapas posteriores de pesquisa e regulação, que levaram a alterações no regime de doses e no público-alvo da imunização, além da produção de novos imunizantes. Outros temas que mobilizaram a cobertura de um ou dos dois programas após a aprovação das primeiras vacinas, incluindo questões ligadas à produção de imunizantes no Brasil, denúncias de corrupção e casos

de pessoas famosas não vacinadas e vacinadas que contraíram covid-19, também não foram contemplados.

A extensão do *corpus* de análise provavelmente acrescentaria outros elementos para nossa pesquisa, uma vez que todos estes temas, de alguma forma, mobilizaram atores científicos. Porém, acreditamos que o recorte estabelecido é suficiente para observar tendências dos programas na produção de sentidos sobre a ciência na cobertura sobre as vacinas da covid-19, adequando-se às possibilidades de uma pesquisa de mestrado. Avaliamos que o estabelecimento do *corpus* de análise da pesquisa com foco no desenvolvimento das primeiras vacinas da covid-19 favorece a investigação sobre a produção de sentidos sobre a ciência na televisão, contemplando um período de grande incerteza, no qual, usando a metáfora de Latour (2000), a caixa-preta das vacinas encontrava-se aberta, dando a ver a ciência em construção.

4.2 ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL EMPÍRICO

A primeira etapa da organização do material empírico consistiu no visionamento da totalidade das matérias do *corpus* de análise. Nesta etapa, uma matéria foi excluída do *corpus* de análise da pesquisa porque não abordava o tema das vacinas. Além da identificação preliminar das características de cada programa em relação aos temas, cenários, apresentadores, repórteres, fontes, uso de recursos visuais e sonoros, avançamos na delimitação das diferentes fases da cobertura.

Para isso, consideramos o processo de desenvolvimento das vacinas, com suas diversas etapas de pesquisa, regulação e implementação. Porém, priorizamos características da cobertura dos programas, que abordaram esses processos a partir de lógicas próprias, sob a influência de contextos, tanto ligados à pandemia quanto a outras esferas de acontecimentos políticos, econômicos e sociais. Tendo em vista os objetivos de nossa pesquisa, classificamos a cobertura em seis fases, detalhadas a seguir.

Fase 1: Vacinas para prevenir, remédios para curar

Período: março e abril de 2020.

Os dois programas veicularam a primeira matéria sobre vacinas no dia 1º de março de 2020, na semana em que os primeiros casos de covid-19 foram confirmados no Brasil. No dia 11 de março de 2020, com a doença detectada em 114 países, a OMS declarou a pandemia.

Durante o mês, a Europa se tornou o epicentro da emergência sanitária. O número de mortes diárias na Itália ultrapassou a China, levando ao colapso do sistema de saúde e à falta de estrutura para enterrar os mortos. Após a declaração da OMS, diversas cidades e estados brasileiros decretaram medidas de isolamento social, com paralisação de atividades não essenciais e trabalho remoto. No dia 17 de março de 2020, foi anunciada a primeira morte confirmada por covid-19 no país.

As pesquisas de vacinas avançaram rapidamente. Em fevereiro, a OMS contabilizava 21 imunizantes em desenvolvimento, todos em etapas pré-clínicas (DEFENDI; DA SILVA MADEIRA; BORSCHIVER, 2022). No dia 16 de março foram anunciados os dois primeiros testes de vacinas experimentais em seres humanos, nos Estados Unidos e na China. Em abril, outros projetos alcançaram a etapa clínica de pesquisa¹⁴.

Nessa fase, os dois programas apresentaram matérias abordando, igualmente, vacinas e remédios como possíveis soluções para a pandemia, o que nos conduziu ao título ‘vacinas para prevenir, remédios para curar’. Diferentes projetos foram citados nas reportagens e não houve referências a pesquisas de vacinas mais avançadas. Apesar do começo dos primeiros ensaios clínicos em meados de março, as matérias apresentadas abordaram principalmente pesquisas em laboratório, o que se refletiu nas imagens apresentadas. Entre os temas abordados, a velocidade acelerada dos estudos, associada à mobilização da comunidade científica e aos avanços tecnológicos da ciência, esteve no foco dos dois programas, que, desde o início da cobertura, abordaram o prazo para a produção dos imunizantes.

Nesta fase, a cobertura foi mais ampla no Domingo Espetacular. O programa da Record exibiu quatro matérias (com duração total de quase 32 minutos), enquanto o Fantástico apresentou uma matéria (com duração de 7 minutos), conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Matérias exibidas na ‘Fase 1: Vacinas para prevenir, remédios para curar’

Fantástico	Duração	Domingo Espetacular	Duração
01/03/2020 – Cientistas testam remédio do Ebola contra o novo coronavírus	07:03	01/03/2020 - O mundo em alerta com propagação do novo coronavírus	04:15

¹⁴ No dia 03 de abril, boletim da Opas apontava três ensaios clínicos iniciados, com as vacinas desenvolvidas pela empresa Moderna em parceria com os Institutos Nacionais de Saúde (NIH), nos Estados Unidos; pela empresa Cansino em parceria com o Instituto de Biotecnologia de Pequim e a Academia Militar de Ciências Médicas, na China; e pela Universidade de Oxford, no Reino Unido (PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION, 2020b). Os dois primeiros tiveram o início anunciado no dia 16 de março de 2020. Relatos na imprensa indicam o começo de outras pesquisas clínicas em abril. Por exemplo, no dia 14, foram anunciados testes da Inovio, nos Estados Unidos, da Sinovac e da Sinopharm, na China. No dia 23, começaram os testes da Biontech em parceria com a Pfizer, na Alemanha.

		22/03/2020 - Veja como o coronavírus mudou a rotina do brasileiro e lançou novos desafios a todos	12:37
		22/03/2020 - Coronavírus: veja as boas notícias que trazem esperança nesse momento	03:17
		05/04/2020 - Pesquisas em todo o mundo avançam para encontrar a cura do coronavírus	11:40

Fonte: Produção própria.

Fase 2: Corrida pelas vacinas: quem sai na frente?

Período: maio a agosto de 2020.

Enquanto as pesquisas avançavam, o Brasil vivia um cenário de alto índice de casos e mortes. Em maio, o país chegou ao patamar de mil óbitos por dia pela covid-19, que se manteve em junho e julho e teve leve queda em agosto. De acordo com dados da OMS, no final de maio, havia 125 vacinas em desenvolvimento no mundo, sendo 10 em testes clínicos. No final de agosto, eram 176 pesquisas em andamento, com 33 na etapa clínica (DEFENDI; DA SILVA MADEIRA; BORSCHIVER, 2022). Entre dezenas de pesquisas, seis tinham chegado à fase 3 dos testes clínicos, última etapa de avaliação exigida por agências reguladoras para aprovação dos imunizantes¹⁵ (PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION, 2020a).

A metáfora da corrida foi frequente na cobertura midiática sobre o desenvolvimento das vacinas da covid-19, não apenas no Fantástico e no Domingo Espetacular, mas em jornais de diversos países, como apontam Massarani e Neves (2021). Em nossa pesquisa, observamos que os programas apresentaram referências à corrida desde as primeiras matérias apresentadas. A metáfora esportiva traz a ideia de esforço e de velocidade em direção à linha de chegada, assim como de competição. Nossa opção por associar a segunda fase da cobertura à “corrida pelas vacinas” se deu pela presença desses dois aspectos, na medida em que os programas passaram

¹⁵ De acordo com a OpaS, no dia 27 de agosto de 2020, seis vacinas encontravam-se na fase 3 dos ensaios clínicos, sendo três vacinas chinesas (da Sinovac; do Instituto de Produtos Biológicos de Wuhan em parceria com a Sinopharm; e do Instituto de Biotecnologia de Pequim em parceria com a Sinopharm), uma vacina britânica (da Universidade de Oxford em parceria com a AstraZeneca) e duas vacinas americanas (da Moderna em parceria com os Institutos Nacionais de Saúde e da BioNTech em parceria com a Pfizer) (PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION, 2020a).

a acompanhar as pesquisas mais adiantadas, nomeando os projetos mais avançados em relação aos países de origem e/ou instituições responsáveis pelo seu desenvolvimento e fabricação.

As imagens de laboratório continuaram nas reportagens, mas passaram a ser acompanhadas por imagens da aplicação de vacinas em ensaios clínicos. A velocidade acelerada das pesquisas continuou em foco nos dois programas. Com diferentes ênfases e abordagens, as matérias contemplaram as diferentes tecnologias de produção das vacinas, metodologia e andamento dos estudos, segurança e eficácia das vacinas, realização de ensaios clínicos no Brasil e acordos para produção de imunizantes no país, além de questões ligadas ao acesso às vacinas.

Nesta fase, o número de matérias e a duração total da cobertura foram praticamente os mesmos nos dois programas: quatro matérias, com duração total de quase 27 minutos, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Matérias exibidas na ‘Fase 2: Corrida pelas vacinas: quem sai na frente’

Fantástico	Duração	Domingo Espetacular	Duração
03/05/2020 – Voluntários aceitam ser contaminados com coronavírus para acelerar pesquisas sobre vacina	08:35	03/05/2020 - Vacina contra o coronavírus pode estar disponível para distribuição em setembro	09:14
		24/05/2020 - Vacina brasileira contra coronavírus poderá chegar em 2021	08:04
28/06/2020 – Vacinas contra a Covid-19 são testadas no Brasil: veja como as pesquisas funcionam	08:39	28/06/2020 - Empresa chinesa anuncia resultados positivos em testes de vacina para covid-19	00:34
		02/08/2020 - Domingo Espetacular investiga possível data para vacina contra covid-19	08:57
16/08/2020 – Vacina russa, chinesa e de Oxford: como está a corrida pela imunização contra a Covid-19	08:41		
16/08/2020 – Datafolha: 89% dos brasileiros querem se vacinar contra Covid-19; 9% não querem	01:00		

Fonte: Produção própria.

Fase 3: Em direção à linha de chegada: segurança e eficácia

Período: setembro a novembro de 2020.

A etapa final das pesquisas ocorreu num período de queda nos índices da covid-19 no Brasil. Os números de casos e óbitos diários diminuíram em setembro e outubro de 2020, atingindo o menor patamar no começo de novembro. O primeiro resultado de um ensaio clínico de fase 3 de uma vacina da covid-19, última etapa necessária para a aprovação de um imunizante, foi divulgado pela farmacêutica americana Pfizer em parceria com a empresa alemã Biontech no dia 18 de novembro de 2020. Também no mês de novembro, foram anunciados resultados de eficácia das vacinas desenvolvidas pelo Instituto Gamaleya, na Rússia; pela Moderna em parceria com os Institutos Nacionais de Saúde, nos Estados Unidos; e pela Universidade de Oxford em parceria com a farmacêutica Astrazeneca, no Reino Unido.

O Domingo Espetacular não exibiu reportagens sobre vacinas da covid-19 nessa fase. No Fantástico, a cobertura seguiu desdobramentos das pesquisas e movimentações do campo político. A segurança e a eficácia das vacinas foram o principal tema das reportagens. O olhar foi voltado principalmente para as vacinas em teste no Brasil, mas contemplou também outros projetos considerados mais adiantados. A velocidade acelerada das pesquisas, as diferentes tecnologias de produção de vacinas e a metodologia dos estudos seguiram como temas em destaque. Questões ligadas à preparação para a vacinação no Brasil entraram na pauta, incluindo aquisição de imunizantes, aspectos logísticos e organização da campanha de vacinação.

Nesta fase, identificamos três matérias no Fantástico, com duração total de quase 25 minutos, conforme a Tabela 3. O Domingo Espetacular não apresentou matérias sobre as vacinas da covid-19 nesse período.

Tabela 3 – Matérias exibidas na ‘Fase 3: Em direção à linha de chegada: segurança e eficácia’

Fantástico	Duração
13/09/2020 – Vacina de Oxford: entenda sobre protocolos da fase 3 de testes e mielite transversa	07:30
27/09/2020 – Exclusivo: Fantástico entra na fábrica da CoronaVac, na China; Veja imagens	08:36
22/11/2020 – Corrida por vacina contra a Covid-19 gera forte expectativa; Drauzio Varella fala de desafios	08:51

Fonte: Produção própria.

Fase 4: A vacina chegou no exterior

Período: dezembro de 2020 até 10 de janeiro de 2021

No dia 02 de dezembro, a vacina Pfizer/Biontech foi aprovada para uso emergencial no Reino Unido, tornando-se o primeiro imunizante autorizado num país ocidental. Até o dia 17 de janeiro de 2021, quando as duas primeiras vacinas foram aprovadas no Brasil, cerca de 90 países autorizaram o uso de vacinas da covid-19. Ao todo, onze vacinas receberam autorização para uso, em pelo menos um país, neste período, segundo dados do painel sobre o mercado de vacinas da covid-19, do Unicef¹⁶ (UNICEF, 2022).

A aprovação das primeiras vacinas contra covid-19 ocorreu num período crítico da pandemia em diversos países, inclusive no Brasil. Considerando o critério da média móvel de sete dias, as mortes diárias pela doença praticamente triplicaram em dois meses. O Brasil saiu da média de 323 óbitos no dia 11 de novembro (menor patamar registrado desde abril) para 1.044 no dia 13 de janeiro de 2021 (próximo do pico registrado em julho¹⁷), segundo dados do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass). A identificação de variantes do coronavírus com maior transmissibilidade, no Reino Unido, na África do Sul e em Manaus, aumentou as preocupações.

A partir do momento em que a primeira vacina foi aprovada num país ocidental, a cobertura dos programas se dividiu entre o começo da vacinação no exterior e os encaminhamentos para a vacinação no Brasil. A cobertura foi significativamente mais intensa no Fantástico do que no Domingo Espetacular. Entre os temas ligados ao cenário internacional, os dois programas destacaram o começo da vacinação no Reino Unido, com ênfase na imunização de brasileiros no exterior. O Fantástico abordou ainda questões ligadas à vacinação na Europa e nos Estados Unidos. Em relação ao Brasil, os dois programas colocaram em pauta a produção local e a importação de imunizantes, a aquisição de vacinas, o planejamento da campanha de imunização e o processo regulatório, com diferentes ênfases e abordagens. O

¹⁶ Entre 11 vacinas aprovadas em diferentes países até 17 de janeiro de 2021, seis receberam autorização para uso em um número significativo de países. Neste grupo estão as vacinas desenvolvidas por: Pfizer/Biontech (vacina Comirnaty, autorizada em 67 países); Moderna (vacina Spikevax, autorizada em 40 países); Oxford/Astrazeneca (vacina Vaxzeria, produzida pela Astrazeneca, autorizada em 14 países, e vacina Covishield, produzida pelo Instituto Serum da Índia, autorizada em sete países, incluindo o Brasil); Instituto Gamaleya (vacina Sputnik V, autorizada em nove países); Sinopharm-Pequim (vacina BBIBP-CorV, autorizada em oito países); e Sinovac (vacina CoronaVac, autorizada em seis países, incluindo o Brasil). As outras vacinas com autorização identificadas neste período foram: da Sinopharm-Wuhan (vacina inativada, autorizada na China e nos Emirados Árabes Unidos); da CanSino Biologics (vacina Convidecia, autorizada apenas na China); da Bharat Biotech (vacina Covaxin, autorizada apenas na Índia); do Instituto Vector (vacina EpiVacCorona, autorizada apenas na Rússia); e da Janssen (vacina Ad26.COV 2.S, autorizada apenas na Costa do Marfim).

¹⁷ Considerando o critério da média móvel de sete dias, o pico de mortes na chamada primeira onda da covid-19 no Brasil ocorreu no dia 25 de julho de 2020, com média de 1.096 óbitos. Esse índice foi registrado em meio a um longo período de alto impacto da doença. Entre 23 de maio de 2020 e 27 de agosto de 2020, a média de mortes diárias permaneceu acima de 900. Especialistas caracterizaram essa fase como um platô, que refletiu a falta de medidas mais consistentes de distanciamento social para conter a disseminação do vírus em diferentes áreas do país.

Fantástico também abordou a divulgação do resultado de eficácia da CoronaVac no ensaio clínico de fase 3.

Nesta fase, identificamos nove matérias no Fantástico (com duração total de 61 minutos) e duas matérias no Domingo Espetacular (com duração total de 9 minutos), exibidas conforme a Tabela 4.

Tabela 4 – Matérias exibidas na ‘Fase 4: A vacina chegou no exterior’

Fantástico	Duração	Domingo Espetacular	Duração
06/12/2020 – Vacina: veja a preparação do Reino Unido, a situação no mundo e a expectativa do Brasil	09:54		
13/12/2020 – EUA começa operação para distribuir vacina anti-covid da Pfizer e da BioNTech para população	02:36	13/12/2020 – Início da vacinação no exterior: após vacinação de idosa na Inglaterra, brasileiros buscam respostas sobre imunização	07:05
13/12/2020 – Lewandowski dá 48 horas para o governo informar datas da vacinação contra a Covid no Brasil	08:45		
13/12/2020 – Uma das primeiras vacinadas contra a Covid no Reino Unido, brasileira diz que está '100%'	15:43		
27/12/2020 – União Europeia começa campanha de vacinação em massa contra a Covid-19	02:38		
03/01/2021 – Clínicas particulares brasileiras negociam compra de 5 milhões de vacinas indianas	07:14	03/01/2021 – Anvisa libera a importação da vacina de Oxford/AstraZeneca	01:59
03/01/2021 – Governo do Egito aprova vacina contra a Covid desenvolvida pelo laboratório Sinopharm	00:12		
10/01/2020 – Fantástico entra no Instituto Butantan e mostra em 1ª mão produção da CoronaVac	09:18		
10/01/2021 – Uso emergencial da CoronaVac: entenda requisitos da Anvisa	05:05		

Fonte: Produção própria.

Fase 5: Brasil aprova vacina e inicia a vacinação

Período: 17 de janeiro de 2021

No Brasil, o dia das primeiras autorizações para uso emergencial de vacinas da covid-19 marcou também o início da vacinação, com a aplicação da CoronaVac, em São Paulo. Considerando a intensidade da cobertura e a sua relevância para os objetivos da pesquisa, este momento foi classificado como uma fase da cobertura.

A cobertura nos dois programas abordou a sessão da Anvisa, o começo da vacinação, o planejamento do Ministério da Saúde para a campanha nacional de imunização e dúvidas da população. O Fantástico abordou ainda a disputa política sobre os imunizantes e a demanda para liberação de outras vacinas. O Domingo Espetacular apresentou a fabricação da CoronaVac no Brasil (um tema abordado pelo Fantástico na semana anterior à aprovação das vacinas).

Concentrada no dia 17 de janeiro de 2021, esta fase da cobertura teve sete matérias no Fantástico (com duração total de quase 46 minutos) e três matérias no Domingo Espetacular (com duração total de 20 minutos), exibidas conforme a Tabela 5.

Tabela 5 – Matérias exibidas na ‘Fase 5: Brasil aprova vacina e inicia a vacinação’

Fantástico	Duração	Domingo Espetacular	Duração
17/01/2021 – Anvisa autoriza, por unanimidade, o uso emergencial da CoronaVac e da vacina de Oxford	16:44	17/01/2021 – Enfermeira de 54 anos é a primeira pessoa a ser vacinada no Brasil	05:34
17/01/2021 – Enfermeira de 54 anos é a primeira pessoa a receber vacina contra Covid no Brasil	10:08	17/01/2021 – Anvisa libera uso emergencial de duas vacinas contra covid-19 e dá sinal verde para a vacinação no país	03:05
17/01/2021 – Governo vai começar a distribuir as vacinas contra Covid nesta segunda (18), diz Pazuello	06:17	17/01/2021 – Domingo Espetacular mostra detalhes do processo de envase da CoronaVac	11:28
17/01/2021 – Bahia pede que o STF autorize a importação de vacinas contra Covid sem registro na Anvisa	00:51		
17/01/2021 – Drauzio Varella fala sobre a importância da liberação das vacinas contra Covid	01:51		
17/01/2021 – Existe vacina melhor? Grávida pode tomar? Altera o DNA? Drauzio Varella e especialistas respondem dúvidas	10:00		

Fonte: Produção própria.

Fase 6: Vacinação em andamento: os estudos de efetividade

Período: janeiro a agosto de 2021

A vacinação contra a covid-19 começou em ritmo lento. No final de março, apenas 8% dos brasileiros tinham recebido a primeira dose. No final de maio, o índice chegou a 22%. A partir de junho, a vacinação acelerou. O país chegou ao final de agosto com mais de 60% da população imunizada com ao menos uma dose. Em contrapartida, o primeiro semestre de 2021 foi o mais letal de toda a pandemia no Brasil. Inicialmente detectada em Manaus, a variante gama do coronavírus se espalhou pelo país. A circulação da variante altamente contagiosa, num cenário de adoção parcial e limitada de medidas de distanciamento social e baixa vacinação, produziu uma explosão de casos e mortes por covid-19. Considerando o critério da média móvel de sete dias, foram seis meses com média de mortes acima de mil por dia. Em dois meses, as médias superaram duas mil mortes diárias (Tabela 6).

Tabela 6 – Vacinação e mortes por covid-19 no Brasil em 2021

Mês/2021	Vacinados com a 1ª dose	Mortes por covid-19
Janeiro	1%	33,1 mil
Fevereiro	3%	30,2 mil
Março	8%	56,3 mil
Abril	15%	78,9 mil
Maiο	22%	71,6 mil
Junho	35%	51,7 mil
Julho	48%	43,7 mil
Agosto	62%	22,6 mil

Fonte: Dados de vacinação do ‘Monitora Covid’, da Fiocruz (FIOCRUZ, 2023). Dados de óbitos do ‘Painel Covid-19’, do Conass (CONASS, 2021).

Foi nesse contexto epidemiológico que estudos de efetividade das vacinas da covid-19, realizados com o objetivo de avaliar o impacto da imunização na vida real, ganharam espaço na cobertura das revistas semanais.

No Fantástico, além de seis matérias sobre estudos de efetividade, identificamos uma reportagem sobre o resultado final do ensaio clínico de fase 3 da CoronaVac exibida no período em que a vacinação já se encontrava em andamento no Brasil. Decidimos incluir também essa reportagem no *corpus* de análise da pesquisa considerando que ela integra a cobertura do

programa sobre o desenvolvimento das primeiras vacinas da covid-19. Assim, nessa fase, foram consideradas sete matérias no Fantástico (com duração total de quase 30 minutos) e uma matéria no Domingo Espetacular (com duração de 9 minutos), exibidas conforme a Tabela 7.

Tabela 7 – Matérias exibidas na ‘Fase 6: Vacinação em andamento: os estudos de efetividade’

Fantástico	Duração	Domingo Espetacular	Duração
21/02/2021 – Cidade no interior de SP inicia vacinação em massa contra Covid em um estudo clínico	7:36		
11/04/2021 – Vacinação em massa contra Covid em Serrana (SP) tem resultados animadores	2:05		
11/04/2021 – Novos resultados do ensaio clínico da CoronaVac mostram uma vacina ainda mais eficaz	2:24		
16/05/2021 – Botucatu é palco de estudo sobre eficácia da vacina Oxford/AstraZeneca	1:55		
30/05/2021 – Estudo revela que a pandemia pode ser controlada com 75% da população vacinada	12:36	30/05/2021 – Resultados sobre vacinação em massa em Serrana (SP) serão divulgados nesta segunda-feira (31)	9:05
13/06/2021 – Viana começa vacinação em massa	1:57		
20/06/2021 - Moradores adultos de Paquetá são vacinados contra a Covid	0:39		
08/08/2021 – Segunda dose é aplicada em Botucatu/SP	0:31		

Fonte: Produção própria.

4.3 GRADE DE ANÁLISE

Em nossa grade de análise estabelecemos uma aproximação entre os modos de endereçamento no telejornalismo, de Itania Gomes, e a análise do dispositivo de enunciação, que Eliseo Verón chama de contrato de leitura em referência à imprensa escrita. Entendemos que é possível conjugar essas perspectivas na medida em que ambas abordam a forma como o discurso se relaciona com seu destinatário ou receptor/consumidor. Verón (2004, p. 219) diz que o contrato de leitura “cria o vínculo entre o suporte e o seu leitor”. Segundo Gomes (2011,

p. 36), é o modo de endereçamento que “provê grande parte do apelo de um programa para os telespectadores”.

O dispositivo de enunciação é formado pela imagem do enunciador, pela imagem do destinatário e pela relação entre eles que é proposta “no e pelo discurso” (VERÓN, 2004, p. 218) A imagem do enunciador refere-se aos lugares de fala que ele atribui a si mesmo no discurso, tanto em relação ao referente do enunciado quanto em relação ao destinatário. Da mesma forma, a imagem do destinatário é formada pelas posições discursivas atribuídas a ele, que podem ser, por exemplo, de mais ou menos saber em relação ao assunto em questão.

Segundo Gomes (2011, p. 36), “o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais”. De acordo com a autora, a análise dos modos de endereçamento considera os elementos semióticos da televisão, incluindo os recursos verbais e da linguagem televisiva. Seguindo a proposta da autora, nossa análise contempla quatro operadores de análise dos modos de endereçamento no telejornalismo: os mediadores, o contexto comunicativo, o pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática.

Os mediadores do endereçamento são os âncoras, comentaristas e repórteres, que estabelecem o vínculo com o telespectador, pela forma como se posicionam e agem diante da câmera e pelas suas trajetórias dentro e fora dos programas. O contexto comunicativo refere-se à forma como o discurso telejornalístico constrói a situação da comunicação, com uma representação de si mesmo, do receptor e de uma relação entre ambos. A organização temática diz respeito à organização das editoriais no programa, o que implica na aposta em certos interesses e competências dos espectadores. Tendo em vista o foco da nossa pesquisa na cobertura sobre as vacinas da covid-19 e a impossibilidade de analisar integralmente todas as edições dos programas no curso de uma pesquisa de mestrado, direcionamos nosso olhar para a organização temática interna das matérias incluídas no *corpus* de análise, observando a seleção e a hierarquia dos temas abordados.

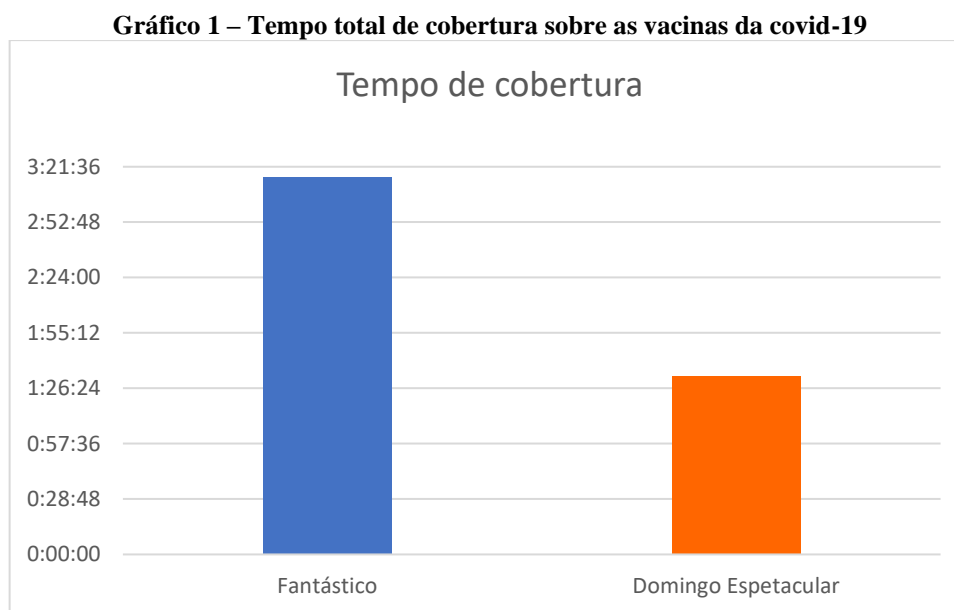
Por fim, o pacto sobre o papel do jornalismo está ligado ao acordo tácito que condiciona o que o espectador pode esperar do programa, de certa forma, atualizando premissas do jornalismo, tais como objetividade, imparcialidade e interesse social. Para essa análise, Gomes (2011) aponta quatro elementos que devem ser observados: os recursos técnicos a serviço do jornalismo, incluindo tecnologias de imagem e som para produção do jornalismo e a forma de apresentar o trabalho de produção da notícia; os recursos da linguagem televisiva, ligados às possibilidades de filmagem, edição, trilha sonora, apresentação de vinhetas e outros elementos; os formatos de apresentação da notícia, tais como notas, reportagens, entrevistas, entradas ao

vivo; e a relação com as fontes de informação, incluindo autoridades e/ou especialistas e cidadãos comuns.

Em nossa grade, fazemos um cruzamento entre as categorias de análise dos modos de endereçamento e os modos de dizer, de Pinto (2002), observando as operações enunciativas, de modalização e de modalização expressiva, associadas com os modos de mostrar, interagir e seduzir. É através deste dispositivo analítico que buscamos caracterizar, na análise do *corpus* da pesquisa, a produção de sentidos sobre a ciência na cobertura sobre as vacinas da Covid-19 nos programas Fantástico, da Rede Globo, e Domingo Espetacular, da Record TV.

5 CARACTERIZAÇÃO DA COBERTURA

Os dois programas destacaram as vacinas da covid-19 e a ciência, mas o Fantástico dedicou o dobro do tempo do Domingo Espetacular à cobertura. Somando o tempo de todas as matérias apresentadas, foram 3 horas e 16 minutos de cobertura no programa da Globo contra 1 hora e 33 minutos no programa da Record (Gráfico 1).



Tempo total da cobertura (em horas, minutos e segundos) sobre as vacinas da covid-19 no *corpus* de análise dos programas Fantástico e Domingo Espetacular. Fonte: produção própria.

Essa diferença pode ser relacionada com o lugar que a ciência ocupa tradicionalmente no programa da Globo, relacionado, por sua vez, com o seu público de endereçamento e com o poderio técnico e financeiro da emissora, que permite, por exemplo, o investimento em computação gráfica, aplicada com frequência na cobertura. Além destes aspectos constitutivos dos programas, consideramos que a cobertura sobre as vacinas está relacionada com a importância atribuída à pandemia nos dois programas, que se expressam nas matérias sobre os imunizantes. Neste sentido, os programas apresentaram construções quase opostas, com o Fantástico enfatizando, cada vez mais, ao longo da cobertura, o impacto da pandemia, principalmente no Brasil, e o sofrimento causado pela doença, enquanto o Domingo Espetacular se concentrou no cenário internacional e abordou pouco o contexto nacional da pandemia nas matérias ao longo do tempo, minimizando o sofrimento causado pela covid-19.

Observando a distribuição das matérias, os dois programas iniciaram a cobertura na mesma data, 1º de março de 2020, na semana que os primeiros casos de covid-19 foram

registrados no Brasil. Ambos alcançaram o pico da cobertura no dia 17 de janeiro de 2021, data da autorização das primeiras vacinas e do começo da imunização no Brasil. Foram 46 minutos de cobertura no Fantástico e 20 minutos no Domingo Espetacular.

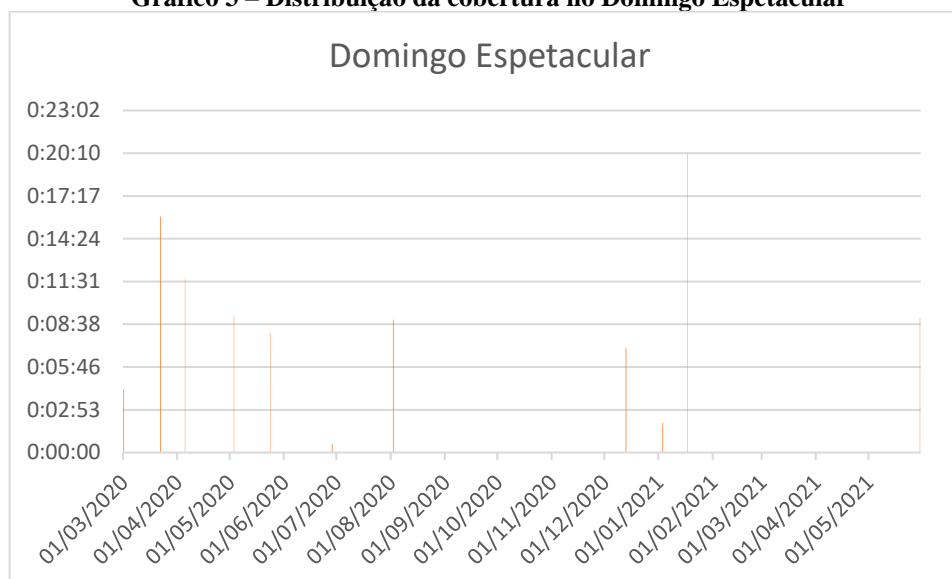
Gráfico 2 – Distribuição da cobertura no Fantástico



Tempo de cobertura por edição do programa Fantástico (em horas, minutos e segundos).

Fonte: produção própria.

No Fantástico, além do maior tempo dedicado às vacinas, observamos a abordagem mais regular nas primeiras fases de cobertura e maior intensidade na abordagem no período que antecede a aprovação das vacinas e o começo da imunização, além de maior atenção aos estudos de efetividade, conforme mostra o gráfico 2. Entre março e maio de 2020, o Fantástico abordou o tema em duas edições. Depois, a cobertura foi mais ampla no dominical da Globo, com exibição de reportagens em junho, agosto, setembro e novembro de 2020. Houve escalada da cobertura em dezembro e janeiro, com o tema abordado em quase todos os domingos nesse período, atingindo o ápice de cobertura no dia da aprovação das vacinas e começo da vacinação. Os estudos de efetividade foram abordados em sete edições do programa, com reportagens ou notas.

Gráfico 3 – Distribuição da cobertura no Domingo Espetacular

Tempo de cobertura por edição do programa Domingo Espetacular (em horas, minutos e segundos). Fonte: produção própria.

Além do menor tempo total dedicado às vacinas da Covid-19, o Domingo Espetacular apresentou matérias concentradas nas primeiras fases da cobertura, como mostra o gráfico 3. O programa abordou o tema em cinco edições entre março e maio de 2020. Apresentou uma nota em junho e uma reportagem em agosto. Houve ausência de matérias em setembro, outubro e novembro de 2020. Em dezembro, o tema foi abordado em uma edição, voltando à pauta em uma pequena matéria em janeiro de 2021, antes da aprovação das vacinas e começo da vacinação, que receberam a maior cobertura. Na última fase analisada, que corresponde aos estudos de efetividades das vacinas, o programa exibiu uma reportagem, em maio de 2021.

5.1 A CIÊNCIA E OS CIENTISTAS

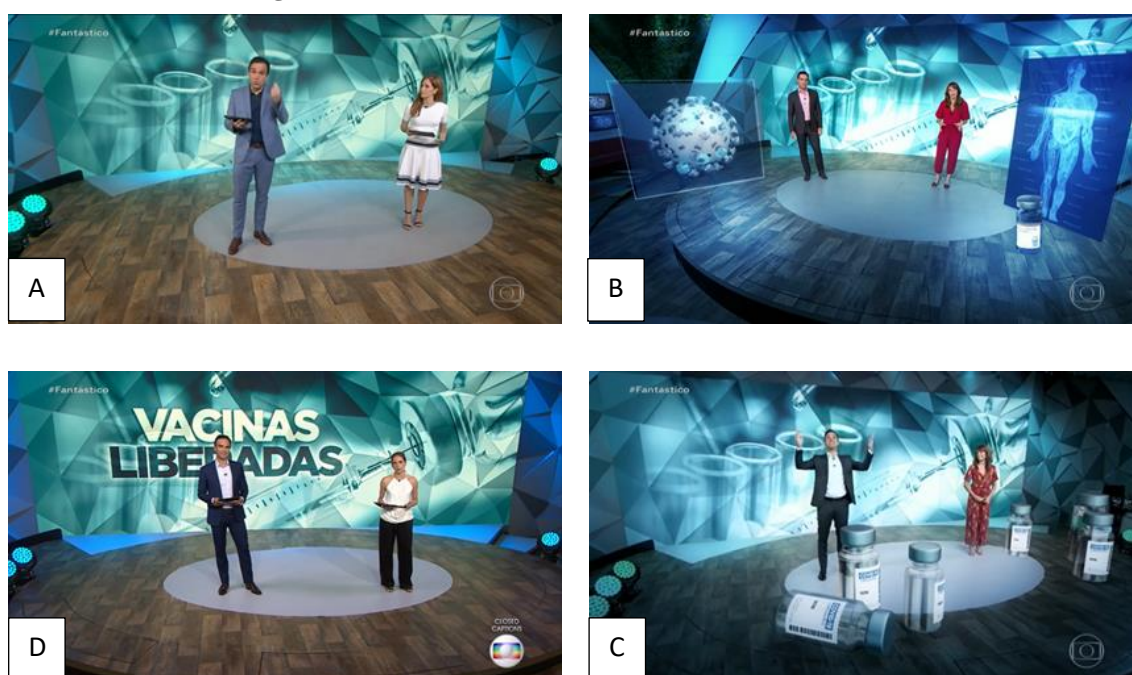
Os dois programas apresentaram visões positivas sobre as vacinas e a ciência, associadas com a esperança de solução para a pandemia. Porém, observamos diferenças na construção da ciência, que se relacionam com o posicionamento dos programas e da relação com suas audiências.

5.1.1 Fantástico

A cobertura do Fantástico teve como marca a forte aliança entre o discurso jornalístico e o discurso científico. Ao longo de todo o período analisado, o Fantástico enfatizou a importância das vacinas e da ciência no enfrentamento da pandemia. A relevância do tema no programa foi marcada pela utilização de um selo no fundo do cenário durante a chamada das matérias, que atribuiu à cobertura sobre as vacinas da covid-19 uma identidade visual. Este selo apresentou a composição de imagens de uma seringa com a agulha enfiada em um frasco de

vacina e de tubos de ensaio, marcando a associação da vacina com a ciência (Figura 7A). Foi utilizado pela primeira vez em 28 de junho de 2020, na terceira reportagem exibida pelo programa sobre as vacinas da covid-19, e apresentado na chamada de todas as matérias na cobertura, com exceção de alguns temas que mereceram selos especiais. Em algumas edições, outros elementos compuseram o cenário, traduzindo visualmente os sentidos em destaque na cobertura, tais como: a disputa entre a vacina e o vírus na fase final das pesquisas clínicas, em 27/09/2020, a chegada da vacina no exterior, em 06/12/2020, e a liberação das vacinas no Brasil, em 17/01/2020 (Figuras 7B, 7C e 7D).

Figura 7 – Vinheta sobre as vacinas exibida no Fantástico



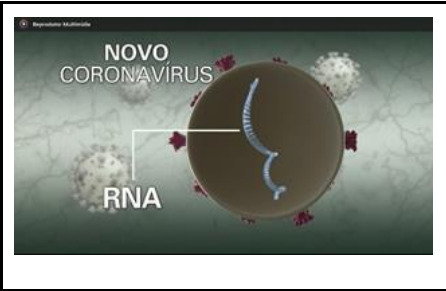
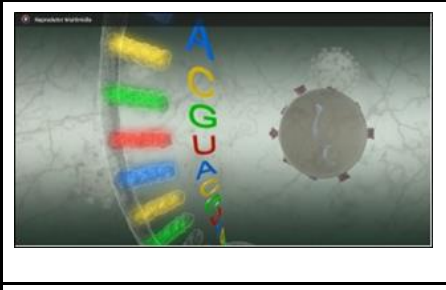

Legenda: Reprodução da chamada de reportagens sobre as vacinas exibidas no Fantástico em 28/06/2020 (A), 27/09/2020 (B), 06/12/2021 (C) e 17/01/2021 (D). Fonte: reprodução Globoplay.

A importância das vacinas no discurso do Fantástico transpareceu no texto e nos gestos dos apresentadores, que construíram a imagem de um enunciador e um coenunciador ansiosos pelos imunizantes. Durante as pesquisas, as vacinas foram apontadas como a ferramenta necessária “para **acabar com a pandemia**” (Tadeu Schmidt, em 03/05/2020) e aguardadas com ansiedade, como mostra a indagação “Quando finalmente nós vamos ter uma vacina contra a covid-19? Acho que não existe um brasileiro, uma pessoa no mundo que não se faça essa pergunta todo dia, Poliana” (Tadeu Schmid, 28/06/2020). A primeira aprovação de uma vacina no exterior foi comemorada por Tadeu Schmidt, que levou as mãos ao alto quando disse: “A vacina chegou, ó! Há quanto tempo a gente não esperava por essa notícia, não é?” (Figura 7C). Na mesma chamada, Poliana Abritta disse: “O **fim da pandemia** demora, mas começou” e uniu

as mãos, abaixando a cabeça como em uma oração. O começo da vacinação no Reino Unido foi saudado com a frase: “Depois de uma espera sofrida, a **vitória da ciência**” (Poliana Abritta, 13/12/2020). A aprovação das primeiras vacinas e o começo da vacinação no Brasil foram descritos como “a notícia mais esperada” e “uma imagem que traz esperança” (Poliana Abritta, 17/01/2021).

A cobertura do Fantástico aprofundou explicações científicas. O caráter didático das explicações foi reforçado com o uso de infográficos bem elaborados, uma marca do jornalismo científico do programa, que foi muito presente na cobertura sobre as vacinas. Como exemplo, citamos a forma como o Fantástico apresentou o avanço do sequenciamento genético e as novas tecnologias para a produção de imunizantes, baseadas em RNA. O tema foi abordado nos dois programas, porém o Fantástico abriu mais espaço para o aprofundamento da explicação científica, detalhando a estrutura da partícula viral e do material genético do vírus (Quadro 1).

Quadro 1 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 01/03/2020: sequenciamento genético

 <p>NOVO CORONAVÍRUS RNA</p>	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior em <i>off</i>: Para entender o que é esse sequenciamento, vamos lembrar que um vírus é uma forma de vida microscópica, bem primitiva, composta por material genético revestido por proteína e gordura. No novo coronavírus, o material genético é RNA.</p>
	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior em <i>off</i>: Esse RNA é formado por sequência de centenas e centenas de bloquinhos, representados por letras.</p>
	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior em <i>off</i>: Até há pouco tempo, decifrar essa sequência de letras dava um longo trabalho, mas com o coronavírus foi questão de dias.</p>

Fonte: produção própria.

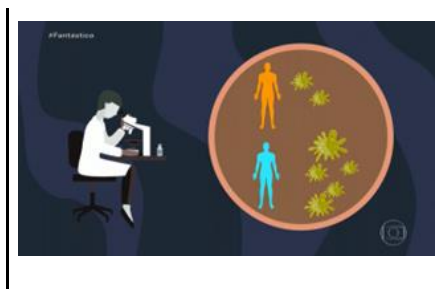
Considerando esse trecho, observamos que ao dizer “vamos lembrar”, o repórter do Fantástico assumiu uma posição mais próxima da equivalência com a audiência, endereçando o discurso do programa a um espectador que possui algum grau de conhecimento de biologia.

As tecnologias de produção de vacinas foram um tema destacado no Fantástico. Ao longo da cobertura, o programa da Globo apresentou um panorama mais amplo de tecnologias disponíveis e, algumas vezes, classificou as abordagens entre tradicionais e modernas. Além da abordagem detalhada e didática, a postura mais cautelosa do Fantástico se mostrou nesse tema. Na primeira reportagem veiculada sobre as vacinas, o programa destacou positivamente as vacinas genéticas, associadas com o “planejamento estratégico”. Porém, na segunda fase da cobertura (‘Fase 2: A corrida pelas vacinas: quem sai na frente’), quando a tensão entre a urgência da pandemia e a necessidade de garantir a segurança das vacinas foi mais acentuada na cobertura do Fantástico, o programa apresentou ressalvas em relação às novas tecnologias. Por exemplo: “Existem também as vacinas que contêm só um fragmento do material genético do vírus, RNA ou DNA, mas **essas são ainda experimentais**” (03/05/2020) e “A pressa também move uma outra vacina testada no Brasil, criada na Alemanha. Ela usa uma estratégia genética tão avançada que **até hoje não rendeu nenhum produto comercial**. Mas também já tá na fase 3 aplicada em milhares de voluntários” (16/08/2020).

A metodologia dos ensaios clínicos foi abordada em todas as reportagens do Fantástico durante a realização das pesquisas, de forma detalhada, incluindo explicação sobre uso de placebo e de procedimentos para evitar vieses, também com apresentação de infográficos didáticos, como o exemplo apresentado no quadro 2. Essa regularidade indica que o programa considerou esse tema relevante para a sua audiência, revelando o endereçamento dirigido a um público interessado não apenas nos resultados, mas também nos processos da ciência.

Quadro 2 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 03/05/2020: infográfico sobre metodologia de ensaios clínicos

	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior em <i>off</i>: Normalmente, quando uma nova vacina chega aos testes com seres humanos, o que se faz é dar a vacina pra metade de um grupo grande e pra outra, um placebo, uma mistura que não tem efeito.</p>
	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior em <i>off</i>: No começo nem os médicos nem os participantes sabem quem tomou o quê. Aí, as pessoas voltam pras suas vidas normais e eventualmente podem acabar sendo expostas ao vírus.</p>



Repórter Álvaro Pereira Júnior em *off*: Depois de um período, os cientistas conferem se as pessoas que tomaram a vacina se infectaram menos do que as do grupo do placebo.

Fonte: Produção própria.

Além de detalhar a metodologia dos ensaios clínicos, o Fantástico ressaltou a importância desse e de outros procedimentos e ritos da ciência. Esse posicionamento apareceu no texto do repórter e também em sonoras de especialistas entrevistados. Por exemplo, em agosto, a publicação científica de resultados foi destacada na reportagem que criticou o registro de uma vacina na Rússia antes da conclusão dos ensaios clínicos (“Para você descobrir uma vacina, você faz pesquisa, a pesquisa gera artigos científicos que são vistos por outros cientistas e lá na frente surge uma vacina”, repórter Álvaro Pereira Júnior em 16/08/2020). Em setembro, a suspensão e posterior retomada do ensaio clínico da vacina de Oxford após um caso suspeito de efeito colateral grave foi abordada como uma demonstração do bom funcionamento dos procedimentos adotados pela ciência para garantir a segurança do imunizante. Nesta matéria, o repórter Álvaro Pereira Júnior disse: “Pode parecer assustadora uma interrupção na fase 3, que é a última antes de liberar para a população, mas os cientistas estão acostumados”. Em seguida, Paulo Lotufo, professor Clínica Médica / USP, afirmou: “Esse é um fato muito frequente e que é muito bom que aconteça porque está mostrando que quem está realizando está muito preocupado com o que está fazendo” (13/09/2020).

A abordagem do Fantástico sobre a suspeita de efeito colateral no ensaio da vacina de Oxford é um exemplo da aliança próxima entre o discurso jornalístico e o discurso científico no programa. Entre outros fatores, essa aliança foi evidenciada pelo lugar ocupado pelos especialistas na cobertura.

No jargão jornalístico, o termo especialista ou *expert* é utilizado para se referir às fontes especializadas nos diversos campos de conhecimentos. Na produção de reportagens, especialistas são frequentemente consultados como fontes secundárias, para contextualizar, interpretar ou comentar acontecimentos, além de fazer previsões (LAGE, 2001; SCHMITZ, 2011). Em algumas situações, comumente no jornalismo científico, especialistas também são fontes primárias de matérias, entrevistados em busca de informações factuais por estarem diretamente envolvidos ou próximos dos acontecimentos (SPONHOLZ, 2008).

Cabe observar que o conceito de *expert* é distinto no Jornalismo e nos Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia. Eyal e Medvetz (2023) afirmam que não existe consenso no campo dos ESCT sobre a definição de *expertise*, mas esta se relaciona com o papel do conhecimento especializado na tomada de decisões. Segundo estes autores, a *expertise* pode ser pensada “como um tipo de performance historicamente específico que visa vincular o conhecimento científico com questões de interesse público” (EYAL; MEDVETZ, 2023). Embora existam diferentes abordagens sobre como qualificar a *expertise* e sobre quem deve ser reconhecido como *expert*, considera-se que os *experts* atuam como mediadores entre a ciência e a política, produzindo e comunicando informações baseadas em evidências científicas com o objetivo de contribuir para a criação de regulações e a elaboração de políticas públicas (ROQUE, 2021).

Na cobertura sobre as vacinas, alguns especialistas entrevistados no Fantástico atuaram como fontes primárias, abordando aspectos das pesquisas em que estavam envolvidos. Porém, a maior parte dos especialistas entrevistados atuou como fonte secundária, fornecendo explicações e análises. Os especialistas entrevistados apareceram sempre com crédito na tela, quase sempre incluindo informações sobre especialidade, majoritariamente dentro do campo biomédico (infectologista, imunologista, biólogo, médico, epidemiologista, entre outras); e/ou cargo (professor, pesquisador, diretor, coordenador); e vinculação institucional (com universidades, instituições científicas ou sociedades científicas), conforme mostra o quadro 3.

Os apresentadores e repórteres no Fantástico (assim como no Domingo Espetacular) usaram os termos cientistas e especialistas para se referir coletivamente a esse grupo. As palavras cientistas e pesquisadores foram associadas ao desempenho de atividades nas pesquisas. Além disso, o termo especialista foi associado ao papel de esclarecimento (por exemplo, em 17/01/2021, Poliana Abritta disse: “O doutor Dráuzio levou a uma equipe de especialistas as principais dúvidas da população”).

Quadro 3 – Especialistas entrevistados no Fantástico

Data	Especialistas sobre vacinas
01/03/2020 – Cientistas testam remédio do Ebola contra o novo coronavírus	Crédito na tela: Esper Kallas, médico infectologista/USP. No áudio: o professor titular da USP.
	Crédito na tela: Akira Homma, assessor científico Bio-Manguinhos/Fiocruz. No áudio: “um dos maiores especialistas brasileiros em vacinas”.
	Crédito na tela: André Kalil, médico da Universidade de Nebraska. No áudio: “um médico brasileiro, que trabalha nos Estados Unidos. É o doutor André Kalil, gaúcho”. *Especialista sobre remédio

03/05/2020 – Voluntários aceitam ser contaminados com coronavírus para acelerar pesquisas sobre vacina	Crédito na tela: Sarah Gilbert, professora de vacinologia/Inst. Jenner. No áudio: "Quem sai na frente é um grupo do Instituto Jenner da respeitadíssima Universidade de Oxford na Inglaterra".
	Crédito na tela: Nir Eyal, professor de bioética/Univ. Rutgers. No áudio: "este filósofo é um dos autores do artigo que inspirou a ideia".
	Crédito na tela: Andrew Pollard, diretor do grupo de vacinas da Univ. Oxford.
	Crédito na tela: Gustavo Cabral, biólogo/Incor-HC-FMUSP. No áudio: "biólogo baiano Gustavo Cabral, que...", "o Gustavo", "o Gustavo, um biólogo muito humilde,...".
28/06/2020 – Vacinas contra a Covid-19 são testadas no Brasil: veja como as pesquisas funcionam	Crédito na tela: Natália Pasternak, pesquisadora do Instituto de Ciências Biomédicas da USP.
	Crédito na tela: João Mendonça, infectologista. No áudio, "o senhor acha..."
16/08/2020 – Vacina russa, chinesa e de Oxford: como está a corrida pela imunização contra a Covid-19	Crédito na tela: Natalia Pasternak, microbiologista / Instituto de Ciências Biomédicas da USP. No áudio: "você sabia..."
	Crédito na tela: Gustavo Cabral, pesquisador da Fapesp e imunologista / Faculdade de Medicina da USP.
	Crédito na tela: Lily Yin Weckx, coordenadora dos estudos da vacina britânica no Brasil/Unifesp. No áudio: "Agora, doutora, não é comum cê ainda tá..."
16/08/2020 – Datafolha: 89% dos brasileiros querem se vacinar contra Covid-19; 9% não querem	
13/09/2020 – Vacina de Oxford: entenda sobre protocolos da fase 3 de testes e mielite transversa	Crédito na tela: Ricardo Gazzinelli, presidente da Sociedade Brasileira de Imunologia
	Crédito na tela: Paulo Lotufo, professor titular Clínica Médica/USP. No áudio: "o professor Lotufo" e "professor".
	Crédito na tela: Daniel Salmon, Instituto de Segurança de Vacinas / Univ. Johns Hopkins. No áudio: "Este especialista em segurança de vacinas de uma das principais faculdades de medicina do mundo".

27/09/2020 – Exclusivo: Fantástico entra na fábrica da CoronaVac, na China; Veja imagens	Crédito na tela: John Morre, virologista e professor/Univ. Cornell. No áudio: "o doutor Moore".
	Crédito na tela: Ricardo Gazzinelli, pres. da Soc. Bras. de Imunologia e pesquisador da Fiocruz.
22/11/2020 – Corrida por vacina contra a Covid-19 gera forte expectativa; Drauzio Varella fala de desafios	Crédito na tela: Mônica Levi, diretora da Soc. Bras. de Imunizações.
	Crédito na tela: Juarez Cunha, presidente da Soc. Bras. de Imunizações. No áudio: "Na sua opinião, Juarez".
06/12/2020 – Vacina: veja a preparação do Reino Unido, a situação no mundo e a expectativa do Brasil	Crédito na tela: Ricardo Petraco, cardiologista Imperial College. No áudio: "Ricardo Petraco é médico do Imperial College de Londres".
	Crédito na tela: Carla Domingues, epidemiologista.
13/12/2020 – EUA começa operação para distribuir vacina anti-covid da Pfizer e da BioNTech para população	
13/12/2020 – Lewandowski dá 48 horas para o governo informar datas da vacinação contra a Covid no Brasil	Crédito na tela: Ethel Maciel, pesquisadora UFES.
	Crédito na tela: Renato Kfourri, diretor Soc. Brasileira de Imunizações. No áudio: "o pesquisador Renato Kfourri" e "Kfourri".
13/12/2020 – Uma das primeiras vacinadas contra a Covid no Reino Unido, brasileira diz que está '100%'	Crédito na tela: Antonio Boing - pesquisador do Observatório Covid-19.
	Crédito na tela: Pedro Halal - reitor da Universidade Federal de Pelotas/RS.
	Crédito na tela: Natalia Pasternak – microbiologista.
27/12/2020 – União Europeia começa campanha de vacinação em massa contra a Covid-19	
03/01/2021 – Clínicas particulares brasileiras negociam compra de 5 milhões de vacinas indianas	
03/01/2021 – Governo do Egito aprova vacina contra a Covid desenvolvida pelo laboratório Sinopharm	
10/01/2020 – Fantástico entra no Instituto Butantan e mostra em 1ª mão produção da CoronaVac	Crédito na tela: Ênio Xavier, gerente de produção do núcleo de formulação e envase. No áudio: "o Ênio, que é farmacêutico".

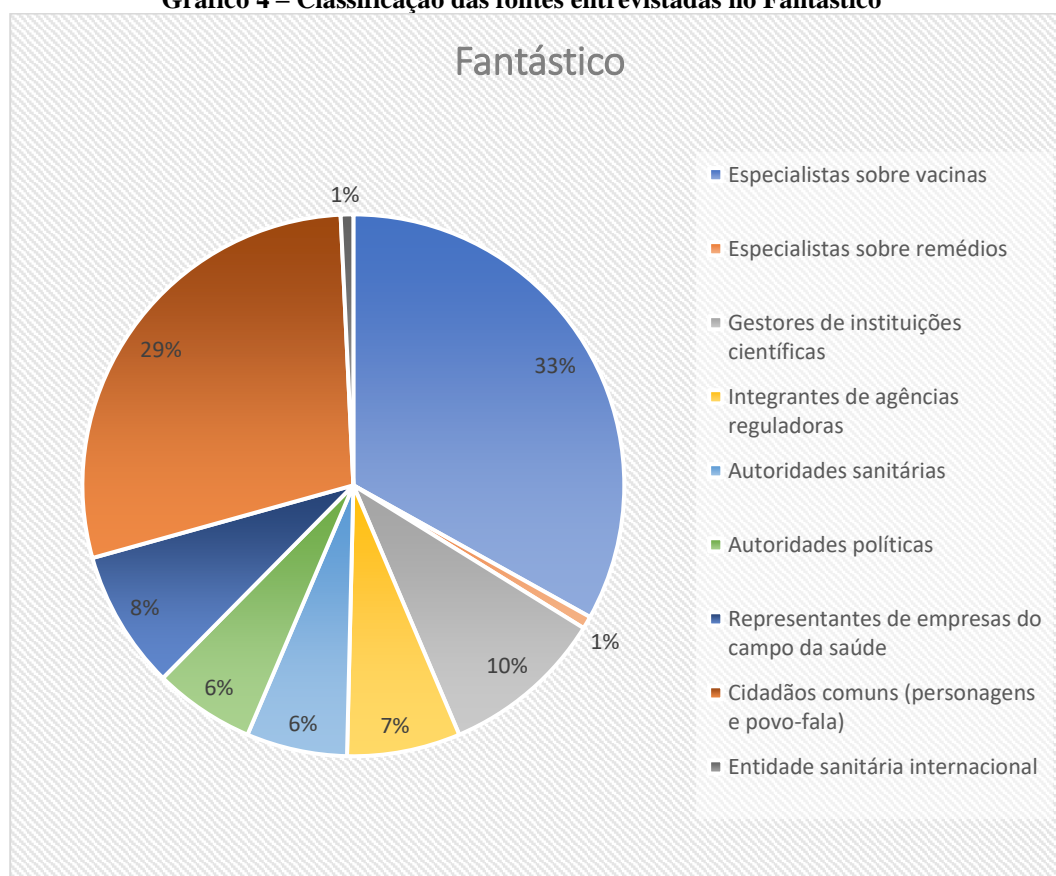
	Crédito na tela: Denise Garrett, epidemiologista do Sabin Vaccine Institute. No áudio: "vocês calcularam...".
10/01/2021 – Uso emergencial da CoronaVac: entenda requisitos da Anvisa	Crédito na tela: Natalia Pasternak/pres. Inst. Questão de Ciência.
17/01/2021 – Anvisa autoriza, por unanimidade, o uso emergencial da CoronaVac e da vacina de Oxford	
17/01/2021 – Enfermeira de 54 anos é a primeira pessoa a receber vacina contra Covid no Brasil	
17/01/2021 – Governo vai começar a distribuir as vacinas contra Covid nesta segunda (18), diz Pazuello	Crédito na tela: Margareth Dalcolmo, pneumologista e pesquisadora da Fiocruz.
17/01/2021 – Bahia pede que o STF autorize a importação de vacinas contra Covid sem registro na Anvisa	
17/01/2021 – Drauzio Varella fala sobre a importância da liberação das vacinas contra Covid	
17/01/2021 – Existe vacina melhor? Grávida pode tomar? Altera o DNA? Drauzio Varella e especialistas respondem dúvidas	Crédito na tela: Esper Kallas, infectologista USP. No áudio "Doutor Esper".
	Crédito na tela: Ricardo Gazzinelli, pesquisador UFMG.
	Crédito na tela: Margareth Dalcolmo, pneumologista PUC-RJ. No áudio: "Doutora Margareth".
	Crédito na tela: José Cerbino Neto, infectologista Fiocruz e Instituto D'Or.
21/02/2021 – Cidade no interior de SP inicia vacinação em massa contra Covid em um estudo clínico	Crédito na tela: Ricardo Palacios, diretor de pesquisa clínica do Instituto Butantan.
	Crédito na tela: Marcos Borges, professor de Medicina da USP/Ribeirão Preto.
11/04/2021 – Novos resultados do ensaio clínico da CoronaVac mostram uma vacina ainda mais eficaz	Crédito na tela: Ricardo Palios - dir. Estudos Clínicos - Instituto Butantan.
	Crédito na tela: Natalia Pasternak - microbiologista e pres. Do Instituto Questão de Ciência. No áudio: a microbiologista e presidente do Instituto Questão de Ciência, Natália Pasternak.

11/04/2021 – Vacinação em massa contra Covid em Serrana (SP) tem resultados animadores.	Crédito na tela: Marcos Borges, professor e pesquisador da USP/Ribeirão Preto.
	Crédito na tela: Fernando Belissimo, infectologista USP/Ribeirão Preto.
16/05/2021 – Botucatu é palco de estudo sobre eficácia da vacina Oxford/AstraZeneca	Crédito na tela: Sue Ann Clemens - pesquisadora da Universidade de Oxford.
30/05/2021 – Estudo revela que a pandemia pode ser controlada com 75% da população vacinada	Crédito na tela: Ricardo Palácios, diretor de pesquisa clínica / Inst. Butantan.
	Crédito na tela: Marcos Borges, coordenador do estudo / USP.
13/06/2021 – Viana começa vacinação em massa	Crédito na tela: Lauro Ferreira Pinto, doutor em infectologia. Sem referência no áudio.
	Crédito na tela: Valéria Valim, coordenadora da pesquisa.
20/06/2021 - Moradores adultos de Paquetá são vacinados contra a Covid	
08/08/2021 – Segunda dose é aplicada em Botucatu/SP	

Fonte: produção própria.

Os especialistas predominaram entre os entrevistados na cobertura do Fantástico. De 31 matérias incluídas no *corpus* de análise, seis foram notas ou participação de comentarista, que não contaram com entrevistas. Em 25 reportagens, foram apresentadas 44 entrevistas com especialistas sobre as vacinas da covid-19, além de uma entrevista com um especialista sobre remédios e 12 entrevistas com gestores de instituições científicas. Vale notar que mais de dois terços dos especialistas entrevistados não atuavam nos projetos de desenvolvimento das vacinas enfocados nas reportagens, demonstrando a forte presença das explicações e das opiniões dos cientistas na cobertura. O gráfico 4 mostra o predomínio dos especialistas entre as fontes entrevistadas no Fantástico, considerando a proporção entre categorias identificadas em nossa pesquisa.

Gráfico 4 – Classificação das fontes entrevistadas no Fantástico




Fonte: Produção própria.

Considerando o conjunto das fontes entrevistadas, a categoria de ‘cidadãos comuns’ ocupou o segundo lugar, com 38 entrevistados. Nesta categoria, estão contemplados os personagens (indivíduos que encarnam a situação em pauta e falam a partir de sua experiência pessoal, como os voluntários das pesquisas ou os primeiros vacinados) e os entrevistados em quadros do tipo ‘povo-fala’ (cidadãos entrevistados aleatoriamente nas ruas para opinar sobre um assunto ou fazer perguntas, como por exemplo, a expectativa em relação à vacina ou as dúvidas sobre os imunizantes aprovados no país). Apesar do grande número de entrevistas, o destaque dado a essas fontes foi significativamente menor na comparação com os especialistas. Entre 26 reportagens, 20 tiveram participação de especialistas e 13 apresentaram entrevistas com cidadãos comuns. Embora algumas reportagens tenham destacado falas de personagens, 12 das 38 entrevistas com cidadãos comuns foram participações em quadros do tipo povo-fala, em que os representantes da população tiveram sonoras curtas, geralmente restritas a uma frase.

Em contrapartida, além de serem maioria entre os entrevistados, os especialistas tiveram seu posicionamento destacado na cobertura. Por exemplo, a opinião dos especialistas foi citada na cabeça de algumas matérias, como elemento central das reportagens. Por exemplo: “O repórter Álvaro Pereira Junior conversou com especialistas para entender se essa urgência toda

não pode acabar prejudicando o trabalho dos cientistas. Como conciliar a necessidade de combater a pandemia com a segurança da população?” (Poliana Abritta, em 16/08/2020) e “Os especialistas alertam: as notícias são boas, mas são necessários mais resultados para saber se e como essa e outras vacinas em desenvolvimento vão funcionar” (Poliana Abritta, em 27/09/2020). A referência às opiniões dos especialistas na passagem dos repórteres, momento que marca o aparecimento do jornalista no vídeo, com a logomarca do Fantástico abaixo do nome, também mostrou o alinhamento do programa com a ciência, como mostra o exemplo no quadro 4.

Quadro 4 – Transcrição de trecho de reportagem do Fantástico exibida em 13/12/2020: passagem

	<p>Repórter Murilo Salviano: Uma das preocupações da comunidade científica é que essa politização e o vaivém de promessas podem gerar insegurança na população</p>
--	---

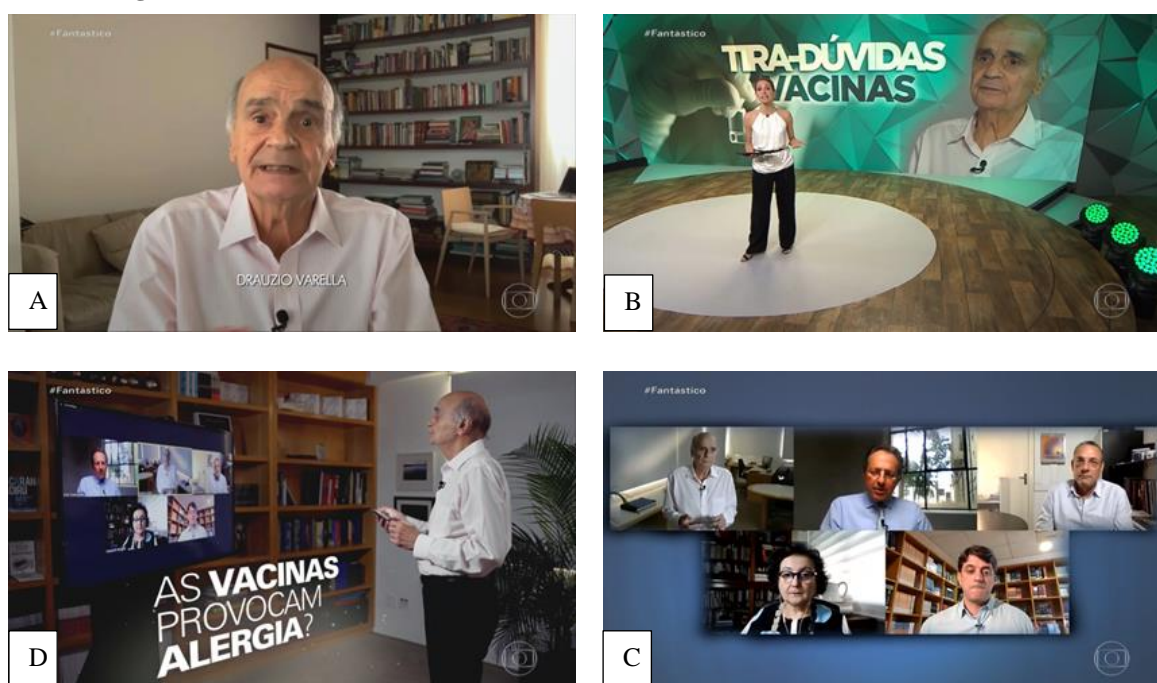
Fonte: produção própria.

Observamos ainda o papel de dois mediadores na relação de proximidade estabelecida entre o Fantástico e a ciência. Nas três primeiras fases da cobertura, enquanto as pesquisas estavam em andamento, o repórter Álvaro Pereira Júnior, que é jornalista científico, realizou a maioria das reportagens. Nas matérias, ele explicou conceitos e procedimentos científicos e apareceu interagindo com os especialistas, algumas vezes, utilizando formas de tratamento e linguagem informais. Também destacou a relevância acadêmica de alguns entrevistados, salientando o acesso do Fantástico a fontes reconhecidas no Brasil e no exterior (por exemplo: “um dos maiores especialistas brasileiros em vacinas”, em 01/03/2020, e “este especialista em segurança de vacinas de uma das principais faculdades de medicina do mundo”, em 13/09/2020). Além disso, se aproximou do público, estabelecendo contato através do eixo do olhar e o uso frequente da locução “a gente” (por exemplo: “Ele vai falar pra gente das diferenças entre a vacina que ele tá desenvolvendo aqui e aquela de Oxford. E também vai dar uma geral do que existe de mais promissor no mundo das vacinas contra a covid-19”, em 03/05/2020).

Outro mediador importante foi Drauzio Varella, médico que integra a equipe do Fantástico. Na cobertura sobre as vacinas da covid-19, ele realizou três matérias, incluindo um comentário e a reportagem que respondeu dúvidas da população sobre as vacinas, ambos no dia

da aprovação dos primeiros imunizantes no Brasil. Chamado pelos apresentadores do programa de “doutor Drauzio”, ele é um especialista que integra a equipe do Fantástico e sua participação foi destacada, por exemplo, no selo exibido na cabeça da reportagem sobre dúvidas da população (Figura 8B). Observamos que no comentário, a logomarca do Fantástico não apareceu abaixo do nome de Drauzio, o que pode ser uma estratégia para dissociar a opinião do médico do programa (Figura 8A). Porém, o especialista tem um vínculo estabelecido com a audiência, que passa pela associação com o Fantástico, onde atua desde 1999, produzindo séries de reportagens sobre saúde.

Figura 8 – Drauzio Varella na cobertura sobre vacinas no Fantástico, em 17/01/2021



No comentário sobre a aprovação das vacinas no Brasil, Drauzio Varella se dirigiu ao espectador mantendo o eixo do olhar direcionado para a câmera (A). Selo exibido no fundo do cenário destacou o papel do médico no esclarecimento de dúvidas da população (B). Na reportagem que esclareceu dúvidas da população, Drauzio mediou perguntas para quatro especialistas (C e D) Fonte: reprodução Globoplay.

No comentário, Drauzio emitiu opiniões, olhando para a câmera e se dirigindo para o espectador. Observamos o alinhamento com a cobertura do Fantástico, exaltando a ciência e as vacinas, valorizando a atuação da Anvisa e criticando autoridades à frente da gestão da pandemia. Por outro lado, o médico destacou o papel do SUS, citando a gratuidade e a capacidade instalada para a vacinação no país. Isso também ocorreu nas reportagens realizadas por ele e não foi observado no restante das matérias do Fantástico analisadas.

A entrada da equipe do Fantástico em fábricas de vacinas foi observada em três reportagens, sinalizando a proximidade do programa com a ciência, o investimento na cobertura e o poderio da Globo. Em 28 de junho de 2020, no dia seguinte ao anúncio do acordo para

produção da vacina Oxford/AstraZeneca no Brasil, o Fantástico mostrou a fábrica de Bio-Manguinhos/Fiocruz, onde o imunizante poderia ser fabricado. Em 27 de setembro de 2020, apresentou imagens da produção da CoronaVac na fábrica da Sinovac, na China. Em 10 janeiro de 2021, mostrou a produção da CoronaVac na fábrica do Instituto Butantan, em São Paulo. Na cabeça das matérias, apresentadores destacaram “imagens exclusivas no Brasil” e “em primeira mão”, enfatizando o posicionamento do Fantástico no universo de concorrência do jornalismo. Nas duas matérias gravadas no Brasil, as repórteres apareceram paramentadas dentro das fábricas (Figura 9). Ao mostrar esses espaços da ciência para o espectador, usando gestos e expressões como “aqui ó”, além de, por vezes, voltar o olhar para a câmera, as jornalistas reforçaram o papel do Fantástico na mediação da ciência para o público.

Figura 9 – Repórteres do Fantástico dentro de fábricas de vacinas



À esquerda, repórter Sonia Bridi exhibe frasco de vacina dentro da fábrica de Bio-Manguinhos/Fiocruz em 28/06/2020. À direita, repórter Giuliana Girardi mostra produção da vacina no Instituto Butantan em 10/01/2021.

Fonte: reprodução Globoplay

Fantástico e Domingo Espetacular exibiram reportagens com esclarecimento de dúvidas da população no dia da aprovação das primeiras vacinas no Brasil. Com entrevistas do tipo ‘povo-fala’, que consistem em sonoras gravadas, geralmente nas ruas, com cidadãos escolhidos aleatoriamente, essas matérias são importantes para observar marcas do posicionamento dos programas e da relação com suas audiências. No Fantástico, a participação de quatro especialistas reforçou a aliança com a ciência, além de demonstrar o investimento na cobertura e o acesso do programa a essas fontes (conforme créditos exibidos na tela: Esper Kallas, infectologista USP; Ricardo Gazzinelli, pesquisador UFMG; Margareth Dalcolmo, pneumologista PUC-RJ, e José Cerbino Neto, infectologista Fiocruz e Instituto D’Or). Como o mediador de uma mesa-redonda, Drauzio direcionou as perguntas da população para os especialistas, complementou respostas e fez perguntas, colocando temas em debate (Figuras 8C e 8D).

A desinformação sobre as vacinas foi um tema abordado no Fantástico, que não apareceu no Domingo Espetacular. Drauzio colocou o tema em pauta, afirmando que a pandemia foi agravada “por outra epidemia: a das *fake news*” e desqualificou esses discursos

afirmando que “as mais repetidas misturam teses delirantes sobre genética e política”. Na sequência, perguntou a um dos especialistas: “doutor Esper, é verdade que as vacinas podem alterar o DNA da pessoa e que a CoronaVac não é uma vacina segura por ser chinesa?”. Na resposta, Esper Kallas, infectologista da USP, destacou o papel da China na produção mundial de vacinas, citou outros temas de mensagens antivacinas, como a associação com autismo, e afirmou: “tudo isso é mentira”. Ao longo da reportagem, outras perguntas feitas por Drauzio trouxeram à tona alegações contra as vacinas da covid-19, tais como “as vacinas podem provocar alergia?” e “posso pegar a covid tomando uma vacina preparada a partir do vírus?”. Essas perguntas foram respondidas de forma direta, afastando temores, com base na comparação com outros medicamentos que podem causar alergias e na explicação sobre as tecnologias de produção das vacinas. Observamos a preocupação do Fantástico em refutar alegações de desconfiança em relação às vacinas através das duas estratégias, delimitando discursos verdadeiros e falsos e apresentando explicações científicas que sustentam a segurança das vacinas.

Outro tema polêmico apareceu em uma pergunta de Drauzio: “Quem já tem os anticorpos hoje, quem já teve covid precisa se vacinar também?”. O então presidente, Jair Bolsonaro, argumentava que não precisaria se vacinar por já ter contraído a doença e apresentar anticorpos. Diferente de outros momentos da cobertura, em que posições de Bolsonaro contrárias às recomendações científicas foram destacadas no Fantástico (como, por exemplo, a defesa do tratamento com cloroquina), não houve referência ao contexto político nessa pergunta. A resposta apresentou uma justificativa científica para a necessidade da vacinação, afastando o tema da politização. Observamos que esta pergunta apareceu também no Domingo Espetacular, feita por uma mulher entrevistada.




Os entrevistados do ‘povo-fala’ no Fantástico foram identificados com créditos na tela, com nome e profissão (com exceção de uma mulher que teve apenas o nome citado no áudio), demonstrando o maior apuro técnico do programa e o endereçamento para a audiência de forma mais individualizada. Todos os entrevistados usavam máscaras, em acordo com as recomendações de prevenção da covid-19. A reportagem contemplou ainda perguntas enviadas pela internet, trazendo o contexto da comunicação digital para dentro do programa (Quadro 5).

Notamos que os entrevistados não expressaram receios em relação às vacinas, que foram abordados nas perguntas feitas por Drauzio. Os cidadãos que apareceram no Fantástico desejavam se vacinar. Por exemplo, muitas questões foram ligadas ao que aconteceria depois da vacinação, por exemplo, se a imunidade será imediata ou se ainda será preciso usar máscaras. Também houve uma pergunta sobre a possibilidade de vacinação de grávidas e crianças, que

ainda não estavam no alvo da imunização. Além disso, algumas perguntas partem de conhecimentos sobre as vacinas e o planejamento da vacinação no país, por exemplo, com o questionamento sobre como comprovar o enquadramento em grupos de risco, que indica o conhecimento sobre as prioridades estabelecidas para a imunização, e a pergunta se os vacinados continuariam transmitindo o vírus, que sinaliza uma compreensão mais ampla dos efeitos da vacina.

As entrevistas de ‘povo-fala’ são uma estratégia do telejornalismo que busca inserir a voz da população nas reportagens e, ao mesmo tempo, estabelece um ponto de identificação para a audiência. Nesse sentido, o Fantástico confirma seu endereçamento a um público que se reconhece em dúvidas individualizadas e está atento ao tema das vacinas. Além disso, opera uma divisão, abordando ataques às vacinas e receios nas perguntas feitas por Drauzio e reforçando uma imagem da audiência que deseja a vacina.

Quadro 5 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 17/01/2021: perguntas da população

	<p>Drauzio Varella: E depois da segunda dose a pessoa está imediatamente imunizada? [...] Era isso que a Érika queria saber. // Érika: Queria saber se assim que a gente tomar a vacina a gente já vai ficar imune.</p>
	<p>Marcella Chakur Oliveira, estudante: Eu queria saber se alguém não vai poder tomar vacina? Se tem alguma doença ou algum problema de saúde. // Drauzio Varella: Por exemplo, quem tem câncer, diabetes ou doença cardíaca, pode ser vacinado?</p>
	<p>Paulo Malvezzi, advogado: Como que as pessoas que estão no grupo de risco vão fazer para comprovar a situação delas e ter prioridade na vacina?</p>

	<p>Emerson Martins, artesão: Quem já foi vacinado ainda transmite o vírus?</p>
	<p>Karina Araújo, repositora de mercadorias: Depois que eu tomar a vacina ainda tenho que usar máscara?</p>
	<p>Drauzio Varella: Chegaram algumas perguntas pela internet também. Mulher grávida pode tomar vacina? E as crianças? [na tela, identificação: @vanusia_felix]</p>
	<p>Drauzio Varella: Uma pergunta que chegou pela internet diz: sinto muita dor quando tomo injeção no braço. A vacina pode ser aplicada em outro lugar? [na tela, @arianisse]</p>

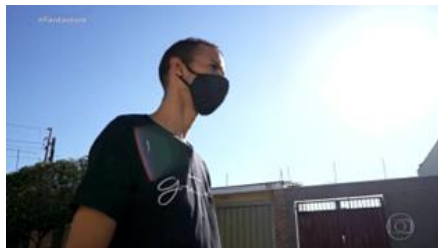


Fonte: produção própria.



O medo das vacinas apareceu em outros momentos na cobertura. Além dos especialistas, o Fantástico abriu espaço para outras vozes que apresentaram argumentos em defesa da vacinação, acionando a família, sentidos de proteção associados às vacinas e o medo da doença. A primeira referência ao medo apareceu na reportagem que tratou da suspensão temporária dos testes da vacina de Oxford após uma suspeita de efeito colateral grave. Além de diversas explicações científicas sobre os procedimentos adotados para garantir a segurança dos imunizantes, a matéria trouxe a sonora de uma voluntária da pesquisa, que disse: “**Quando a gente se voluntaria sabe dos riscos, né?** Mas eu pensei também nos meus filhos, mesmo em adoecer e vira faltar para eles. Então, eu... eu acho que isso também me motivou” (Juliana Becker, enfermeira Hospital São Paulo, em 13/09/2020).

No começo da vacinação, o programa destacou uma sonora da primeira vacinada no país, a enfermeira Monica Calazans, que abordou explicitamente o medo da vacina e estimulou a vacinação, com base na sua experiência como profissional de saúde que testemunhou mortes causadas pela covid-19: “Tô na... na pandemia desde o início, há dez meses, trabalho, trabalhando incansavelmente, em dois hospitais. Então assim eu falo com segurança e com propriedade: **não tenham medo**. É a grande chance que a gente tem de ter de salvar mais vidas. As que foram ceifadas a gente não tem muito o que dizer, só lamentar, mas a que ainda está pra gente poder salvar, vamos nos vacinar. É a minha palavra”.

O tema do medo foi abordado novamente na cobertura sobre os estudos de efetividade, quando o Fantástico acompanhou o esforço para a imunização em massa na cidade de Serrana, em São Paulo. A reportagem destacou que os pesquisadores tiveram o apoio de líderes comunitários e religiosos para convencer a população a tomar a vacina. O trecho da matéria em que um pastor apareceu convencendo uma mulher a se vacinar, transcrito no quadro 6, permite observar diferentes discursos em circulação e a forma como o Fantástico se relacionou com eles.

Quadro 6 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 21/02/2021: pastor defende vacinação

	<p>Repórter Estevan Muniz, em <i>off</i>: os cientistas do Butantan e da USP convidaram líderes comunitários e religiosos para ajudar a conscientizar a população dos benefícios da vacina, como pastor Cleiton que bate de porta em porta para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa.</p>
	<p>Pastor: Bruna é o seguinte você está com medo de tomar a vacina?</p>
	<p>Bruna: não é bem medo. Desde o começo da pandemia, eu não peguei nada, assim, nenhuma gripe forte ao ponto de ser suspeita de covid // Pastor: sim sim // Bruna: porém tomar, pra depois aí... depois tomar e pegar</p>

	<p>Repórter Estevan Muniz em <i>off</i>: Um receio que Bruna pode deixar de lado. Os cientistas afirmam que não é possível pegar covid no ato da vacinação porque os vírus inteiros quando usados na vacina não estão ativos.</p>
	<p>Pastor: Você tem irmão? Pai? Filho? Bruna: Sim, tenho 2 filhos. Pastor: Então pensa no seu bem, no bem deles, pra gente poder novamente voltar a se cumprimentar, a se abraçar. Nós fomos é, é, é privilegiados por poder ter essa, essa vacina a, a primeira cidade do Brasil. O que que você tá esperando, né? Vamos fazer o seguinte, pra poder eu ir embora, que eu tenho mais visitas, eu posso sair daqui feliz, contente sabendo que, não por obrigação, mas por amor, eu consigo, consegui convencer você? Você vai tomar? // Bruna: Sim.</p>

Fonte: produção própria.

Antes desse trecho, a reportagem apontou que os pesquisadores estimavam em 10% o percentual de indivíduos que não desejariam tomar a vacina, revelando um contexto no qual a hesitação em relação à imunização era reconhecida. Além de entrevistar os especialistas, o Fantástico focalizou a atuação de um pastor, o que é significativo considerando a proximidade do presidente Jair Bolsonaro com os evangélicos e o posicionamento do presidente, que atacou as vacinas da covid-19, principalmente a CoronaVac, aplicada nessa pesquisa.

Embora diga não ter medo de tomar a vacina, a mulher expressou um receio: “tomar [a vacina] e pegar [covid]”. Logo após essa fala, o repórter fez uma intervenção, invalidando o medo com uma explicação científica. Já o pastor recorreu aos vínculos familiares e às emoções, afirmando o receio deveria ser superado pelo amor. Observamos a aliança do programa com a ciência, na medida em que foi considerado necessário incluir uma explicação científica e isso foi feito através da fala do repórter. Ao mesmo tempo, a fala do pastor revelou outro discurso favorável à imunização, que não foi assumido pelo Fantástico, mas teve espaço na reportagem.

A cobertura sobre os estudos de efetividade também mostra como o Fantástico abre espaço para refutar alegações contrárias as vacinas, sem mencionar explicitamente as narrativas antivacinas em circulação. Por exemplo, na cobertura sobre o resultado da pesquisa em Serrana, o programa apresentou uma sonora de Ricardo Palacios, diretor de pesquisa clínica do Instituto Butantan, dizendo: “Às vezes, **as pessoas começam a dizer...** ah, está aumentando a vacinação, mas não conseguimos controlar a epidemia. Isso é justamente porque não atingimos um nível

suficiente para controlar a epidemia”. Essa fala responde a narrativas que circularam no começo da vacinação em Serrana, quando o aumento de casos de covid-19 na cidade foi citado em publicações na internet como prova de que a vacina não funcionava. Assim, no momento de divulgação de resultados da pesquisa, que apontaram efetividade da vacinação, o programa considerou relevante exibir a sonora do pesquisador refutando essas alegações.

5.1.2 Domingo Espetacular

A cobertura do Domingo Espetacular sobre as vacinas contra covid-19 foi mais heterogênea do que a do Fantástico, com diversos repórteres atuando nas matérias, períodos de grande atenção sobre o assunto e outros sem qualquer cobertura. Essa abordagem se refletiu na apresentação de diversos selos durante a chamada das matérias e também na ausência de selos em algumas edições (Figura 10). Observamos que os selos apresentaram geralmente representações das vacinas, simbolizadas por seringas e frascos, e do coronavírus, marcando esse enfrentamento. Além disso, na primeira fase da cobertura, a representação da partícula viral ocupou um lugar de destaque no cenário do programa, que evidencia a dimensão da pandemia no noticiário do Domingo Espetacular naquele período.

Figura 10 – Selos do Domingo Espetacular na cobertura sobre as vacinas da covid-19



Reprodução das edições de 05/04/2020 (A), 03/05/2020 (B), 13/12/2020 (C) e 17/01/20221 (D). Fonte: reprodução Youtube

O título da reportagem apresentada em 05 de abril de 2020 – “Ciência é esperança contra o coronavírus” – sintetizou a associação que marcou as primeiras fases da cobertura. O

programa construiu esse posicionamento principalmente pelo contraste entre o avanço das pesquisas e o cenário da pandemia, marcado pela disseminação internacional do vírus. No dia 03 de maio de 2020, por exemplo, as imagens dos cientistas nos laboratórios e dos voluntários recebendo a aplicação de vacinas nas pesquisas em contraste com cenas de pacientes em estado grave e de corpos cobertos sobre macas reforçaram esse efeito de sentido (Figura 11).

Figura 11 – Imagens da ciência e da pandemia no Domingo Espetacular em 03/05/2020



Imagens de pesquisas sobre vacinas e da pandemia, nos Estados Unidos, exibidas no Domingo Espetacular em 03/05/2020. Fonte: Reprodução Facebook¹⁸.

Personificando a ciência, os cientistas foram postos em destaque como os sujeitos principais da busca pelas vacinas, caracterizados pela mobilização coletiva e pelo trabalho incansável para proteger a população. Essa ênfase apareceu, com frequência, na voz dos apresentadores do programa, que são os principais mediadores do Domingo Espetacular, com vínculo estabelecido com a audiência. Alguns exemplos: “Cientistas de todo o mundo buscam vacinas para **proteger a população**” (Eduardo Ribeiro na locução de uma nota em 22/03/2020); “Vamos falar agora de vacinas, tratamento, medicação. Pesquisadores do mundo inteiro procuram uma arma que seja de fato eficaz para neutralizar o avanço do coronavírus. E desse **trabalho incansável** já começam a surgir alguns avanços que podem apontar uma possível cura” (Eduardo Ribeiro e Patrícia Costa na cabeça da reportagem em 05/04/2020); “Bom e enquanto a gente conversa aqui **cientistas do mundo inteiro estão mobilizados** para produzir

¹⁸ A reportagem exibida no Domingo Espetacular em 03/05/2020 foi identificada através da página do programa no portal R7. Porém, o vídeo da matéria não estava disponível no site. Ao inserir o título da matéria no motor de buscas Google, localizamos o vídeo na página do Domingo Espetacular no Facebook.

e, em tempo recorde, uma vacina que nos livre do pesadelo da Covid-19” (Eduardo Ribeiro na cabeça da reportagem em 03/05/2020). Também foi pontuada, por exemplo, no título da reportagem de 02/08/2020: “**Pesquisadores correm** para achar vacina”.

Além da mobilização dos cientistas, a velocidade das pesquisas foi associada ao avanço do poderio da ciência. Uma das estratégias utilizadas para marcar esse avanço foi a comparação com epidemias passadas, colocando em destaque a velocidade das pesquisas sobre a covid-19. No dia 05 de abril de 2020, por exemplo, a reportagem apresentou um quadro comparando o tempo para a identificação do coronavírus e do HIV (Quadro 7).

Quadro 7 – Transcrição de trecho da reportagem exibida no Domingo Espetacular em 05/04/2020: comparação entre epidemias

	<p>Repórter Raul Dias Filho <i>em off</i>: Algumas batalhas importantes já foram vencidas. Primeiro o inimigo foi descoberto rapidamente. Ao contrário do HIV, identificado 2 anos depois dos primeiros casos de AIDS, o coronavírus foi isolado apenas uma semana após os primeiros registros de covid-19 e, em menos de 15 dias, o governo chinês disponibilizou testes para detectar o vírus.</p>
--	--

Fonte: produção própria.

Observamos que o programa não detalhou as tecnologias de sequenciamento genético envolvidas na identificação do vírus, que foram destacadas no Fantástico. No geral, o Domingo Espetacular apresentou explicações mais simplificadas de questões científicas, construindo, em seu discurso, um coenunciador com menor interesse sobre o tema e conhecimento científico prévio.

Porém, uma exceção ficou por conta das tecnologias de produção dos imunizantes. As novas tecnologias de vacinas genéticas e de vetor viral foram apresentadas de forma didática e detalhada, com infográficos bem elaborados (Figura 12). A modalização sobre as tecnologias foi positiva, com adjetivos como sofisticada, inovadora e inédita, contribuindo para a construção de uma imagem da ciência que avançava tanto pelo empenho dos cientistas como pelo avanço tecnológico. Ao mesmo tempo, essa abordagem revelou investimento e demonstrou a própria capacidade do seu jornalismo ao utilizar recursos gráficos da linguagem televisiva na mediação do conhecimento científico (o que é uma marca tradicional do Fantástico), fortalecendo o posicionamento do Domingo Espetacular como mediador da ciência.

Figura 12 – Infográficos sobre tecnologias das vacinas no Domingo Espetacular



Infográficos sobre tecnologias de produção das vacinas de vetor viral, à esquerda, e de RNA, à direita, exibidos no Domingo Espetacular em 03 e 24 de maio de 2020, respectivamente. Fonte: reprodução Youtube.

A dimensão mundial da mobilização científica foi destacada no Domingo Espetacular. Na cobertura sobre o desenvolvimento das vacinas, o programa noticiou o aumento no número global de estudos desenvolvidos e os seus avanços, segundo os dados da OMS. Na ‘Fase 1: Vacinas para prevenir, remédios para curar’, o programa citou estudos em Israel, Estados Unidos, China, Austrália e Reino Unido. Na ‘Fase 2: A corrida pelas vacinas: quem sai na frente?’, a cobertura abordou, com frequência semelhante, projetos dos Estados Unidos, Reino Unido e China, colocando o foco no estágio de desenvolvimento das pesquisas e traçando um cenário com mais possibilidades para o desenvolvimento rápido de uma vacina.

A atuação de correspondentes internacionais nas primeiras fases de cobertura sobre as vacinas foi uma marca do Domingo Espetacular. Metade das matérias exibidas entre março e agosto de 2020 foi realizada por correspondentes, na maioria das vezes, com participação de repórteres em diferentes países. Ao acionar os correspondentes, a Record valorizou essa cobertura e mostrou o seu poderio na cobertura internacional. Porém, embora mais próximos dos locais de realização das pesquisas, os repórteres não tiveram acesso aos laboratórios. Isso pode ter relação com o distanciamento social imposto pela pandemia (a única exceção foi a matéria exibida no dia 1º de março de 2020, com a entrada do repórter num laboratório em Israel). As reportagens exibiram entrevistas gravadas pela internet, muitas vezes, com especialistas brasileiros atuando como comentaristas sobre os estudos. Ao mesmo tempo, o programa deu menor ênfase às falas dos especialistas estrangeiros, que apareceram sem crédito exibido na tela e, na maioria das vezes, sem ter o nome citado, sendo referidos apenas pelo cargo ou profissão (por exemplo, “esta professora de imunologia envolvida no projeto” [da vacina de Oxford], em 03/05/2020). As sonoras foram curtas e traduzidas pelos repórteres, utilizando o discurso indireto, reforçando o distanciamento entre os especialistas estrangeiros e o público do programa e indicando uma aposta do Domingo Espetacular num menor interesse da audiência em relação a essas falas.

Domingo Espetacular dedicou especial atenção às pesquisas para desenvolvimento de vacinas no Brasil, reforçando o vínculo de sua audiência com a ciência. Várias matérias citaram a existência de estudos no país e duas delas apresentaram detalhes sobre essas pesquisas, posicionando o Brasil na corrida pelas vacinas, com frases como “os brasileiros estão na corrida com o resto do mundo”, dita pela repórter Fabiana Oliveira em 22/03/2020, e o título “vacina brasileira poderá chegar em 2021”, exibido na tela durante a reportagem em 24/05/2020.

Enquanto isso, os acordos estabelecidos para realização de testes e produção de vacinas no país não foram acompanhados de perto pelo programa da Record, sendo noticiados mais de um mês depois das assinaturas. A cobertura também não exibiu imagens das autoridades políticas que assinaram os acordos, reduzindo a visibilidade da relação entre a ciência e a política, uma questão que será discutida de forma mais aprofundada a seguir. O programa não aprofundou as metodologias das pesquisas, trazendo apenas a explicação de que as vacinas estavam na fase três dos testes, uma etapa fundamental, que deveria mostrar o quanto eram eficazes. Embora esteja implícita nesse cenário a possibilidade de um resultado positivo ou negativo, Domingo Espetacular não explicitou isso. Em seguida, apresentou a sonora de uma voluntária reforçando a esperança com a pesquisa e abordou possíveis entraves no acesso às vacinas, com uma estratégia discursiva que produziu um efeito de sentido de que a conclusão dos testes traria a vacina, deixando de lado a possibilidade de fracasso das pesquisas. Ao detalhar esse episódio, chamamos atenção para mais uma característica da cobertura do Domingo Espetacular: o programa constrói um processo de desenvolvimento das vacinas quase sem entraves, pontuando dificuldades apenas no acesso aos imunizantes.

Essa marca se destaca em Domingo Espetacular, a construção de uma ciência sem conflitos, seja com outros campos ou em divergências internas. O interesse comercial na corrida pelas vacinas foi citado apenas em uma reportagem e, ainda assim, o programa hierarquizou prioridades, enfatizando o interesse humanitário: “Vale lembrar que o interesse não é puramente humanitário. Quem chegar na frente vai ter um mercado trilionário a ser explorado. **Mas para quem vive a contaminação chegando, uma vacina agora é mais importante do que qualquer cifra**” (Repórter Raul Dias Filho, na matéria de 05/04/2020). Em geral, não há referência a pressões sobre a ciência. Em uma matéria, a “pressão da sociedade” tem efeito de sentido positivo: “Nós *tamos* testando o que vier, tudo em paralelo, eu diria, porque nós... existe uma, uma pressão enorme da sociedade para que a gente tenha uma vacina. Muitas vacinas, em muitos países também é ótimo porque os países vão ser atendidos imediatamente e haverá vacinas para serem colocadas à disposição dos países que não estão desenvolvendo vacina”

(Jorge Kalil, diretor do Laboratório de Imunologia do Incor, na matéria de 08 de agosto de 2020).

O posicionamento do Domingo Espetacular foi favorável às vacinas e à ciência em toda a cobertura, mas houve uma redução de ênfase ao longo do tempo, que acompanhou a construção da gravidade da pandemia no programa. As matérias exibidas da primeira fase da cobertura inseriram fortemente as vacinas no contexto da pandemia, o que foi evidenciado no cenário do programa. Entre março e abril, o fundo do cenário do Domingo Espetacular foi ocupado por um painel com um mapa global sinalizando locais com transmissão da covid-19 e imagens tridimensionais de partículas do coronavírus cercando os apresentadores. A ciência foi inserida nesse cenário, em um selo exibido no telão virtual (Figura 10A).

Em algumas matérias desse período, as vacinas dividiram espaço com outros temas. Uma das matérias teve como foco as mudanças na rotina causadas pela pandemia e os sentimentos de ansiedade e medo. O isolamento social foi focado com posicionamento favorável do programa, tanto no texto da repórter como em falas de autoridades e especialistas, mas também compôs o cenário de tensão, que, segundo o programa foi acentuado com a divulgação diária de dados sobre casos e mortes. Nesse contexto, os pesquisadores foram apresentados ao lado dos profissionais de saúde no empenho contra a doença e as pesquisas foram abordadas entre as boas notícias, “que trazem algum alento e também esperança de que tudo estará em breve normalizado” (22/03/2020). Em abril, as vacinas foram destacadas como uma alternativa que evitaria a necessidade do isolamento social, com a sonora de Renato Astray, pesquisador Instituto Butantan, que afirmou: “Se existisse uma vacina contra o coronavírus, o covid-19, certamente a nossa situação seria diferente. Nós não estaríamos tomando medidas de isolamento social tão drásticas e, sim, estaríamos saindo de casa para tomar vacina para nos proteger melhor” (Renato Astray, pesquisador do Instituto Butantan, em 05/04/2020). Dessa forma, vacinas e a ciência foram construídas como a esperança num cenário marcado pelo medo do vírus e pelo isolamento social.

A ausência de cobertura sobre as vacinas entre setembro e novembro se deu num contexto de pouca atenção para a covid-19 no Domingo Espetacular. No entanto, esse não foi o único fator que motivou essa ausência, na medida em que outros temas ligados à doença foram abordados. Essa ausência contrasta com a grande atenção ao tema das vacinas nas fases anteriores, reforçando a hipótese de que o interesse do programa pelo desenvolvimento dos imunizantes foi influenciado pelo grande impacto da covid-19 nos primeiros meses de cobertura da pandemia. Em outro cenário, no qual o impacto negativo da covid-19 era menos intenso e estava aparentemente ausente do programa, o Domingo Espetacular deixou de ser guiado pela

bússola da esperança e as vacinas ficaram fora da pauta, mesmo com desdobramentos importantes nas pesquisas, incluindo a comprovação da eficácia dos imunizantes, pré-requisito para a sua aprovação e aplicação.

Na reportagem sobre o começo da vacinação no Reino Unido, a vacina foi associada pelos apresentadores do programa com “grande esperança” e “o primeiro passo para o fim da pandemia”, retomando o lugar ocupado desde o começo da cobertura. Observamos, porém, que a postura dos apresentadores foi contida, principalmente na comparação com o Fantástico. Nesse momento, o papel da ciência, que tinha sido exaltado pelo programa nas primeiras fases da cobertura, não foi abordado na voz dos mediadores, mas teve lugar no começo da reportagem na sonora de uma brasileira vacinada no Reino Unido, que afirmou: “O que eu posso dizer pro Brasil, continue acreditando na ciência, que vai chegar aí também” (A personagem é identificada apenas como “a cuidadora Kerlane”, na matéria de 13/12/2020). Em comparação com as fases anteriores, em que os títulos das reportagens destacaram a corrida pelas vacinas, a mobilização mundial e a esperança representada pela ciência, a reportagem sobre o começo da vacinação teve um título neutro: “A vacina contra a covid-19 na Inglaterra”, que não destacou a chegada da vacina.

Notamos ainda que, após acionar correspondentes internacionais em diferentes matérias na cobertura do desenvolvimento das vacinas, o Domingo Espetacular cobriu o começo da vacinação no Reino Unido com uma repórter em São Paulo. A cobertura foi feita pela repórter especial do programa Fabiana Oliveira, mas não houve investimento na cobertura internacional. Todas as entrevistas da reportagem foram gravadas pela internet, o que produziu um efeito de sentido de maior distanciamento em relação aos personagens vacinados ou prestes a receberem a imunização.

No dia em que as primeiras vacinas foram autorizadas no Brasil, o programa apresentou posicionamento de mais distanciamento e atribuiu importância menor aos imunizantes e à ciência do que foi observado no restante da cobertura, embora a visão positiva tenha sido mantida. Como exemplo, destacamos a chamada da primeira reportagem apresentada nesta cobertura, que abordou o começo da vacinação em São Paulo (Quadro 8).

Quadro 8 – Transcrição da cabeça de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 17/01/2020: começo da vacinação no Brasil

	<p>Sergio Aguiar: O Brasil já tem a primeira pessoa vacinada oficialmente contra o novo coronavírus. Uma enfermeira de São Paulo que trabalha na UTI do Hospital Emílio Ribas foi escolhida para abrir a campanha de vacinação emergencial.</p>
	<p>Carolina Ferraz: Apesar de ser grupo de risco Mônica Calazans, de 54 anos, se inscreveu para trabalhar na UTI do hospital que está no epicentro do combate à pandemia e há 8 meses ela cumpre uma jornada dura no esforço para salvar pacientes com covid.</p>
	<p>Sergio Aguiar: Hoje Mônica se emocionou ao receber a primeira dose da CoronaVac, a vacina do Instituto Butantan, produzida com o laboratório chinês Sinovac.</p>

Fonte: produção própria.

Observamos que além de não haver modalização positiva sobre a vacina, o texto dos apresentadores não fez referência à ciência e o único sentimento citado foi a emoção da primeira vacinada ao receber o imunizante. Essa emoção não foi estendida aos apresentadores, como ocorreu com o começo da vacinação no Reino Unido, quando o apresentador Eduardo Ribeiro afirmou: “Essa notícia nos enche de alegria”. A abordagem chama atenção pelo contraste com o posicionamento do programa nas fases anteriores da cobertura. Também contrasta com o posicionamento do Fantástico no dia da autorização da Anvisa para as primeiras vacinas, saudado como “um dia histórico” e de “vitória da ciência”.

Esse contraste apareceu também nas reportagens exibidas. As sonoras dos profissionais de saúde vacinados em São Paulo foram positivas em relação às vacinas, mas de uma forma menos enfática do que a verificada nas fases anteriores de cobertura do Domingo Espetacular e

do que na cobertura do Fantástico no mesmo período. Por exemplo: “Foi uma espera muito grande, né? **Pelo menos pra gente da área da saúde**, isso é marcante para nós. Eu **espero** que seja para todos” e “Depois da segunda dose, 20 dias depois, eu estou mais confiante de **não pegar essa doença tão mal**”.

A cobertura sobre a sessão da Anvisa destacou a unanimidade da decisão e apresentou uma sonora da relatora dos pedidos de autorização, afirmando que “a vacinação contra a covid-19 ajudará de maneira determinante a proteção individual e coletiva”. Porém, não foram detalhados os argumentos que justificaram a liberação das vacinas. A matéria também não abordou a segurança e a eficácia dos imunizantes. Enquanto isso, as restrições da aprovação foram apresentadas com maior ênfase do que no Fantástico, com a repórter afirmando que as autorizações valem “apenas” para as doses de vacinas incluídas nos pedidos e acrescentando que a autorização para a vacina do Butantan poderia “ser suspensa” caso o Instituto não enviasse dados pendentes.

A modalização positiva sobre as vacinas só apareceu na voz de um mediador do Domingo Espetacular na terceira reportagem exibida, que intercalou informações sobre as vacinas aprovadas e respostas a perguntas da população sobre os imunizantes, além de apresentar a produção da CoronaVac na fábrica do Instituto Butantan. Logo no começo dessa matéria, a repórter afirmou: “Pequenos frascos que salvam vida. A esperança com a vacina aumenta, mas ainda vem acompanhada de dúvidas”. Ainda assim, o uso da adversativa atenua a associação das vacinas com a esperança ao sinalizar também uma possível insegurança da população.

O posicionamento favorável apareceu também no encerramento da matéria, quando a repórter perguntou à especialista convidada pelo programa para tirar dúvidas da população “por que que é tão importante a gente tomar a vacina?”. A pergunta abriu espaço para Natália Pasternak, microbiologista e presidente do Instituto Questão de Ciência, apresentar os argumentos favoráveis às vacinas aos espectadores do programa. A forma de construção da pergunta demonstra o pressuposto de que a vacinação é importante, porém Domingo Espetacular opta por não se posicionar de forma mais enfática nesse sentido.

Ao mesclar imagens de fabricação da vacina, de vacinação e de laboratório, a reportagem produziu uma síntese dos momentos relevantes do desenvolvimento das vacinas e estabeleceu visualmente o vínculo dos imunizantes com a ciência. As condições especiais (paramentação, armazenamento em baixa temperatura, áreas isoladas para evitar contaminação), o ritmo intenso de trabalho e o cuidado na produção da CoronaVac no Instituto

Butantan foram ressaltados na matéria, retratando de forma positiva a instituição científica e seus trabalhadores.

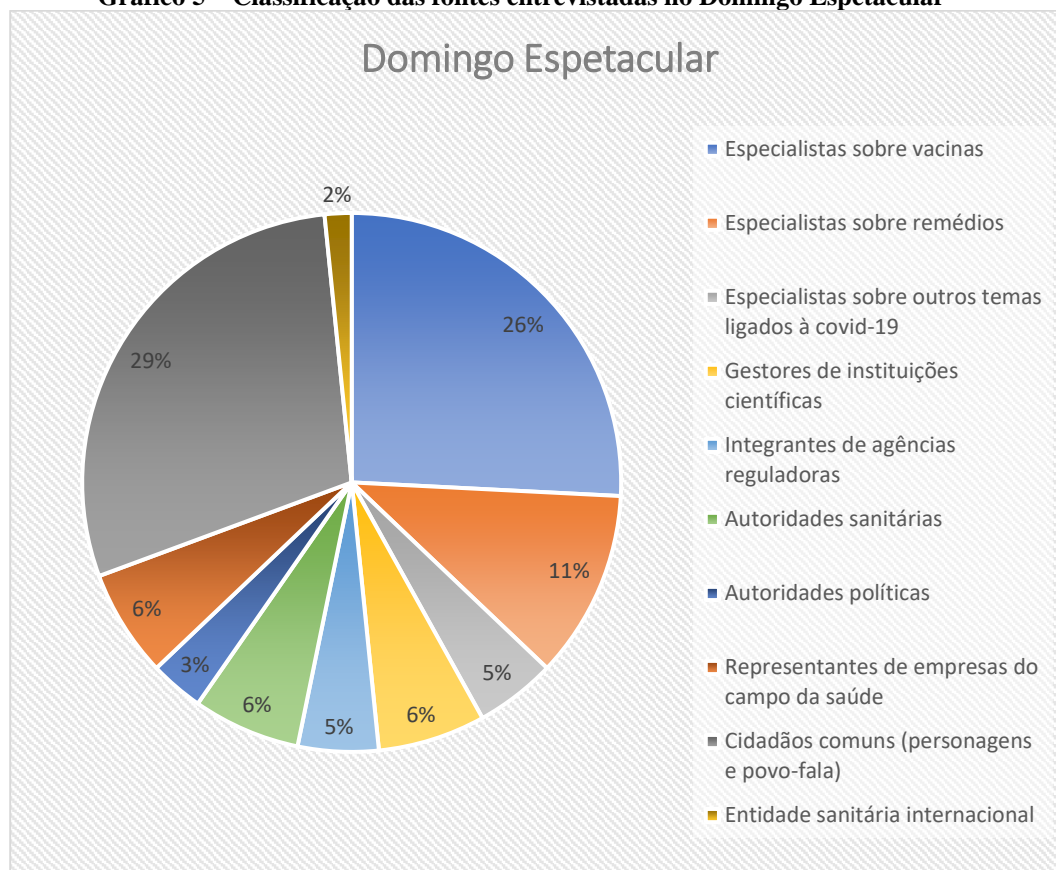
Após o começo da vacinação, Domingo Espetacular apresentou apenas uma matéria sobre estudos de efetividade, abordando o resultado da pesquisa realizada em Serrana, onde foi realizada a vacinação em massa com a CoronaVac. Nesse momento, a cobertura voltou a ser mais francamente positiva em relação às vacinas, apontando “a certeza da efetividade da vacinação”, “a queda brusca no número de casos e de mortes” e a proteção estendida para os não vacinados através do “casulo de proteção” criado pela imunização em massa. A matéria ressaltou a importância da pesquisa, como um “estudo inédito”, e valorizou o Instituto Butantan, como “um dos mais respeitados centros de pesquisas do mundo”. O papel dos cientistas foi colocado em destaque, como aqueles que conseguiram “mudar o jogo”.

Observamos que a cobertura do Domingo Espetacular sobre os estudos de efetividade não abordou a desconfiança em relação à vacina e o esforço realizado na pesquisa para convencer a população a se vacinar, compondo um cenário sem atritos para a pesquisa e para a vacinação de forma geral. Ao apresentar os resultados do estudo, o programa da Record destacou os percentuais de queda de casos e mortes após a imunização. Porém, não apontou o percentual da população que precisaria ser vacinado para controlar a covid-19, o que foi indicado, na própria reportagem, como o objetivo da pesquisa. Dessa forma, a reportagem produziu, como efeito de sentido, um reforço do valor da vacina como instrumento capaz de controlar a pandemia, mas não abordou a necessidade de expandir a vacinação no país, evitando um tema de atrito com o governo federal, que foi colocado em destaque na cobertura do Fantástico.

No conjunto da cobertura, os especialistas foram maioria entre as fontes entrevistadas no Domingo Espetacular, sendo alguns entrevistados pelo envolvimento direto nas pesquisas e outros para comentar e explicar os estudos. Ao todo, em 14 matérias, foram exibidas 16 entrevistas com especialistas em vacinas e sete com especialistas em remédios, além de três entrevistas com especialistas que abordaram outros aspectos da covid-19. Também foram apresentadas quatro entrevistas com gestores de instituições científicas. O gráfico 5 mostra o predomínio dos especialistas entre as fontes entrevistadas no Domingo Espetacular, considerando a proporção entre categorias identificadas em nossa pesquisa. Na comparação com o Fantástico, observamos maior presença de especialistas sobre remédios e de especialistas sobre outros temas ligados à covid-19, o que correlacionamos com a cobertura mais intensa do programa da Record na ‘Fase 1: vacinas para prevenir, remédios para curar’, em que também

observamos matérias nas quais vacinas e remédios dividiram o foco com outros temas, como os cuidados de higiene e as medidas de isolamento social.

Gráfico 5 – Classificação das fontes entrevistadas no Domingo Espetacular



Fonte: Produção própria.

Assim como ocorreu no Fantástico, embora o número de entrevistas com cidadãos comuns tenha sido significativo, observamos que o destaque dado a essas fontes na cobertura foi menor do que o conferido aos especialistas. Entre 14 matérias exibidas no Domingo Espetacular, duas foram notas e uma reportagem não teve qualquer entrevista, sendo constituída apenas por *off* e passagem gravados pelo repórter. Entre as 11 reportagens com entrevistas, nove tiveram entrevistas de especialistas e apenas quatro apresentaram entrevistas com cidadãos comuns, incluindo participação de personagens ou quadros de povo-fala.

A forma de apresentação dos créditos dos especialistas foi variada, com exibição de créditos apenas na tela, apenas no áudio ou combinando as duas formas (Quadro 10). Considerando todas as formas de crédito apresentadas, os especialistas foram mais frequentemente identificados com o crédito ‘pesquisador’, acompanhado do vínculo institucional, sem informação sobre a especialidade. Quando houve indicação sobre a área de especialidade, a formação mais citada foi ‘médico’ ou especialidade médica. A ausência do

vínculo institucional foi mais comum do que no Fantástico, embora tenha sido indicado vínculo com universidade, instituição científica ou sociedade científica na maioria das vezes. Houve ainda uma particularidade em relação aos estrangeiros, que não tiveram o nome incluído nos créditos. Considerando as credenciais acadêmicas das fontes especializadas entrevistadas no Domingo Espetacular, verificamos semelhança com o perfil dos especialistas entrevistados no Fantástico. Dessa forma, consideramos que as variações na apresentação dos créditos sinalizam, além de menor rigor técnico, principalmente o endereçamento do programa, ou seja, suas apostas em interesses do espectador idealizado.

Quadro 9 – Especialistas entrevistados no Domingo Espetacular

Data	Especialistas sobre vacinas	Especialistas sobre remédios
01/03/2020 – O mundo em alerta com propagação do novo coronavírus	No áudio, o repórter diz: “doutor Han Katz, líder do grupo que desenvolve a vacina”. Não aparece crédito na tela.	Crédito na tela: André Kalil, infectologista. No áudio: “Quem lidera o estudo sobre esse remédio aqui nos Estados Unidos é o médico brasileiro André Kalil, da Universidade de Nebraska”, “doutor Kalil”.
22/03/2020 – Veja como o coronavírus mudou a rotina do brasileiro e lançou novos desafios a todos	No áudio: “o médico e pesquisador Jorge Kalil”, “doutor Kalil”, “doutor”, “Kalil”. Não aparece crédito na tela.	
	No áudio: “o médico Gustavo Miranda é da equipe do doutor Kalil”. Não aparece crédito na tela.	
22/03/2020 – Coronavírus: veja as boas notícias que trazem esperança nesse momento		
05/04/2020 – Pesquisas em todo o mundo avançam para encontrar a cura do coronavírus	Crédito na tela: Renato Astray, pesquisador Instituto Butantan. No áudio: “o doutor Renato Astray coordena a pesquisa de desenvolvimento de uma vacina no Instituto Butantan, em São Paulo.”	Crédito na tela: Dante Langhi, pres. Ass. Hematologia e Hemoterapia
		Crédito na tela: Luciano Azevedo, pesquisador Hospital Sírio Libanês. No áudio: “em São Paulo, médicos de grandes hospitais”
		Crédito na tela: Roberto Zeballo, médico imunologista. No áudio: “o doutor Roberto Zeballo”.
		No áudio: Esse médico britânico. Não aparece crédito na tela.
		No áudio: Esse pesquisador da Universidade de Pequim. Não aparece crédito na tela.
03/05/2020 – Vacina contra o coronavírus pode estar disponível para distribuição em setembro	Crédito na tela: Ricardo Palacios, pesquisador Inst. Butantan. No áudio: “o diretor médico de pesquisa clínica do Instituto Butantan, em São Paulo”. Sonora	

	com legenda. Ele tem sotaque do espanhol.	
	No áudio: "esta professora de Imunologia envolvida no projeto" [da vacina de Oxford]. Não aparece crédito na tela.	
	Crédito na tela: Rosana Richtmann, médica infectologista.	
24/05/2020 – Vacina brasileira contra coronavírus poderá chegar em 2021	Crédito na tela: Ricardo Gazzinelli, presidente da SBI. No áudio, a repórter diz: "Parece promissor como explica o doutor Ricardo Gazzinelli, presidente da Sociedade Brasileira de Imunologia e pesquisador da Fiocruz" e "doutor Ricardo".	Crédito na tela: Ana Maria Moro, pesq. Instituto Butantan. No áudio: "A doutora Ana Maria Moro, pesquisadora do Instituto Butantan".
28/06/2020 – Empresa chinesa anuncia resultados positivos em testes de vacina para covid-19		
02/08/2020 – Domingo Espetacular investiga possível data para vacina contra covid-19	Crédito na tela: Luiz Carlos Dias, prof. Inst. Química Unicamp.	
	Crédito na tela: Jorge Calil, dir. Lab. Imunologia Incor. Está grafado errado, com C no lugar de K. No áudio: "o doutor Jorge Kalil coordena um desses projetos, no Laboratório de Imunologia do Instituto do Coração".	
13/12/2020 – Início da vacinação no exterior: após vacinação de idosa na Inglaterra, brasileiros buscam respostas sobre imunização	Crédito na tela: Renato Kfour, dir. Sociedade Brasileira de Imunização.	
	Crédito na tela: Ricardo Petraco, cardiologista. No áudio: "o médico brasileiro Ricardo Petraco atua como cardiologista e professor na Inglaterra".	
03/01/2021 – Anvisa libera a importação da vacina de Oxford/AstraZeneca		
17/01/2021 – Enfermeira de 54 anos é a primeira pessoa a ser vacinada no Brasil		
17/01/2021 – Anvisa libera uso emergencial de duas vacinas contra covid-19 e dá sinal verde para a vacinação no país		
17/01/2021 – Domingo Espetacular mostra detalhes do processo de envase da CoronaVac	Crédito na tela: Natália Pasternak, microbiologista e presid. do Inst. Questão de Ciência. No áudio: "uma especialista no assunto".	

	No áudio: "o Ênio, que é gerente de produção". Não aparece crédito na tela.	
30/05/2021 – Resultados sobre vacinação em massa em Serrana (SP) serão divulgados nesta segunda-feira (31)	Crédito na tela: Marcos Borges, pesquisador principal do Projeto S.	
	Crédito na tela: Ricardo Palácios, diretor de pesquisas do Butantan.	

Fonte: Produção própria.

Os repórteres do Domingo Espetacular estabeleceram aliança com o discurso científico, o que se manifestou nas sonoras dos especialistas entrevistados que explicaram e comentaram as pesquisas. As sonoras desses entrevistados complementaram ou confirmam o que foi dito pelos repórteres, emprestando a credibilidade de vozes autorizadas para o discurso jornalístico, por exemplo, nas explicações sobre as vacinas, como ocorreu na matéria exibida em 05 de abril de 2020 (Quadro 9).

Quadro 10 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 05/04/2020: explicação sobre vacina

	<p>Repórter Raul Dias Filho em <i>off</i>: O imunizante treina o sistema imunológico para reconhecer um agente infeccioso e atacá-lo antes que ele comprometa outras células.</p>
	<p>Renato Astray, pesquisador do Instituto Butantan: O vírus está correndo para se multiplicar o mais rapidamente possível e o organismo está correndo para tentar reagir o mais rapidamente possível. O organismo bem vacinado é um organismo bem treinado e vai ganhar essa competição.</p>

Fonte: Produção própria.


No entanto, a relação dos repórteres do Domingo Espetacular com os especialistas foi de menos proximidade do que a observada no Fantástico. Na maioria das vezes, as reportagens foram estruturadas com *offs* e sonoras e os repórteres não apareceram fazendo perguntas ou interagindo com os especialistas. Quando as perguntas apareceram, observamos questões diretas, que não partiram de conhecimentos científicos. Como exemplo, citamos as perguntas feitas pela repórter do Domingo Espetacular na matéria em que Natália Pasternak,



microbiologista e presidente do Instituto Questão de Ciência, foi convidada para responder dúvidas da população sobre as vacinas. As perguntas foram: “O que a vacina vai fazer dentro do nosso organismo?” e “Por que que é tão importante a gente tomar a vacina?” (em 17/01/2021, o crédito da repórter não foi exibido na reportagem).

Em dois momentos da cobertura, observamos a entrada de repórteres do Domingo Espetacular em espaços da ciência. Na primeira reportagem sobre as vacinas da covid-19, na ‘Fase 1: Vacinas para prevenir, remédios para curar’, o correspondente Herbert Moraes entra no laboratório que desenvolve uma vacina em Israel. A presença dele nesse espaço não é destacada na passagem da matéria, que é gravada no alto de uma colina, chamando atenção para o local onde a pesquisa ocorre, o que reforça a cobertura internacional da Record (“aqui na região da Galileia, no Norte de Israel”). Porém, ele aparece nas imagens gravadas dentro do laboratório e a sonora do pesquisador, traduzida pelo repórter em discurso indireto, traz uma relação de mais proximidade, reforçando a imagem do compromisso dos cientistas com a sociedade: “Para o doutor Han Katz, líder do grupo que desenvolve a vacina, a oportunidade é empolgante, principalmente quando é possível dar um retorno que a população precisa no presente e não apenas no futuro”.

No dia da liberação das vacinas no Brasil, o Domingo Espetacular apresentou, em uma das matérias, a visita da equipe do programa à fábrica do Instituto Butantan, onde já ocorria o envase da CoronaVac. Nessa matéria, além de destacar as condições de produção da vacina, a repórter interagiu com o farmacêutico responsável pela produção e interpelou o espectador, com o eixo do olhar direcionado para a câmera e expressões que chamam a atenção do público, como “viu” e “ó” (Quadro 11). Dessa forma, a reportagem estabeleceu um vínculo mais próximo com a ciência e com a audiência, do que o observado na maior parte da cobertura do programa.

Quadro 11 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 17/01/2021: visita à fábrica do Instituto Butantan



	<p>Repórter: <i>Ah, vamos lá. E aqui está a vacina?</i></p>
---	---



 <p>COMO A CORONAVAC CHEGA NOS FRASCOS</p>	<p>Repórter: A vacina precisa ficar armazenada dentro dessa câmara fria. são essas máquinas aqui que garantem a temperatura baixa aqui dentro. Faz bastante frio, viu? Entre dois e oito graus.</p>
 <p>COMO A CORONAVAC CHEGA NOS FRASCOS</p>	<p>Repórter: Dentro dessas caixas aqui tem 200 litros da vacina que vão virar 320 mil doses. Está tudo assim, ó, lacrado identificado, mas ela está prontinha para ser colocada dentro do frasco.</p>

Fonte: Produção própria.

A reportagem sobre as dúvidas da população, exibida no dia da aprovação das vacinas, foi a única na cobertura do Domingo Espetacular a apresentar entrevistas do tipo ‘povo fala’, que consistem em sonoras gravadas, geralmente nas ruas, com cidadãos escolhidos aleatoriamente. Na perspectiva dos modos de endereçamento, a análise desse tipo de entrevista é importante para compreender a forma como o programa constrói a sua audiência. A matéria apresenta quatro perguntas, feitas por dois homens e duas mulheres, transcritas no quadro 12.

Quadro 12 – Transcrição de trecho de reportagem no Domingo Espetacular em 17/01/2021: perguntas da população

 <p>COMO A CORONAVAC CHEGA NOS FRASCOS</p>	<p>Mulher sem identificação: Quem já pegou covid-19 precisa tomar a vacina?</p>
 <p>COMO A CORONAVAC CHEGA NOS FRASCOS</p>	<p>Mulher sem identificação: Se eu tomo a primeira dose da vacina... é... de um laboratório, eu posso tomar a segunda de outro laboratório diferente?</p>

	<p>Homem sem identificação: Quem tem algum tipo de alergia pode tomar a vacina?</p>
	<p>Homem sem identificação: Eu queria entender a matemática da estatística da vacina da CoronaVac, porque a gente começa com 50% de eficácia para não ficar doente, 78% para não pegar o vírus de jeito nenhum. Setenta e oito mais 50 dá mais de 100%. Eu não entendi essa estatística.</p>

Fonte: Produção própria.

Todos os entrevistados do ‘povo-fala’ estão de máscara, indicando uma opção do programa por entrevistar pessoas em acordo com as recomendações de prevenção da covid-19. Além disso, todos aparecem na matéria sem créditos de identificação. As perguntas feitas por cidadãos anônimos podem ser compreendidas como dúvidas da população em geral, indicando que o Domingo Espetacular não tem a mesma preocupação do Fantástico em individualizar sua audiência. Observamos que as três primeiras perguntas são pedidos de orientação em relação a quem deve tomar a vacina e como proceder. Já a quarta questão é um pedido de explicação de um homem que diz não ter entendido as estatísticas de eficácia da CoronaVac. Estas perguntas indicam algum conhecimento prévio sobre as vacinas, por exemplo, em relação à existência de diferentes imunizantes e aos dados de eficácia da CoronaVac divulgados pelo Instituto Butantan. Na comparação com o Fantástico, observamos que não foram apresentadas perguntas para as quais a ciência ainda não tinha respostas (o que ocorreu no programa da Globo com a pergunta sobre a transmissão do vírus por vacinados, por exemplo). As questões foram respondidas por Natália Pasternak, microbiologista do Instituto Questão de Ciência, de forma assertiva.

As perguntas feitas pela repórter na matéria foram: “O que a vacina vai fazer dentro do nosso organismo?” e “Por que que é tão importante a gente tomar a vacina?”. Estas perguntas abriram portas para a defesa das vacinas a partir de explicações científicas básicas, sobre o princípio de funcionamento dos imunizantes. Ainda em comparação com o Fantástico, não foram discutidos aspectos mais complexos, como o percentual da população que deveria ser vacinado para controlar a pandemia. Ao mesmo tempo, a reportagem não abordou o tema da desinformação, deixando de fora da cobertura os conflitos que envolveram os imunizantes.

A pergunta sobre ‘quem já pegou covid-19’ pode ser relacionada com uma polêmica, pois o então presidente, Jair Bolsonaro, argumentava que não precisaria se vacinar por já ter contraído a doença e apresentar anticorpos. Porém, esse contexto não foi abordado na resposta da especialista, que apresentou uma explicação técnica justificando a necessidade da vacinação de quem já teve covid-19. A mesma pergunta apareceu no Fantástico, colocada por Drauzio Varella, e teve uma abordagem semelhante.

A forma como o apresentador e a repórter do Domingo Espetacular se referiram às dúvidas da população indicou maior insegurança em relação às vacinas do que ocorreu no Fantástico. Por exemplo, na cabeça da matéria, Sergio Aguiar disse: “Parece estar muito próximo o início da vacinação no Brasil. **Mas em meio a muitas expectativas os brasileiros querem saber mais sobre o assunto.** Agora o Domingo Espetacular responde suas dúvidas com uma especialista no assunto”. No começo da matéria, a repórter afirmou: “A esperança com a vacina aumenta, **mas ainda vem acompanhada de dúvidas**”. Além disso, a reportagem terminou com um convite para os espectadores: “A gente sabe que **todo mundo tem muitas dúvidas** sobre a vacina contra o coronavírus por isso a microbiologista Natalia Pasternak respondeu outras perguntas de vocês. corre lá no r7.com barra canal Domingo Espetacular ou aponte a câmera do seu celular para o *QR code* aqui na tela”.

5.2 ENTRE URGÊNCIA, SEGURANÇA E EFICÁCIA

O desenvolvimento das vacinas da covid-19 foi o mais rápido da história. A velocidade das pesquisas foi um tema importante na cobertura dos dois programas analisados. A forma como esse tema foi abordado contribui para compreender marcas que diferenciam a visão e o posicionamentos do Fantástico e do Domingo Espetacular em relação à ciência no desenvolvimento das vacinas da covid-19.

5.2.1 Fantástico

Enquanto os estudos estavam em andamento, o Fantástico abordou a velocidade acelerada das pesquisas com cautela, estabelecendo uma tensão entre a urgência da pandemia e a necessidade de garantir a segurança e a eficácia das vacinas. Esse posicionamento foi construído em aliança com o discurso científico, em alinhamento com as falas de especialistas entrevistados, acionados pelo programa para explicar questões científicas e comentar as pesquisas (ou seja, que não estavam envolvidos nos projetos discutidos). Ao mesmo tempo, o programa cobrou explicações de cientistas responsáveis pelas pesquisas de desenvolvimento das vacinas e qualificou as expectativas em relação à ciência com frases como “O mundo tá na


contagem regressiva para que surja de fato alguma **esperança concreta**” (repórter Álvaro Pereira Júnior em 02/08/2020), “O mundo aguarda ansioso por **resultados confiáveis**” (repórter Álvaro Pereira Júnior em 13/09/2020) e “Diante de situações assim a ciência tem um desafio de **agir rápido, mas com realismo**” (27/09/2020).

A abordagem cautelosa apareceu desde a primeira matéria na forma como o Fantástico lidou com os prazos anunciados para a conclusão dos estudos. Em diversas matérias, o programa apresentou opiniões de especialistas que duvidavam das previsões mais otimistas para o desenvolvimento dos imunizantes. Por exemplo: “Tem informações, na mídia especializada, de laboratórios que estão envolvidos, que eles prometem ter essa vacina já pronta em 18 meses, já perto de 18 meses. **Eu acho muito curto esse prazo que estão dando**” (Akira Homma, assessor científico Bio-Manguinhos/Fiocruz, em 01/03/2020) e “Nós vamos ter uma vacina para a covid-19 em tempo recorde, mas **eu acho um otimismo muito grande falar que nós vamos ter um produto em 3 meses**. Talvez, mais pro... é... meio do ano que vem” (Ricardo Gazzinelli, presidente da Sociedade Brasileira de Imunologia, em 13/09/2020).





A tensão entre a urgência de acelerar as pesquisas e a necessidade de garantir a segurança e a eficácia das vacinas foi uma marca ao longo da cobertura sobre as pesquisas. Em maio, a reportagem questionou a ética de uma plataforma que tinha como proposta cadastrar voluntários que aceitariam se infectar com o coronavírus para testes de vacinas (Repórter Álvaro Pereira Júnior: “Mas o Gustavo alerta: A pressa não pode atropelar a ética”. Gustavo Cabral, biólogo/Incor-HC-FMUSP: “Tem que seguir toodos os protocolos, todas as normas, perfeito. Isso não é brincadeira não, isso é vida”). Em junho, apontou que as vacinas mais rápidas poderiam ter eficácia reduzida (Repórter Sonia Bridi: “Cientistas concordam: talvez a primeira vacina aprovada contra a covid-19 não seja a melhor possível, mas sendo segura e mesmo oferecendo uma proteção parcial, ela deve ser usada, por causa da gravidade da pandemia”).

Em agosto, o tema se tornou o foco principal da reportagem exibida. O programa abordou de forma crítica o anúncio sobre o registro de uma vacina na Rússia antes do fim dos testes clínicos e apontou questões sobre as vacinas em teste no Brasil. A tensão entre a urgência da pandemia e a segurança da população foi destacada na cabeça da reportagem. Na matéria, a velocidade das pesquisas foi associada com “esperança e preocupação” e a metáfora da “corrida” foi substituída por “correria”. A reportagem sintetizou características da visão e do posicionamento do Fantástico em relação à ciência na cobertura sobre as vacinas, que aparecem nos trechos apresentados abaixo (Quadros 13 e 14).

Quadro 13 – Transcrição da cabeça de reportagem exibida no Fantástico em 16/08/2020

	<p>Tadeu Schmidt: O mundo inteiro acompanha a corrida pelo desenvolvimento de uma vacina pra Covid-19. A Rússia anunciou que já tem um modelo pronto, apesar de os testes ainda estarem no começo. // Poliana Abritta: O repórter Álvaro Pereira Junior conversou com especialistas para entender se essa urgência toda não pode acabar prejudicando o trabalho dos cientistas. Com conciliar a necessidade de combater a pandemia com a segurança da população.</p>
---	--

Quadro 14 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 16/08/2020: esperança e preocupação

	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior em off: Nos laboratórios do mundo tudo acontece numa velocidade incrível. O que antes levava anos, agora leva semanas. Isso traz esperança e preocupação.</p>
	<p>Gustavo Cabral, pesquisador da Fapesp e imunologista / Faculdade de Medicina da USP: É importante que as pessoas entendam um ponto crucial. Qualquer uma dessas vacinas, quando forem licenciadas, pode imunizar bilhões de pessoas. Então, quando a gente fala imunizar bilhões de pessoas, a gente tem que saber de tudo sobre essa vacina, a curto e a longo prazo.</p>
	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior em off: Mas nessa correria nem sempre dá. Exemplo: a vacina da universidade de Oxford, testada no Reino Unido, na África do Sul e no Brasil. Agora, com a fase 3 já andando, foi decidido dobrar a dose.</p>
	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior: Agora, doutora, não é comum cê ainda tá acertando a relação dose resposta na fase 3. Que que tem de diferente dessa vez? Lily Yin Weckx, coordenadora dos estudos da vacina britânica no Brasil/Unifesp: De diferente que nós estamos numa pandemia. E a gente faz os estudos de acordo com a velocidade que a pandemia exige.</p>

Fonte: Produção própria.

Ao problematizar a aceleração das pesquisas, o Fantástico se posicionou tanto em defesa da população, ocupando um papel canônico do jornalismo, quanto da própria ciência, na medida

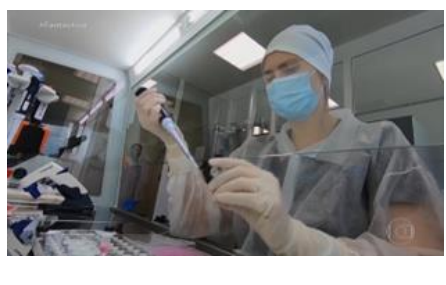

em que a urgência poderia “acabar prejudicando o trabalho dos cientistas”. A aliança do programa com a ciência apareceu também no alinhamento estabelecido entre o discurso do repórter e do especialista Gustavo Cabral. Ao mesmo tempo, o Fantástico assumiu o papel de questionar procedimentos adotados por cientistas, como a coordenadora do estudo da vacina de Oxford no Brasil.

O programa explicitou diferentes opiniões dentro da ciência – uma que advogava cautela e outra que apontava a urgência da pandemia – e se colocou como um mediador capaz de estabelecer um debate científico. O repórter do programa, que é um jornalista científico, demonstrou conhecimento sobre o que é comum ou não na ciência, caracterizando-se como um interlocutor qualificado nesse debate. O mesmo padrão foi observado na entrevista com o diretor do Instituto Butantan nesta reportagem, quando o repórter questionou o padrão de resposta imune verificado nos testes com a CoronaVac e a intenção de começar a produção da vacina antes da conclusão da pesquisa.

O Fantástico enfatizou a importância da metodologia, dos ritos e procedimentos científicos na garantia da segurança das vacinas e destacou o atrito entre a ciência e outros campos envolvidos no desenvolvimento das vacinas. Em agosto, foram apontados interesses políticos e empresariais. Em setembro, foram citados interesses geopolíticos, de imagem e de mercado para os países com empresas à frente do desenvolvimento de vacinas. O programa se alinhou com as falas dos especialistas entrevistados que comentaram as pesquisas, defendendo a necessidade de preservar a ciência.

Como exemplo, apresentamos outro trecho da reportagem de agosto. O Fantástico salientou que a vacina russa não respeitou “as etapas da ciência”, pela falta de publicação dos dados e por pular fases de testes. A intenção do governo do Paraná e do consórcio de estados do Nordeste de adquirir a vacina foi questionada pela falta de acesso aos dados sobre o imunizante. Marcando posição ao lado da ciência, o programa destacou novamente a opinião do especialista Gustavo Cabral, pesquisador da Fapesp e imunologista da Faculdade de Medicina da USP, que apontou o conflito entre o interesse político e empresarial e a saúde pública (Quadro 15).



Quadro 15 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 16/08/2020: pressão política e empresarial

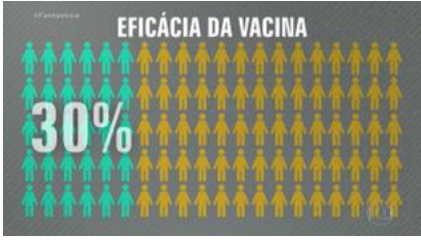


	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior em off: Quem tá no laboratório pesquisando vacinas pede cautela.</p>
	<p>Gustavo Cabral, pesquisador da Fapesp e imunologista / Faculdade de Medicina da USP: Esse é o momento em que a gente não pode ser exposto a pressões externas, porque a pressão política e empresarial é enorme. Perceba que não é mais uma questão apenas de saúde pública. Na verdade, há tempos já não é mais uma questão de saúde pública.</p>

Fonte: produção própria.

Além da segurança, a eficácia das vacinas foi um tema de atenção na cobertura do Fantástico em diferentes matérias. Em diálogo com a opinião de especialistas, o programa apontou que a primeira vacina desenvolvida poderia “não ser a melhor possível” ou “a ideal”, mas deveria ser utilizada devido ao contexto da pandemia. Ao mesmo tempo, colocou em questão qual deveria ser o percentual mínimo de eficácia para a utilização dos imunizantes. Como exemplos, apresentamos trechos de reportagens veiculadas em agosto e setembro.

Quadro 16 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 16/08/2020: eficácia

	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior em off: Mas se é a fase 3 que vai responder e a fase 3 ainda tá no começo, como o Butantan já vem falando até em fabricar a vacina?</p>
	<p>Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan: Veja, o raciocínio tem que ser diferente aqui. Nós <i>tamos</i> no meio de uma epidemia. Se nós tivéssemos já disponível uma vacina segura, que tivesse uma eficiência de 30, 40% ela já seria extremamente útil.</p>

	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior: Eficácia de 30% significa que de cada cem vacinados, a vacina só funciona em 30. Nos Estados Unidos o FDA ou FDA [pronúncia em inglês], a agência sanitária fixou a eficácia mínima em 50%.</p>
	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior: A senhora tá na onda do FDA [pronúncia em inglês], assim, 50% é o mínimo razoável?</p>
	<p>Lily Yin Weckx, coordenadora dos estudos da vacina britânica no Brasil/Unifesp: É o mínimo razoável. Espero que seja mais do que isso, né?</p>

Fonte: Produção própria.

Quadro 17 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 27/09/2020: eficácia

	<p>Repórter Álvaro Pereira Júnior: Mas quanto de eficácia esperar?</p>
	<p>Ricardo Gazzinelli, pres. da Soc. Bras. De Imunologia e pesquisador da Fiocruz: As vacinas que nós temos visto aí, algumas delas estão almejando uma eficácia de 50 a 60%. A eficácia ideal seria uma eficácia maior de 70, 80% até 90%. Isso é uma eficácia de uma vacina que vai realmente interferir com a proteção.</p>
	<p>Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan: Uma vacina com 30, 40, 50% faria já uma diferença enorme, na gravidade dos casos. Ela já teria um efeito surpreendente na epidemia. A lógica seria diferente na vacinação tradicional. Vacinação tradicional é de proteger a população para a entrada do vírus. Não, o vírus tá circulando já. É proteger uma parcela da população para não ficar submetida aos efeitos deletérios do vírus que tá aí.</p>

Fonte: Produção própria.

Considerando a perspectiva de Eyal (2019) sobre a “ciência regulatória” ou “ciência política”, observamos que o debate sobre a taxa mínima de eficácia que as vacinas deveriam alcançar pode ser situado nesse campo, tendo como objetivo estabelecer um fechamento provisório do debate científico de forma a possibilitar uma decisão imediata sobre a adoção dos imunizantes como política pública de saúde.

A pandemia forçou a Organização Mundial da Saúde e as agências reguladoras nacionais de medicamentos a debater a aplicação de patamares mais baixos do que os usualmente exigidos para outros imunizantes, considerando a gravidade da emergência sanitária. No ambiente comunicacional midiático, esse debate extravasou os fóruns internos da ciência e se deu também na mídia, onde diferentes atores buscaram legitimar suas posições.

O Fantástico considerou a discussão relevante para a sua audiência, abordando o tema em duas matérias. Em agosto, além de interrogar os especialistas à frente dos ensaios clínicos de vacinas no Brasil, o repórter participou do debate trazendo a posição da agência reguladora de medicamentos dos Estados Unidos Food and Drug Administration (FDA), que apontava como exigência um nível de eficácia superior ao defendido pelo diretor do Instituto Butantan. Em setembro, o programa trouxe a opinião de Ricardo Gazzinelli, presidente da Sociedade Brasileira de Imunologia, voz autorizada como representante de um campo científico, que também apontou valores de eficácia desejáveis superiores aos defendidos por Dimas Covas. A sonora desse especialista foi acompanhada pela exibição de um infográfico na tela, apresentando um discurso jornalístico que contribuiu para reforçar os percentuais citados. Isso não ocorreu com a fala do diretor do Instituto Butantan.

Considerando as três pistas da ciência descritas por Eyal (2019), verificamos que o Fantástico demonstra alinhamento inequívoco com pesquisadores que poderiam ser situados na pista da direita, da ciência, como apontado, por exemplo, na frase “quem tá no laboratório pesquisando vacinas pede cautela” (Quadro 15). Já em relação aos pesquisadores à frente dos estudos das vacinas, existem momentos de alinhamento e de questionamento, nos quais o Fantástico se posiciona em defesa da “segurança da população”, por exemplo, ao questionar a mudança de dose no meio dos testes da vacina de Oxford e a possibilidade de início da produção da CoronaVac no Butantan antes do fim das pesquisas.

A velocidade acelerada das pesquisas deixou de ser problematizada no Fantástico com a conclusão dos testes de fase 3. O programa passou a reforçar o papel da Anvisa como garantidora da segurança e da eficácia das vacinas, reforçando uma perspectiva de confiança nos procedimentos científicos institucionalizados. Em novembro, após o anúncio de eficácia da

vacina Pfizer/Biontech, a primeira a concluir esta etapa, o Fantástico destacou o “tempo recorde de produção da vacina” e apontou, positivamente, para “a vacina mais rápida da história”. Em dezembro de 2020, ao abordar questões ligadas ao começo da vacinação no Brasil, o repórter Murilo Salviano afirmou: “Mas antes de todas essas vacinas serem oferecidas à população, elas ainda vão ter que passar **pelo crivo da Anvisa**, que até agora não recebeu nenhum pedido de autorização emergencial”. Em seguida, o programa apresentou sonora do gerente de medicamentos da Anvisa, Gustavo Mendes, dizendo: “**Mesmo sendo uma vacina que ainda tá em fase experimental**, como o controle vai ser bastante intenso e a observação da agência, de todos os envolvidos, vai ser bastante próxima, a gente pode **garantir que é um uso que vai ser seguro**, porque vai ser muito bem acompanhado e muito bem monitorado”. Em janeiro de 2021, após Fiocruz e Butantan formalizarem os pedidos para autorização de uso emergencial das vacinas à Anvisa, o Fantástico apresentou sonora de uma especialista, reforçando o papel da agência: “**Pra população** o importante é ser aprovado pela **nossa agência regulatória** porque todos os medicamentos, todas as vacinas disponíveis no país precisam ser aprovados pela Anvisa. **Ela vai avaliar se a vacina é segura e se a vacina é eficaz**” (Natalia Pasternak/pres. Inst. Questão de Ciência, em 10/01/2021).

Ao mesmo tempo, observamos que o programa não abre mão do aprofundamento das informações científicas e da função de vigilância do jornalismo, como representante da população. Esse posicionamento aparece na forma como o Fantástico aborda a divulgação dos resultados da eficácia da CoronaVac nos ensaios clínicos de fase 3. A reportagem exibiu um trecho da coletiva de imprensa em que dados de eficácia da vacina nos ensaios de fase 3 foram divulgados pelo diretor do Instituto Butantan. Em seguida, a repórter Giuliana Girardi afirmou: “Só que **os cientistas reclamaram** que esses são os chamados dados secundários. **São bons, mas não são números da taxa de eficácia da vacina**”. A reportagem entrevistou a especialista Denise Garrett, epidemiologista do Sabin Vaccine Institute, que explicou a diferença entre as taxas divulgadas e a taxa de eficácia global da vacina, apresentando um cálculo estimado do índice e apontando a expectativa positiva em relação ao imunizante. Em seguida foi apresentado um trecho de entrevista com o diretor do Instituto Butantan, transcrito abaixo (Quadro 18).

Quadro 18 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Fantástico em 10/01/2021: entrevista com diretor do Instituto Butantan

	<p>Repórter Giuliana Girardi: Essa taxa de eficácia, que é tão importante, por que que ela não foi divulgada?</p>
	<p>Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan: Eu divulguei as taxas de eficácia clínica que é o que interessa para essa vacina. Cada estudo tem o seu tipo de análise, cada estudo inclui um tipo de população diferente, população não sabe o que é eficácia, não sabe o que é eficiência de uma vacina, ela quer saber qual efeito que a vacina tem, não é, nesse atual momento.</p>
	<p>Repórter Giuliana Girardi: Seria em torno desse desse percentual 63, 64%? O senhor pode confirmar?</p>
	<p>Dimas Covas, diretor do Instituto Butantan: Não é o momento, tá certo, de divulgar todos os detalhes do estudo antes da análise da Anvisa, né? Isso é de acordo com a Anvisa.</p>

Fonte: produção própria.

Num contexto de expectativa em relação à vacina (que era a única disponível no Brasil naquele momento) e de disputa política sobre o imunizante (que será mais discutida posteriormente), o programa equilibrou um posicionamento positivo em relação à CoronaVac com a cobrança de transparência na divulgação dos resultados da pesquisa. Observamos ainda uma disputa de autoridade entre o Fantástico e o diretor do Instituto Butantan. Ao dizer que a taxa de eficácia é “tão importante”, a repórter do Fantástico reclama a autoridade jornalística de apontar os fatos relevantes para o debate público, especialmente para a sua audiência. Na resposta, Dimas Covas delimita a posição da autoridade científica de determinar a melhor forma de avaliação da vacina. Além disso, confronta a autoridade jornalística do Fantástico ao discutir quais dados interessam à população.

Na cobertura sobre a aprovação das vacinas, no dia 17 de janeiro de 2021, o Fantástico deu grande ênfase na aplicação de critérios científicos pela Anvisa, com expressões repetidas como “usaram critérios eminentemente científicos”, “foram atendidos os critérios científicos”,

e “a decisão é científica”. Em diferentes momentos, a reportagem fez referência a incertezas e ressalvas apontadas pelos diretores da Anvisa, mas enfatizou que as vacinas foram consideradas seguras e eficazes, apresentando os percentuais de eficácia dos dois imunizantes. Mais de uma vez, no texto da repórter e nas sonoras dos diretores da Anvisa, foi dito que os benefícios das vacinas superavam os riscos.

O programa foi além de relatar a unanimidade da decisão e apresentou sonoras de todos os diretores que votaram na seção, selecionando falas que reforçaram o embasamento científico do posicionamento da Anvisa, tais como: “**Guiada pela ciência e pelos dados**, a equipe de servidores da Anvisa concluiu que os benefícios conhecidos e potenciais da vacina dessas vacinas superam seus riscos” (Meiruze Sousa Freitas, relatora) e “Daí a importância de uma análise acertada, **sempre pautada no equilíbrio e na cientificidade**, sem qualquer intervenção claudicante em que pese a ansiedade e a expectativa de todos” (Cristiane Rose Jourdan Gomes, diretora Anvisa).

A reportagem contou quase exclusivamente com as imagens da seção da Anvisa, incluindo além das imagens dos diretores da agência falando, destaque para *slides* exibidos nas apresentações realizadas. A repórter Delis Ortiz destacou que os técnicos da Anvisa “usaram gráficos, explicaram os critérios e esmiuçaram as informações sobre monitoramento de reações adversas entregues pelo Butantan e pela Fiocruz”. Observamos que, neste momento, os gráficos e números apresentados não foram discutidos pelo Fantástico com o objetivo de que fossem compreendidos pelo público. Sua exibição reforçou o efeito de sentido de veracidade. Lembrando a perspectiva de Latour e Woolgar (1997), podemos dizer que essas “inscrições literárias” da ciência (gráficos, tabelas e imagens que exprimem os resultados da atividade científica) tiveram a função de reforçar o peso dos enunciados científicos. Dessa forma, a cobertura sobre a aprovação das vacinas consolidou marcas importantes do posicionamento do Fantástico em relação à abordagem da segurança e da eficácia das vacinas, incluindo a valorização dos dados e dos ritos institucionais da ciência, além da valorização da própria ciência.

O tema da eficácia esteve presente também em outras matérias na cobertura sobre a aprovação dos imunizantes e o começo da vacinação no Brasil. A estratégia discursiva do Fantástico apresentou elementos que reforçaram a confiança na CoronaVac, vacina que foi alvo de desinformação e esteve no centro da briga política entre o governo de São Paulo, então comandado por João Dória, e o governo federal, do então presidente Jair Bolsonaro. Na matéria sobre o começo da vacinação, que ocorreu com aplicação da CoronaVac em São Paulo, foi destacado que o percentual de eficácia da vacina, de 50,38%, ficou acima exigido pela OMS e

pela Anvisa e que “cientistas independentes” ressaltaram a segurança e a eficácia do imunizante, principalmente contra casos graves, lembrando que nenhum voluntário morreu por covid-19 durante a pesquisa. Também foi informado que a vacina já tinha sido aprovada na China, Índia e Turquia.

O Fantástico também abordou a diferença nos percentuais de eficácia dos dois imunizantes aprovados no Brasil e defendeu a equivalência entre as vacinas, dirigindo-se a um espectador atento aos índices divulgados e preocupado com qual a vacina mais eficaz. No comentário sobre a aprovação das vacinas, Drauzio Varella disse: “Eu não vejo a hora de chegar a minha vez de tomar a vacina. **Qual? A que me for oferecida: a do Butantan, a da Fiocruz, não faz diferença.** O que eu não quero é ficar doente e muito menos morrer”. Na reportagem que respondeu dúvidas sobre as vacinas, Drauzio Varella perguntou: “As vacinas com uso emergencial aprovado no Brasil apresentaram resultados diferentes nos testes a que foram submetidas, com cerca de 70% de eficácia da vacina da Fiocruz AstraZeneca. Nós podemos dizer que ela é melhor do que a CoronaVac do Butantan, que tem uma eficácia ao redor de 50%?” Esper Kallas, infectologista USP, respondeu: “**As duas são boas**, Drauzio, e essas diferenças são comuns acontecerem em projetos de pesquisa. São ambas extremamente úteis para o enfrentamento da pandemia, o que a gente precisa é de vacinas para ajudar a combater a pandemia para os brasileiros”.

5.2.2 Domingo Espetacular

No Domingo Espetacular, a velocidade acelerada das pesquisas foi positivada e justificada pela urgência da pandemia. O tema da segurança foi abordado de forma pontual, sem estabelecer uma oposição com a aceleração das pesquisas. O programa também não apresentou ponderações sobre a eficácia das vacinas rapidamente desenvolvidas.

Na maioria das vezes, o texto dos mediadores expressou cuidado em relação aos prazos. Porém, na primeira reportagem exibida, uma previsão muito curta para a produção da vacina foi apresentada sem qualquer questionamento. No dia 1º de março de 2020, o repórter Herbert Moraes falou sobre uma pesquisa para desenvolver uma vacina da covid-19 em Israel. No encerramento da reportagem, ele disse: “O cientista garante que a parte deles está na fase final. Mas a vacina terá que passar por aprovações e regulamentações. Assim, a previsão é de que ela esteja disponível no mercado em 90 dias”.

Em outras matérias, o uso de verbos auxiliares como ‘pode’ e ‘parece’ e do advérbio ‘talvez’ sinalizou a presença de incertezas em relação aos prazos. Os prazos foram destacados com modalização positiva, muitas vezes na cabeça das reportagens, indicando o alto valor atribuído a essa informação pelo programa. Por exemplo, em 03 de maio de 2020, Eduardo



Ribeiro afirmou: “Bom, e enquanto a gente conversa aqui cientistas do mundo inteiro estão mobilizados para produzir, e em tempo recorde, uma vacina que nos livre do pesadelo da covid-19”. Patrícia Costa completou: “e a **boa notícia** é que pelo menos uma dessas vacinas pode estar disponível no mercado **daqui a quatro meses**”.

A diferença em comparação com o Fantástico é evidenciada quando os dois programas abordam os mesmos assuntos. Em maio, ambos noticiaram a criação de uma plataforma para cadastrar voluntários que aceitariam ser infectados em testes de vacinas. O Fantástico explicou a metodologia tradicional dos testes clínicos e chamou atenção para os aspectos éticos envolvidos em estudos de desafio com seres humanos. Já o Domingo Espetacular destacou, de forma positiva, a expectativa de acelerar as pesquisas: “Segundo os especialistas a fase de testes em humanos é uma das mais desafiadoras. Isso porque não é fácil encontrar voluntários dispostos a correrem o risco de serem infectados. Mas no caso do novo coronavírus, os cientistas tiveram uma surpresa: um advogado daqui de Nova York criou uma plataforma virtual para reunir os interessados e acelerar esse processo. Em menos de um mês, mais de 9.000 pessoas de 52 países se inscreveram e detalhe: 40% deles são brasileiros” (repórter Evelyn Bastos, em 03/04/2020).

Em agosto, a velocidade do desenvolvimento das vacinas da covid-19 foi novamente destacada na cabeça da reportagem exibida no Domingo Espetacular. O apresentador Eduardo Ribeiro apontou a realização de dezenas de projetos, com alguns em fase avançada, e completou: “Por isso a gente diz que estamos, **talvez**, diante da descoberta da **vacina mais rápida da história**. Mas será que é possível arriscar uma data? A gente foi investigar”. A reportagem apresentou o cenário global das pesquisas, citando os cinco projetos que se encontravam na fase mais avançada de ensaios, segundo a OMS. O repórter Afonso Mônaco acrescentou a perspectiva próxima de aprovação da vacina russa, sem levantar questionamentos em relação ao cumprimento das etapas de pesquisa, que foram o tema central da reportagem exibida no Fantástico no mesmo mês. Ele disse: “Embora não apareça nessa lista, a Rússia também diz estar na dianteira. O governo afirmou que no começo de agosto terá uma vacina aprovada para produção e espera distribuir 200 milhões de doses até o fim deste ano” (02/08/2020).

Em muitas reportagens, a urgência da pandemia foi apresentada com justificativa para acelerar as pesquisas, ressaltando os números de casos e mortes da doença, como observado no trecho transcrito no quadro 19.


Quadro 19 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 03/05/2020: urgência

	<p>Repórter Evelyn Bastos: O que se vê pelo mundo é uma corrida contra o relógio. Desenvolver uma vacina e conseguir aprovação para uso em humanos leva, no mínimo, 10 anos, mas, em meio à pandemia do novo coronavírus, os cientistas e autoridades sabem que não têm esse tempo".</p>
	<p>Repórter Evelyn Bastos: A covid-19 avança rápido já são mais de 3 milhões de infectados em todo o mundo e mais de 230 mil mortos. Por isso pesquisadores se lançaram em várias frentes diferentes para buscar uma fórmula capaz de imunizar a população o mais rápido possível.</p>

Fonte: produção própria.

O mesmo tipo de justificativa foi apresentado na reportagem exibida em 05 de abril de 2020, que contou ainda com a sonora de um pesquisador confirmando a possibilidade de acelerar os estudos. Nesta matéria, o repórter Raul Dias Filho disse: “A produção obedece protocolos rígidos, em média 10 anos, só que no contexto do coronavírus **não dá para esperar tanto**”. O pesquisador do Instituto Butantan, Renato Astray, afirmou: “Você pode acelerar isso. Tem a ver mais com a parte de burocracia ligada à vacina e a gente pode ter realmente o desenvolvimento da vacina em menos tempo”. Nesta matéria, observamos a única ressalva da cobertura em relação à velocidade das pesquisas, com referência à necessidade de garantir a segurança das vacinas, conforme o trecho transcrito no quadro 20.

Quadro 20 –Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 05/04/2020: boas notícias

	<p>Repórter Raul Dias Filho em off: Todos os dias surgem boas notícias neste sentido. Equipes da Austrália estão em fase pré-clínica abrangente em animais. em Israel cientistas esperam começar os testes em seres humanos em junho. China e Estados Unidos já realizam experimentos em voluntários. Mas um anúncio surpreendente veio do Reino Unido: a maior fabricante de cigarros do planeta estaria trabalhando em uma vacina a partir de folhas de tabaco e prometeu produzir 3 milhões de doses semanais começando em junho.</p>
---	--





Renato Astray, pesquisador Instituto Butantan: **Por menor que seja o tempo**, não se pode abrir mão de ter todos os dados em relação à segurança da vacina, porque é uma substância que vai ser aplicada em pessoas que estão saudáveis, principalmente, né? Agora, **para junho desse ano é... realmente é improvável**.

Fonte: Produção própria.

A sonora do pesquisador colocou a questão da segurança dos imunizantes em relação ao tempo de produção das vacinas. Porém, ao dizer “por menor que seja o tempo”, ele não negou a possibilidade de desenvolvimento rápido da vacina, direcionando o questionamento para o prazo do projeto classificado pelo próprio repórter como surpreendente. Diferentemente do que ocorre no Fantástico, o tema não foi explorado ao longo da cobertura, permanecendo como uma questão pontual.

Os temas da segurança e da eficácia das vacinas apareceram pouco na cobertura do Domingo Espetacular. Sem apresentar matérias entre setembro e novembro, o programa não abordou os resultados dos ensaios clínicos que apontaram a segurança e a eficácia das vacinas nesse período. O tema só voltou à pauta do dominical em dezembro, com uma reportagem sobre o início da vacinação no Reino Unido. A matéria manteve um olhar positivo sobre a produção rápida do imunizante, com a sonora do especialista Renato Kfoury, diretor da Sociedade Brasileira de Imunização, destacando a velocidade de desenvolvimento das vacinas como “algo inimaginável”. Além disso, apresentou a fala de Ricardo Petraco, cardiologista, defendendo que a aceleração de pesquisas não reduziu os processos de segurança (Quadro 21). Ao negar o risco, a fala do especialista reconheceu a existência de questionamento em relação à segurança das vacinas e refutou essa alegação. A fala da repórter, que utilizou uma linguagem informal dizendo que o especialista estava “por dentro dos estudos das vacinas” reforçou a autoridade dessa fala. Além disso, durante a fala dele, a jornalista acenou positivamente com a cabeça, posicionando o programa ao lado da defesa das vacinas, porém, sem explicitar o contexto de ataques aos imunizantes.

Quadro 21 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 13/12/2020: segurança

	<p>Repórter Fabiana Oliveira em off: O médico brasileiro Ricardo Petraco atua como cardiologista e professor na Inglaterra. Agora ele é mais um dos brasileiros prestes a ser imunizado contra o coronavírus. Ricardo trabalhou na linha de frente contra o vírus e tá por dentro dos estudos das vacinas.</p>
	<p>Ricardo Petraco, cardiologista: O fato da vacina ter sido desenvolvida tão rápido não significa que etapas foram cortadas ou que processos de segurança não foram feitos. O processo de validação dessa vacina foi exatamente o mesmo de qualquer outra no passado.</p>

Fonte: Produção própria.



No dia da aprovação das vacinas e do começo da vacinação no Brasil, a cobertura do Domingo Espetacular foi de mais distanciamento, com redução na modalização positiva sobre as vacinas e a ciência. O programa deu pouca ênfase à segurança e à eficácia dos imunizantes. Os dados sobre eficácia das vacinas não apareceram na reportagem sobre a sessão da Anvisa que autorizou as vacinas e foram citados apenas na terceira reportagem exibida, em ambos os casos em sonoras de especialistas entrevistados.

A reitora da Unifesp, Soraya Smaili, destacou o papel da ciência no desenvolvimento do imunizante, como uma garantia da segurança, num contexto em que foi colocado o medo das vacinas. Ela foi entrevistada como reitora da instituição que coordenou os testes clínicos da vacina de Oxford/AstraZeneca no Brasil e como voluntária da pesquisa. O texto da repórter apontou que ela “se sentiu totalmente segura para participar dos testes”. Na perspectiva da análise de discursos, esse enunciado põe em cena dois enunciadores: um que se sente seguro ao tomar a vacina e outro que tem medo, que podemos associar com discursos que circulavam na época, por exemplo, nas redes sociais. A resposta da reitora explicitou que o medo era a emoção em jogo, possivelmente citada na pergunta feita pela repórter na entrevista, que não apareceu na reportagem.

A resposta da reitora deslocou o medo da vacina para a doença, enfatizando o impacto da covid-19, que apareceu pouco na cobertura do Domingo Espetacular sobre a aprovação das vacinas e começo da vacinação. Mais uma vez, o programa optou por não abordar diretamente os ataques às vacinas – diferentemente do que ocorreu no Fantástico – mas abriu espaço para a defesa do imunizante. Por outro lado, o Domingo Espetacular não colocou essa defesa no seu

próprio discurso, deixando-a a cargo dos especialistas, em um posicionamento favorável às vacinas e à ciência, mas de maior distanciamento do que o do Fantástico (Quadro 22).

Quadro 22 – Transcrição de trecho de reportagem exibida no Domingo Espetacular em 17/01/2021: medo

	<p>Repórter em off: A voluntária não sabe se está no grupo que já foi de fato vacinado ou se tomou apenas um placebo, mas diz que se sentiu totalmente segura para participar dos testes.</p>
	<p>Soraya Samaili, reitora da Unifesp: Eu tenho medo da doença, da covid-19. Eu não tenho medo da vacina. A doença é devastadora. A vacina é segura porque tem a ciência que está sendo desenvolvida, é, por trás desta vacina, pra que ela chegue a toda a população.</p>

Fonte: produção própria.

O tema da eficácia da CoronaVac foi abordado como uma dúvida da população, a partir da pergunta em que um homem afirmou não ter entendido os dados de eficácia da vacina. O tema da eficácia da CoronaVac não apareceu antes na cobertura do Domingo Espetacular, que não noticiou os resultados finais dos ensaios clínicos. Por um lado, observamos que a menor ênfase nos dados pode ter relação com o espectador imaginado do programa, que é construído pelo enunciador como um público menos interessado em dados (assim como ocorreu em relação às metodologias de pesquisa). Por outro lado, o Domingo Espetacular não parece ter a preocupação do Fantástico em reforçar a confiança na CoronaVac. Na mesma reportagem, ao falar sobre a vacina de Oxford/AstraZeneca, a repórter citou que o imunizante foi aprovado em outros sete países onde já tinham sido aplicadas mais de um milhão de doses. Em seguida, abordou os testes clínicos no Brasil e apresentou sonora da reitora da Unifesp, Soraya Smaili, que citou o percentual de eficácia da vacina, de cerca de 70%. A abordagem sobre a CoronaVac destacou que a vacina estava “mais próxima dos brasileiros”, apresentando a produção no Instituto Butantan, com modalização positiva. O percentual de eficácia da vacina foi abordado a partir da dúvida de um cidadão. Não houve referência aos países onde a vacina já tinha sido aprovada. O contexto de ataques e de desconfiança sobre CoronaVac não foi abordado no

Domingo Espetacular. A resposta da especialista Natália Pasternak, microbiologista e presidente do Instituto Questão de Ciência, também não abordou esses contextos. Ela citou os números de eficácia da vacina, explicando seu significado (“corta pela metade”, “corta em 50% a sua chance de ficar doente”). Não houve comparação com a eficácia da vacina de Oxford/AstraZeneca, nem comentário dizendo que as duas eram igualmente boas.

5.3 VACINAS, CIÊNCIA E POLÍTICA

A politização que marcou a pandemia de covid-19 no Brasil também esteve presente no tema das vacinas. A abordagem das questões políticas envolvidas no desenvolvimento das vacinas teve diferenças importantes no Fantástico e no Domingo Espetacular, participando da forma como esses programas construíram a atividade científica e o seu posicionamento em relação à ciência.

5.3.1 Fantástico

O contexto político de desenvolvimento das vacinas foi destacado na cobertura do Fantástico. Ao longo da cobertura, o programa estabeleceu oposição entre o campo científico e o campo político sobre a aceleração das pesquisas, abordou conflitos entre autoridades políticas – principalmente entre o presidente Jair Bolsonaro e o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, de um lado, e o governador de São Paulo, João Dória, de outro. Salientando a oposição entre posicionamentos científicos e condutas do presidente e do Ministério da Saúde, o Fantástico se posicionou ao lado da ciência em oposição à Bolsonaro.


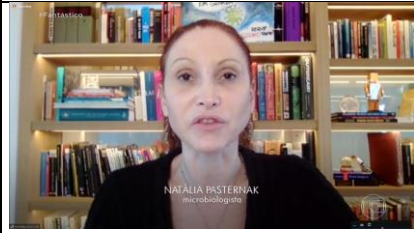
Nas primeiras fases da cobertura, os atores políticos tiveram menor participação, mas o programa construiu uma oposição entre ciência e política relacionada à pressão para o desenvolvimento acelerado das vacinas, especialmente no episódio em que o governo do Paraná e o consórcio de estados do Nordeste iniciaram tratativas para a compra da vacina Sputnik V. Na cobertura sobre os acordos assinados para produção de vacinas no Brasil, o programa citou as iniciativas do governo federal e do estado de São Paulo, mostrando as autoridades políticas que participaram da assinatura dos acordos (o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, e governador de São Paulo, João Dória) nas imagens exibidas. Porém, apenas os gestores das instituições científicas foram entrevistados. Essa abordagem priorizou o enquadramento da produção das vacinas no Brasil como uma questão científica, ligada à transferência de tecnologia para as instituições e às plataformas de produção de vacinas disponíveis no país. Ao mesmo tempo, o programa apresentou sonoras de especialistas que associavam o interesse de empresas por realizar testes de vacinas no Brasil com os altos índices de transmissão da covid-

19 no país, com expressões como “incompetência em conter a pandemia” (Natalia Pasternak, pesquisadora do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, em 28/06/2020) e “propagação do vírus exageradamente” (Gustavo Cabral, pesquisador da Fapesp e imunologista / Faculdade de Medicina da USP, em 16/08/2020), evidenciando o posicionamento crítico à gestão da pandemia no Brasil.

Na ‘Fase 4: A vacina chegou no exterior’ e na ‘Fase 5: Brasil aprova as vacinas e inicia a vacinação’, os conflitos políticos envolvendo os imunizantes e a oposição entre cientistas e o governo federal foram colocados em evidência na cobertura. Ao cobrir o começo da vacinação no Reino Unido, o programa salientou o contraste com o Brasil, apontando falhas do governo federal, como atraso na compra de seringas e vacinas. O Fantástico enfatizou o desejo da população brasileira de receber a vacina, nas entrevistas com brasileiros no exterior e com entrevistas de ‘povo-fala’ no Brasil. O programa estabeleceu oposição entre a população brasileira, com pressa para o começo da vacinação, e o governo federal, que dizia aguardar a Anvisa. Por exemplo, em 6 de dezembro de 2020, o repórter Pedro Vedova afirmou: “O Ministério da Saúde não quis dar entrevista nem enviar notas sobre o planejamento para a vacinação contra a covid. Informou, por telefone, que aguarda que a Anvisa registre alguma vacina. Muitos brasileiros têm bem mais pressa”.

A exclusão da CoronaVac no plano nacional de imunização foi criticada em diversas matérias. Observamos que o Fantástico apresentou sonoras convergentes de especialistas, caracterizando as críticas como um posicionamento da comunidade científica (Quadro 23).

Quadro 23 – Transcrição de trecho de reportagem do Fantástico exibida em 13/12/2020: críticas ao governo federal

	<p>Repórter Murilo Salviano em off: Atrasar a entrega? Pesquisadores ouvidos pelo Fantástico afirmam que o governo federal falhou ao não garantir vacinas de outros laboratórios.</p>
	<p>Natalia Pasternak, microbiologista: Não ter feito mais acordos bilaterais com outras empresas, ter colocado todos os ovos na mesma cesta, com a vacina de Oxford AstraZeneca, é bastante arriscado.</p>



Pedro Halal, reitor da Universidade Federal de Pelotas/RS: Foi um erro. Apostar em apenas uma vacina sempre será um erro. Tem outras vacinas que também estão avançadas e o governo brasileiro não pode simplesmente esperar pela vacina da AstraZeneca.

Fonte: Produção própria.

O programa citou nominalmente o presidente Jair Bolsonaro, reproduzindo declarações feitas por ele em redes sociais contra a CoronaVac. Também reproduziu um trecho de discussão entre o governador João Dória e o ministro Eduardo Pazuello. Detalhou ainda a cobrança de governadores de diversos estados para a aquisição da CoronaVac pelo Ministério da Saúde. No contexto da disputa política, o Fantástico se posicionou como porta-voz da ciência. Na passagem, o repórter Murilo Salviano disse: “Uma das preocupações da comunidade científica é que essa politização e o vaivém de promessas podem gerar insegurança na população”.

No dia da aprovação das vacinas, Fantástico destacou, diversas vezes, a gravidade da pandemia no Brasil e a oposição entre o posicionamento científico dos diretores da Anvisa e o posicionamento do presidente Jair Bolsonaro e do Ministério da Saúde, associado com a defesa do tratamento com cloroquina. Por exemplo, na entrada ao vivo no começo do programa, a repórter Delis Ortiz disse: “As apresentações técnicas que precederam a decisão da Anvisa foram transmitidas ao vivo pela televisão e pela internet, e um a um, os argumentos reforçaram a urgência determinada pela pandemia. Os técnicos e o colegiado da agência reguladora destacaram várias vezes que a vacina é opção que precisa estar disponível imediatamente. Na contramão do que vêm dizendo o presidente Jair Bolsonaro e o Ministério da Saúde, que defendem o tratamento precoce com hidroxicloroquina, os especialistas reiteraram que não há alternativa terapêutica contra a covid-19”.

O programa também citou a realização de protestos contra Bolsonaro em frente à sede da Anvisa, exibindo imagens da manifestação que traziam a inscrição “genocida” sobre a foto do presidente (Figura 13). A cobertura colocou em destaque a briga política em torno da CoronaVac, abordando a troca de acusações entre o governador João Dória e o ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, sobre o começo da vacinação, que ocorreu em São Paulo antes do início da campanha nacional coordenada pelo Ministério da Saúde.

Figura 13 – Imagem de protesto contra Bolsonaro exibida no Fantástico em 17/01/2021






Reportagem citou realização de protesto em frente à Anvisa na véspera da decisão sobre vacinas. Fonte: Reprodução Globoplay

O contexto político relacionado às vacinas apareceu também na cobertura sobre a vacina de Oxford. O programa apontou o atraso na chegada das vacinas prontas da Índia e do insumo farmacêutico ativo (IFA) da China. O texto da repórter e as sonoras do ministro da Saúde apontaram para o papel das relações diplomáticas com os governos dos dois países e da relação contratual/comercial com a empresa AstraZeneca na questão. Ao trazer o posicionamento da AstraZeneca, que foi responsabilizada por Pazuello, o Fantástico mostrou uma característica do jornalismo do programa, de equilíbrio e de vigilância, abrindo espaço para os dois lados e cobrando respostas. Ao mesmo tempo, foi recorrente na cobertura confrontar as declarações do Ministério da Saúde sobre compra de vacinas com empresas, mostrando inconsistência das alegações da pasta.

Vale observar que apesar da oposição com o presidente Bolsonaro e o Ministério da Saúde na cobertura, o posicionamento do programa não foi crítico em relação à vacina de Oxford e à Fiocruz. A reportagem apresentou sonora de um gestor da Fiocruz (Marco Aurélio Krieger, vice-presidente de Produção e Inovação em Saúde da Fiocruz) sobre a expectativa de prazo para a produção da vacina, que não foi contestado. Também trouxe sonora de uma especialista da instituição (Margareth Dalcolmo, pneumologista e pesquisadora da Fiocruz), comentando, do ponto de vista científico, a aprovação da vacina pela Anvisa, separando a questão política envolvida na importação de doses e do IFA da instituição científica.

Na cobertura sobre os estudos de efetividade, o Fantástico reforçou a cobrança para acelerar a vacinação no Brasil. O posicionamento do programa foi reforçado por uma estratégia discursiva que enfatizou o sofrimento causado pela pandemia. Após mostrar o alívio dos leitos vazios e a alegria pela retomada dos negócios com a vacinação em massa na cidade de Serrana, o programa retomou o depoimento de duas viúvas que perderam os maridos para a covid-19. O off do repórter marcou que a tristeza não foi embora da cidade, sendo complementado pela fala de uma das entrevistadas, que lamentou, chorando, pelos falecidos não terem tido a chance de se vacinar (Quadro 24).

Quadro 24 – Transcrição de trecho da reportagem exibida no Fantástico em 30/05/2021: sentimento após vacinação

	<p>Sobe som: professora: Boa tarde quinto ano. // Alunos: Boa tarde. // Repórter Estevan Muniz em <i>off</i>: Andando pela imunizada Serrana as palavras que a gente mais ouve são felicidade e esperança.</p>
	<p>Angel Dario Ariza, médico da UPA de Serrana: Trouxe uma segurança, trouxe um conforto, trouxe um bem-estar não só para a parte médica, se não para a população em geral.</p>
	<p>Larissa Bernardino, dona de Buffet: Retomamos as festas paradas, estamos com novos orçamentos. Foi uma esperança, né? Uma luz no fim do túnel pra gente estar podendo levar nossa vida normalmente.</p>
	<p>Repórter Estevan Muniz em <i>off</i>: Também existe muita tristeza por quem não teve a chance de se vacinar a tempo.</p>
 <p>A gente queria que eles estivessem aqui pra tomar.</p>	<p>Off da entrevistada: A gente queria que eles tivessem aqui para tomar.</p>

Fonte: Produção própria.

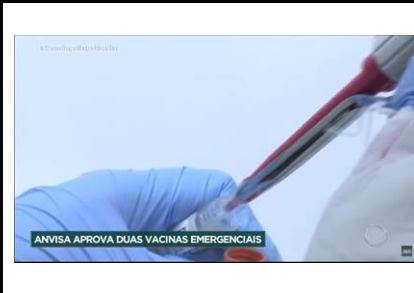

5.3.2 Domingo Espetacular

O Domingo Espetacular silenciou sobre a disputa política envolvendo as vacinas e manteve distanciamento de polêmicas. Em alguns momentos, o programa apresentou falas de especialistas sem mencionar contextos que colocariam em evidência disputas políticas e falhas do governo federal. Além disso, o programa não confrontou as informações do Ministério da Saúde com outras fontes, como empresas fornecedoras de vacinas, apresentando uma cobertura mais positiva das ações da pasta.

Por exemplo, ao longo dos trâmites para a vacinação no Brasil, o programa abordou o começo da produção da CoronaVac no Instituto Butantan de forma positiva, falando em "mais esperança" e "produção gigante". Porém, não citou que a vacina não tinha sido incluída, pelo Ministério da Saúde, no plano nacional de imunização. Também apresentou sonora de Renato Kfourri, diretor da Sociedade Brasileira de Imunização, que defendeu que não poderia haver uma campanha de vacinação fragmentada nos estados, sem citar o contexto em que havia cobrança de estados sobre o Ministério da Saúde, após anúncio de vacinação pelo estado de São Paulo, uma vez que a CoronaVac já estava disponível no Brasil, mas não tinha sido adquirida pelo governo federal.

Esse posicionamento apareceu também na cobertura sobre a sessão da Anvisa que autorizou as vacinas. Não houve referência ao contexto da pandemia, critérios científicos, segurança e eficácia das vacinas, que foram destacados no Fantástico. A única justificativa apresentada para a aprovação apareceu na sonora da relatora dos pedidos (Quadro 25).

Quadro 25 – Transcrição de trecho da reportagem exibida pelo Domingo Espetacular em 17/01/2021: voto da relatora da Anvisa

	<p>Repórter em <i>off</i>: A relatora dos processos votou a favor do uso emergencial das duas vacinas: a CoronaVac, que é produzida pelo laboratório Sinovac em conjunto com o Instituto Butantan, e a vacina de Oxford, desenvolvida pela farmacêutica AstraZeneca com a universidade do Reino Unido em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz.</p>
	<p>Meiruze Freitas, relatora dos pedidos: Os riscos do agravamento da doença ou mesmo a morte por covid-19 superam, em muito, qualquer benefício com imunidade temporária adquirida que a infecção traria. Assim, é certo que a vacinação contra a covid-19 ajudará de maneira determinante a proteção individual e coletiva.</p>

Fonte: Produção própria.

Esta sonora abordou um tema alvo de polêmica com Bolsonaro, que, por diversas vezes, afirmou que não tomaria a vacina porque já tinha contraído a covid-19 e apresentava anticorpos contra o coronavírus. No entanto, esse contexto não foi referido na matéria. A fala da relatora enfatizou que os riscos da infecção natural superam o potencial benefício da imunidade temporária que é produzida, reforçando a importância da vacina. Porém, a ausência do contexto tornou mais difícil compreender essa mensagem. Ao omitir o contexto da declaração, o Domingo Espetacular apagou o conflito político em torno das vacinas e evitou expor a oposição entre o posicionamento da Anvisa e do presidente. Assim, o programa abriu espaço para o posicionamento contrário ao de Bolsonaro, mas não se posicionou contra o presidente.

As reportagens evitaram entrar em polêmicas, apresentando o desenvolvimento das vacinas como um processo sem atritos. O Domingo Espetacular não citou a troca de acusações entre o governador de São Paulo e o ministro da Saúde, desencadeada pelo começo da vacinação em São Paulo. Eduardo Pazuello e João Dória apareceram na cobertura em reportagens diferentes, ambos falando positivamente sobre suas ações.

Em lugar de trechos da entrevista coletiva, o programa exibiu trechos de uma entrevista exclusiva concedida por Dória ao repórter Fabio Menegatti, da Record TV. A entrevista exclusiva mostrou investimento da Record e um tratamento que valorizou o governador de São Paulo. Nas sonoras exibidas, ele orientou a população a manter cuidados de prevenção da covid-19 e falou que vacinação contra a doença poderia ser anual.

Em relação a Pazuello, foram apresentados dois trechos da entrevista coletiva concedida, incluindo uma sonora em que o ministro destacou seu empenho pessoal em disponibilizar maior quantidade de vacinas para os estados com mais casos de covid-19. O programa não usou a palavra “atraso” e não apresentou sonora do ministro sobre os entraves para chegada das doses prontas da vacina de Oxford. A repórter usou o discurso indireto: “Ele disse que as vacinas de Oxford que viriam da Índia neste fim de semana devem chegar nos próximos dias”, indicando uma solução próxima do problema.

Enquanto o Fantástico cobrou o avanço da imunização e reforçou o sofrimento causado pela pandemia, a cobertura do Domingo Espetacular sobre o estudo de efetividade da CoronaVac em Serrana apontou para um fim próximo da pandemia e amenizou o sofrimento causado pela doença. Num período em que o país registrava recordes de casos e mortes, a reportagem destacou que cidades do entorno de Serrana estavam com hospitais lotados. Porém, a dramaticidade dessa situação foi amenizada pela ausência de imagens de pacientes internados em estado grave, sendo exibido apenas o corredor de um hospital, por onde transitavam profissionais de saúde. O contraponto entre o sofrimento pela covid-19 e a esperança pela

vacinação foi explicitado na fala de uma entrevistada, que disse: “a gente já sofreu muito com essa doença e aí você ... é... vê que há uma possibilidade de esperança através da vacina”. No entanto, ela não se emocionou ao recordar o sofrimento e as imagens exibidas durante a entrevista mostraram a alegria da família já imunizada. A reportagem foi encerrada com depoimentos de personagens sobre as expectativas após a vacinação. Na última sonora, a repórter perguntou: “é hora de seguir adiante?”. A professora entrevistada respondeu: “com certeza sempre adiante, né? E de preferência sem olhar para trás”. Considerando a abordagem da reportagem, esse final sintetizou um olhar que apagou o sofrimento da pandemia (Quadro 26).

Quadro 26 – Transcrição de trecho de reportagem exibida pelo Domingo Espetacular em 30/05/2021: sentimento após vacinação

 <p>#DomingoEspetacular</p> <p>CIDADE É USADA COMO TESTE NA PANDEMIA</p>	<p>Repórter Daniela Salerno em <i>off</i>: com máscara, álcool em gel para as mãos, e distanciamento social, Serrana está mais perto do amanhã.</p>
 <p>#DomingoEspetacular</p> <p>CIDADE É USADA COMO TESTE NA PANDEMIA</p>	<p>Eliana: um sentimento assim profundo de muita proteção. o que vai me trazer assim um imenso sorriso é ver a sala toda né completa.</p>
 <p>#DomingoEspetacular</p> <p>JÚLIA SOUZA estudante</p> <p>CIDADE É USADA COMO TESTE NA PANDEMIA</p>	<p>Off: alunos como Kelvin e Júlia falam da vontade de voltar ao normal. // Júlia: eu quero que a gente possa já abraçar poder conversar ficar no recreio conversar Kelvin: estudar melhor poder falar com os amigos dar um abraço Repórter: faz falta? Kelvin: faz muita falta</p>
 <p>#DomingoEspetacular</p> <p>ELIANA PERES professora</p> <p>CIDADE É USADA COMO TESTE NA PANDEMIA</p>	<p>Repórter: é hora de seguir adiante? Eliane: com certeza sempre adiante né e de preferência sem olhar para trás.</p>

Fonte: Produção própria.

6 CONCLUSÃO

Nossa análise mostra que *Fantástico* e *Domingo Espetacular* foram favoráveis às vacinas e à ciência. No entanto, observamos diferenças na construção da ciência, que se relacionam com o posicionamento dos programas e a relação com suas audiências. A cobertura do programa da Globo revelou uma forte aliança do discurso jornalístico com o discurso científico. Essa aliança é uma marca do *Fantástico* e nossa pesquisa indica que ela se acentuou no contexto da pandemia, em linha com o observado em outros estudos (BECKER, 2021; CALEFFI; PEREIRA, 2021). O *Fantástico* aprofundou explicações sobre aspectos científicos do desenvolvimento das vacinas, estabelecendo, por vezes, um debate entre cientistas, constituindo-se como mediador e interlocutor qualificado da ciência. Além de diferenças de posicionamento dentro do campo científico, destacou conflitos entre a ciência e outros campos, especialmente o político, com oposição entre cientistas, o então presidente Jair Bolsonaro e as posições assumidas pelo Ministério da Saúde. O *Fantástico* se posicionou ao lado da ciência, em defesa das vacinas e em oposição a Bolsonaro. O programa endereçou seu discurso a um público interessado não apenas nos resultados, mas também nos processos da ciência. No seu discurso, o *Fantástico* construiu também um espectador ansioso pelas vacinas.

Durante as pesquisas, o *Fantástico* equilibrou a esperança depositada nas vacinas com cautela em relação à aceleração dos estudos, estabelecendo tensão entre a urgência da pandemia e a necessidade de garantir a segurança e a eficácia das vacinas. Esse posicionamento foi apoiado em falas de especialistas que comentaram as pesquisas. Em diálogo com esses especialistas, o programa destacou a importância da metodologia científica e dos ritos da ciência no desenvolvimento das vacinas.

O *Fantástico* apresentou explicações detalhadas sobre questões científicas. Além das metodologias de pesquisa, deu destaque para o avanço tecnológico da ciência e para as diferentes tecnologias de produção das vacinas, classificando abordagens tradicionais e modernas. Também explicou conceitos como eficiência e eficácia e detalhou resultados de pesquisas.

O caráter didático da cobertura foi reforçado com o uso intensivo de recursos gráficos, principalmente de infográficos, que apareceram, inclusive, durante falas de especialistas, caracterizando o papel do *Fantástico* como mediador do conhecimento científico para o público. Imagens de laboratórios, da fabricação de vacinas e da aplicação de imunizantes em testes, com

muitos planos fechados, de detalhes, materializaram o esforço de desenvolvimento dos imunizantes, sob um olhar que buscou mostrar a ciência de perto.

A aliança próxima entre discurso jornalístico e discurso científico foi evidenciada no grande número de especialistas entrevistados, no destaque concedido ao posicionamento dos especialistas e no alinhamento do texto dos mediadores do Fantástico com essas falas (por exemplo, nas cabeças das reportagens e nas passagens dos repórteres), além da própria forma de interação entre os repórteres do programa e os especialistas, que transpareceu nas perguntas feitas pelos jornalistas aos especialistas. A presença de um jornalista científico à frente de grande parte da cobertura e de um especialista que integra a equipe do programa selaram o vínculo próximo entre o programa e a ciência.

Entrevistando grande número de especialistas, a cobertura do Fantástico mostrou a existência de diferentes opiniões dentro da ciência, por exemplo, em relação à aceleração das pesquisas e aos níveis de eficácia que deveriam ser alcançados pelas vacinas da covid-19. Em alguns momentos, o texto do repórter conciliou diversos olhares de forma harmônica. Porém, em outros, as divergências foram destacadas, com questionamentos dirigidos aos pesquisadores envolvidos no desenvolvimento das vacinas, mostrando também o posicionamento do Fantástico como interlocutor qualificado da ciência, capaz de estabelecer debates científicos e cobrar explicações de cientistas na defesa da população.

O programa apontou o atrito entre campo científico e outros campos envolvidos no desenvolvimento das vacinas, destacando a pressão de interesses políticos, empresariais e geopolíticos para acelerar o desenvolvimento dos imunizantes. Os aspectos econômicos da ciência tiveram baixa visibilidade na cobertura, mas os conflitos políticos em torno das vacinas tiveram destaque. Além de mostrar os conflitos entre autoridades políticas, o programa salientou a oposição entre os posicionamentos defendidos pela ciência (materializada nas vozes convergentes de diversos cientistas e dos diretores da Anvisa) e os posicionamentos do governo do então presidente, Jair Bolsonaro. Dessa forma, o programa apresentou o desenvolvimento das vacinas como um processo mais amplo, que não dependeu unicamente da ciência. Além disso, se posicionou claramente ao lado da ciência, em oposição a Bolsonaro.

Principalmente no dia da aprovação das vacinas e na cobertura sobre os estudos de efetividade, quando o país vivia a escalada mais intensa no número de mortes por covid-19, o Fantástico destacou o impacto da pandemia no Brasil, tanto através de números quanto de imagens e depoimentos que salientaram o sofrimento causado. Essa construção da pandemia acentuou a importância das vacinas no discurso do Fantástico e participou do posicionamento político do programa na emergência sanitária.

Ao longo de toda a cobertura, o Fantástico, na voz de seus apresentadores, deu ênfase na modalização positiva sobre as vacinas e construiu um espectador ansioso pela chegada dos imunizantes. Durante as pesquisas, as vacinas já eram apontadas como a ferramenta necessária “para acabar com a pandemia”. A aprovação dos primeiros imunizantes, no exterior e no Brasil, foi celebrada como “a vitória da ciência” e “um dia histórico”. Na cobertura dos primeiros resultados de um estudo de efetividade, os âncoras do Fantástico reafirmaram que a vacina seria o único “caminho para controlar a pandemia” e cobraram o avanço da imunização no país. As entrevistas de ‘povo-fala’, exibidas pelo Fantástico quando a vacinação começou no Reino Unido e no Brasil, reforçaram o desejo da população pela vacina.

O programa da Globo estimulou a população a se vacinar, abordou diretamente a desinformação sobre as vacinas, dando destaque a posicionamentos científicos e a discursos aliados à ciência na defesa das vacinas, que rebateram o medo em relação aos imunizantes. Os voluntários e colaboradores das pesquisas, incluindo profissionais de saúde e moradores da cidade de Serrana, entre eles, um pastor, ressaltaram a esperança com as vacinas e apresentaram argumentos distintos das explicações científicas para estimular a imunização e afastar o medo das vacinas, reforçando a importância dos vínculos familiares e acionando sentidos de proteção enraizados nas vacinas.

Alinhada com a ciência, a cobertura do Fantástico enfatizou o papel da Anvisa na garantia da segurança e eficácia das vacinas e os critérios científicos adotados pela agência na liberação dos imunizantes. Os argumentos científicos que refutavam alegações de desconfiança em relação às vacinas foram apresentados por Drauzio Varella, especialista que integra o programa, e por outros especialistas acionados na matéria. O Fantástico destacou especialmente a segurança e a eficácia da CoronaVac, vacina que foi alvo de ataques nas redes sociais, principalmente associados ao bolsonarismo. Apesar desse posicionamento, observamos que, na nomeação da vacina, o Fantástico marcou a associação do imunizante com a China, assim como os discursos antivacinas.

A cobertura do Fantástico sobre as vacinas da covid-19 foi significativamente mais ampla do que a realizada pelo Domingo Espetacular. Porém, observamos que alguns aspectos do desenvolvimento das vacinas permaneceram às margens do olhar do programa. Os aspectos econômicos envolvidos na corrida foram raramente abordados, o tema da equidade no acesso aos imunizantes apareceu uma única vez, com referência a uma iniciativa da OMS, entidade que, por sua vez, foi pouco citada na cobertura do Fantástico. Além disso, o caráter público da vacinação e a importância do SUS para garantir o acesso aos imunizantes no país foram abordados somente pelo comentarista Drauzio Varella. A caracterização das vacinas como

“bem público” estabelecida pela OMS apareceu em uma reportagem, que discutiu a tentativa de clínicas particulares de vacinas de comprar imunizantes para oferta na rede privada, enquanto a vacinação ainda não tinha começado na rede pública. O Fantástico trouxe à tona essa questão na cobertura, mas apresentou posicionamento mais distanciado do que em outros temas, sem, por exemplo, apresentar opiniões de especialistas sobre o assunto.

No Domingo Espetacular, predominou a ênfase na esperança e a caracterização de uma ciência quase sem atritos internos ou externos, com poucas referências a dificuldades, divergências ou conflitos de interesses no desenvolvimento dos imunizantes, silenciando, inclusive, sobre a intensa disputa política em torno das vacinas. O posicionamento do Domingo Espetacular em relação à ciência teve variações ao longo do tempo, que podem ser relacionadas com a construção da pandemia no programa e com o posicionamento político da Record, favorável ao então presidente, Jair Bolsonaro.

A aliança com a ciência foi mais próxima nas duas primeiras fases da cobertura, quando as pesquisas para desenvolvimento das vacinas estavam nas etapas iniciais. O programa destacou a mobilização dos cientistas frente ao cenário de avanço global do coronavírus e foi positivo sobre a aceleração das pesquisas, ressaltando a urgência da pandemia. Esse posicionamento foi construído com as falas dos especialistas entrevistados, chamando atenção para a possibilidade de acelerar etapas burocráticas, para o trabalho intenso nos laboratórios e para o avanço da ciência na comparação com outras epidemias. Em apenas uma matéria, foi abordada a necessidade de cautela para garantir a segurança dos imunizantes, mas a ressalva foi apresentada em relação a um projeto considerado “inusitado” e sem estabelecer oposição com a velocidade das pesquisas de forma geral.

Após cobrir intensamente o começo dos estudos, o Domingo Espetacular não apresentou matérias por mais de três meses, na etapa final das pesquisas. Observamos que a ênfase nas vacinas se deu no período em que a covid-19 teve mais destaque no programa, acionando sentidos de medo que identificamos em algumas reportagens analisadas. Quando a pandemia arrefeceu um pouco, a bússola da esperança pareceu não estar mais guiando o noticiário do dominical, que deixou de divulgar, até mesmo, os resultados das pesquisas.

O Domingo Espetacular foi positivo, mas cobriu a chegada das vacinas com mais distanciamento. Especialmente na cobertura sobre a aprovação das vacinas e o começo da vacinação no Brasil, a modalização positiva sobre as vacinas e a ciência foi reduzida em comparação com as fases anteriores da cobertura. A importância da vacinação, a segurança e a eficácia das vacinas foram reforçadas nas sonoras de especialistas, mas o programa não apresentou esses discursos na voz de seus mediadores. O papel da ciência no desenvolvimento

das vacinas também não foi destacado por repórteres ou apresentadores, sendo referido apenas nas vozes de entrevistados e nas imagens exibidas. A estratégia discursiva do programa caracterizou-se pelo silenciamento sobre o conflito político envolvendo o governo federal e o governo de São Paulo, assim como pelo apagamento de temas e contextos que colocariam em evidência a oposição entre especialistas e o então presidente, Jair Bolsonaro. Não houve referência ao cenário da pandemia nas matérias sobre as vacinas, num momento em que o Brasil vivia aumento de casos e uma grave crise em Manaus, com o colapso do sistema de saúde e falta de oxigênio.

A última fase da cobertura consolidou algumas marcas observadas ao longo de todo o período analisado no Domingo Espetacular. O programa fez uma cobertura pontual, com apenas uma reportagem. A matéria foi positiva sobre as vacinas e a ciência, apontando esperança de solução próxima para a pandemia. A reportagem não abordou a necessidade de expandir vacinação no país, um tema de críticas direcionadas ao governo Bolsonaro. O grave cenário da pandemia no Brasil naquele período foi citado, mas o sofrimento causado pela covid-19 foi amenizado por estratégias discursivas como a ausência de imagens de hospitais lotados, de pacientes internados em estado grave ou de depoimentos emocionados daqueles que perderam familiares.

O programa da Record não abordou o tema da desinformação e os ataques aos imunizantes. Porém, apresentou, em alguns momentos, falas de especialistas que rebateram alegações que descredibilizavam as vacinas. Também nesse sentido, o dominical traçou um cenário sem atritos no desenvolvimento dos imunizantes, deixando de alertar a população.

Ao longo da cobertura, o Domingo Espetacular apresentou explicações simplificadas de questões científicas e não detalhou metodologias de pesquisa, dando menor atenção ao processo de construção do conhecimento científico. Essa abordagem pode ser relacionada com o endereçamento a uma audiência considerada, pelo programa, como menos interessada nos processos da ciência. O programa construiu ainda um espectador esperançoso em relação às vacinas. Porém, no dia da aprovação dos imunizantes e do começo da vacinação no Brasil, enfatizou as dúvidas, sinalizando insegurança da população.

Assim como no Fantástico, os aspectos econômicos do desenvolvimento das vacinas apareceram pouco na cobertura do programa da Record. O dominical abordou o tema do acesso aos imunizantes, incluindo a dependência do Brasil de insumos fornecidos por países estrangeiros e a compra de grandes volumes de doses por países ricos, mas sem citar questões empresariais e preços dos imunizantes. O papel do SUS e o caráter público da vacinação no Brasil não tiveram destaque na cobertura analisada.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA - ANVISA. *Vacinas - Covid-19*. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/paf/coronavirus/vacinas>>. Acesso em: 8 jul. 2022.
- AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA – ANVISA. *Resolução de Diretoria Colegiada - RDC Nº 444, de 10 de dezembro de 2020*. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-de-diretoria-colegiada-rdc-n-444-de-10-de-dezembro-de-2020-293481443>>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- AGUIAR, R.; ARAUJO, I. S. A mídia em meio às ‘emergências’ do vírus Zika: questões para o campo da comunicação e saúde. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 10, n. 1, p. 1–15, 2016.
- ALBUQUERQUE, A. de. As três faces do quarto poder. *XVIII Encontro da Compós*, p. 1–13, 2009.
- ALBUQUERQUE, A. De. Um outro “Quarto Poder”: imprensa e compromisso político no Brasil. *Revista Contracampo*, n. 04, p. 23–57, 2008.
- ALDÉ, A. *Rede Globo*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/rede-globo>>. Acesso em: 8 jul. 2022.
- AMARAL, A. da R. et al. Narratives of Anti-Vaccination Movements in the German and Brazilian Twittersphere: A Grounded Theory Approach. *Media and Communication*, v. 10, n. 2, p. 144–156, 2022.
- ARAÚJO, I. S. de. Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas. *Interface - Comunicação, Saúde e Educação*, v. 8, n. 14, p. 165–178, 2004.
- ARAÚJO, I. S. de. Tensões e sinergias entre o público e o privado em um campo em movimento: anotações para uma pauta de pesquisa em Comunicação e Saúde. In: CASTRO, P. C. (Ed.). *Dicotomia público/privado: estamos no caminho certo?* Maceió: Edufal, 2015. p. 167–186.
- ARAÚJO, I. S. de. *A reconversão do olhar*. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2000.
- ARAÚJO, I. S. de; AGUIAR, R. O vírus Zika e a circulação dos sentidos: entre limites e ressonâncias, apontamentos para uma pauta de pesquisa. In: CASTRO, P. C. (Ed.). *Circulação discursiva: entre produção e reconhecimento*. Maceió: Edufal, 2017. p. 141–162.
- ARAÚJO, I. S. de; CARDOSO, J. M. *Comunicação e saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.
- ARAÚJO, I. S. de; CUBERLI, M. Comunicación y salud en latina américa: un campo en permanente movimiento. In: BOLAÑO, C.; DRUETTA, D. C.; CIMADEVILLA, G. (Ed.). *La contribución de América Latina al campo de la Comunicación*. [s.l.] Prometeo Libros, 2015. p. 338–390.
- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogenidade(s) enunciativa(s). *Cad. Est. Ling.*, v. 19, p. 25–42, 1990.
- AVAAZ; SBIM. *As Fake News estão nos deixando doentes?* [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://sbim.org.br/images/files/po-avaaz-relatorio-antivacina.pdf>>. Acesso em: 06 jun.

2023.

AZEVEDO, L.C.; LUSTOSA, L. *Rede Record de Televisão*. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/rede-record-de-televisao>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BARBOSA, M. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Ed.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 15–36.

BARBOSA, M. C. B. *Indústria cultural da violência: uma análise da cobertura telejornalística do assassinato de 12 estudantes no bairro de Realengo, Rio de Janeiro, abril 2011*. 2013. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013.

BECKER, B. O sucesso da novela Pantanal e as novas formas de ficção televisiva. In: RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Ed.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 239–258.

BECKER, B. Telejornalismo e imaginário - a construção audiovisual da realidade do Brasil e do mundo nos 70 anos da TV brasileira. In: EMERIN, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (Ed.). *Telejornalismo 70 Anos: o sentido das e nas telas*. Florianópolis: Insular, 2020. p. 31–48.

BECKER, B. Reconfigurações do Jornalismo Audiovisual: um estudo da cobertura do Fantástico sobre a pandemia da Covid-19. *Lumina*, v. 15, n. 3, p. 6–22, 2021.

BEZERRA, J. S.; MAGNO, M. E. D. S. P.; MAIA, C. T. Desinformação, antivacina e políticas de morte: o mito (d)e virar jacaré. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 15, n. 3, p. 6–23, 2021.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em comunicação - abordagem metodológica como tomada de decisões. *E-Compós*, v. 14, n. 1, 2011.

BRASIL, S. F. do. Relatório Final CPI da Pandemia. p. 1288, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Calendário Nacional de Vacinação*. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/c/calendario-nacional-de-vacinacao>>.

BRITTOS, V.C.; SIMÕES, D. G. A reconfiguração do mercado de televisão pré-digitalização. In: RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Ed.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 219–238.

CALEFFI, R.; PEREIRA, A. Quantos números têm aqui? A utilização de dados pelo Fantástico na cobertura da Covid-19. *LUMINA*, v. 15, n. 3, p. 23–39, 2021.

CARDOSO, J. M. *Comunicação, saúde e discurso preventivo: reflexões a partir de uma leitura das campanhas nacionais de Aids veiculados pela TV (1987-1999)*. 2001. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

CARDOSO, J. M. *Entre vítimas e cidadãos: risco, sofrimento e política nas narrativas do Jornal Nacional sobre as epidemias Rio de Janeiro*. 2012. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

CARDOSO, J.; VAZ, P. O ‘drama epidêmico’ da dengue: causas, sofrimento e

responsabilidades no Jornal Nacional (1986-2008). *Revista Ecopós*, v. 17, n. 3, p. 1–13, 2014.

CARDOSO, J. M.; ROCHA, R. L. Interfaces e desafios comunicacionais do Sistema Único de Saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 23, n. 6, p. 1871–1879, 2018.

CARVALHO, M. de C. F. S. *Zika, substantivo feminino: A produção de sentidos sobre as desigualdades de gênero e os direitos sexuais e reprodutivos da mulher no telejornalismo nacional*. 2018. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, 2018.

Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS). Painel COVID-19. Brasília: CONASS; 2021. Disponível em: <https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>. Acesso em: 20 fev. 2023.

CONSELHO NACIONAL DOS SECRETÁRIOS DE SAÚDE (CONASS). *Painel CONASS Covid-19*. Disponível em: <<https://www.conass.org.br/painelconasscovid19/>>. Acesso em: 1 maio. 2023.

COSTA, J.; MAIA, K. Legitimidade de fontes e opinião sobre coronavírus em O Grande Debate. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 15, n. 2, p. 505–524, 2021.

COSTA, T. de A.; SILVA, E. A. da. Narrativas antivacinas e a crise de confiança em algumas instituições. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 16, n. 2, p. 281–297, 2022.

COUTO, F. F.; CORREIA, G. F. A.; CARRIERI, A. de P. O Antilíder: Da liderança discursiva presidencial à descoordenação federativa para o combate à Covid-19. *Cadernos Gestão Pública e Cidadania*, v. 27, n. 87, p. 1–19, 2022.

D'ANDRÉA, C. F. de B.; HENN, R. Desinformação, plataformas, pandemia: um panorama e novos desafios de pesquisa. *Fronteiras - estudos midiáticos*, v. 23, n. 2, p. 2–13, 2021.

DANIELLE IVORY et al. *See How Vaccinations Are Going in Your County and State*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2020/us/covid-19-vaccine-doses.html>>.

DANTAS, J. G. A Atuação da Igreja Universal do Reino de Deus na programação televisiva nacional. *Protestantismo em Revista*, v. 25, p. 2–7, 2011.

EYAL, G. *The Crisis of Expertise*. Cambridge: Polity Press, 2019

EYAL, G.; MEDVETZ, T. Introduction. In: EYAL, G.; MEDVETZ, T. (Ed.). *The Oxford Handbook of Expertise and Democratic Politics*. [s.l.] Oxford University Press, 2023. p. 1–28.

FECHINE, Y.; FIGUEIRÔA, A. Cinema e televisão no contexto da transmediação. In: RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Ed.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 281–312.

FELT, U. et al. Introduction. In: FELT, U. et al. (Ed.). *The Handbook of Science and Technology Studies*. 4. ed. Cambridge: The MIT Press, 2017. p. 1–26.

FERNANDES, J. et al. *Vacinas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021.

FERRAZ, L. M. R. Saúde e política na crise da Covid-19: apontamentos sobre a pandemia na imprensa brasileira. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v.

14, n. 2, p. 273–278, 2020.

FERRAZ, L. M. R. A doença no Jornalismo: análise do noticiário de capa da revista *Veja* (1968-2014). *Intexto*, n. 45, p. 76–98, 2019.

FERREIRA, P. F. de C. *Deu Zika no Fantástico: risco, vítima virtual e modos de endereçamento durante as emergências da epidemia no show da vida*. 2019. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, 2019.

FIOCRUZ. INSTITUTO DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE (ICICT). *MonitoraCovid-19*. Disponível em: <<https://bigdata-covid19.iciet.fiocruz.br/>>. Acesso em: 20 fev. 2023.

FLECK, L. *Gênese e desenvolvimento de um Fato*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FONSECA, N. R. DA. *Do sofrimento à superação: as representações de transtornos mentais na série “Males da Alma”, no programa Fantástico*. 2015. Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. São Leopoldo: Paz & Terra, 2021.

FRANÇA, V. A televisão porosa – traços e tendências. In: FILHO, J. F. (Ed.). *A TV em transição: tendências no Brasil e no mundo*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 27–52.

FRANÇA, V. Tevê, jornalismo e acontecimento. In: GOMES, I. M. M. (Ed.). *Análise de telejornalismo: desafios teórico-metodológicos*. Salvador: EDUFBA, 2012a. p. 329–348.

FRANÇA, V. O Acontecimento e a mídia. *Galaxia*, v. 24, p. 10–21, 2012b.

FREIRE, N. P. et al. Notícias sobre a Enfermagem Brasileira na pandemia da COVID-19. *Acta Paul. Enferm. (Online)*, v. 34, p. eAPE02273, 2021. Disponível em: <http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002021000100446%0Ahttp://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002021000100446>.

FREIRES, M. S. *Televisão e saúde: a obesidade em discussão*. 2006. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2006.

GABATZ, C.; ZEFERINO, J.; VERAS, R. D. C. Liberdade Religiosa, Fundamentalismos e Controvérsias acerca da Abertura de Templos em meio a Pandemia do Covid-19 no Brasil. *Estudos de Religião*, v. 35, n. 3, p. 153–187, 2021.

GELFERT, A. Fake news: A definition. *Informal Logic*, v. 38, n. 1, p. 84–117, 2018.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

GLOBO. *Globoplay - Fantástico*. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/fantastico/t/S15HBdHBdn/>>. Acesso em: 8 jul. 2022a.

GLOBO. *Memória Globo - Fantástico*. Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/>>. Acesso em: 8 jul. 2022b.

GOMES, I. M. M. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, I. M. M. (Ed.). *Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo*. Salvador: EDUFBA, 2011a. p. 17–48.

GOMES, L. É Fantástico! Gênero e modos de endereçamento no telejornalismo show. In:

- GOMES, I. M. M. (Ed.). *Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo*. [s.l.] EDUFBA, 2011b. p. 263–280.
- HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiaticização na era da “mediação de tudo”. *Revista Matrizes*, n. 1, p. 45–64, 2014.
- HJARVARD, S. Midiaticização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *MATRIZES*, v. 5, n. 2, p. 53–91, 2012. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/338>>.
- HOCHMAN, G. Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil. , v. 16, n. 2, p. 375–386, 2011. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, n. 2, p. 375–386, 2011.
- HOCHMAN, G.; BIRN, A.-E. Pandemias e epidemias em perspectiva histórica: uma introdução. *Topoi (Rio de Janeiro)*, v. 22, n. 48, p. 577–587, 2021.
- HOMMA, A. et al. Pela reconquista das altas coberturas vacinais. *Cadernos de Saude Publica*, v. 39, n. 3, 2023.
- HUR, D. U.; SABUCEDO, J. M.; ALZATE, M. Bolsonaro e Covid-19: negacionismo, militarismo e neoliberalismo. *Rev. psicol. polit*, v. 21, n. 51, p. 550–569, 2021.
- JOVEM PAN. *Protestos contra obrigatoriedade de vacina ganham adeptos e se alastram pelo mundo*. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/noticias/mundo/protestos-contra-obrigatoriedade-de-vacina-contra-a-covid-19-se-alastram-pelo-mundo.html>>. Acesso em: 22 abr. 2022.
- KIBUUKA, B. G. L. Complicity and Synergy Between Bolsonaro and Brazilian Evangelicals in COVID-19 Times: Adherence to Scientific Negationism for Political-Religious Reasons. *International Journal of Latin American Religions*, v. 4, n. 2, p. 288–317, 2020.
- KLEINA, N. C. M.; SAMPAIO, R. C. “Não sou eu quem está falando”: A retórica de autoridade em vlogs da Direita brasileira no YouTube sobre a vacina contra a COVID-19. *Revista ECO-Pós*, v. 24, n. 2, p. 175–200, 2021.
- LAGE, N. *A Reportagem – teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LAIA, E. J. M.; NETO, F. D. S. Da pandemia à xawara : mapeamento das notícias de TV a partir do jornalismo em equívoco A máquina do mundo. *Alemur*, v. 7, n. 2, p. 18–30, 2022.
- LARSON, H. J. *Stuck : how vaccine rumors start — and why they don’t go away*. Nova York: Oxford University Press, 2020.
- LATOURE, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- LATOURE, B. *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no antropoceno*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LATOURE, B.; WOOLGAR, S. *Vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LERNER, K.; CARDOSO, J. M.; CLÉBICAR, T. Covid-19 nas mídias: sentidos e afetos em novas formas de sociabilidade. In: VICTOR, C.; SOUSA, C. M. (Ed.). *A pandemia na sociedade de risco: perspectivas da comunicação*. Campina Grande: EDUEPB, 2021a. 6p. 57–92.

LERNER, K.; CARDOSO, J. M.; CLÉBICAR, T. Covid-19 nas Mídias medo e confiança em tempos de pandemia. In: REGO, S.; SOUTO, E. P.; SEGATA, J. (Ed.). *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2021b. p. 221–231.

LEVY, I. Comunicação e Saúde : mundos semióticos em disputa em tempos de midiatização. In: VII Colóquio Semiótica das Mídias, *Anais...*2018.

LIEDTKE, P. F. A comunicação pública no período de Bolsonaro: uma análise sucinta das ações eleitorais e governamentais que afrontam a democracia brasileira. In: 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: 2022. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2022>>

MADACKI, A. C. A. Luz no fim da quarentena: jornalismo científico em tempos de pandemia e infodemia. In: COSTA, E. (Ed.). *Torre de Babel: Créditos e Poderes da Comunicação*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2021. p. 258–270.

MALAVASI, G. M. B. *Telejornalismo e desinformação em tempos de covid-19: a cobertura dos pronunciamentos oficiais do presidente Bolsonaro pelo jornal Nacional e Jornal da Record*. 2021. 105f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2021.

MALERBA, J. P.; FERNANDES, R. Conspiracionismo e negacionismo político-midiático. *Mídia e Cotidiano*, v. 15, n. 3, p. 51–72, 2021.

MALINVERNI, C. Uma epizootia, duas notícias: a febre amarela como epidemia e como não epidemia. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 11, n. 2, p. 1–9, 2017.

MALINVERNI, C.; BRIGAGÃO, J. I. M. COVID-19: Scientific Arguments, Denialism, Eugenics, and the Construction of the Antisocial Distancing Discourse in Brazil. *Frontiers in Communication*, v. 5, n. November, 2020.

MALINVERNI, C.; CUENCA, A. M. B. Epidemias midiáticas, a doença como um produto jornalístico. In: D’AVILA, C.; TRIGUEIROS, U. (Ed.). *Comunicação, mídia e saúde: novos agentes, novas agendas*. Rio de Janeiro: Luminatti Editora, 2017. p. 87–113.

MALINVERNI, C.; CUENCA, A. M. B.; BRIGAGÃO, J. I. M. Epidemia midiática: produção de sentidos e configuração social da febre amarela na cobertura jornalística, 2007–2008. *Revista de Saúde Coletiva*, v. 22, n. 3, p. 853–872, 2012.

MARQUIONI, C. E. O “fluxo” televisual e a audiência alvo em programas jornalísticos : uma análise da revista eletrônica Domingo Espetacular. *Comunicação Mídia Consumo*, v. 12, n. 33, p. 149–169, 2015.

MASSARANI, L. et al. Vacinas contra a COVID-19 e o combate à desinformação na cobertura da Folha de S. Paulo. *Fronteiras - estudos midiáticos*, v. 23, n. 2, p. 29–43, 2021.

MASSARANI, L.; COSTA, M. C. R.; BROTAS, A. Enquadramentos e desinformação sobre vacina contra COVID-19 no YouTube: embaralhamentos entre ciência e negacionismo. *Revista Mídia e Cotidiano*, v. 15, n. 3, p. 73–100, 2021.

MASSARANI, L.; NEVES, L. F. F. Communicating the “race” for the COVID-19 Vaccine: An Exploratory Study in Newspapers in the United States, the United Kingdom, and Brazil. *Frontiers in Communication*, v. 6, n. April, p. 1–12, 2021.

- MASSARANI, L.; NEVES, L. F. F.; DA SILVA, C. M. Excesso e alta Impactos da COVID-19 no informações científicas velocidade das trabalho de jornalistas. *E-Compós*, v. 25, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.30962/ec.2426>>.
- MASSUCHIN, M. G. et al. A estrutura argumentativa do descrédito na ciência. *Fronteiras - estudos midiáticos*, v. 23, n. 2, p. 160–174, 2021.
- MÁXIMO, W. *Por unanimidade, Anvisa aprova uso emergencial de vacinas contra covid*. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-01/por-unanimidade-anvisa-aprova-uso-emergencial-de-vacinas-contracovid>>.
- MIGUEL, L. F. O jornalismo como sistema perito. *Tempo Social*, v. 11, n. 1, p. 197–208, 1999.
- MIGUEL, L. F. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: uma reavaliação da noção do “jornalismo como sistema perito”. *Tempo Social*, v. 34, n. 2, p. 195–216, 2022.
- MIRA, M. C. O moderno e o popular na TV de Silvio Santos. In: RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Ed.). *História da televisão no Brasil*. [s.l.] Contexto, 2010. p. 159–176.
- MONARI, A. C. P.; SACRAMENTO, I. A “vacina chinesa de João Doria”: a influência da disputa política-ideológica na desinformação sobre a vacinação contra a Covid-19. v. 15, n. 3, p. 125–143, 2021.
- NASCIMENTO, L. F. et al. Poder oracular e ecossistemas digitais de comunicação: a produção de zonas de ignorância durante a pandemia de Covid-19 no Brasil. *Fronteiras - estudos midiáticos*, v. 23, n. 2, p. 190–206, 2021.
- NEGRINI, M.; REDÜ, N. S. O coronavírus na tv: olhares para a constituição do estilo do programa Fantástico da Rede Globo. *Travessias*, v. 14, n. 3, p. 2–15, 2020.
- NEVES, L. F. F.; MASSARANI, L. A vacina em dois jornais brasileiros antes e durante a covid-19. *MATRIZES*, v. 16, n. 2, p. 191–216, 2022.
- ORESQUES, N.; CONWAY, E. M. *Merchants of doubt*. New York: Bloomsbury Press, 2010.
- ORESQUES, N. *Why trust science*. Princeton: Princeton University Press, 2019.
- OXFORD LANGUAGES. *Word of the Year 2016*. Disponível em: <<https://languages.oup.com/word-of-the-year/2016/>>. Acesso em: 1 out. 2020.
- PADIGLIONE, C. *Crescimento do Brasil evangélico entra no radar da Globo*. Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/cristina-padiglione/2022/05/crescimento-do-brasil-evangelico-entra-no-radar-da-globo.shtml>>. Acesso em: 16 jul. 2022
- PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. *Frequently Asked Questions (FAQs) about COVID-19 Candidate Vaccines and Access Mechanisms*. PAHO. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/52629>>.
- PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. *Summary on advances in the development of vaccines against COVID-19*. [s.l.: s.n.]. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/52273>>.
- PEÑA-FERNÁNDEZ, S.; LARRONDO-URETA, A.; MORALES-I-GRAS, J. Political and institutional communication and the media in times of pandemic. Analysis of the dialogue on vaccines in five Ibero-American countries. *Revista de Comunicacion*, v. 81, n. 1, p. 315–328,

2022.

PESCARINI, J. M. et al. Methods to evaluate covid-19 vaccine effectiveness, with an emphasis on quasi-experimental approaches. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 26, n. 11, p. 5599–5614, 2021.

PINTO, M. J. *As marcas lingüísticas da enunciação: Esboço de uma gramática enunciativa do português*. Rio de Janeiro: Numen, 1994.

PINTO, M. J. *Comunicação e discurso*. 2. ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PONTTEZ, A. *Record finalmente descobre que pode sobreviver sem copiar a Globo*. Disponível em: <<https://observatoriodatv.uol.com.br/critica-de-tv/record-finalmente-descobre-que-pode-sobreviver-sem-copiar-a-globo>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

RECORD. *Comercial RecordTV - Domingo Espetacular*. Disponível em: <[http://comercial.recordtv.com.br/programacao-nacional/domingo-espetacular/programa/](http://comercial.recordtv.com.br/programacao-nacional/domingo-espetacular/programa/http://comercial.recordtv.com.br/programacao-nacional/domingo-espetacular/programa/)>. Acesso em: 8 jul. 2022.

RECORDTV. *Record 60 anos*. Disponível em: <<https://recordtv.r7.com/record60anos/>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

REVADAM, R. M.; FFRANCISCO, K. J.; FIGUEIREDO, S. P. O factual científico é o mesmo factual do jornalismo? Uma análise da cobertura sobre a covid-19 no Domingo Espetacular e no Fantástico. In: 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Intercom, 2022. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2022>>.

RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (ed.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010.

RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I. A renovação estética da TV. In: RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Ed.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 109–136.

RIBEIRO, A. et al. *Como a desinformação sobre Covid-19 contaminou a América Latina*. Disponível em: <<https://www.aosfatos.org/noticias/como-desinformacao-covid-contaminou-america-latina/>>. Acesso em: 15 jul. 2022.

RONDELLI, D. R. R. *A ciência no picadeiro: uma análise das reportagens sobre ciência no programa Fantástico*. 2004. Universidade Metodista de São Paulo, 2004.

ROQUE, T. Os negacionistas no poder: como fazer frente ao ceticismo que atinge a ciência e a política. *Revista Piauí*, fev. 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-negacionismo-no-poder/>>.

ROQUE, T. A queda dos experts. *Piauí*, maio 2021. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/queda-dos-experts/>>.

ROSENBERG, C. E. *Explaining Epidemics and Other Studies in the History of Medicine*. 1. ed. [s.l: s.n.]

ROSENBERG, C. E. *Framing disease*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1997.

ROSENBERG, C. E. What Is an Epidemic? AIDS in Historical Perspective. v. 122, n. 3, p.

115–140, 2016.

ROXO, M. A volta do jornalismo cão na TV. In: RIBEIRO, A.P.G.; SACRAMENTO, I.; ROXO, M. (Ed.). *História da televisão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 177–195.

SABATKE, T. de S.; FERNANDES, J. C. Do “Click” ao “Tá no Ar”: as Fotos da Vacinação Contra a Covid-19 como Evidência da Convergência Midiática no Telejornalismo. In: 42º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, Recife. *Anais...* Recife: Intercom, 2021. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-te/tatiana-de-souza-sabatke.pdf>>.

SANTOS, R. V.; PONTES, A. L.; COIMBRA, C. E. A. A “total social fact”: COVID-19 and indigenous peoples in Brazil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 36, n. 10, p. 1–5, 2020.

SCHMITZ, A. A. *Fontes de Notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo*. Flo: Editora Combook, 2011.

SCOPINHO, R. A. et al. “Trabalhar é preciso, viver não é preciso”: ideologia e necropolítica na pandemia covid-19. *Rev. psicol. polit*, v. 21, n. 51, p. 390–408, 2021.

SHAPIN, S. Trust, honesty, and the authority of science. In: BULGER, R.E.; BOBBY, E.M.; FINEBERG, H. V. (Ed.). *Society’s Choices: Social and Ethical Decision Making in Biomedicine*. Washington, D.C.: National Academy Press, 1995. p. 388–408.

SHAPIN, S. *Nunca pura: estudos históricos de ciência como se fora produzida por pessoas com corpos, situadas no tempo, no espaço, na cultura e na sociedade e que se empenham por credibilidade e autoridade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

SHAPIN, S. É verdade que estamos vivendo uma Crise da Verdade? *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 13, n. 2, p. 308–319, 2020.

SOUZA, F. C. de. Telejornalismo policial no Brasil: características e potencialidades. In: EMERIN, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (Ed.). *Telejornalismo 70 Anos: o sentido das e nas telas*. Florianópolis: Editora Insular, 2020. p. 197–214.

SPONHOLZ, L. Neutralizando conhecimento: como jornalistas lidam com experts. *Sociedade e Estado*, v. 23, n. 3, p. 591–619, 2008.

STYCER, M. *Público do SBT é o mais "família; o da Globo e da Record têm mais recursos*. Disponível em: <<https://tvefamosos.uol.com.br/blog/mauriciostycer/2019/02/04/publico-do-sbt-e-o-mais-familia-o-da-globo-e-da-record-tem-mais-recursos/>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

TEMER, A. C. R. P. Cinco momentos importante para entender os 70 anos de telejornalismo no Brasil. In: EMERIN, C.; PEREIRA, A.; COUTINHO, I. (Ed.). *Telejornalismo 70 Anos: o sentido das e nas telas*. Florianópolis: Editora Insular, 2020. p. 69–86.

TRAQUINA, N. Uma comunidade interpretativa transnacional: a tribo jornalística. *Media & Jornalismo*, v. I, n. I, p. 45–64, 2002.

TRAQUINA, N. *Teorias do jornalismo. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

UNICEF. *Covid-19 Vaccine Market Dashboard*. Disponível em: <<https://www.unicef.org/supply/covid-19-vaccine-market-dashboard>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

VAZ, P.; CARDOSO, J. M. Risco, sofrimento e política: a epidemia de dengue no Jornal Nacional em 2008. In: LERNER, K.; SACRAMENTO, I. (Ed.). *Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2014. p. 165–182.

VERÓN, E. *Fragmentos de um tecido*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

WAISBORD, S. Cuando la salud es titular: dengue, gripe AH1N1 y ciclos “mediáticos-epidêmicos”. *Folios*, v. 23, p. 93–103, 2010.

WAISBORD, S. Truth is What Happens to News: On journalism, fake news, and post-truth. *Journalism Studies*, v. 19, n. 13, p. 1866–1878, 2018.

WAISBORD, S. Fake health news in the new regime of truth and (mis)information. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 14, n. 1, p. 6–11, 2020.

WAISBORD, S. Más que infodemia. Pandemia, posverdad y el peligro del irracionalismo. *InMediaciones de la Comunicación*, v. 17, n. 1, p. 31–53, 2022.

WATSON, C. Rise of the preprint: how rapid data sharing during COVID-19 has changed science forever. *Nature Medicine*, v. 28, n. 1, p. 2–5, 2022.

WILLIAMS, R. *Televisão: tecnologia e forma cultural*. São Paulo: Boitempo, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Report of the sage working group on vaccine hesitancy*. 2014. Disponível em: <<https://www.medbox.org/document/report-of-the-sage-working-group-on-vaccine-hesitancy#GO>>. Acesso em: 18 jun. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO Director-General’s statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus (2019-nCoV)*. 2020a. Disponível em: <[https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ih-emergency-committee-on-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ih-emergency-committee-on-novel-coronavirus-(2019-ncov))>. Acesso em: 22 abr. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO issues its first emergency use validation for a COVID-19 vaccine and emphasizes need for equitable global access*. 2020b. Disponível em: <<https://www.who.int/news/item/31-12-2020-who-issues-its-first-emergency-use-validation-for-a-covid-19-vaccine-and-emphasizes-need-for-equitable-global-access>>. Acesso em: 22 abr. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Timeline: WHO’s Covid-19 response*. Disponível em: <<https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/interactive-timeline>>. Acesso em: 15 jul. 2022a.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Os diferentes tipos de vacinas COVID-19*. Disponível em: <<https://www.who.int/pt/news-room/feature-stories/detail/the-race-for-a-covid-19-vaccine-explained>>. Acesso em: 22 abr. 2022b.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO Coronavirus (COVID-19) Dashboard*. Disponível em: <<https://covid19.who.int/table>>. Acesso em: 15 jul. 2022c.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Fifth virtual WHO infodemic management conference, 2, 4, 9 and 11 November 2021: meeting report. Steps towards measuring the burden of infodemics*. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9789240047174>>. Acesso em: 15 jul. 2022d.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *WHO Director-General’s opening remarks at the media briefing – 5 May 2023*. Disponível em: <<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing---5->

may-2023>. Acesso em: 8 maio. 2023.

ZELIZER, B. Journalists as interpretative communities. *Critical Studies in Mass Communication*, v. 10, p. 219–237, 1993.

APÊNDICE A

Linha do tempo: cobertura das vacinas da Covid-19 no 'Fantástico'

Fantástico	Tempo
01/03/2020 – Cientistas testam remédio do Ebola contra o novo coronavírus	07:03
03/05/2020 – Voluntários aceitam ser contaminados com coronavírus para acelerar pesquisas sobre vacina	08:35
28/06/2020 – Vacinas contra a covid-19 são testadas no Brasil: veja como as pesquisas funcionam	08:39
28/06/2020 - Cientistas buscam respostas sobre a covid-19: uma das questões é sobre a imunidade	09:02
16/08/2020 – Vacina russa, chinesa e de Oxford: como está a corrida pela imunização contra a covid-19	08:41
16/08/2020 – Datafolha: 89% dos brasileiros querem se vacinar contra covid-19; 9% não querem	01:00
13/09/2020 – Vacina de Oxford: entenda sobre protocolos da fase 3 de testes e mielite transversa	07:30
27/09/2020 – Exclusivo: Fantástico entra na fábrica da CoronaVac, na China; Veja imagens	08:36
22/11/2020 – Corrida por vacina contra a covid-19 gera forte expectativa; Drauzio Varella fala de desafios	08:51
29/11/2020 – Aumento no número de casos de covid-19 volta a lotar hospitais e a preocupar especialistas de saúde	07:57
06/12/2020 – Vacina: veja a preparação do Reino Unido, a situação no mundo e a expectativa do Brasil	09:54
13/12/2020 – EUA começa operação para distribuir vacina anti-covid da Pfizer e da BioNTech para população	02:36
13/12/2020 – Lewandowski dá 48 horas para o governo informar datas da vacinação contra a covid no Brasil	08:45
13/12/2020 – Uma das primeiras vacinadas contra a covid no Reino Unido, brasileira diz que está '100%'	15:43
27/12/2020 – União Europeia começa campanha de vacinação em massa contra a covid-19	02:38
03/01/2021 – Clínicas particulares brasileiras negociam compra de 5 milhões de vacinas indianas	07:14

03/01/2021 – Governo do Egito aprova vacina contra a covid desenvolvida pelo laboratório Sinopharm	00:12
10/01/2020 – Fantástico entra no Instituto Butantan e mostra em 1ª mão produção da CoronaVac	09:18
10/01/2021 – Uso emergencial da CoronaVac: entenda requisitos da Anvisa	05:05
17/01/2021 – PLANTÃO: Anvisa forma maioria de votos a favor do uso emergencial das vacinas CoronaVac e de Oxford	02:24
17/01/2021 – Anvisa autoriza, por unanimidade, o uso emergencial da CoronaVac e da vacina de Oxford	16:44
17/01/2021 – Enfermeira de 54 anos é a primeira pessoa a receber vacina contra covid no Brasil	10:08
17/01/2021 – Governo vai começar a distribuir as vacinas contra covid nesta segunda (18), diz Pazuello	06:17
17/01/2021 – Bahia pede que o STF autorize a importação de vacinas contra covid sem registro na Anvisa	00:51
17/01/2021 – Drauzio Varella fala sobre a importância da liberação das vacinas contra covid	01:51
17/01/2021 – Existe vacina melhor? Grávida pode tomar? Altera o DNA? Drauzio Varella e especialistas respondem dúvidas	10:00
24/01/2021 – Veja como foi início da vacinação contra a covid e as denúncias de 'fura-filas' no Brasil	12:53
24/01/2021 – Fantástico mostra como os carregamentos de vacinas são distribuídos no Brasil	14:18
24/01/2021 – Domingo começa com distribuição da vacina de Oxford/AstraZeneca pelo país	01:15
24/01/2021 – Alvo de pedido de inquérito, Pazuello vai a Manaus	03:23
31/01/2021 – Gêmeas acusadas de furar fila da vacina em Manaus depõem ao MP; veja imagens	07:43
31/01/2021 – Atos contra o presidente Jair Bolsonaro e em defesa da vacina contra a covid ocorrem pelo país	00:41
31/01/2021 – Orlando Drummond e Nelson Sargento são vacinados contra a covid no Rio	00:30
31/01/2021 – Vacinação contra a covid: por que Brasil depende tanto de insumos vindos de fora?	10:35
31/01/2021 – Voo com 5.400 litros de insumos para a CoronaVac está prestes a sair da China para o Brasil	00:29

07/02/2021 – Dossiê Sputnik V: saiba o que esperar da vacina russa que gerou polêmica	11:33
07/02/2021 – Líder do governo na Câmara volta a defender aprovação mais ágil de vacinas pela Anvisa	01:19
07/02/2021 – Butantan já está produzindo um lote de mais 8,6 milhões de doses CoronaVac	02:14
07/02/2021 – África do Sul irá suspender o uso da vacina AstraZeneca em seu programa de imunizações	01:30
14/02/2021 – Japão aprova a primeira vacina contra o novo coronavírus	00:34
14/02/2021 – ‘Vacina, sim’: campanha reforça a importância da imunização contra Covid	02:42
14/02/2021 – Repórter Por Um Dia: Ary Fontoura fala da importância da vacina contra a Covid	05:31
14/02/2021 – Nos EUA, número de casos novos de covid cai quase 40% nas duas últimas semanas	02:27
21/02/2021 – Cidade no interior de SP inicia vacinação em massa contra covid em um estudo clínico	07:36
21/02/21 – Inglaterra deve publicar nesta segunda medidas para afrouxar o lockdown no país	02:20
28/02/2021 – Crise do coronavírus atinge pior momento e sistema de saúde entra em colapso em todo país	02:20
21/03/2021 – Governo muda orientação e libera todas as vacinas armazenadas para uso na 1ª dose	03:00
28/03/2021 - PF procura pistas que comprovem vacinação clandestina de empresários e políticos em MG	02:57
28/03/2021 – Anvisa suspende prazo de análise do pedido de uso emergencial da vacina russa Sputnik	00:23
28/03/2021 – Tony Ramos emociona o Brasil ao receber vacina contra a covid-19	01:16
28/03/2021 – Butanvac e Versamune: veja como estão as pesquisas para vacinas brasileiras contra a covid	09:14
04/04/20221 – Falsa enfermeira que promoveu vacinação clandestina em BH tem histórico de golpes	06:57
04/04/2021 - Papa Francisco pede empenho da distribuição de vacinas contra covid em mensagem de Páscoa	02:07
04/04/2021 – 'A Corrida das Vacinas': série do Globoplay tem conteúdo inédito de bastidores e viagem à Rússia	06:32

11/04/2021 – Fantástico mostra os desafios dos profissionais de saúde para imunizar a população no Brasil	07:13
11/04/2021 – Novos resultados do ensaio clínico da CoronaVac mostram uma vacina ainda mais eficaz	02:24
11/04/2021 – Vacinação em massa contra covid em Serrana (SP) tem resultados animadores	02:05
25/04/2021 – João Pessoa faz mutirão para pôr imunização em dia	01:29
02/05/2021 – Falta de vacinas para 2ª dose é consequência de mudanças na orientação sobre estoques de imunizantes	05:22
02/05/2021 - Falta de 2ª dose atinge cidades de 16 estados	04:26
09/05/2021 – Ministério diz que vai distribuir 1,1 milhão de doses da vacina da Pfizer a partir desta segunda-feira	00:46
16/05/2021 – Botucatu é palco de estudo sobre eficácia da vacina Oxford/AstraZeneca	01:55
23/05/2021 – Maranhão deve receber 300 mil doses a mais de vacinas contra a Covid	02:08
30/05/2021 – Estudo revela que a pandemia pode ser controlada com 75% da população vacinada	12:36
30/05/2021 – Senadores da CPI da Covid se reúnem para planejar os trabalhos da semana	03:08
13/06/2021 – Viana começa vacinação em massa	01:57
13/06/2021 – Uma dose de cada fabricante? Reações? Drauzio Varella tira dúvidas sobre vacinas	09:09
13/06/2021 – STF mantém quebra de sigilos de responsável pelo Programa Nacional de Imunização	01:14
13/06/2021 – Pfizer avisou a embaixada que enviaria a Wajngarten proposta de acordo por vacinas	03:25
20/06/2021 – Nova York tem 70% da população vacinada e celebra fim das restrições com fogos	06:08
20/06/2021 - Pfizer entrega ao Brasil 842 mil doses pelo Covax Facility	00:32
20/06/2021 - Moradores adultos de Paquetá são vacinados contra a covid	00:39
20/06/2021 - China chega à marca de 1 bilhão de doses de vacinas contra covid aplicadas	00:34
27/06/2021 – Verão da vacina na Europa tem ingleses, espanhóis e franceses de volta às ruas	06:11

27/06/2020 – CPI da covid entra no 3º mês com novo foco	04:07
04/07/2021 – Novas pesquisas estudam combinação de vacinas	08:28
04/07/2021 – Entenda a suspeita de corrupção em negociação de vacina pelo Ministério da Saúde	17:15
04/07/2021 – Exclusivo: Fantástico tem acesso a mensagens do celular apreendido de Domingueti	07:21
11/07/2021 – SP vai vacinar adolescentes contra covid em agosto	00:53
11/07/2021 – Vacinação contra covid-19: quase 63 mil pessoas acima 60 anos já foram salvas, diz estudo	07:47
01/08/2021 – Exclusivo: Herman Cardenas, dono da Davati, diz ter sido enganado por parceiros brasileiros	07:41
08/08/2021 – Cientistas testam necessidade de terceira dose de vacina contra Covid	09:01
08/08/2021 – Segunda dose é aplicada em Botucatu/SP	00:31
15/08/2021 – Cidade de São Paulo realizou esse final de semana a Virada da Vacina	02:03
12/09/2021 – Globo lança nova fase da campanha ‘Vacina, sim’	02:02
26/09/2021 – Indícios de corrupção na compra de vacinas contra Covid são tema de nova série documental	08:31
03/10/2021 – Vacinação contra covid em crianças avança no mundo, mas e o Brasil?	08:21
31/10/2021 – Veja os desafios e o trabalho incansável dos vacinadores pelo Brasil	15:41
14/11/2021 – Diminuição de casos graves e mortes por covid muda a rotina dos hospitais do país	09:39
21/11/2021 – Com avanço da vacinação contra covid, número de casamentos aumenta	16:00
19/12/2021 – Servidores da Anvisa, que já vinham recebendo ameaças, denunciam tentativa de intimidação	09:44
26/12/2021 – Vacinadas, milhões de famílias brasileiras voltam a se reunir para celebrar o Natal	07:59
26/12/2021 – Anônimos e famosos do mundo todo compartilharam selfies na hora da vacina contra a covid	06:52
26/12/2021 – Saúde disponibiliza atualização do ConecteSUS e volta a exibir comprovante de vacinação	00:24

16/01/2022 – Covid: Em várias cidades pais aproveitaram domingo para imunizar os filhos	03:14
16/01/2022 – Um ano de vacinação contra covid-19 no Brasil	09:53
23/01/2022 – Drauzio Varella tira dúvida das crianças sobre a vacinação	05:09
06/02/2022 – Hospital de SP diz que 85% dos mortos por covid nos últimos 3 meses não estavam com a vacinação completa	09:32
13/02/2022 – Ao completar um mês, vacinação de crianças contra covid-19 está abaixo do esperado	10:08

APÊNDICE B

Linha do tempo: cobertura das vacinas da Covid-19 no ‘Domingo Espetacular’

01/03/2020 - O mundo em alerta com propagação do novo coronavírus	16:22
22/03/2020 - Veja como o coronavírus mudou a rotina do brasileiro e lançou novos desafios a todos	12:37
22/03/2020 - Coronavírus: veja as boas notícias que trazem esperança nesse momento	03:17
05/04/2020 - Pesquisas em todo o mundo avançam para encontrar a cura do coronavírus	11:40
03/05/2020 - Vacina contra o coronavírus pode estar disponível para distribuição em setembro	09:14
24/05/2020 - Vacina brasileira contra coronavírus poderá chegar em 2021	08:04
28/06/2020 - Empresa chinesa anuncia resultados positivos em testes de vacina para covid-19	00:34
02/08/2020 - Domingo Espetacular investiga possível data para vacina contra covid-19	08:57
13/12/2020 – Início da vacinação no exterior: após vacinação de idosos na Inglaterra, brasileiros buscam respostas sobre imunização	07:05
03/01/2021 – Anvisa libera a importação da vacina de Oxford/AstraZeneca	01:59
17/01/2021 – Enfermeira de 54 anos é a primeira pessoa a ser vacinada no Brasil	05:34
17/01/2021 – Anvisa libera uso emergencial de duas vacinas contra covid-19 e dá sinal verde para a vacinação no país	03:05
17/01/2021 – Domingo Espetacular mostra detalhes do processo de envase da CoronaVac	11:28
24/01/2021 – Em meio ao colapso em Manaus, Amazonas investiga denúncias de desvio de vacinas	09:33
24/01/2021 – Saúde inclui veterinários em grupo prioritário de vacinação e decisão gera polêmica	03:23
07/02/2021 – Alegria de idosos vacinados contagia o país durante a semana	09:49
14/02/2021 – Médicas, irmãs gêmeas acusadas de furar a fila da vacinação contra a covid-19 em Manaus pedem exoneração	06:00

21/02/2021 – Domingo Espetacular investiga denúncias de erros na aplicação da vacina contra a covid-19	11:00
28/02/2021 – Espera de idosos para vacinação em SP ultrapassa 6 horas	02:15
21/03/2021 – São Paulo recebe primeira remessa de doses da Covax Facility	00:36
28/03/2021 – Domingo Espetacular acompanha de perto o desenvolvimento da Butanvac no Instituto Butantan	07:08
30/05/2021 – Resultados sobre vacinação em massa em Serrana (SP) serão divulgados nesta segunda-feira (31)	09:05
13/06/2021 – Governo de São Paulo antecipa vacinação contra o coronavírus	00:31
04/07/2021 – 'Sommeliers' de vacina e fraudadores atrapalham a campanha de vacinação no país	07:53
01/08/2021 – Anvisa recebe pedido para estudos em humanos de vacina da UFMG	00:47
15/08/2021 - Zeca Pagodinho é internado com covid-19	01:05
10/10/2021 – Bolsonaro é impedido de assistir jogo do Campeonato Brasileiro por não estar vacinado	01:39
31/10/2021 – Líderes do G20 se unem para garantir acesso universal às vacinas contra covid-19	02:43
05/12/2021 – Domingo Espetacular conversa com os primeiros pacientes que desembarcaram no Brasil com a Ômicron (A Ômicron é mais transmissível? Nossas vacinas são eficazes contra ela?)	08:36
16/01/2022 – Tenista Novak Djokovic é obrigado a deixar a Austrália por não ter se vacinado contra a covid	01:05
23/01/2022 – Atriz que se posicionava contra vacina, Elizângela sofre com sequelas causadas pela covid-19	02:40
30/01/2022 – Esquema ilegal de venda de comprovantes de vacina contra a covid-19 é descoberto	10:15
20/02/2022 - Rainha Elizabeth II testa positivo para covid-19	00:46

APÊNDICE C

Linha do tempo: publicações da Anvisa sobre as vacinas da Covid-19

- 02/06/2020 - Autorizado estudo clínico de potencial vacina contra Covid-19 (vacina Oxford/AstraZeneca)
- 03/07/2020 - Covid-19: Anvisa autoriza novo teste para vacina (CoronaVac)
- 21/07/2020 - Autorizado novo ensaio clínico de vacinas para Covid-19 (Pfizer)
- 18/08/2020 - Covid-19: Anvisa autoriza novo ensaio clínico de vacina (Janssen)
- 08/09/2020 - Suspensão dos testes da vacina da AstraZeneca (evento adverso no Reino Unido)
- 12/09/2020 - Anvisa aprova a retomada do estudo da vacina de Oxford (AstraZeneca)
- 13/10/2020 – Anvisa informa suspensão do ensaio da Janssen (evento adverso EUA)
- 03/11/2020 - Anvisa autoriza retomada de testes da vacina da Janssen
- 09/11/2020 - Anvisa interrompe os estudos clínicos da vacina CoronaVac (evento adverso Brasil)
- 11/11/2020 - Anvisa autoriza retomada do estudo da CoronaVac
- 29/12/2020 - Anvisa recebe pedido de estudo da vacina Sputnik V
- 08/01/2021 – Anvisa recebe pedidos de autorização emergencial para AstraZeneca e CoronaVac
- 16/01/2021 – Nota: documentos do pedido de uso emergencial da vacina Sputnik são restituídos (documentos protocolados no dia 15/01 não serão analisados por que não atendem requisitos da Anvisa)
- 17/01/2021 - Anvisa aprova por unanimidade uso emergencial das vacinas (AstraZeneca e CoronaVac)
- 29/01/2021 - Anvisa recebe pedido de registro definitivo da vacina de Oxford
- 05/02/2021 - Anvisa recebe primeiros documentos sobre estudo clínico da vacina Covaxin no Brasil: solicitação é para realização de estudo clínico de fase 3 no Brasil.
- 06/02/2021 - Anvisa recebe pedido de registro definitivo da Pfizer para vacina Covid-19
- 23/02/2021 – Anvisa concede o registro (definitivo) da vacina da Pfizer-BioNTech contra a Covid-19
- 12/03/2021 - Anvisa aprova registro (definitivo) da vacina da Fiocruz/AstraZeneca
- 12/03/2021 – Anvisa emite comunicado após relatos na Europa, de suspeitas de casos de formação de coágulos sanguíneos após a administração da vacina covid-19 (AstraZeneca), com abertura de investigação da agência europeia e suspensão de aplicações em cinco países.
- 16/03/2021 – Anvisa emite comunicado de que análise de Farmacovigilância mantém relação benefício-risco da vacina Oxford/AstraZeneca e Fiocruz
- 23/03/2020 - Anvisa recebe pedido do Ministério da Saúde para importação da vacina Covaxin: faltam documentos

- 24/03/2021 - Anvisa recebe pedido de uso emergencial para vacina da Janssen
- 26/03/2021 - Anvisa recebe novo pedido de uso emergencial para vacina Sputnik V
- 26/03/2021 - Anvisa recebe pedido para autorização de estudo clínico da vacina Butanvac (Instituto Butantan)
- 26/03/2021 - Anvisa recebe pedido para autorização de estudo clínico da vacina Versamune®-CoV-2FC (USP)
- 31/03/2021 - Anvisa aprova uso emergencial da vacina da Janssen
- 01/03/2021 - Anvisa não autoriza importação da vacina Covaxin (Ministério da Saúde)
- 01/04/2021 - Anvisa recebe pedido de importação da vacina Sputnik V por nove estados
- 07/04/2021 - Anvisa solicita alteração de bula da vacina de Oxford para incluir no item “Advertência e Precauções” possibilidade de ocorrência de casos muito raros de coágulos sanguíneos associados à trombocitopenia
- 11/05/2021 - Comunicado: Anvisa recomenda suspensão da vacina da AstraZeneca para gestantes
- 13/05/2021 - Autorizado estudo clínico da vacina Covaxin no Brasil (Precisa Medicamentos)
- 09/06/2021 - Anvisa autoriza pesquisa clínica da vacina Butanvac: Instituto Butantan ainda apresentará algumas informações complementares para iniciar a aplicação experimental da Butanvac
- 11/06/2021 - Anvisa autoriza vacina da Pfizer para crianças com mais de 12 anos
- 18/06/2021 – Anvisa autoriza estudo da Pfizer sobre dose de reforço
- 24/06/2021 - Alerta sobre casos raros de trombose após vacinação contra Covid-19: comunicado da agência alerta para a necessidade de detecção e tratamento de casos de trombose em combinação com trombocitopenia associados às vacinas covid-19 com plataforma de adenovírus e reforça recomendação de suspensão em gestantes (vacinas Oxford/AstraZeneca/Fiocruz e Janssen)
- 29/06/2021 - Nota: Anvisa recebe pedido de uso emergencial da vacina Covaxin (Precisa Medicamentos)
- 02/07/2021 – Anvisa emite alerta sobre casos de miocardite e pericardite pós-vacinação com vacinas de plataforma de RNA mensageiro, como Pfizer e Moderna
- 02/07/2021 - Anvisa propõe restrição de uso de vacinas que utilizam vetor adenoviral em gestantes (Oxford/AstraZeneca/Fiocruz e Janssen)
- 07/07/2021 - Anvisa autoriza início de aplicação da Butanvac em voluntários de estudo clínico
- 12/07/2020 - Anvisa solicita alteração na bula das vacinas da Janssen e da AstraZeneca sobre evento adverso raro e contraindicação de uso para pessoas com histórico de síndrome de extravasamento capilar
- 14/07/2021 – Anvisa autoriza estudo de nova versão da vacina AstraZeneca para variante sul-africana
- 19/07/2021 - Anvisa autoriza estudo clínico da terceira dose da vacina da AstraZeneca

24/07/2021 - Anvisa suspende de forma cautelar estudo da Covaxin no Brasil e encerra pedido de uso emergencial da Covaxin porque empresa Precisa não possui mais autorização para representar a Bharat no Brasil.

26/07/2021 – Anvisa emite comunicado sobre Síndrome De Guillain-Barré pós-vacinação contra covid-19: alteração de bula das vacinas Oxford/AstraZeneca/Fiocruz, Janssen e CoronaVac

30/07/2021 – Anvisa recebe pedido para ampliação de uso da CoronaVac para crianças e adolescentes de 3 a 17 anos

31/07/2021 - Anvisa recebe pedido para autorização de estudo da vacina da UFMG

09/08/2021 - Anvisa recebe pedido para autorização de estudo de vacina da UFRJ

18/08/2021 - Vacinação de crianças e adolescentes com a CoronaVac não é aprovada

16/09/2021 - Anvisa investiga suspeita de reação adversa grave com vacina da Pfizer (óbito de adolescente em 02/02)

21/09/2021 - Investigação conclui que óbito de adolescente não está relacionado à vacina

28/09/2021 - Anvisa recebe pedido da Pfizer para inclusão de terceira dose na bula

12/11/2021 – Anvisa recebe solicitação da ampliação de uso da vacina contra Covid-19 da Pfizer para crianças de 5 a 11 anos

17/11/2021 - Anvisa recebe pedido da AstraZeneca para dose de reforço de vacina contra Covid

18/11/2021 - Doses de reforço: Anvisa solicita informações ao Ministério da Saúde (Ministério autorizou reforço antes da aprovação da Anvisa)

20/11/2021 - Anvisa recebe pedido da Janssen para avaliar dose de reforço

24/11/2021 - Anvisa faz recomendações sobre doses de reforço de vacinas contra Covid-19 (indica Pfizer, AstraZeneca e Janssen, não indica CoronaVac)

08/12/2021 – Anvisa solicita a Pfizer, Butantan, Fiocruz e Janssen avaliação das vacinas frente à nova variante Ômicron

15/12/2022 – Anvisa recebe pedido de autorização da vacina CoronaVac para a faixa de 3 a 17 anos.

19/12/2022 - Nota: Anvisa recebe novas intimidações e ameaças e pede que PGR e outras instituições investiguem

16/12/2021 - Anvisa aprova indicação da vacina contra Covid-19 da Pfizer para crianças de 5 a 11 anos

22/12/2021 - Anvisa solicita ao Ministério da Saúde correção sobre objetivo da Consulta Pública sobre vacina para crianças

05/01/2022 – Anvisa recebe pedido de registro definitivo da vacina Janssen

07/01/2021 - Anvisa aprova registro do insumo da Fiocruz e Brasil terá vacina 100% nacional

20/01/2022 - Aprovada ampliação de uso emergencial da CoronaVac para crianças e adolescentes de 6 a 17 anos

11/03/2022 - Anvisa recebe pedido de ampliação da CoronaVac para crianças de 3 a 5 anos

14/04/2022 - CoronaVac para crianças de 3 a 5 anos: processo de análise na Anvisa entra em exigência

05/04/2022 - Anvisa aprova registro definitivo da vacina Covid-19 da Janssen

APÊNDICE D

Linha do tempo: publicações do Ministério da Saúde sobre as vacinas da Covid-19

03/12/2020 - Plano preliminar de vacinação contra a Covid-19 prevê quatro fases: Em reunião técnica nesta terça-feira (01), Ministério da Saúde informou que grupos prioritários receberão as doses conforme logística de recebimento e distribuição

17/01/2021 - Ministério da Saúde começa processo para distribuir vacina contra Covid-19 pelo país: Estados receberão a partir desta segunda-feira (18) seis milhões de doses do imunizante; vacinação começa quarta, dia 20, às 10h

18/01/2021 - Profissionais de saúde e idosos institucionalizados serão os primeiros a receber doses de vacina contra a Covid-19: Pessoas com deficiência institucionalizadas e indígenas aldeados também estão no primeiro grupo. Postos de saúde não aplicarão as vacinas neste momento

23/03/2021 - Marcelo Queiroga toma posse como ministro da Saúde: Ministro vai reforçar as ações de enfrentamento à pandemia da Covid-19

26/03/2021 - Governo Federal anuncia projeto para vacina 100% brasileira: Pesquisadores de Ribeirão Preto (SP) requisitam à Anvisa autorização para avaliar em voluntários no país a eficácia do imunizante com tecnologia desenvolvida na faculdade de medicina

06/04/2021 - Gestantes, puérperas e lactantes: Saúde orienta vacinação contra a covid-19 para mulheres de grupos prioritários: Mulheres nessas condições que queiram se vacinar devem procurar os serviços de saúde somente quando chegar a fase de imunização do grupo prioritário onde elas estão inseridas

13/04/2021 - AstraZeneca/Oxford: Saúde reitera que a vacina é segura e reforça a importância da imunização: Benefícios da vacina superam potenciais riscos de eventos adversos; estudos não relacionam a vacina à ocorrência de coágulos sanguíneos

12/05/2021 - Ministério recomenda suspensão da vacinação de grávidas sem comorbidades: Gestantes com comorbidades devem ser imunizadas com Pfizer e CoronaVac

19/05/2021 - Segunda dose da AstraZeneca deve ser aplicada após o fim da gestação e puerpério: Mulheres que receberam primeira dose do imunizante da AstraZeneca devem aguardar fim da gravidez e do puerpério para a segunda dose

29/06/2021 - Ministério da Saúde suspende contrato de compra da vacina Covid-19 da Covaxin: A medida segue recomendação da Controladoria-Geral da União e não afeta o ritmo da campanha de vacinação contra a Covid-19

30/06/2021 - Ministério da Saúde incorpora vacinas Covid -19 da AstraZeneca e Pfizer ao SUS: Inclusão teve parecer favorável da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias, vinculada à Pasta

08/07/2021 - Ministério da Saúde retoma vacinação contra a Covid-19 em gestantes e puérperas sem comorbidades com imunizantes que não contenham vetor viral

09/07/2021 - Ministério da Saúde vai cancelar contrato de compra da Covaxin: Vacina Covid-19 ainda não possui registro na Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e não compõe o rol de imunizantes do Programa Nacional de Imunizações (PNI)

27/07/2021 - Vacinação de adolescentes inicia após primeira dose da população adulta, anuncia Queiroga: Jovens de 12 a 17 anos de idade, com prioridade para aqueles com comorbidades, serão incluídos após conclusão do envio de doses para adultos

28/07/2021 - Ministério da Saúde inicia estudo inédito para avaliar necessidade de terceira dose para quem tomou CoronaVac: A pesquisa analisará a intercambialidade da vacina Covid-19 com outros imunizantes aplicados na população

30/07/2021 - Sancionada lei que prioriza gestantes, puérperas e lactantes na imunização contra a Covid-19: A norma ainda inclui crianças e adolescentes com deficiência permanente, com comorbidade ou privados de liberdade no grupo prioritário

24/08/2021 - Brasil terá produção nacional de vacinas Covid-19 da Pfizer: Anúncio da parceria com a farmacêutica brasileira Eurofarma é mais um passo para reforçar o complexo industrial de saúde no país

25/08/2021 - Dose de reforço: Ministério da Saúde detalha nova etapa da vacinação contra a Covid-19: Idosos acima de 70 anos e pessoas imunossuprimidas devem se vacinar a partir de meados de setembro

28/08/2021 - Mais de 1 milhão de adolescentes de 12 a 17 anos já foram vacinados contra a Covid-19 no Brasil: Orientação é que a imunização dos adolescentes só seja iniciada depois que os municípios aplicarem a primeira dose em toda a população adulta

02/09/2021 - Ministério da Saúde recomenda vacinação de adolescentes a partir de 15 de setembro: Imunização da faixa etária de 12 a 17 anos deve seguir ordem de prioridades

16/09/2021 - Ministério da Saúde orienta pela suspensão da vacinação de adolescentes sem comorbidades: Recomendação segue evidências científicas e posição da OMS (após óbito de adolescente)

22/09/2021 - Ministério da Saúde volta a recomendar vacinação de adolescentes seguindo ordem de prioridades: Estados e municípios devem imunizar jovens de 12 a 17 anos com vacina da Pfizer somente após conclusão da aplicação da dose de reforço

24/09/2021 - Ministério da Saúde aprova dose de reforço para profissionais: Nova etapa da imunização deve ser realizada preferencialmente com o imunizante da Pfizer, seis meses após o profissional ter a imunização completa

28/09/2021 - Governo Federal amplia a vacinação com a dose de reforço para idosos acima de 60 anos: dose adicional deverá ser, preferencialmente, da plataforma de RNA mensageiro (Pfizer/Wyeth) ou, de maneira alternativa, vacina de vetor viral (Janssen ou AstraZeneca).

07/10/2021 - Pediatra Ricardo Queiroz Gurgel é o novo coordenador do Programa Nacional de Imunizações (PNI): Médico acumula experiência em várias áreas ao longo de mais de 40 anos de dedicação à profissão

16/11/2021 - Dose de reforço será ampliada para toda população adulta acima de 18 anos que tenha concluído a imunização há cinco meses: Ministério da Saúde lança campanha “Mega Vacinação” para reforçar imunização dos brasileiros contra Covid-19

25/11/2021 - Janssen: Ministério da Saúde recomenda dose de reforço com intervalo de dois a seis meses: Estudos científicos mostram aumento na proteção de até nove vezes com intervalo mais longo entre as doses

18/12/2021 - Ministério da Saúde antecipa de cinco para quatro meses a aplicação da dose de reforço: Medida tem como objetivo aumentar a proteção contra a variante Ômicron

18/12/2021 - Vacinação de crianças contra a Covid-19 passará por câmara técnica e será objeto de audiência pública: Processo contará com análise de especialistas, ampla participação popular e discussão com a sociedade

20/12/2021 - Covid-19: Ministério da Saúde recomenda dose de reforço para imunocomprometidos (quarta dose): Imunizante deve ser aplicado quatro meses depois da última dose do esquema vacinal primário

24/12/2021 - Aberta consulta pública sobre vacinação de crianças contra Covid-19: Contribuições poderão ser realizadas pelo site do Ministério da Saúde até 2 de janeiro

04/01/2022 - Audiência pública reúne 18 especialistas e entidades para debater vacinação de crianças contra Covid-19: População enviou perguntas durante o debate; objetivo é subsidiar o Ministério da Saúde

05/01/2022 - Ministério da Saúde inclui crianças de 5 a 11 anos na campanha de vacinação contra a Covid-19: Imunização será por faixa etária com prioridade para crianças com comorbidades

13/01/2022 - Brasil recebe primeiras doses pediátricas da vacina Covid-19 da Pfizer: Cerca de 1,2 milhão de doses do imunizante serão distribuídas para Estados e DF nos próximos dias

15/01/2022 - Governo Federal conclui envio de doses da vacina pediátrica da Pfizer em menos de 48 horas: Em tempo recorde, vacinas chegaram aos estados e Distrito Federal e já podem ser aplicadas em crianças entre 5 e 11 anos

19/01/2022 - Ministério da Saúde pede esclarecimentos aos estados sobre erros na vacinação de crianças e adolescentes: Pasta reforça importância de seguir o Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19 (PNO), documento que contém as diretrizes para a vacinação no Brasil

21/01/2022 - Covid-19: Ministério da Saúde inclui CoronaVac na vacinação de 6 a 17 anos: O intervalo entre a primeira e segunda dose será de 28 dias; imunizante não será aplicado em imunocomprometidos da faixa etária

22/1/2022 - Dose de reforço: estudo realizado em parceria com o Ministério da Saúde é publicado na Lancet: Renomada revista científica inglesa destaca eficácia da vacinação heteróloga após esquema primário de imunização com a CoronaVac

09/02/2022 - Ministério da Saúde recomenda dose de reforço contra a Covid-19 para adolescentes imunocomprometidos: Nota Técnica publicada pela Pasta nesta quarta (9) orienta esquema vacinal deste público

23/02/2022 - Ministério da Saúde recebe primeiro lote da vacina Covid-19 produzido no Brasil: Doses foram entregues pela Fiocruz e devem ser enviadas às unidades federativas nos próximos dias

22/04/2022 - Ministério da Saúde declara fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional pela Covid-19: Portaria que oficializa o término da ESPIN foi assinada nesta sexta-feira (22)

02/05/2022 - Ministério da Saúde recomenda segunda dose de reforço contra a Covid-19 para idosos acima de 70 anos: Recomendação também é indicada para pessoas acima de 60 anos que vivem em instituições permanentes

11/05/2022 - Ministério da Saúde mantém recomendação sobre uso da vacina Janssen contra a Covid-19: Decisão da pasta leva em conta a orientação da Anvisa sobre a manutenção do uso do imunizante

12/05/2022 - Após pedido do Ministério da Saúde, Anvisa prorroga uso emergencial de vacinas Covid com o fim da ESPIN: Imunizantes que deixariam de ser utilizados na Campanha de Vacinação após o fim da ESPIN continuarão a ser aplicados (CoronaVac é a única vacina que ainda não tem registro definitivo)

18/05/2022 - Ministério da Saúde recomenda segunda dose de reforço contra a Covid-19 para idosos acima de 60 anos: Vacinas da Pfizer, Janssen ou AstraZeneca podem ser usadas nessa etapa

27/05/2022 - Ministério da Saúde amplia dose de reforço contra a Covid-19 para adolescentes: Recomendação da Pasta é para faixa etária de 12 a 17 anos, preferencialmente com a vacina da Pfizer

04/06/2022 - Ministério da Saúde amplia segunda dose de reforço para pessoas acima de 50 anos e trabalhadores da saúde